
ENFIM,
PARA
SEMPRE
AUTORA BESTSELLER USA TODAY
CATHARINA MAURA
editora
CABANA VERMELHA

ENFIM, PARA SEMPRE

AUTORA BESTSELLER *USA TODAY*

CATHARINA MAURA

editora
CABANA VERMELHA

Copyright © Catharina Maura, 2021.
COPYRIGHT © 2023 EDITORA CABANA VERMELHA
TÍTULO ORIGINAL: FOREVER AFTER ALL
Enfim, Para Sempre

Todos os direitos reservados.

Diretora Editoria: Elaine Cardoso
Tradução: Sara Lima
Revisão: Thiago Toy
Preparação: Thiago Toy
Capa: Ellen Designer
Diagramação: Grazi Fontes

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida em qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive sistemas de armazenamento e recuperação de informações, sem permissão por escrito da autora, exceto pelo uso de breves citações em uma resenha literária.

SUMÁRIO

Nota da Autora
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
Epílogo
Outros livros de Catharina Maura
Sobre a autora

SINOPSE

Desesperada e sem alternativas, Elena Rousseau entra em um clube de cavalheiros, pronta para vender o corpo em uma última tentativa de salvar a vida da mãe.

Ela não esperava que Alexander Kennedy estivesse ali e, sem dúvida alguma, não pensava que sugeriria um casamento de conveniência.

Casar-se com Alexander significava escolher se tornar, de propósito, uma ferramenta em seu plano de vingança.

Mas que escolha ela tem?

É melhor o diabo que conhece do que o desconhecido.

Dedico a todas mulheres responsáveis pela minha criação.
Este livro é para as mães que valem a pena.
Aquelas que fariam qualquer coisa pelos filhos.
As que dão significado às palavras:
Amor incondicional.
Vocês podem amar suas filhas mais do que a própria vida,
mas nunca se esqueçam de que nós as amamos da mesma forma.

NOTA DA AUTORA

Este livro contém cenas sensuais e um idiota machão que vale a pena perdoar. Se qualquer uma dessas coisas não for sua praia, então este livro não é para você.

1

Elena

Eu beberico o drink com vodca e peço outro, ignorando as tentativas de flerte do barman. Agradeço pela música terrível que suprime a voz dele. Como sempre, não estou com vontade de socializar. Nem devia ter saído, mas achei que deveria comemorar meu vigésimo terceiro aniversário de algum jeito.

O barman me entrega o drink e eu tento resistir ao impulso de terminá-lo em um gole. Aprendi da pior maneira que a bebida não entorpece o vazio e a preocupação que sinto o tempo todo. Se entorpecesse, sem dúvida teria me transformado em uma alcoólatra violenta dois anos atrás. Mas ainda me sinto animada, e hoje à noite vou aceitar isso.

Sorrio me desculpando para o barman, que continua olhando de relance para mim e me viro, os olhos vagueando pela pista de dança. Não demoro muito para encontrar as garotas com quem vim. Todas nós trabalhamos na mesma lanchonete, e quando descobriram que hoje era meu aniversário insistiram que eu viesse com elas. Devia ter dito não, como sempre. Eu me sinto a estranha, mas apenas não consigo me importar com quem gosta de quem. Só por uma noite, quero ser tão descontraída como elas, mas estou fracassando por completo.

Dou um gole no drink ao atravessar a multidão e as luzes, odiando o fato de que mal posso ouvir meus próprios pensamentos. Pior ainda, o som do baixo está tão alto que quase posso sentir na minha pele. Sem sombra de dúvida, não notarei quando o celular vibrar, e só de pensar nisso meu corpo treme de ansiedade.

Suspiro aliviada quando chego ao terraço. O ar quente me relaxa e respiro fundo ao me desvencilhar dos fumantes e das mesas para meu lugar escondido favorito no canto do bar. Quase ninguém vem aqui, e quando, por

ventura, eu tento agir como uma pessoa da minha idade e saio, acabo vindo aqui. A pequena área escondida quase sempre está vazia, mas, para minha tristeza, hoje está ocupada.

Faço uma careta para as costas do cara sentado na minha cadeira favorita. Os ombros largos e o óbvio terno sob medida caro me dizem que ele pode ser um grande babaca. Exatamente o tipo de cara que quero evitar hoje à noite — ou qualquer noite, na verdade.

Ele fica tenso como se sentisse alguém o observando por trás. Depois se vira… e eu tenho certeza que meu coração para de bater.

— Alexander? — digo, seu nome saindo dos meus lábios antes que eu perceba.

Nossos olhares se encontram e minha respiração acelera. Para mim, parece que o mundo à nossa volta para, mas não há nenhum reconhecimento nos olhos dele.

Alexander olha para mim, confuso com o som de seu nome. Ele sorri de maneira educada, um olhar questionador no rosto.

Não estou surpresa por ele não me reconhecer. Afinal, mudei muito desde os quinze anos, em mais maneiras do que apenas o físico. Minha vida inteira mudou. Não sou mais a amiga descontraída do irmãozinho dele.

Uma pontada de dor me atravessa ao pensar em Lucian, meu amigo de infância e irmão mais novo de Alexander. Luce foi outra pessoa que perdi quando meu pai se casou pela segunda vez, outra parte da vida antiga, um mundo em que já não pertenço.

Meus olhos vagueiam o corpo de Alexander, o maxilar pronunciado, o cabelo castanho-escuro pesado, e aqueles olhos verde-escuros que sempre me cativaram. Ele está lindo como sempre, e não tem nenhuma ideia de quem eu sou.

É melhor assim, de qualquer forma. Já não sou uma mera conhecida. Não… Agora ele vai apenas me ver como a irmã mais nova de Matthew. Não vai importar para Alexander que eu nem fale mais com meu irmão — ainda serei um lembrete do cara que, ao mesmo tempo, roubou a noiva dele e danificou bastante sua empresa.

Os olhos de Alexander passeiam pelo meu corpo, e em segredo fico satisfeita por ver apreciação neles. De repente, estou feliz por ter deixado as garotas escolherem a roupa. O vestido curto esmeralda acentua cada curva do meu corpo e me sinto ótima nele. A última vez que ele me viu eu tinha quinze

anos, com um sobrepeso severo e franjas que cobriam metade do meu rosto. Os óculos e o aparelho também não ajudavam. Não me surpreende que ele não me reconheça.

Alexander sorri para mim, e seu olhar só pode ser descrito como paquerador. É incrível como ele ainda pode colocar meu mundo de cabeça para baixo. Ele sempre teve esse tipo de poder sobre mim, mas nunca percebeu.

Antes que possa pensar demais, eu me aproximo dele e me sento ao seu lado, meu coração batendo descontrolado.

— Não acho que nos conhecemos. Com certeza eu me lembraria de uma mulher como você — ele diz, inclinando-se na cadeira. A cantada é brega, mas mesmo assim quase desmaio. Alexander sorri para mim, e esse seu lado relaxado e galanteador me surpreende. O Alexander que conheci estava sempre estressado e trabalhava demais.

Não confirmo nem nego sua declaração. Ao invés disso, sorrio para ele e balanço a cabeça.

— Você esteve bastante nos noticiários nos últimos anos. É quase impossível não ouvir sobre *o* Alexander Kennedy, o herdeiro de um dos maiores conglomerados do mundo. Tenho quase certeza de ter visto um tabloide dizendo que você foi ao supermercado no outro dia. Se eu fosse você, compraria coisas estranhas como pepino e lubrificante, só para deixar os repórteres de boca aberta.

Alexander parece perplexo, e depois ri. É o tipo de riso que me deixa com um friozinho na barriga. Uma risada profunda, que faz todo o corpo se mover. Não consigo evitar e dou um risinho também. Ele me olha com interesse e balança a cabeça.

Eu já não pertenço ao mundo dele. Alexander não é alguém que esperei ver outra vez. Isso… isso é tudo que terei dele. Momentos roubados. Ficarei com eles e os guardarei a sete chaves, para valorizá-los, para iluminar meus dias mais sombrios. Se isso for tudo que terei dele, farei valer a pena.

2

Alexander

Os olhos dela… me cativaram. As espirais verdes na íris castanho-claro; são bonitos e um pouco familiares. A garota ao meu lado é deslumbrante de forma atemporal, e me fascina. Admiro seus cílios longos, as maçãs do rosto altas e o exuberante cabelo comprido. Ela tem uma beleza clássica, ao contrário das garotas adeptas a cirurgias plásticas que em geral me rodeiam. Nada daquela besteira de tudo falso: unhas falsas, cílios falsos, cabelos falsos, lábios falsos. Estou cansado disso. Essa garota… Ela é real, e pode muito bem ser a mulher mais bonita que já vi.

Ela parece nervosa quando se senta ao meu lado, com os dedos puxando a bainha do vestido como se estivesse desconfortável com o vestido sensual que está usando. Mas ela não tem motivo para estar. Ela é sexy pra caramba sem comprometer a classe que esbanja. Ela olha para cima, e quando seus olhos encontram os meus, me deixa enfeitiçado.

— Estou em desvantagem. Você sabe o meu nome, mas eu não sei o seu.

Os olhos dela se ampliam ligeiramente, como se a pergunta a surpreendesse, e fico intrigado. Ela parece tão fora de lugar aqui, mas seu olhar está cheio de um desafio não dito.

— Diana — ela murmura com a voz vacilante. Ela morde o lábio, e meus olhos seguem cada movimento. Engulo com força quando me pergunto qual o gosto desses lábios. Tenho a sensação de que roubar um beijo de Diana não vai ser fácil.

— Hum, deusa da caça. O que está caçando esta noite, Diana? — pergunto, o tom provocante. Ela sorri, divertida com a cantada cafona.

— Sendo sincera, só um pouco de paz e tranquilidade.

Levanto as sobrancelhas, os olhos observando seu rosto. É, dá para perceber. Todas as outras mulheres com quem falo estão atrás de *alguma coisa*, mas não Diana. Ela até parece irritada por encontrar este lugar ocupado.

— Então, você está fugindo?

Diana dá de ombros, mas vejo um vislumbre de tristeza em seus olhos antes de ela olhar para o lado.

— Você também, né? Caso contrário, não estaria no meu lugar.

Olho para minhas pernas com um sorriso no rosto, como se para confirmar se estou, de fato, no assento dela.

— Seu lugar, é? Isso significa que vou encontrá-la aqui da próxima vez?

Diana sorri e balança a cabeça.

— Não, eu não venho aqui muitas vezes. Mas sim, quando venho para o Inferno, quase sempre acabo aqui.

Sorrio e aceno para ela.

— Anotado.

Eu já sei que este será o primeiro lugar que irei toda vez que voltar de agora em diante, apenas para o caso de encontrá-la aqui.

— Do que *você* está fugindo esta noite? — ela pergunta.

Suspiro, lembrando das incontáveis tarefas esperando por mim; as exigências intermináveis da minha mãe, o requisito ridículo do meu avô para o *casamento* antes que ele me deixe assumir a empresa pela qual me matei de trabalhar.

— Responsabilidade — murmuro.

Diana acena e olha para o lado, como se de alguma forma entendesse, quando não teria como ela saber. Vejo os sapatos baratos usados, as unhas ásperas não polidas. Diana é uma das sortudas, as que acham que o dinheiro resolve tudo quando, na maioria das vezes, elas têm o tipo de felicidade que eu só posso sonhar. Uma família feliz, uma vida plena, sonhos próprios, um caminho de sua própria escolha.

— Já que nós dois estamos fugindo… vamos fugir da negatividade. Me diga três coisas boas que aconteceram com você hoje — ela pede, me distraindo dos meus pensamentos.

Eu a encaro, arregalando os olhos. Esse pedido… soa familiar, mas não sei de onde. Parece nostálgico de alguma forma, algo da minha infância, talvez? Sorrio para ela e esqueço esses pensamentos.

— Bem, eu finalmente fechei um negócio em que tenho trabalhado por meses. Levei minha mãe para o almoço semanal hoje e conseguimos ter uma boa conversa… e conheci *você*.

Diana sorri, mas seus olhos contam uma história diferente. Uma história de compreensão com um toque de saudade. Ela olha para o colo e acena.

— Hum, parece um dia perfeito — ela murmura, e eu termino o champanhe. Um garçom aparece, ao que tudo indica do nada, para completar minha taça, assustando nós dois. Dou a Diana uma taça de champanhe, e ela sorri para mim.

— Ser Alexander Kennedy com certeza tem suas vantagens — ela diz. — Nunca ninguém veio pegar meu pedido aqui — acrescenta, me cutucando com o ombro.

Eu rio, não consigo evitar. Ela não é pretensiosa, como tantas outras. Eu me acostumei tanto com o direito que me cerca que sua atitude relaxada me surpreende.

Diana e eu olhamos para o horizonte de Manhattan, os dois bastante confortáveis. Nem me lembro da última vez em que me sentei ao lado de uma mulher que não ficou tagarelando e, por sinal, apesar do barulho que nos cerca, acho isso pacífico.

— Ei, se você pudesse ter um desejo, qual seria? — Diana pergunta, me surpreendendo mais uma vez.

Olho para ela, sem reação.

— Preciso admitir que ninguém nunca me fez essa pergunta antes.

Ela ri, o rosto levantado, os olhos nas estrelas. Ela é linda, e parece incrivelmente doce. Doce demais para um homem como eu.

— Isso não é uma resposta — ela diz. — Você não vai se livrar assim.

Eu rio e tomo um grande gole de champanhe, perdido em pensamentos por um momento.

— Desejaria uma felicidade genuína, Diana — digo a ela, sendo sincero. Por um tempo, pensei ter a felicidade que desejava, mas me provaram que eu estava enganado. Balanço a cabeça, me sentindo perdido por apenas um momento. — E você? — pergunto, com a voz suave.

Ela sorri, mas o sorriso é tristonho.

— Saúde — ela responde. — Boa saúde para todos que amo.

Saúde. O dinheiro pode comprar quase tudo, mas não pode comprar boa

saúde. Mesmo que ela me pedisse algo como tantas outras mulheres descaradamente pedem, isso não é algo que eu possa dar a ela.

Suspiro e me inclino no assento, observando-a.

— Já que estamos fugindo de algo, por que não fugimos juntos? Hoje à noite, pelo menos.

Ofereço-lhe a minha mão, e ela a segura. Puxo Diana e ela tropeça nos saltos altos. Eu a seguro, as mãos em sua cintura.

— Quer dançar, Diana?

Ela ri, e o som passa pelo meu corpo quando se inclina para trás nos meus braços.

— Aqui? — ela pergunta, olhando ao redor da pequena área em que estamos escondidos.

— Por que não?

Eu a puxo para mais perto até que eu tenha seu corpo alinhado ao meu. Ela se encaixa perfeitamente em mim.

Diana e eu dançamos com uma canção antiga de Ed Sheeran, os dois cantarolando. Não me lembro da última vez que me vi sorrindo, fazendo algo tão bobo. Não me lembro da última vez que uma mulher fez meu coração acelerar sem ficar de joelhos na minha frente. Diana… ela é especial.

— Meu Deus, nós dançamos mal pra caramba — Diana diz, rindo quando eu a giro de novo. E de novo ela ri quando a puxo de volta, seus braços se movendo para o meu pescoço.

— Nós? Fale por si própria, senhorita. *Eu* estou arrasando — digo, balançando os quadris fora de sintonia. Diana gargalha, e eu encosto a testa na dela, aproveitando este momento. Quando foi a última vez que ri assim? Nem planejei vir aqui esta noite, mas droga, estou feliz por ter vindo.

Minhas mãos se movem para a cintura dela, e a puxo mais até ter cada centímetro de seu corpo colado no meu. Ela olha para mim, um sorriso doce no rosto. Eu olho nos olhos dela, sem conseguir me livrar da sensação de já os ter visto antes, e mesmo assim eles são únicos.

— Tem certeza que nunca nos encontramos? — pergunto, meus olhos caindo em seus lábios.

Ela sorri e se afasta um pouco.

— Pensei que tinha dito que com certeza se lembraria de mim.

Dou um passo para mais perto, diminuindo a distância que ela acabou de

criar. As mãos dela voltam para o meu pescoço, e as minhas vagam no seu corpo, parando nos quadris.

— Sim, com certeza não iria esquecê-la, Diana.

Eu me inclino e toco o nariz no dela antes de me afastar de novo.

— Gostaria de perguntar se você quer sair daqui, mas seu telefone tem tocado sem parar. Parece bem urgente — digo, inclinando a cabeça em direção à mesa atrás de nós. Diana se vira para encontrar a tela do telefone iluminada, e seu olhar só pode ser descrito como apavorado.

Eu a solto e ela verifica as chamadas perdidas, e meu coração afunda quando ela sorri para mim, se desculpando.

— Preciso ir — ela diz com a voz embargada.

— Pelo menos me dê seu número.

Diana balança a cabeça, agitada.

— Não acho que seja uma boa ideia, Alec. Mas foi bom vê-lo. Estou feliz que esteja bem.

Congelo e olho para ela em descrença. Pouquíssimas pessoas me chamam de Alec, e nunca em público. Ela teria que estar perto da minha família para saber meu apelido.

— Do que você me chamou? — pergunto, raiva correndo no sangue.

— Desculpa. Preciso ir — ela diz, um toque de arrependimento na voz. Pega o celular e a bolsa antes de passar por mim.

Estou tentado a segui-la e exigir uma explicação.

Mas não a sigo.

3

Elena

A enfermeira que costuma cuidar da minha mãe me cumprimenta com veemência quando entro no quarto do hospital.

— Feliz aniversário, querida. Queria não precisar ligar pra você hoje à noite. Você merece agir como alguém da sua idade de vez em quando, mas sabe como é o dr. Johnson.

— Obrigada, June — digo, tentando ao máximo sorrir para ela ao me sentar ao lado da minha mãe.

O dr. Johnson não acredita em manter minha mãe aqui quando poderiam estar usando a cama para um paciente que ele pode ser capaz de salvar, mas ele não pode me afastar também. Não enquanto eu ainda puder pagar as contas.

Oito anos. Minha mãe está em coma há oito anos, e eu sou a única que ainda acredita que ela vai acordar um dia. Não posso deixar de sentir que é uma corrida contra o relógio. Tornou-se uma questão do que vai acabar primeiro, o dinheiro que a mantém viva ou a saúde que lhe resta.

O médico entra na sala e acena para mim. Acho que nunca vi o homem sorrir.

— Dr. Johnson — digo, acenando de volta.

— Tenho notícias difíceis para compartilhar com você — ele diz com uma expressão severa no rosto. Fecho os olhos, sem querer ouvir. Seja o que for, não pode ser bom.

— Sua mãe tem uma infecção. Está ficando cada vez mais difícil evitar que o estado dela se deteriore. Há também muitos custos associados às infecções em curso.

Aceno, sabendo o que ele vai dizer.

— Entendo, doutor. Mas não estou disposta a desistir da minha mãe. Ainda acredito que ela vai acordar. Pagarei o que for preciso para mantê-la viva.

O dr. Johnson acena, e odeio a pena que vejo nos olhos dele. É óbvio que ele não acredita no mesmo que eu, e eu gostaria de poder substituir o médico da minha mãe. Quero que ela seja tratada por alguém que acredite em sua recuperação tanto quanto eu.

— Assine aqui, por favor. Vou lhe mandar a conta. Subiu alguns milhares de dólares este mês — ele diz, por fim.

Assino os formulários, autorizando o tratamento e os custos associados, meus olhos fechados em resignação assim que levanto a caneta do papel.

Fico aliviada quando ouço o dr. Johnson fechar a porta atrás de si. Cinco mil dólares. Alguns anos atrás, eu não teria piscado duas vezes com a quantidade. Eu tinha várias bolsas pelo menos quatro vezes o preço disso. Não mais.

Um ano depois que minha mãe entrou em coma, meu pai conseguiu que seus médicos declarassem morte cerebral para poder se casar de novo. O dia em que ele se casou com minha madrasta foi o dia em que nosso plano de saúde me informou que parariam de pagar os tratamentos da minha mãe. Não pensei muito na época, sendo uma Rousseau, mas eu deveria saber. Deveria ter visto os sinais antes que fosse tarde demais.

Na época, tinha apenas dezesseis anos e em poucos meses perdera minha mãe, e meu irmão e eu tínhamos sido forçados a viver com nossa madrasta e a filha dela. Não tinha lidado bem com a maneira como meu pai abandonou minha mãe, mas eu teria encontrado uma maneira de lidar com isso. Até teria me comportado bem se minha madrasta não tivesse pedido ao meu pai para parar de pagar as contas médicas.

Pensei que meu irmão e eu poderíamos salvar a mamãe. Pensei que ele estaria do meu lado. Não poderia estar mais errada. Minha madrasta tinha as garras tão profundas nele que o convenceu de que tudo o que eu fazia era desperdiçar dinheiro com uma causa perdida. Eu mal reconheço Matthew agora. Saí de casa assim que completei dezoito, mas ele ficou.

Tenho sorte que minha mãe criou um fundo fiduciário para mim, o que me permitiu mantê-la viva. Até agora. Dessa vez eu não tenho o dinheiro. Ao pé da letra posso dizer que não tenho a quantia para manter minha mãe viva, e não posso evitar o choro.

Eu me arrependo de ter comprado aqueles drinks no bar mais cedo, mesmo sabendo que não teria feito diferença. Gastei mais de oito milhões de dólares em contas hospitalares nos últimos seis anos, muitas vezes pagando uns dois mil dólares nos dias em que ela *não* tinha complicações. Oito milhões de dólares é a quantia exata do meu fundo fiduciário, e não sei mais o que fazer. Os poucos pertences que eu tinha ajudaram a mantê-la viva um pouco mais, mas não sei como poderei pagar a conta do próximo mês. Não tenho mais objetos de valor. Estou falida por completo.

Seguro a mão da minha mãe, esperando que ela aperte a minha também. Claro que ela não aperta. Toda vez minhas esperanças são despedaçadas, mas nunca paro de acreditar.

— Mãe, por favor — sussurro, soando tão destruída quanto me sinto. — Por favor, acorde. Não faça isso comigo. Eu preciso mesmo de você. Não posso desistir de você agora, mas não sei como vou conseguir dinheiro suficiente este mês. Por favor, acorde, mãe. *Por favor* — imploro, tentando ao máximo suprimir o choro.

Não importa o quanto eu implore, ela nunca acorda. Parte de mim acredita que ela vai acordar quando perceber como desta vez estou de fato em apuros, mas sendo honesta sei que não vai. Se ao menos eu pudesse fortalecer meu coração. A vida seria mais fácil se eu fosse mais como o dr. Johnson e Matthew, e enfrentasse a realidade e a probabilidade da recuperação da minha mãe?

Descanso a cabeça na beira da cama, minha mão segurando desesperada a dela. Choro sem parar, os pulmões queimando, e não é até sentir alguém às minhas costas que percebo que não estou sozinha. Sento e pego o lencinho que a enfermeira June me entrega.

— Não sabia que você estava tendo problemas com as contas, querida.

Ela dá tapinhas no meu ombro, os olhos cheios de preocupação. Tento sorrir para ela, mas não consigo. Não dá para fingir que estou bem.

— Há quanto tempo está tendo problemas, querida? Não tinha ideia de que tem sido difícil para você em relação às finanças.

Aceno e enxugo as lágrimas, os olhos na minha mãe.

— Fica ainda mais a cada ano — digo a ela, sincera. — Desta vez… desta vez eu… — Não consigo nem terminar de falar. Não posso dizer a verdade. Depois de anos de luta, eu posso… posso perder minha mãe. Dou uma fungada alta, novas lágrimas nos olhos. Um desespero diferente de tudo que já

experimentei me sobrecarrega e respiro trêmula, tentando ao máximo permanecer positiva para manter os pensamentos sob controle.

June tira um cartão de visita preto do bolso do peito e me entrega, parecendo insegura.

— A irmã de outra paciente me contou sobre esse lugar — ela diz, hesitante. — Quando ela teve problemas para pagar as contas da irmã, eles a ajudaram. Acho que é um clube de cavalheiros ou algo assim. Ela… ela me disse que eles pagam muito bem para tipos inocentes.

June parece devastada, e é óbvio que ela não quer me dizer isso.

— Espero que você não precise usar este cartão. Mas, se precisar, saiba que não há vergonha em fazer o que for preciso para manter alguém vivo.

Aceno e olho para o cartão. Apenas diz Vaughn’s, com um endereço. Sem número de telefone ou outra informação. O cartão é grosso e pesado, as letras douradas. Parece bastante luxuoso.

Olho para ele, rezando para não precisar usá-lo, mas sabendo que talvez irei.

4

Alexander

Entro no meu quarto, exausto. Fiquei acordado a noite toda, tentando descobrir quem é Diana.

— Encontre-a — digo a Vaughn, o proprietário do Inferno e quase todos os outros estabelecimentos de vida noturna na cidade. — Ela me disse que seu nome era Diana. Cabelos castanhos compridos, olhos verdes-castanhos deslumbrantes… e aquele sorriso. Duvido que ela seja uma cliente regular. Parecia muito doce para frequentar seus estabelecimentos sórdidos.

Vaughn ri.

— Desde quando você gosta de garotas doces?

Mordo o lábio, sem conseguir parar de pensar em Diana. Não consigo ao menos entender o motivo. Eu nem a beijei. Tudo o que sei é que quero vê-la outra vez. Quero vê-la outra vez e descobrir por que ela me chamou de *Alec*.

— Ela era diferente. Não sei.

Vaughn e eu somos amigos desde que éramos crianças. Ele sabe tão bem quanto eu que garotas como Diana estão longe do meu tipo. Costumo querer mulheres sedutoras, sensuais e confiantes. Não que Diana não seja sensual… ela é gostosa pra caralho. Mas não exala sexualidade, quase como se não percebesse como é bonita.

— Vou tentar, cara. Pedirei aos seguranças para ficarem de olho, mas vai ser difícil. Cabelos castanhos compridos e olhos verdes-castanhos únicos? Não é muita informação. Vou pedir para verificarem as imagens de segurança.

Solto um grunhido.

— Não acredito que não peguei o número dela. Mas ela me conhecia. Ela

me chamou de Alec. Não deve ser tão difícil encontrá-la se for alguém do nosso círculo. Vai ter alguém que conhece alguém que a conhece.

Vaughn pigarreia, ficando em silêncio.

— Falando sobre o tipo de garotas que você costuma procurar — ele diz, com cuidado. — Há algo que queria te contar. Acho melhor você escutar de mim, e não pela imprensa.

Meu coração para. Só há um tema com o qual ele teria esse cuidado. Há apenas uma pessoa que ele nunca mencionaria para mim em circunstâncias normais. Meu coração se contorce em dor só de pensar nela, o sentimento logo sendo substituído pela raiva.

— Jennifer ficou noiva — ele diz, parecendo aflito. — Noiva de Matthew Rousseau. Eles já escolheram a data. Será um casamento secreto nas Bahamas no ano que vem… dia 20 de junho.

Vinte de junho. O dia em que ela deveria se casar comigo. Não pode ser coincidência. É óbvio que a escolha da data foi intencional; outra maneira de me apunhalar no coração e torcer a faca como a cadela rancorosa que ela é.

Jennifer foi a única que eu pensei que era diferente. A primeira garota que não parecia estar atrás do meu dinheiro, que me viu como sou, e não qual é o meu nome.

Eu estava errado.

Tão errado.

Ainda não sei se alguma coisa que tivemos foi real, ou se para ela foi tudo um jogo. Eu sei que ela foi a culpada por roubar segredos corporativos e me fazer perder para *Matthew Rousseau* um negócio multimilionário no qual trabalhei por anos —, mas ela é inteligente. Ou acha que é. Ela escondeu bem os rastros, mas não tão bem. Mais uma vez, estou tentado a entregá-la, mas não posso apresentar provas obtidas por vias ilegais. E, mesmo que pudesse, não o faria. Nunca faria isso com ela. Apesar de tudo, não quero vê-la atrás das grades.

— Sinto muito, cara — Vaughn diz. — Eu sabia que você descobriria de qualquer forma. Quase todos no nosso círculo social já sabem, então eu vi que as notícias logo chegariam a você. Conhecendo-a, é provável que haverá um espetáculo midiático a partir do momento em que anunciarem o noivado para imprensa até o dia do casamento. Ela vai querer cada segundo dos holofotes.

E ela vai ter. A vida é um grande espetáculo para ela. Sempre foi — eu só não percebi até ser tarde demais.

— Olha, preciso ir — digo ao Vaughn.

— Alexander…

Desligo o celular, meu sangue fervendo com raiva mal contida. Com certeza seria capaz de superar tudo o que ela fez comigo. Maldição, eu podia até perdoá-la. Não me importava nem um pouco com o dinheiro que ela me fez perder. Eu estava pronto para fazer dela minha maldita *esposa*.

Mas não. Ela precisava me trair com Matthew Rousseau. Aquele idiota tem atacado minha empresa há anos. Cada decisão que tomo, cada projeto que desenvolvo, ele está sempre atrás de mim. Mas dessa vez não foi de uma aquisição que ele estava atrás. Não. Dessa vez, foi do amor da minha vida, e ela foi de bom grado.

Teria feito diferença se ela me deixasse por outra pessoa? Não tenho certeza. Não acho que a dor seria menor, que a traição doeria menos. Pego a foto que deixo na cabeceira. É uma foto de Jennifer e eu, os dois sorrindo — um lembrete do que acontece quando me permito me apaixonar, quando me permito ser fraco. Mantenho essa foto aqui para momentos como esse — momentos em que num lapso me encontro fascinado por alguém, tentado por garotas como Diana.

Coloco a moldura de volta na cabeceira, o coração se contorcendo de dor. O que Jennifer e eu tivemos… alguma coisa foi real?

Nunca saberei.

5

Alexander

Encaro as fotos do meu pai na caixa de entrada e seguro o celular com mais força. Desta vez, ele está em Tijuana acompanhado de duas loiras com metade da sua idade.

— Você sabe como funciona — digo, o maxilar rangendo de modo involuntário. — Certifique-se de que essas fotos desapareçam.

— Claro — Elliot diz, tagarelando sobre os custos de atender o meu pedido.

— Não me importo — digo a ele. Elliot é um dos meus amigos mais próximos e pode muito bem ser o melhor hacker do mundo. Por causa disso, ele não tem escrúpulos em me extorquir em troca de manter coisas assim fora da internet. — Apenas garanta que minha mãe não veja isso. Ninguém nunca pode ver essas fotos.

Desligo a ligação, irritado. Meu pai não está mais tentando ser discreto sobre seus casos. Não há mais desculpas, nem viagens de negócios inventadas, nem mentiras. Agora ele apenas desaparece inúmeras vezes por meses a fio, deixando minha mãe com o coração partido.

Gastei mais de vinte mil dólares tentando manter seus casos escondidos, mas não tem como minha mãe não saber. Fecho o e-mail, a repulsa se instalando no meu estômago. O casamento supostamente feliz deles é uma farsa. *Todo* casamento que conheço é. Não consigo pensar em *um* casal feliz.

Olho o relógio e faço uma careta quando percebo que é quase hora do almoço semanal com minha mãe. Nunca é fácil esconder essas coisas dela. Tudo me consome como um veneno de ação lenta, um desastre total.

Suspiro e pego o paletó do terno, arrumando a gravata ao sair. Dirijo para casa no meu Aston Martin, o carro que dirijo todas as quartas-feiras — apenas por ser um conversível e minha mãe adorar a forma como o vento sopra o cabelo dela quando a levo para almoçar. É a única vez na semana que sei que vou colocar um sorriso no seu rosto.

Ela já está me esperando quando paro na frente da nossa mansão. Saio do carro e dou a volta para abrir a outra porta, e ela sorri para mim.

— Olá, querido — ela diz.

Dou-lhe um beijo na bochecha e sorrio.

— Oi, mãe. Pronta para o almoço?

Ela acena e se senta quando corro para o outro lado do carro. Minha mãe sorri quando abaixo a capota, e meu coração aquece. A felicidade que ela irradia agora… Sim, não vou tirar isso dela.

Estou perdido em pensamentos o caminho todo até o restaurante, mal presente quando nos sentamos. Não é até minha mãe chamar meu nome que começo a prestar atenção.

— Está distraído, querido — ela diz. — Você soube, não foi?

Eu pisco, percebendo sobre o que ela estava falando.

— Até você sabia sobre Matthew e Jennifer?

Parece que fui o último a descobrir. Parece que todos estiveram cautelosos ao meu redor, e eu odeio isso. Odeio ser alvo de pena.

— Alec — ela diz com cuidado. — Jennifer não é como nós. Nunca daria certo.

Sorrio, irônico.

— Não é como nós? O quê? Porque ela não é rica?

Minha mãe acena, e aborrecimento rasteja pelo meu corpo.

— Meu pai também não era — eu falo de maneira brusca. — Vovô fez meu pai usar seu sobrenome porque ele era um *ninguém*. Todos podem agir como se tivessem esquecido, mas isso não muda a verdade. Se ele era bom o suficiente para você, então por que está menosprezando pessoas como ele?

Minha mãe parece magoada, e me arrependo das palavras no mesmo instante.

— Mãe, me desculpe — digo, balançando a cabeça. — Não devia ter dito isso. Peço desculpas, de verdade.

Ela acena, um sorriso forçado no rosto. Não posso deixar de me perguntar se ela é tão contrária a pessoas fora do nosso círculo social por causa do meu pai. Eu me preocupo que ela tente justificar o comportamento dele dizendo a si mesma que todos os problemas conjugais resultaram de serem de mundos diferentes, e não acho que seja esse o problema. Não tenho uma lembrança agradável do meu pai. Nenhuma.

Olho para minha mãe com o coração pesado. O cabelo dela é de um loiro perfeito, nem um único fio fora do lugar. Não vejo uma simples ruga no seu rosto. Minha mãe mantém uma fachada perfeita. A esposa perfeita, a matriarca da família Kennedy. A máscara que elaborou com cuidado durante os anos. Cada vez que meu pai nos abandonava, outra parte dessa fachada era criada. Às vezes me pergunto o que ela vê quando se olha no espelho. Será que vê a mulher que já foi, que meu pai destruiu? Ou começou a acreditar nas próprias mentiras?

Mamãe pega um envelope pardo familiar da bolsa, e eu engulo um grunhido. Ela abre e começa a colocar fotos na mesa.

— Essas mulheres e suas famílias estão todas interessadas em formar uma aliança com a família Kennedy. Os Vanderbilts são a minha melhor escolha. Estão oferecendo uma fusão se você se casar com a filha mais velha.

Ela sorri firme, o olhar suplicante.

— Apenas as conheça, Alec. Você nunca sabe se pode se apaixonar por uma delas.

Me apaixonar por uma delas? Mesmo depois de todos esses anos, toda a dor que ela passou, todas as vezes que meu pai a abandonou, *nos* abandonou, ela ainda acredita no amor. Ela se recusa a vê-lo pela maldição que é.

— Além disso, o prazo do seu avô está acabando. Neste momento, a batalha pela posição de presidente é entre você e Dylan. Se você não se casar até o final de junho, a posição é automaticamente de Dylan, não importa quanto você mereça. Quer mesmo que a empresa caia nas mãos do seu primo? Dylan não é tão inteligente quanto você, e também não trabalhou tanto quanto você.

Suspiro, os olhos caindo para as fotos.

— Mãe — digo com a voz suave. — Não pode falar com o vovô? Você é a única filha, sabe que é o ponto fraco dele. Ele não pode reconsiderar? Eu me matei de trabalhar pela empresa, diferente de Dylan. Ele só faz o mínimo e vovô sabe disso.

Ela balança a cabeça.

— Eu tentei, querido. O vovô não vai mudar de ideia. A crença dele em

virtudes familiares acima de tudo ainda é firme, e não vai abrir exceção para você. Qualquer membro da nossa família que queira se sentar no conselho deve estar casado. Isso também *me* incluiu, querido. Essa sempre foi a regra, e sempre será. Ele poderia abrir uma exceção se a posição que você quer não fosse a *dele*. O sucessor *deve* estar casado, Alec. Ele não vai mudar de ideia.

Meus olhos caem nas fotos, meu corpo inteiro dormente com resignação. Não vou deixar a companhia cair nas mãos de Dylan. Não vou desperdiçar todo o meu trabalho duro. Passei minha vida inteira na expectativa de herdar a posição do meu avô, e não vou desistir dos meus objetivos agora.

Eu suspiro e aceno para minha mãe.

— Como quiser, mãe — murmuro. — Vá em frente e comece a organizar encontros com as garotas que você considera elegíveis. Vou escolher uma delas para me casar.

6

Elena

Encaro a mansão diante de mim, os portões grandiosos. Respiro fundo antes de forçar meus pés a andar. Pressiono a palma no scanner e um suspiro de alívio escapa dos meus lábios quando os portões se abrem. Parte de mim esperava não conseguir entrar — não ficaria surpresa se minha madrasta encontrasse uma maneira de remover todos os meus dados biométricos. Ela tentou me afastar do meu pai e do meu irmão no momento em que entrou em nossas vidas, e conseguiu. Eu nem estaria aqui se a vida da minha mãe não dependesse disso.

Estou nervosa quando chego à porta, meu olhar caindo para minhas roupas velhas e meus sapatos desgastados. Alguns anos atrás, não usaria coisas assim nem morta, e agora não posso comprar nada melhor. Quase nunca me sinto envergonhada pela maneira como vivo agora, mas parada aqui, na frente da minha casa de infância, sabendo que serei julgada e considerada incapaz… É doloroso.

É horrível precisar recorrer a isso, é atormentador saber que sou incapaz de cuidar sozinha da minha mãe. Não posso deixar de pensar em todas as decisões que tomei, cada centavo que podia e devia ter economizado.

Eu me preparo ao entrar em casa, me sentindo deslocada nesta mansão fria e desconhecida, sem um único traço da minha infância. No corredor, paro em frente ao aparador e passo os dedos pela superfície. Sempre houve três fotos aqui: uma dos meus pais, outra de Matthew e eu, e a terceira de nós quatro. Todas foram substituídas para remover qualquer traço meu e da minha mãe. É como se minha madrasta recriasse as fotos que costumavam estar na decoração, substituindo apenas minha mãe e eu. Faço uma careta, uma fraca pontada de dor torcendo meu coração. Essa casa costumava ser cheia de amor. É a casa que

minha mãe transformou em um lar. Agora é só um lugar onde nem sou bem-vinda.

— O que *você* está fazendo aqui?

Eu me viro, um sorriso tristonho no rosto. Entenderia essas palavras vindas de Elise, minha irmã postiça, ou até mesmo da minha madrasta, Jade. Mas não, é meu próprio irmão.

— Oi, Matthew — murmuro, mascarando meu coração magoado por trás de um sorriso elaborado com perfeição.

Ele torce o nariz ao ver minha roupa, com óbvio desgosto. Fico tensa, me preparando contra a dor que sei que ele está prestes a infligir. Meus olhos repousam na mulher ao lado dele e o mal-estar se instala no meu interior.

— Essa é sua irmã? — Jennifer pergunta.

Ela e eu nunca nos conhecemos pessoalmente, mas já vi muitas fotos dela, a maioria de quando ela namorava *Alexander*. Uma onda de possessividade que nem tenho o direito de sentir toma conta de mim quando me lembro do jeito que ele sempre costumava olhar para ela, como se ela tornasse todos os outros invisíveis aos olhos dele. Não entendo como ela pôde deixar Alexander por um idiota como Matthew, e agradeço por não ter estado por perto para ver isso acontecer. Baseado nos rumores, tenho certeza que teria erradicado o restante do respeito que sinto pelo meu irmão.

— Não — Matthew diz. — Você não vê que ela não pertence a este lugar? — ele acrescenta, franzindo o nariz.

Estou sem palavras, tensa enquanto tento não levar suas palavras a sério. Quando mamãe teve o acidente de carro, Matthew e eu também nos despedaçamos. Ele está convencido de que estou fazendo mamãe sofrer por mantê-la viva, e se certificou de me informar. Várias vezes, meu pai e Matthew tentaram me convencer a deixar mamãe ir, até que eu não aguentasse mais. No entanto, aqui estou eu outra vez, anos depois, à mercê deles.

— Não vou ficar muito tempo — digo com a voz suave. — É sobre a mamãe.

Matthew levanta as sobrancelhas e cruza os braços.

— Ela morreu? — ele pergunta, como se não se importasse com a própria *mãe*.

Cerro os dentes ao balançar a cabeça.

— Então não preciso saber — ele diz, agarrando a mão de Jennifer. Ela

me dá um olhar de desculpas, mas não deixo de perceber a diversão nos olhos dela.

— O que é toda essa comoção?

Eu me viro e encontro meu pai parado no corredor com Jade ao seu lado. O ódio percorre minha pele, levantando os pelos dos meus braços. Ela parece irritada ao me ver, seus olhos me observando com desagrado.

— Pai — murmuro.

Ele suspira e balança a cabeça.

— Olhe para você. Que constrangimento. Não pode pelo menos se vestir como uma pessoa normal, Elena?

Mordo o lábio, desespero arranhando minha garganta.

— Sinto muito, pai — digo, querendo no mesmo instante não ter falado nada.

Ele desvia o olhar.

— A sua mãe lhe deixou um fundo fiduciário de milhões, mas olha pra você. Ela teria vergonha de te chamar de filha.

Jade fica tensa com a menção da minha mãe. É sútil, mas eu vejo. Enxergo o ódio nos olhos dela, a postura defensiva.

— Pai, posso falar com você, por favor?

Jade levanta as sobrancelhas.

— Não temos segredos nesta família — ela diz. — Qualquer coisa que disser ao seu pai, pode dizer a mim.

Ele assente e coloca o braço em volta da cintura dela. Jade inclina a cabeça no ombro dele, os dois formando uma imagem perfeita. Um ano. Meu pai levou um ano para conseguir com que declarassem a morte cerebral da minha mãe e se casar com Jade. Será que alguma vez amou mamãe? Será que já *me* amou? Ele me deixou de lado com tanta facilidade que não posso deixar de duvidar disso.

— É sobre a mamãe.

Ele fica tenso e, por um segundo, posso jurar que vejo um vislumbre de preocupação em seus olhos, mas se vai antes que eu possa sequer piscar.

— Eu… pai, eu não posso… não posso mantê-la viva por mais tempo. Usei todo o meu fundo fiduciário para pagar as contas médicas. Acho que não posso pagar as contas este mês, e se não puder, vão tirá-la do suporte de vida.

Por favor, pai — digo, a voz falhando. — Eu imploro, me ajude. Me ajude a salvá-la, *por favor*.

Seus olhos se arregalam e ele engole em seco, mas então Jade o aperta com mais força e olha para ele.

— Querido, isso não é um assunto relacionado à nossa família — ela diz. Então olha para mim e sorri. — E pelo que me lembro, *você* também não faz parte desta família. Você deixou tudo por conta própria, jurou nunca mais voltar, mas aqui está você, pedindo dinheiro. Semana passada foi meu aniversário, e você nem ligou. No entanto, agora espera dinheiro de nós para desperdiçar numa causa perdida?

Meu pai fica tenso e acena com a cabeça.

— Jade tem razão. Elena, está na hora de deixar a sua mãe ir. O que está fazendo com ela não é natural, e não quero fazer parte disso. Além disso, Jade tem razão ao dizer que você nos deixou. Já não faz mais parte dessa família e não pode voltar para implorar por dinheiro. Eu pensei que tinha te criado melhor do que isso.

Enxugo a lágrima de raiva que desce pela minha bochecha. Está na ponta da língua dizer que ele *não* me criou — minha mãe o fez. Mas não consigo.

— Por favor, pai. Farei qualquer coisa. Volto a morar aqui e trabalho para você. Qualquer coisa que quiser. Apenas me ajude a salvar a mamãe, e eu juro que serei a filha perfeita.

O riso estridente de Elise soa atrás de mim e a desesperança me oprime. Ela caminha até meu pai e a mãe, e Jade passa o braço em volta da progênita.

— Ele já tem a filha perfeita — Elise diz —, e não é você.

O pânico me toma e eu caio de joelhos enquanto tento ao máximo permanecer no controle da minha respiração, mas meu desespero está me sufocando. Olho para meu pai com lágrimas nos olhos.

— Pai, ela vai morrer se você não me ajudar — eu me forço a dizer, a voz ofegante. — Prometo que nunca mais vou pedir nada. Por favor, me ajude a mantê-la viva. É tudo que peço. Estou implorando.

Ele olha para mim com um novo desânimo.

— Está fazendo papel de tola, Elena. Levante-se, pelo amor de Deus. Já disse antes e volto a dizer. Não gastarei nem mais um centavo com sua mãe, ela foi declarada morta, e é hora de você aceitar e deixá-la ir.

Jade acena com a cabeça para ele em satisfação e o afasta enquanto eu

me debulho em lágrimas. Ela me olha com um sorriso e meus olhos se fecham, meu coração completamente despedaçado.

Esgotei todas as opções para manter minha mãe viva. Todas, menos uma. Penso no cartão que a enfermeira me deu e meu estômago embrulha, sensação que perdura até o momento em que me levanto do chão.

Eu venderia minha alma para manter minha mãe viva — então, se for preciso, posso e *venderei* também o meu corpo.

7

Elena

Olho para o belo edifício e verifico outra vez o endereço impresso no cartão. Esse lugar não é bem o que eu esperava. Está longe de parecer decadente. Esperava um clube de striptease clandestino ou algo do tipo. Em vez disso, observo a mansão imensa com gramados bem cuidados. Um portão enorme me separa do que sem dúvida será a pior decisão que tomarei.

Caminho tímida até a dupla de seguranças que guardam o portão. A postura rígida de ambos faz lembrar soldados guardando um palácio, e a hostilidade que exibem nos rostos não faz nada para aliviar meu nervosismo. Olhos frios estão em mim quando me aproximo, e por um segundo me pergunto se eles poderiam puxar as armas amarradas aos cintos. Eu exalo de alívio quando eles sorriem, ou pelo menos tentam.

— Senhora? — o guarda da direita diz, acenando para mim. Eu me atrapalho com o cartão preto na mão, sem saber o que responder. Não posso dizer que estou aqui para me vender ao maior lance, posso? Os olhos dele caem para o cartão nos meus dedos e ele acena com a cabeça, pressionando um botão no dispositivo nas mãos. O portão se abre antes que eu possa dizer qualquer coisa.

— Obrigada — murmuro. Não há condenação nos olhos deles, então me pergunto se qualquer pessoa com um cartão pode entrar, e não apenas aquelas que pretendem se prostituir. Ou talvez estejam acostumados. Não posso ser a primeira mulher que se encontra nesta situação.

Caminho em direção ao edifício, me recusando a pensar demais no porquê de estar fazendo isso. Não posso me dar ao luxo de ter dúvidas. Eu me concentro em inspirar e expirar o tempo todo, mantendo os passos uniformes.

A porta da mansão se abre antes que eu a alcance, e meu coração para. Congelo, e tenho quase certeza que meu coração parou mesmo de bater por um segundo. Não consigo acreditar que isso esteja acontecendo.

Este é o último lugar onde eu esperaria encontrar meu ex-amigo de infância, Lucian. Fico pálida e, de repente, uma onda de náusea me atinge. Lucian caminha na minha direção e cada passo seu envia explosões de puro pânico no meu sangue.

Em qualquer outro momento, eu teria ficado encantada em encontrá-lo. Teria tido tempo para me desculpar por ter saído da vida dele como fiz. Explicaria que não tive escolha, que iam me proibir de voltar a ver a minha mãe. Mas não agora. Não é o momento.

Lucian para na minha frente, e se ele se aproximar mais tenho certeza de que vai ouvir meu coração bater forte. Engulo em seco e me arrumo, a coluna rígida.

— Lucian — digo, satisfeita ao perceber que minha voz está regular, e não tão trêmula quanto imaginei que soaria.

— O que você está fazendo aqui? — ele pergunta, completa surpresa em suas feições.

Hesito, sem saber que razão plausível eu poderia ter para estar aqui. Também não sei o que ele está fazendo aqui, mas está ficando claro que o prédio *não* é simplesmente um bordel.

Não tenho tempo para inventar uma desculpa, porque alguns segundos depois o irmão de Lucian entra pela porta, as sobrancelhas levantadas de surpresa quando me vê. *Alexander*. Meu Deus.

Ele parece ainda mais bonito à luz do dia do que naquela noite no Inferno. Maxilar pronunciado, um rosto perfeito esculpido e cabelos grossos e escuros. Alexander era bonito há seis anos, mas parece ainda melhor agora. A forma como ele preenche o terno é surreal, e só consigo imaginar o tipo de corpo magnífico que esconde por baixo. Por alguma razão, vê-lo aqui, agora, realmente destaca o que estou prestes a fazer, e isso me faz sentir mal, com vergonha de mim mesma. Faz com que eu sinta como se estivesse desistindo de uma parte de mim que nunca mais vou recuperar. Vou desistir da garota que costumava ser quando Lucian e Alexander faziam parte da minha vida.

— Elena? — Lucian diz.

Alexander congela quando Lucian diz meu nome, seus olhos se arregalando. Consigo ver o momento exato em que as peças do quebra-cabeças

se encaixam.

Olho para a porta atrás de Alexander com determinação e caminho em direção a ela, mantendo a boca fechada e ignorando a fúria escrita no rosto de Alexander. Nada do que eu faça ou diga agora fará com que ele se sinta menos traído. A única coisa que Alexander mais odeia é quando mentem para ele, e foi justo o que fiz quando o levei a acreditar que não nos conhecíamos. Quando roubei um momento que, de outra forma, nunca poderia me pertencer.

Meu ombro roça o braço de Alexander e, de repente, estou parada no lugar, a mão dele no meu pulso, me segurando com força.

— Elena, não é? Isso mesmo. Elena *Diana* Rousseau. Acho que não mentiu, mas também não foi sincera.

Ele não se preocupa em esconder a raiva na voz, mas de qualquer maneira é tarde agora. Baixo o olhar, incapaz de encará-lo.

— Esse não é lugar para você. O que está fazendo aqui? — ele pergunta, a voz me trazendo uma pontada de nostalgia.

Ele parece preocupado, e essa sensação, a sensação de que alguém pode de fato se importar comigo, parte meu coração. Olho para seus sapatos polidos, ainda incapaz de erguer os olhos.

— Tenho um compromisso — sussurro.

— Vou com você. Esse não é um lugar onde você deve entrar sozinha — ele diz, a voz dando zero margem para argumentos. Meus olhos enfim se erguem para os dele, e sei que o pânico refletido neles me entrega. Alexander me puxa pelo pulso para mais perto e sussurra: — O que está aprontando?

Mordo o lábio o mais forte que posso, num esforço para manter o controle das emoções, balançando a cabeça ao soltar meu pulso. Passo por ele, ignorando a facada no meu coração. Por que dói tanto quanto abandonar os Kennedy há seis anos?

Respiro fundo e vou até a recepção. Olho em volta do enorme cômodo que mais se assemelha a um lobby de hotel, imaginando no que estou me metendo e sem descobrir nada.

— Estou aqui para ver o sr. Vaughn — digo à recepcionista. Ela acena de imediato com a cabeça, um olhar de compreensão no rosto.

— Srta. Rousseau, não é? — ela diz, digitando no teclado.

Meus olhos se arregalam de surpresa. Até uma hora atrás, eu nem sequer pensei que viria, então por que ela sabe quem eu sou? Tenho um mau

pressentimento, mas é tarde demais para mudar de ideia. A vida da minha mãe depende de eu levar isso até o fim, então aceno.

— Fomos instruídos a esperar por você. Siga-me, por favor.

8

Alexander

Não acredito que não a reconheci. *Elena*. Devia ter percebido por causa daqueles olhos. Ela é a única garota que conheço cujos olhos são uma combinação intrigante de castanho-claro e verde. Devia ter confiado nos meus instintos quando achei que ela parecia familiar.

A última vez que me lembro de tê-la visto, ela era uma adolescente desajeitada com aparelho nos dentes e óculos grandes demais para o rosto. Ela sempre foi muito bonita, mas a garota que conheci como *Diana*… é absolutamente deslumbrante. O vestido preto que está usando hoje abraça a silhueta, e é óbvio que agora Elena está longe de ser uma garotinha.

Por que ela esconderia a identidade naquela noite? Por que me enganaria?

Paro nos degraus do clube Vaughn's, sem conseguir me livrar da sensação de que tem algo errado com ela. Não parei de pensar em *Diana* desde aquela noite, mas também não consigo me livrar da raiva que estou sentindo. Sinto que ela brincou comigo ao esconder quem era, e isso não me agrada. Cerro os dentes só de pensar no irmão dela, Matthew. Ela parecia tão doce, tão inocente, mas, no fundo, ainda é uma Rousseau. Parece que a irmã mais nova de Matthew cresceu e se tornou uma mulher e tanto. Sinto repulsa só de pensar nele.

Olho para as portas por onde ela desapareceu. O que Elena está fazendo aqui? O clube Vaughn's é privado, e tem sido há anos. É um clube de cavalheiros exclusivo e altamente prestigiado. As candidaturas de membros femininos nem sequer são consideradas, quanto mais aceitas. A única maneira de uma mulher entrar aqui é pela equipe de funcionários. O que poderia trazer Elena Rousseau?

A família dela é rica demais para ela precisar de um emprego, e mesmo que ela quisesse um, não há razão para encontrar aqui. Penso nas roupas que ela usava quando a vi no Inferno… A Elena que conheci não possuía roupas tão baratas. Não sou um homem supersticioso, mas não consigo deixar de sentir que algo de ruim está prestes a acontecer.

— Sabe o que foi aquilo? — pergunto a Lucian. Seu olhar contemplativo me diz que, como eu, ele não faz ideia.

— Sei que as coisas têm sido difíceis para ela com a mãe em coma e o pai se casando de novo, mas é tudo o que sei. Não falo com ela há anos. Eu a sigo nas redes sociais, mas ela não posta muito, por isso não faço ideia do que se passa com ela. Pra ser sincero, se não a seguisse, nem a teria reconhecido.

Embora meu irmão nunca ter admitido, sei que o fato de ele e Elena terem se afastado o atormenta. Ela era sua única amiga no mundo superficial em que a nossa família opera. Quando Elena perdeu a mãe, ele perdeu *Elena*.

Franzo a testa e volto a olhar para as portas pelas quais Elena acabou de entrar. Ela sabia quem eu era e me enganou. Por quê? Foi um jogo divertido? Uma maneira de mexer comigo? Talvez ela tenha pego uma ou duas coisas do irmão — afinal, de novo, ela é uma Rousseau. Balanço a cabeça e caminho em direção ao meu carro, mas no meio do caminho paro ao mesmo tempo que Lucian.

— Mamãe nos mataria se não nos certificássemos de que ela está bem — ele diz.

Concordo com ele, talvez um pouco rápido demais. Juntos, voltamos e marchamos em direção ao clube. Apanho o celular e envio uma mensagem para o meu chefe de segurança, Aiden, para solicitar uma verificação de antecedentes de Elena. Algo está errado com ela, e quero saber o quê.

Quando Lucian e eu chegamos à porta da frente, tenho o meu amigo Vaughn no telefone.

— Onde está Elena Rousseau? — pergunto, sem me preocupar com gentilezas.

— Adoro ter notícias suas, amigo. Estou bem, obrigado. Como você está? — ele diz, parecendo divertido.

Reviro os olhos.

— Corta essa, Vaughn. Onde ela está? Elena *Diana* Rousseau. Eu a vi entrar no seu clube há alguns minutos. O que ela está fazendo aqui?

Vaughn fica calado por um segundo.

— Porra. É *ela*? — ele pergunta.

— Sim.

— Alexander, alguém me ligou para dizer que a irmã de Matthew ia aparecer. Pensei que estava lhe fazendo um favor, cara. Porra. Mandei-a para o John. Sala de conferências oito. Você não vai gostar disso.

9

Elena

Beberico o chá que uma das secretárias me entregou e por pouco não queimo a língua. Estou inquieta e nervosa. Não gosto que saibam meu nome. Parece algo que Elise faria. Tenho certeza que isso é algum tipo de armadilha, mas também não posso ir embora. Não quando há a menor hipótese de salvar a vida da minha mãe.

Será que foi June que avisou que eu podia aparecer? Parece improvável, mas prefiro que seja isso a cair em outra armadilha da minha irmã postiça. Da última vez que entrei num dos seus esquemas, quase fui acusada de posse de drogas. Não qualquer droga: cem gramas de cocaína. Elise vai com tudo de um jeito completamente diferente, e por alguma razão ela sempre me viu como a maldição de sua existência. Não sei bem porquê, já que nunca a tratei de maneira injusta. Ela é uma das razões pelas quais eu mal pude esperar para sair de casa. Meu coração lateja ao pensar em uma conspiração entre a enfermeira da minha mãe e Elise. Se for esse o caso, significa que Elise e Jade têm acesso à minha mãe. E, se podem chegar a June, podem chegar à minha *mãe*.

Eu olho ao redor da sala, tentando ao máximo combater o nervosismo. Parece mais uma sala de reuniões do que qualquer outra coisa, com a mesa longa e as cadeiras almofadadas. Todo este edifício é diferente do que eu esperava. Pensei que entraria numa boate, mas, em vez disso, estou no que parece ser uma versão luxuosa de um clube de campo. Vi placas de inúmeras instalações e, se não me engano, havia uma indicando a piscina e outra uma área de golfe.

Meu Deus, espero não estar no lugar errado. Balanço a cabeça. Não, a recepcionista sabia quem eu era, então estou no lugar certo. Só torço para que saibam *por que* estou aqui. Espero não precisar me explicar. Se o fizer, não sei se

serei capaz de seguir em frente.

Parte de mim se pergunta se o encontro com Lucian e Alexander foi um sinal, uma última chance de voltar atrás antes que eu perca todo e qualquer autorrespeito que tenho. Mas depois penso na minha mãe, e sei que sempre me arrependerei se for embora agora. Jamais me perdoaria se ela morresse quando eu poderia fazer algo para salvá-la. Mesmo que ela nunca mais acorde, preciso saber que tentei tudo ao meu alcance para lhe dar essa oportunidade. Se os nossos papéis fossem invertidos, sei que ela faria o mesmo.

A porta atrás de mim se abre e sela o meu destino. Um homem alto e loiro se senta à minha frente, um sorriso lascivo no rosto. Um arrepio percorre meu corpo quando ele se inclina para trás no assento.

— Como está o seu chá, Elena? — ele pergunta, os olhos no meu busto. Eu franzo a testa. Não sei o que se passa, mas algo não me parece certo.

— Nunca dei meu nome a ninguém aqui.

Ele sorri, uma pitada de crueldade nos olhos.

— Não precisava. Não há muito que não saibamos sobre você. A propósito, sou John. Você e eu estamos prestes a nos conhecer de um jeito bem íntimo… Como parte da sua entrevista de emprego, é claro.

Engulo em seco, tremores descendo pelo corpo. Tento afastar o medo que sinto, mas não consigo. Começo a tremer, o coração batendo forte, mas sorrio. Sabia no que estaria me metendo… Sabia o que seria esperado de mim.

— Então, me diga por que está fazendo isso, Elena. Tédio de garota rica? O papai não comprou uma bolsa nova?

Não tenho palavras. Não esperava essa pergunta. Mas, de novo, também não esperava que eles soubessem quem sou. Tinha a intenção de usar um nome falso, algo como Crystal ou Candy. Ou melhor ainda, *Chastity*. Até agora, nada está indo como eu havia planejado.

— Preciso do dinheiro.

Parece estúpido e óbvio, mas não sei como explicar de outra forma. Não quero contar sobre a minha situação familiar. Não quero que ele saiba demais.

— Bem… esta entrevista será divertida mesmo para mim. Que tal você se levantar e tirar…

Antes que ele possa terminar a frase, a porta atrás de mim se abre e bate contra a parede. Eu pulo surpresa e me viro para encontrar Alexander entrando com Lucian logo atrás.

Os olhos de Alexander estão em John, a expressão assassina.

— Você. Saia — ele diz, a voz mortalmente calma. John hesita e Alexander olha para Lucian. — Tire-o daqui antes que eu o arrebente. Certifique-se de acompanhá-lo ao escritório de Vaughn.

Lucian acena com a cabeça e leva John para fora, um olhar preocupado no rosto. John olha para Alexander com um brilho cruel nos olhos. Ele sorri para mim e para na porta.

— Nada mal — ele diz. — Já tem um ricaço interessado, hein? Não posso culpá-lo. Não se preocupe. Não me importo de ficar com as sobras.

Meu estômago se revira e eu suspiro aliviada quando Lucian segura John com mais força e o leva para fora.

Pisco desacreditada quando a porta se fecha, eu e Alexander sozinhos. Ele cerra o maxilar e caminha devagar em direção à porta, o som do clique da fechadura me deixando mais tensa. Ele caminha até mim e dou um passo para trás, apenas para sentir a mesa nas costas. Não tenho para onde ir. Nunca o vi tão zangado.

— Alexander…

Ele para, os olhos avaliando meu corpo em descrença.

— Quer explicar o que está fazendo aqui, Elena? Ou agora você usa Diana?

Ele dá um passo para mais perto e levanta meu queixo, forçando-me a encará-lo. Decepção e raiva escurecem seus olhos e eu respiro com dificuldade. Não tenho dúvidas de que ele sabe o que faço aqui. Ele só quer que eu admita.

— Alec — sussurro, a vergonha deixando minhas bochechas vermelhas.

— Alexander — ele me corrige. — Não somos tão próximos.

Meu coração se despedaça e eu desvio de seu olhar intenso, mas aceno com a cabeça. Sempre fui uma das poucas pessoas, além da família, que podia chamá-lo de Alec, e é horrível ser uma desconhecida agora.

— Tem razão, Alexander. Nós não somos tão próximos. Não há razão para eu precisar explicar o que faço aqui. Nem você deve se importar. — Minha voz está calma, e não tropeço nas palavras como presumi que faria. Encaro-o, rezando para que a minha cara de paisagem seja tão boa quanto imagino.

Alexander segura meu queixo com mais força. Os olhos dele viajam pelo meu corpo, observando meu vestido preto justo. Escolhi-o sabendo que realçaria meu corpo. Neste momento, a roupa me faz sentir como uma prostituta barata.

Muito apropriado, aliás.

— Acontece que este clube pertence ao meu amigo Vaughn — ele diz. — Entendo que esteja aqui para se candidatar a um cargo. Vaughn, como um bom amigo, permitiu que eu conduzisse sua entrevista em nome dele.

Desvio o olhar, envergonhada, incapaz de enfrentá-lo. As mãos de Alexander se movem para a minha cintura e ele me levanta na mesa atrás de mim. Antes que eu possa reagir, ele afasta as minhas pernas para ficar entre elas. Sei que ele deve ter visto a minha calcinha de renda vermelha quando seus olhos escurecem. Se eu achava que ele estava zangado antes, com certeza ainda não tinha visto nada. Seus olhos brilham de raiva, a expressão tensa.

— Elena, você entende que os homens serão capazes de tocá-la quando e onde quiserem? Fazer o que desejarem com você?

Aceno com a cabeça, engolindo em seco. Não sou estúpida. Eu sabia no que estava me metendo, e não vou deixar que Alexander me intimide a não tomar essa decisão. Porque é exatamente isso que ele está fazendo. Está tentando me intimidar para que eu saia desta sala chorando. Ah, ele vai ter uma surpresa.

— Sim. Eu sei. Entendo que esteja surpreso, mas não vou mudar de ideia.

Alguém como Alexander não consegue entender como é estar na minha situação. Ter perdido a casa e não ter ninguém com quem possa contar. Pior ainda, ter alguém para sustentar e não ser capaz. O desespero que sinto me despedaça e me fortalece ao mesmo tempo.

Alguns anos atrás, eu nunca teria sido capaz de sonhar em me encontrar nesta situação, então entendo as dúvidas de Alexander. Mas não estou fazendo por diversão. A vida da minha mãe depende de eu levar isso até o fim.

— Muito bem — ele diz, a voz baixa.

Alexander move uma de suas mãos para o meu cabelo e a outra para a minha perna.

— É isso que você quer, Elena? Quer que homens toquem em você sempre que quiserem? Quer abrir as pernas quando alguém joga dinheiro pra você?

Balanço a cabeça, mordendo o lábio. Ele acaricia o interior da minha coxa, a mão subindo devagar.

— Isso é o que será esperado de você, e mais. Mal estou tocando em você. Consegue ficar de joelhos e chupar meu pau? E se eu quiser que se curve pra te foder?

Ele me encara, e a maneira como olha para mim é como eu sempre imaginei que olharia em todos os sonhos que tive com ele. Como se eu fosse alguém que ele quer, e não apenas uma criança que o segue por todo o lado. Como se eu fosse desejável. Ele acaricia o interior da minha coxa, aproximando-se devagar da minha calcinha. Odeio a explosão de excitação que sinto, mas apesar da situação, não consigo evitar.

Eu olho para o colarinho dele, o coração acelerado. Seus dedos estão na borda da minha calcinha, movendo-se lentos, me provocando, e sinto uma mistura de luxúria e pânico. Sei que ele está tentando me envergonhar pelas minhas escolhas. Sei que isso é para ser um castigo, uma forma de me fazer mudar de ideia. Mas tudo o que consigo pensar é que quero mais. Mais do que os dedos dele estão fazendo comigo.

Alexander puxa meu cabelo de leve, levantando meu rosto. Sua raiva não diminuiu nada, mas há algo mais em seus olhos agora. Luxúria.

— Olhe para mim. Me diga por que está fazendo isso.

Desvio o olhar, incapaz de enfrentá-lo. Quero explicar, mas todas as palavras parecem presas na garganta.

— Se você nem consegue lidar com isso, como vai foder vários homens?

Por cima da calcinha, ele me acaricia com o dedo indicador e eu pulo, uma explosão de excitação indo direto ao meu íntimo. Os olhos de Alexander escurecem quando percebe que estou molhada, e parece ainda mais irritado. Ele empurra a calcinha para o lado e desliza o dedo na minha umidade. Estou tão molhada que o dedo desliza com facilidade, provocando um gemido em mim que nos surpreende. Ele aperta meu cabelo quando percebe como estou excitada.

— Você está encharcada.

Ele mantém o dedo dentro de mim e começa a girar o polegar em volta do meu clitóris, me enlouquecendo.

— Me diga, a ideia de ser usada por homens te excita tanto? Está gostando do meu dedo dentro de você? Está tão molhada que com certeza consigo enfiar meu pau. — A voz dele é rouca e ele lambe os lábios. Meus olhos observam o movimento, me fazendo pensar qual será o sabor deles.

Alexander me fode devagar com os dedos, seus olhos cravados nos meus.

— Me diga que estou errado, Elena. Diga que não está aqui para vender o corpo no clube de Vaughn. Diga que não queria me enganar naquela noite.

Quando não respondo, ele aumenta o ritmo, o toque me deixando louca. Se isso é o que ele pensa que constitui punição, está muito enganado.

— Alexander, por favor — digo, sem fôlego.

— Por favor, o quê? Por favor, pare? Se não quer ser tratada como uma prostituta barata, só precisa me dizer para parar. Diga *não*. Me empurre.

Ele está tão ofegante quanto eu, e a protuberância na calça me diz que ele também está excitado. Ele me observa enquanto eu me afogo nos sentimentos que ele desperta em mim.

Alexander solta o meu cabelo e move a outra mão entre as minhas pernas, a usando para provocar meu clitóris enquanto me fode com o dedo da outra. A intensidade é quase demais para mim, e é preciso toda a minha força de vontade para não gozar agora mesmo.

Agarro os ombros de Alexander e mordo o lábio para ficar quieta. Os dedos dele são muito melhores em mim do que os meus, e sei que não aguento mais, estou prestes a gozar. Alexander me observa com tanta atenção que não posso deixar de fechar os olhos.

— Alexander, eu vou… não posso… eu vou… — sussurro, a voz soando mais como um gemido do que o protesto que eu queria que fosse. Estou prestes a gozar, e sei que, se o fizer, Alexander perderá o pouco respeito que ainda pode ter por mim.

Ele geme e aumenta o ritmo ao me empurrar para o limite.

— Hum, minha nossa… *por favor* — digo, sem fôlego, perdendo o controle.

Gozo nos dedos dele, ele me observando com uma expressão satisfeita.

O momento entre nós se desfaz quando o último tremor sacode meu corpo, e Alexander afasta os dedos de repente, como se tivesse se queimado. Observo quando ele tira o lenço do bolso e os limpa, olhando incrédulo para as mãos. É como se mal acreditasse que me tocou assim, e pior, que eu tenha gostado. Desvio o olhar de vergonha, a realidade de repente me atingindo. Estou tão decepcionada comigo mesma quanto Alexander, se não mais. Engulo um soluço quando ele vira as costas para mim, sem conseguir me olhar.

Alexander se senta numa das cadeiras da sala de conferências, a cabeça apoiada nas mãos. O silêncio entre nós é pesado e não sei o que dizer. Fecho as coxas com força, a umidade que permanece me fazendo sentir vergonha outra vez. Alexander olha para mim e suspira, os olhos suavizando um pouco.

— Eu não sei o que você está fazendo aqui, nem como está nessas circunstâncias. O que sei é que você vai para casa comigo.

10

Alexander

Seguro a mão de Elena e a levo de volta para a recepção, onde Lucian e Vaughn me esperam, a mão dela pequena em comparação com a minha. Elena nada diz. Ela olha para o chão e me deixa conduzi-la, os olhos vermelhos pelas lágrimas que sem dúvida está segurando. Esperava que ela lutasse comigo quando lhe disse que ia para casa comigo, mas, para minha surpresa, ela me seguiu sem reclamar.

Parte de mim tem vergonha de como a tratei. Como fui irracional, e como me senti sem controle quando a vi sentada ali, aquele olhar desafiador no rosto. Ela não tem ideia no que quase se meteu, não importa o quanto tenha tentado se convencer.

Mas parte de mim ainda está excitado. O olhar dela quando a fiz gozar faz meu pau endurecer de novo. Aquela expressão. O jeito como seus músculos se contraíram no meu dedo e a maneira como ela gemeu. Cerro o maxilar e afasto os pensamentos.

Lucian pula do assento quando nos vê se aproximando e corre em direção a Elena. Ela solta minha mão e levanta a cabeça, um sorriso reconfortante no rosto. Acho que ela não sorriu para mim nem uma vez hoje, mas não dei nenhuma razão para isso. Sem querer, cerro o maxilar ainda mais forte quando meu irmão a puxa para um abraço apertado, enterrando o rosto no pescoço dela. Ela relaxa e ele lhe dá um beijo no cabelo.

Olho para Vaughn, que está encostado na parede com uma expressão preocupada. Ele se encolhe quando vê a raiva no meu rosto, e olha para mim pedindo desculpas. Caralho… nem consigo ficar zangado com ele. Ele pensou que estava me fazendo um favor ao foder com uma Rousseau. O que quase

aconteceu com Elena… é minha culpa.

— No que estava pensando? — Lucian murmura, a voz suave e preocupada. Era exatamente assim que eu devia ter reagido. Em vez disso, eu a condenei por suas escolhas antes de ter todas as informações. — Por que não me pediu ajuda? — ele pergunta, a voz tremendo. Seu olhar vai dos olhos vermelhos dela e depois para mim, um olhar cheio de acusação.

Uma mirada em Vaughn me diz que ele deve ter contado pelo menos o básico a Lucian, e por alguma razão não gosto nem um pouco. Não quero que ninguém saiba o que ela quase fez hoje. Nem mesmo meu próprio irmão.

— Por que não pediu? — pergunto a ela.

Ela se afasta de Lucian e meu corpo relaxa. Nem percebi que estava tenso.

— Eu… nós… não somos tão p-próximos — ela gagueja, incapaz de me olhar nos olhos. Um leve rubor tinge seu rosto num adorável tom de rosa. Tive a sensação de que as palavras que cuspi com raiva mais cedo voltariam para me assombrar. Balanço a cabeça e agarro o pulso dela, puxando-a.

Os olhos de Vaughn saltam de mim para ela, e posso dizer que ele está pensando no que se passou entre nós, mas não vou lhe contar nada. Ele acena ao passarmos, e sei que não vai deixar isso assim. Vaughn adora drama e fofoca, embora ninguém jamais teria adivinhado. Parte de mim acredita de verdade que ele dirige o clube de cavalheiros apenas para reunir informações sobre a elite que o frequenta.

— Para onde estamos indo? — Lucian pergunta.

— Casa.

— Vamos levar Elena para casa? Que bom.

Meu motorista abre a porta da limusine e Elena hesita antes de entrar. Lucian entra logo depois, sentando-se ao lado dela; assim, me sento de frente a ela. Sempre odiei este carro pretensioso, mesmo sabendo que é necessário por ser blindado. Mas hoje, com as pernas de Elena entre as minhas, odeio um pouco menos.

Eu me inclino para trás e observo Lucian se debruçar nela. Ela se mexe no assento e, quando abre as pernas de leve, o vestido curto sobe. Posso dizer que a roupa íntima ainda não voltou ao lugar. Ainda está de lado, da maneira que deixei, expondo parte de sua deliciosa buceta. De repente, estou mais do que aliviado por eu, e não Lucian, estar sentado à frente dela.

— Sente-se direito — digo, a voz saindo mais brusca do que pretendia.

Elena franze a testa para mim, mas cruza as pernas mesmo assim. Sorrio quando ela cora, entendendo *por que* disse a ela para se sentar direito. Ela desvia o olhar, virando-se para encarar Lucian.

Observo seu cabelo castanho comprido jogado sobre o peito e o corpo perfeito. Não posso negar que ela é linda, mas nunca deixei a beleza me distrair. Então por que é que eu não podia deixá-la em paz? Saber que ela é irmã de Matthew devia ser suficiente para me repelir.

— Por que não me pediu ajuda? — Lucian pergunta de novo. — Sei que você não recorreria a isso a menos que estivesse sem opções — acrescenta.

Pego o tablet e verifico os antecedentes que Aiden me enviou. Li o arquivo duas vezes, certo de que a informação só podia estar errada. Olho para Elena e a culpa que sinto quase me destrói. Não me lembro muito de Alaric Rousseau, mas não me lembro dele ser um monstro. Ele sempre pareceu gostar de Elena, mesmo quando a tensão entre ele e sua agora ex-mulher estava exaltada. Então, como é que Elena acabou na situação em que está? Será que fica de olho na única filha? Se a minha equipe de segurança pode descobrir cada item que ela precisou vender nos últimos dois meses e cada conta que pagou da mãe, então não há como Alaric não saber. Como é que ele deixou o cenário chegar nesse estado?

Distraído, ouço quando Elena hesita em dizer a Lucian que ela precisa de dinheiro para as contas médicas da mãe e sobre ter saído de casa anos atrás. Explica o motivo de ela ter dito que a única coisa que mais deseja é boa saúde para aqueles que ama. Devia estar falando da mãe naquela noite no Inferno.

— Já pedi ajuda ao meu pai. Se nem *ele* quis ajudar, como poderia esperar sua ajuda? Não nos vemos há anos. Além disso — ela diz, a voz vacilando —, perguntei a cada um dos meus amigos, e ninguém me estendeu a mão.

A cara do meu irmão trai a sua dor. Nunca o vi se preocupar além do necessário com nada, muito menos com uma garota. Se alguém além de Elena tivesse vindo bater à nossa porta, ele teria mesmo negado o pedido de ajuda, não importa quão grave fosse a situação. Elena sempre foi a fraqueza dele. Meu irmão egoísta sempre guardava para ela as últimas fatias de pizza, assistia filmes de garotas com ela, e uma vez, quando eram pequenos, eu até o peguei separando M&Ms por cor, porque Elena só gostava dos amarelos e vermelhos.

— Nós também já fomos amigos próximos, Elena. Eu ajudaria você — Lucian diz.

Elena acena com a cabeça e agarra a mão dele, entrelaçando os dedos.

Ela olha para ele com tanta ternura, e ele retribui do mesmo jeito. Eles já estão perdidos no seu próprio mundinho, e parece que nunca se separaram.

— Mesmo que eu viesse pedir ajuda e você concordasse, talvez ajudasse uma ou duas vezes antes que eu me transformasse num fardo. Preciso de muito dinheiro, Lucian. Não é certo da minha parte depender de você assim.

Suspiro. Não posso culpá-la por querer ficar sozinha e não confiar a vida da mãe a mais ninguém. Ela está certa. Quanto tempo um estranho pode fornecer o tipo de assistência financeira que ela precisa?

Lucian trava a mandíbula da maneira que faz quando está concentrado em ficar calado, e me pergunto o que ele quer dizer. Nunca vi meu irmão mais novo tão agitado.

— Eu a ajudaria sem esperar nada em troca — ele diz.

Elena balança a cabeça.

— Preciso de pelo menos sessenta mil dólares até o final do mês, e ainda mais com o tempo. Não é algo que eu possa apenas pedir.

Lucian começa a responder, mas eu o interrompo.

— Discutiremos isso em casa — digo de modo brusco. Lucian olha para mim impotente e meu coração se suaviza. Ele olha para mim como quando éramos crianças. Como se eu fosse o herói dele. Ele não me olhava com tanta confiança há anos.

O motorista estaciona na garagem e Lucian salta para fora, estendendo a mão para Elena. Meus olhos caem nas pernas dela, lembrando-a de ter cuidado ao sair do carro, e ela cora, acenando para mim. No entanto, meu irmão deve tê-la interpretado de forma diferente, porque ele cora também, o olhar colado no rosto dela.

Uma sensação de desconforto se instala no meu interior ao vê-los interagir. Eu os acompanho até a casa, os dois sem dúvida no mundinho deles.

11

Elena

Sigo Lucian e Alexander até a casa deles, parando na porta quando as lembranças me dominam. Passei grande parte da infância nesta mansão. Conheço cada canto e recanto tão bem quanto Lucian. Além de alguns móveis novos, nada mudou muito, e entrar aqui ainda parece como voltar para casa — mais do que a minha própria casa de infância faz hoje em dia.

Não percebi o quanto senti falta disso. O quanto senti falta de Lucian e do tempo que passamos juntos. Tenho estado tão ocupada trabalhando e cuidando da minha mãe que não parei para pensar no quanto estou sozinha, em como me isolei.

Enquanto crescia, Lucian sempre foi o irmão que eu queria que Matthew fosse, e de repente me sinto mal por não ter tentado manter contato. Devia ter entrado em contato com Lucian assim que saí de casa, mas a essa altura já era tarde demais. Não nos falávamos havia anos e tínhamos ficado muito distantes. Eu me senti culpada, mesmo sabendo que não tinha escolha a não ser cortar os laços.

— Sarah?

Olho para a menção ao nome da minha mãe. A mãe de Lucian pula do sofá quando me vê e caminha na minha direção, os olhos arregalados.

— Não… *Elena*?

Ela me envolve em um abraço apertado e eu retribuo com a mesma força, segurando as lágrimas mais uma vez. Não me lembro da última vez que alguém me abraçou assim, mas hoje duas pessoas me abraçaram.

— Sofia — sussurro, como se dizer o nome dela em voz alta me

acordasse desse sonho nostálgico. Sofia beija o topo da minha cabeça e me abraça mais apertado.

Alexander pigarreia e eu me afasto relutante. Ele está olhando para a mãe com uma expressão que não consigo decifrar. É quase como se ele não a visse há muito tempo, mas me lembro muito bem dele dizer que recentemente a levou para almoçar.

— Elena vai morar conosco — ele diz.

Surpresa, arregalo os olhos. Eu e Alexander nunca discutimos nada disso, e eu não disse a ele que tenho lutado para pagar minhas próprias contas, que estou preocupada com meu futuro e o da minha mãe.

Olho para Lucian, que parece tão chocado quanto eu, mas Sofia apenas acena com a cabeça e cantarola de acordo.

— Tudo bem — ela diz, sem fazer perguntas. — Vou pedir ao pessoal para preparar um quarto.

Mordo o lábio num esforço para manter as lágrimas afastadas. Parte de mim quer recusar e manter a dignidade, exigir uma explicação de Alexander e perguntar por que ele acha que tem o direito de tomar decisões em meu nome. Mas depois lembro qual é a alternativa e fico calada.

— Elena, uma palavra, por favor — Alexander diz. Ele inclina a cabeça em direção à escadaria e eu o sigo obediente, ainda sem saber o que dizer.

— O layout de todo este andar mudou — murmuro, surpresa.

Alexander para e olha para mim.

— Sim. Há dois anos, reformamos a maior parte da casa. Lucian, meus pais e eu ficamos em partes separadas agora. Ainda estão todos no mesmo prédio, mas são nos fundos, em apartamentos diferentes.

Ele me leva para o seu quarto e eu o sigo, mal conseguindo conter a minha curiosidade. Parece que ele derrubou várias paredes para criar um espaço semelhante a um loft, resultando em um grande quarto luxuoso, com a própria área de estar, uma cama enorme e uma banheira independente perto das janelas que vão do chão ao teto. É óbvio que Alexander criou seu próprio santuário aqui, e não posso deixar de ficar impressionada como tudo parece de bom gosto e ostensivo.

Alexander me leva à sua área de estar e, em vez de me sentar ao lado dele, eu me sento em frente, criando de propósito alguma distância entre nós. Com tudo que está acontecendo, eu me sinto sobrecarregada. Sobrecarregada e envergonhada. Mal consigo pensar direito. Minha mente continua a vaguear para

o Vaughn’s e para o jeito como ele me tocou. Odeio o quanto gostei. É como se o meu próprio corpo me traísse, e estou com muito medo de imaginar o que Alexander pode pensar de mim agora.

Ele me encara da maneira que costumava fazer quando dava a Lucian e a mim uma chance de confessar o que quer que tivéssemos feito naquele dia.

— Por que não me diz exatamente o que está acontecendo?

Balanço a cabeça.

— Parece que você já sabe mais do que eu teria dito.

Não sou estúpida. Sei como os Kennedy operam. Sei que ele teria feito uma verificação de antecedentes no momento em que percebeu quem eu era, e não estou confortável com o quanto isso teria revelado sobre mim, sobre a forma como tenho vivido a minha vida, e como me desviei da garota que ele conhecia.

A expressão de Alexander suaviza e ele sorri suplicante para mim.

— Ainda gostaria de ouvir de você — ele diz com a voz suave.

Hesito. Não há nada que eu possa dizer que ele já não saiba, e pelo menos assim ele vai ouvir a minha versão da história. Então, eu conto tudo. Conto sobre meu pai e minha madrasta, sobre a recusa deles em pagar as contas da minha mãe, os planos da minha irmã postiça e as dificuldades em pagar as contas. Alexander apenas me ouve, paciente, acenando com a cabeça de vez em quando para me encorajar a continuar a falar.

— Entendo — ele diz quando termino. Sem perguntas, sem julgamentos. Apenas uma simples compreensão. Parece que um peso enorme foi tirado dos meus ombros. Além de contar a Lucian sobre o básico no carro, não contei a ninguém a história toda, e é bom desabafar.

— O que vai fazer agora? Mesmo que tentasse vender o corpo no clube de Vaughn, você ganharia no máximo vinte mil por mês, e isso é *no máximo*. Não será suficiente para cobrir as contas da sua mãe na maioria dos meses, muito menos suas próprias despesas.

Balanço a cabeça.

— Pra ser sincera, não sei. Tenho mais uma semana até precisar pagar a conta da minha mãe, ou vão tirá-la do suporte de vida. Pensei em ir ao Vaughn’s e depois continuar. Não é como se eu tivesse outras opções. Pedi ajuda ao meu pai várias vezes e ele sempre recusou. Também não estou em contato com nenhum dos meus antigos amigos, não desde que saí de casa.

Só de pensar que minha mãe será retirada do suporte de vida me dá

arrepios. Estou aterrorizada e detesto me sentir tão indefesa. Alexander olha para mim e depois desvia o olhar.

— Eu posso lhe dar o dinheiro. Sob uma condição.

Eu me sento direito, cheia de esperança.

— Eu faço. Seja o que for, eu faço — digo, revelando sem querer meu desespero.

Noto o breve olhar de raiva nos olhos de Alexander e sei que ele se lembrou do que eu estava prestes a fazer no Vaughn's, mas não tenho o luxo de manter a dignidade agora.

— Você nem sabe o que vou pedir, Elena. Por outro lado, não há nada que você não faria, não é? — ele zomba. As mãos se movem para o cinto e os dedos se contraem quando ele toca o fecho.

— Se eu pedir para se ajoelhar agora e chupar meu pau por dez mil, você faria?

Mordo o lábio, sem saber o que dizer. Sei que era para isso mesmo que eu estava no Vaughn's, mas quando é Alexander me perguntando, de repente me sinto envergonhada das minhas escolhas. Não tinha pensado muito em como seria fazer esse tipo de coisa, mas pensei em descobrir quando chegasse a hora.

— Que tal vinte mil? Sabe, tenho fantasiado com esses seus lábios desde aquela noite no Inferno — ele diz.

Ele tira o cinto, puxa o zíper e coloca a mão na calça. Meu coração está batendo a um quilômetro por minuto, e não sei dizer se estou apavorada ou excitada.

12

Alexander

— Venha aqui — digo, a voz áspera.

Elena obedece. Ela se levanta e caminha devagar na minha direção até ficar entre as minhas pernas abertas. Ela tem aquele olhar irritante e desafiador no rosto, e quase não percebi a forma como as mãos dela tremem um pouco.

Puxo-a pela mão e ela cai de joelhos no chão de mármore, o rosto bem perto do meu pau. A mera proximidade me faz ficar duro.

— Você estava pronta para fazer isso por John no Vaughn's, não estava? Se eu não tivesse aparecido naquela hora, teria ficado de joelhos pra ele? — Eu levanto a mão para o rosto dela, meu polegar traçando seu lábio. — Teria aberto a sua linda boca pra ele?

Os olhos dela brilham de desgosto com o cenário que a obrigo a confrontar. A coisa real seria muito pior — ela não tem ideia do quanto.

— Homens do círculo do seu pai frequentam o Vaughn's. Sabe quantos deles que você *conhece* teria de foder? Entende que iriam te humilhar? Qualquer raiva que pudessem ter do seu pai, é em você que descontariam.

O medo derrete sua expressão confiante e ela desvia o olhar. Ambos sabemos que os homens do nosso círculo não chegam aonde chegamos sem sujar as mãos. É claro que ela não considerou nada além da mãe.

Ela nem percebe que caiu numa armadilha. Vaughn me contou que alguém ligou para dizer que a irmã de Matthew Rousseau ia aparecer. Ele ia permitir que ela oferecesse o corpo como uma forma de me vingar por todas as merdas que Matthew me fez passar, e Elena nem imagina. Ela não faz ideia de como as coisas teriam ficado ruins.

Ela olha para mim, a frustração trazendo lágrimas.

— O que está me oferecendo, Alexander? — ela pergunta. — Quer que eu te chupe? Certo. Se ajudar a salvar a vida da minha mãe, não há *nada* que eu não faça. Se nossos papéis fossem invertidos e fosse a vida da sua mãe em jogo, você pode mesmo me garantir que não iria até o inferno para salvá-la?

Ela coloca a mão sobre a minha, com a qual estou tocando minha ereção, e aperta. Através dos cílios ela me encara, a expressão uma mistura de desejo, desespero e frágil confiança.

Afasto a mão dela e me ajeito antes de tomar meu tempo para fechar o zíper e apertar o cinto. Passo a mão pelo cabelo e olho pela janela. Como é que as coisas pioram cada vez que ela e eu estamos sozinhos? Quando vim para cá com ela, não era isso que eu pretendia fazer.

— Levanta — falo de forma brusca, mais zangado comigo mesmo do que com ela.

Ela se levanta e se senta ao meu lado. Eu me recosto no assento e olho para o teto, suspirando.

— Isso não está indo mesmo da maneira que eu pretendia — digo, soando derrotado. — Pra ser sincero, mal te reconheço, Elena.

Ela desvia o rosto, mas a maneira como se ergue como um animal ferido me diz que está magoada com as minhas palavras. Suspiro e volto a olhar pela janela, sem palavras.

— Por que não me disse quem você era naquela noite? — pergunto, por fim.

Ela ainda não consegue me encarar, mantendo o olhar de culpa desviado. Quero saber o que ela diria se descobrisse que eu planejava voltar para o Inferno todos os fins de semana até a encontrar de novo.

— Foi a maneira como você olhou para mim — ela diz. — Eu o reconheci na mesma hora, mas sabia que, assim que descobrisse quem eu era, você mudaria. Estava flertando comigo e sendo brincalhão. Vi um lado seu que nunca vi antes, e sendo egoísta queria mais disso. Queria mais do Alexander que enfim me via como uma mulher, e não a adolescente desengonçada que o seguia por toda parte. Queria ser mais do que a irmã mais nova do homem que você odeia.

Não sei o que eu esperava que ela dissesse, mas não era isso. Pensei que ela estava fazendo joguinhos comigo, ou me fazendo de estúpido por não a reconhecer. Não imaginei que o motivo era estar interessada em mim. Ela tem

razão, ela *é* irmã de Matthew.

Agarro sua mão e entrelaço os dedos, olhando em silêncio para nossas mãos juntas antes de pigarrear. Olho para ela e com a mão livre ajeito seu cabelo atrás da orelha. Ela parece assustada, um pequeno rubor colorindo as bochechas.

— Como eu disse, vou lhe dar o dinheiro, Elena. Você pode não ter feito parte das nossas vidas nos últimos anos, mas não significa que minha mãe tenha se esquecido de você. Ela ficou devastada quando foi informada de que apenas a família podia ver sua mãe, e então você e Lucian pararam de ser amigos, e ela também te perdeu… Soube pelo calor que ela transmitiu há pouco quando a abraçou. Vê-la com você foi como rever a mulher que ela era quando eu era criança.

Suspiro, tendo problemas com as palavras, talvez pela primeira vez na vida.

— Você é de uma boa família, Elena. Tem boas conexões e se formou em uma das melhores universidades, e com uma bolsa de estudos completa. Sei que não aceita caridade, e se eu estivesse na sua situação também não aceitaria. Não confiaria a vida da minha mãe a ninguém, e não seria capaz de viver sem saber quando a boa vontade de alguém se esgotaria.

Ela acena com a cabeça, mas parece confusa e não posso culpá-la.

— Elena, quero que se case comigo.

Ela olha incrédula para mim, os olhos arregalados.

— Você… *o quê*?

— Case comigo, Elena.

Ela pisca, os lábios se movendo, mas incapaz de formar uma resposta. Aperto a mão dela com mais força e dou um sorriso gentil.

— Você sabe que os herdeiros da nossa corporação precisam se casar antes de poderem participar do conselho?

Ela acena, as bochechas ficando vermelhas. Sem dúvida está lembrando da forma como nossas mães costumavam brincar sobre os filhos se casarem. Sempre me perguntei com quem imaginavam que ela se casaria, comigo ou com Lucian. Acho que a decisão está fora das mãos delas agora.

Pigarreio e olho para o lado.

— Minha mãe tem marcado encontros com socialites e conhecidas. Não tenho tempo para esta merda, e não quero casar. No entanto, não tenho escolha. Sei que a minha mãe quer tentar mudar as regras para mim, mas meu avô não

deixa. Eu trabalhei muito para perder tudo agora.

Elena acena com a cabeça e morde o lábio enquanto reflete sobre minhas palavras.

— Por que eu? — ela pergunta.

— Você precisa de um lugar para ficar e dinheiro para os custos hospitalares de sua mãe. Tenho certeza que não quer ser um caso de caridade e viver às custas de quem estiver disposto a ajudá-la. Preciso de uma esposa que não se meta no meu caminho e não espere que eu me esforce para que nosso casamento funcione. Se preciso me casar, prefiro que seja com alguém que me deve. Sua família é boa o suficiente e você vai herdar as ações da sua mãe, então você será capaz de aumentar a riqueza e influência da família Kennedy. Além disso, a minha mãe sempre amou você, por isso sei que vai se encaixar bem na nossa família.

Elena se levanta e eu a sigo. Ela começa a andar de um lado para outro no quarto, e eu vou até ela. Ela dá um passo para trás a cada passo que dou em direção a ela, e antes que perceba, eu a encostei contra a parede.

— Essa… essa é a verdade?

Balanço a cabeça.

— É toda a verdade?

Eu sorrio e a prendo, os antebraços de cada lado de sua cabeça, nossos corpos quase nivelados.

— Garota esperta — sussurro. — Não — digo, sincero. — Toda a verdade é que, além de tudo o que acabei de lhe dizer, estou ansioso para exibi-la para Matthew, para que ele saiba que estou fodendo a irmã dele, que você é *minha*.

Elena ri, o som acompanhado de um toque de desespero.

— Você é um tolo se acha que ele vai se importar — ela diz, os olhos nos meus. — Mas é ainda mais tolo se acha que pode me comprar como se eu fosse mais um dos seus inúmeros bens. Não há nada que eu não faça pela minha mãe, Alexander, mas saiba que, mesmo que meu corpo pertença a você, *eu* nunca pertencerei.

Sorrio e afasto o cabelo do rosto dela, uma vertigem me invadindo ao pensar no olhar no rosto de Matthew.

— Ah, ele vai se importar — sussurro — e você *vai* pertencer a mim. Não é só seu corpo que será meu, Elena. Serão todos seus pensamentos, todos

seus sonhos. Todo seu futuro é meu.

Consigo ver as pequenas engrenagens no cérebro dela girando, os olhos revelando o desespero. Ela quer lutar comigo e negar minhas palavras, mas não tem o poder para isso. Vejo a forma como ela está se contendo e não consigo deixar de sorrir. Quero saber quais palavras ela está engolindo neste momento. O que ela responderia se eu não tivesse a vida da mãe dela nas minhas mãos?

— O que acarretaria? É um casamento só no papel? — ela pergunta, o tom resignado. Surpreso, não gosto de ver a luta sair dos olhos dela. Não gosto de conseguir o que quero, vê-la ceder. Pela primeira vez.

Balanço a cabeça.

— Não exatamente. Os Kennedy não se divorciam, *nunca*. Esteja ciente disso. Será um casamento legítimo. Vou lhe dar acesso a todos meus recursos e vou apoiá-la da maneira que seria esperado de mim como seu marido. Não vou pedir muito de você. Tudo o que peço é que se comporte como uma boa nora para minha mãe e que aja como uma esposa amorosa sempre que necessário em público.

Ela acena devagar e me fita, pensativa.

— E em particular?

— Não vou interferir com sua vida privada, desde que você não interfira com a minha.

— Isso significa que você pretende ter… amantes?

Fico tenso.

— Não — falo de modo brusco. — Nem você nem eu teremos *amantes*. Nem sonhe em me trair, Elena. Nunca olhe para outro homem, entendeu?

Os olhos dela se arregalam de surpresa e odeio a maneira como me espreitam — como se estivesse tentando me entender. Relaxo um pouco quando ela acena com a cabeça. Não sei o que faria se alguma vez descobrir que ela me traiu, mas sei que qualquer homem que a tocar vai estar em um caixão antes de perceber. De jeito nenhum vou deixá-la me tratar como Jennifer, do jeito como meu pai trata minha mãe. — Não serei feito de idiota, Elena.

Elena acena em concordância, o peito subindo e descendo rápido, os olhos nos meus. A maneira como olha para mim… Odeio ver a simpatia em seus olhos. Elena está prestes a perder tudo, mas é de mim que ela sente pena. Tudo graças a Jennifer. Ela me transformou em motivo público de chacota, a ponto de uma garota que perdeu tudo sentir pena de mim.

— E o divórcio? E se um de nós se apaixonar por outra pessoa? — ela pergunta. A simples ideia de ela me deixar me enfurece, e ela ainda nem é minha.

Balanço a cabeça.

— Não é uma opção. Nunca assinarei os papéis. Se nos divorciássemos, o meu avô me deserdaria sem pensar duas vezes. Não vou fazer isso. Se concordar com o casamento, vai concordar com uma vida sem amor. Pense nisso com cuidado.

Ela acena e se senta em silêncio. Estranho, estou nervoso ao observar o rosto dela em busca de pistas de como ela pode estar se sentindo.

— Eu não tenho mesmo escolha, tenho?

Balanço a cabeça.

— Tem sim, Elena. Se pedir à minha mãe para pagar as contas da sua mãe, ela com certeza o faria sem perguntas. Talvez pelo tempo que você quiser.

Ela parece indecisa.

— Por que você não tira algum tempo para pensar?

Elena balança a cabeça.

— Não. Prefiro gastar dinheiro que legalmente me pertence como sua esposa a me tornar um caso de caridade e ficar à mercê da sua família. Preciso de um lugar para ficar e quero ter cem porcento de certeza que minha mãe receberá os melhores cuidados. Se depender da sua mãe, só poderei pagar o nível de cuidados dela por enquanto. Se me casar com você, posso arranjar médicos de renome mundial, e posso levá-la para uma instituição privada. Desde que garanta que nunca restringirá meu acesso a ela ou limitará a quantidade de dinheiro que posso gastar com os cuidados hospitalares, eu me caso com você, Alexander. Pode me usar como um peão em qualquer jogo estúpido de ricaços que esteja jogando. Não me importo. Se me ajudar a salvar a vida da minha mãe, serei o que quiser que eu seja.

Sorrio para ela.

— Prometo, Elena. Como minha esposa, o dinheiro sempre será a menor das suas preocupações.

13

Elena

Atordoada, sigo Alexander de volta, o coração batendo forte. Mal posso acreditar que concordei em me casar com *Alexander Kennedy*.

— Elena.

A voz de Sofia me tira do meu transe e eu solto rápido a mão de Alexander, sem me lembrar de quando a peguei.

— Lucian me contou um pouco do que você passou. Já liguei para o hospital e paguei as taxas pendentes. Não se preocupe com nada, minha querida.

Eu paro e pisco as lágrimas que se acumulam nos olhos. Ela não vê a minha mãe ou a mim há anos, mas ainda se esforça para nos ajudar.

Alexander pigarreia e me lança um olhar curioso. Aceno com a cabeça para ele. Mesmo agora que as despesas hospitalares da minha mãe foram pagas, ainda vou concordar em me casar com ele. Ele está certo. Eu não me sentiria bem em deixá-los gastar uma fortuna em taxas sem pagá-los de alguma forma. Sem me preocupar que a generosidade deles possa acabar. O casamento é uma solução fácil para nós dois.

Eu e Alexander nos sentamos, e ele toma minha mão.

— Elena e eu decidimos nos casar — ele diz de supetão e se reclina no assento, como se não tivesse anunciado uma notícia surpreendente.

Sofia não diz nada. Ela apenas olha para nós dois, uma expressão pensativa no rosto. Lucian é o primeiro a falar.

— De jeito nenhum, porra. Por que vocês se casariam? *Elena*?

Olho para ele, mas não sei como me explicar. Tudo fazia sentido quando discuti com Alexander, mas de repente tenho dificuldade para me expressar.

— Você concordou em se casar com Alec, querida? — Sofia me pergunta. Sua voz é suave e gentil, mas ela não consegue esconder a preocupação refletida nos olhos. Parte de mim teme que ela possa pensar que eu não sou boa para o filho dela, que ele pode fazer uma escolha melhor. Ela estaria certa. Já não sou mais uma herdeira rica e com boas conexões.

— Vocês têm a minha bênção se escolherem se casar. — Ela se volta para Alexander, pensativa por alguns segundos antes de acenar com a cabeça. — Eu a teria adicionado ao arquivo se tivesse pensado nela, então tem minha aprovação.

Sofia olha para mim e a preocupação maternal que vi antes se foi. É como se estivesse me avaliando, mas não consigo lê-la bem o suficiente para descobrir como é essa avaliação.

— No entanto, pense um pouco mais, Elena. Por favor. O casamento é para toda a vida.

Alexander parece irritado com as palavras da mãe, mas Lucian parece enfurecido.

— Mãe, você não está mesmo cogitando essa ideia ridícula, está? — ele pergunta, a voz elevada. Com as mãos nos meus ombros apertando com força, ele me levanta. — Elena, se você quiser se casar com esta família, *eu* me caso com você — Lucian diz, os olhos brilhando com sinceridade.

Meu coração está tão cheio que pode explodir. Sorrio para ele, mas balanço a cabeça. A mera ideia de casamento com Lucian é tão absurda que nunca me ocorreu.

— Só por cima do meu cadáver — Alexander fala de modo brusco, aproximando-se de mim. Ele coloca o braço em volta da minha cintura e me puxa para si, tirando-me do alcance de Lucian.

Lucian se aproxima e fica cara a cara com o irmão. Então, dá um soco no peito do Alexander, e fico tão surpresa que nem tenho tempo de me meter entre eles. Lucian nunca demonstrou uma gota de violência. Fui eu que sempre tive que defendê-lo contra valentões.

— Por que diabos se casaria com ela? Você tem trinta anos. Ela tem vinte e três, seu pedófilo. Faz mais sentido ela estar *comigo*. Crescemos juntos, temos a mesma idade. Somos amigos de infância. Eu a *conheço*.

Lucian empurra Alexander, mas ele nem tropeça. Apenas olha para o irmão mais novo com uma expressão cautelosa, mantendo-me atrás.

— Lucian! — Sofia fala, de modo áspero. — O que há de errado com você? Como se atreve a falar assim com seu irmão? Peça desculpas!

Lucian olha para o irmão e balança a cabeça. Depois sai, batendo a porta da frente. Alexander olha para mim, as sobrancelhas erguidas, mas eu me limito a balançar a cabeça. Também não faço ideia do que aconteceu. Sofia corre atrás de Lucian, nos deixando sozinhos.

— O que acabou de acontecer? — ele pergunta.

— Não sei — sussurro.

— O que se passa entre você e meu irmão?

Ele parece desconfiado, e por um segundo eu me pergunto se está com ciúmes, mas ignoro o pensamento.

— Nada — respondo, sincera.

Ele franze a testa.

— Nada? Isso não soou como nada. Vou perguntar outra vez. O que está acontecendo entre vocês? Se fosse *nada,* meu irmão não teria reagido daquela maneira.

Olho para ele, todo meu corpo tenso de raiva.

— Do que é que está me acusando exatamente?

Ele dá um passo para mais perto de mim e segura meu queixo, me forçando a encará-lo.

— Eu não divido, Elena. Não gosto que toquem no que é meu.

Sorrio para ele, ainda revoltada, e apoio a palma em seu peito, sentindo os músculos tensos sob meu toque.

— Ainda não sou sua, Alexander.

Ele range os dentes, e fica claro que não gostou da minha resposta.

— Mas vai ser. Logo será, Elena. — Ele sorri e passa o dedo indicador nos meus lábios. — Resista o quanto quiser, lute comigo, negue… mas, no final, será o meu nome nos seus lábios quando eu fizer você gozar… *de novo*.

Ele dá um passo para longe, o corpo ainda irradiando de raiva.

— Vou avisá-la agora. Não vou tolerar rumores sobre você. É melhor ficar longe do meu irmão. Se me trair, Elena, arriscará a vida da sua mãe.

Eu olho para ele com ressentimento mal contido. Ele é como todos os outros homens da minha vida — se deleitando com meu desespero. Odeio ter sido reduzida a isso, mas não tenho outra escolha. Se quero salvar a vida da minha mãe e lhe dar os cuidados necessários, terei de ser o que Alexander me pedir para ser.

Meus ombros caem e ele sorri para mim, sem dúvida desfrutando da vitória silenciosa. Tudo é um jogo para homens como ele.

— Vamos nos casar amanhã — ele diz, os olhos escuros.

— O quê? *Amanhã*?

— Não temos motivos para demorar. Vamos tirar a papelada do caminho para que eu possa começar a sustentar você e sua mãe de maneira formal. Quero que pare de trabalhar como garçonete e, sem sombra de dúvida, quero que saia do apartamento esquisito que está morando. Se vai ser minha esposa, precisamos começar a consertar a sua imagem agora mesmo.

Desvio o olhar, o ressentimento e o constrangimento se entrelaçando e aumentando minha indignação. Parece que a sondagem de antecedentes foi minuciosa. Ele até sabe que eu não consegui encontrar um emprego corporativo.

— Um quarto de hóspedes foi preparado para você, mas espero que leve suas coisas para meu quarto amanhã.

Seus olhos caem nos meus lábios.

— Você só tem esta noite para mudar de ideia, Elena. Amanhã à tarde, vou fazer de você minha mulher. Em vez de vender seu corpo no Vaughn's, vai vendê-lo pra mim. Pense nisso com cuidado, porque a partir de amanhã você será minha.

Seu olhar permanece nos meus lábios e, por um segundo, acho que ele vai diminuir a distância entre nós para me beijar, mas num repente sua expressão endurece e ele se afasta.

Ele caminha em direção às escadas, parando no meio do caminho.

— Ah, Elena? — ele me chama, virando para me olhar. — Vamos transar sem camisinha. Tome a pílula se ainda não quer filhos. A primeira vez que eu te foder, quero sentir tudo.

Ele sorri e se afasta, me deixando em estado de choque.

Não acredito que vou me casar com ele… *amanhã*.

14

Elena

Toda a cerimônia foi um borrão. Alexander me levou para o cartório e saímos alguns minutos depois com a nossa certidão de casamento em mãos. Ele é bastante eficiente. Todo o processo foi mecânico e impessoal. Não sei o que estava esperando, mas não era bem isso.

Olho para minha roupa. Não tive tempo nem dinheiro para comprar nada especial, e nem sequer tenho um vestido branco. Em vez disso, estou usando calças pretas formais e uma blusa branca — minha roupa de entrevista de emprego. É a coisa mais bonita que tenho. Além disso, acho que é apropriado que eu use preto para começar este casamento sem alma. Alexander não me diz uma palavra ao voltar para a limusine, tão perdido em pensamentos quanto eu.

— Vou estar ocupado nos próximos dias. Mantenha o nosso acordo: não interfira na minha vida privada sem necessidade, e eu não vou interferir na sua.

Aceno com a cabeça e engulo o nó na garganta. Isso parece tão errado. O que eu fiz? O que estava pensando?

Abandono os pensamentos quando Alexander abre a porta para mim. Eu me sento e aceno para o motorista, surpresa ao descobrir que há uma mulher que não reconheço sentada ao lado dele. Alexander junta-se a mim, ignorando os dois. Ele pega a bolsa no assento à minha frente. Não estava lá quando saímos do carro.

A mulher se vira para olhar para nós e acena para mim.

— Boa tarde, sra. Kennedy. Parabéns. Eu sou Alice Porter, a secretária de Alexander.

Perplexa, demoro uns bons dez segundos para perceber que é comigo que

ela está falando. *Eu* sou a sra. Kennedy agora, e o som envia uma emoção pelo meu corpo. Aceno para ela e estampo meu sorriso mais educado.

— Prazer em conhecê-la, srta. Porter.

Ela sorri para mim.

— Por favor, me chame de Alice.

Alice é uma mulher bonita e sofisticada. Cabelo loiro curto e perfeitamente liso bem acima do ombro, e sua maquiagem é impecável. Acho que deve ter a idade de Alexander, talvez um pouco mais velha. Presto atenção quando ela o orienta com a agenda da próxima semana. Quando ele disse que estaria ocupado, foi puro eufemismo.

Enquanto ela continua falando, ele abre a bolsa no colo e pega um novo celular, desembalando-o e brincando com ele. Observo quando ele usa o celular novo para ligar para o antigo, e depois desliga. Depois o entrega para mim e apanha o seu.

Ele começa a digitar, e alguns segundos depois o aparelho na minha mão vibra. Vejo uma mensagem recebida de *Marido*. Por que ele não se programou como Alexander?

> **Marido:** *Esse é seu celular novo. Está criptografado com a mais recente tecnologia da nossa empresa. Tem também um notebook e um tablet na bolsa, ambos também criptografados. É importante que use apenas a tecnologia fornecida por mim. A espionagem corporativa é um problema sério que temos enfrentado, e você se tornará um alvo em breve.*

Digito uma resposta e clico em enviar.

> **Elena Kennedy:** *Entendi. Não se preocupe.*

Pisco duas vezes quando percebo o nome que ele ajustou nas minhas configurações de mensagem. Sim, lá está. Não só Elena. Elena Kennedy. Qual será o nome no celular dele para este novo número? Provavelmente só Elena. Talvez “patroa”. Verifico os contatos e vejo todos que posso precisar, incluindo o segurança dele, Aiden, e Alice.

> **Marido:** *Lembre quem você é a partir deste momento. Agora você é minha mulher. Aja adequadamente na frente dos outros.*

Franzo a testa com a mensagem, me sentindo bastante ofendida. O que ele acha que eu faria?

Elena Kennedy: *Vou tentar não ficar de joelhos e chupar quem me der mais dinheiro.*

Eu me arrependo da mensagem no momento em que a envio e continuo encarando o celular em vez de olhar para ele. Minhas palavras foram desnecessárias, mas ainda me sinto revoltada pela maneira como ele me humilhou quando me ofereceu vinte mil para chupá-lo. Não sei o que mais me incomoda: que ele tenha me oferecido, ou que eu teria feito se ele não tivesse me impedido. Sei que devia agradecer por ele me oferecer uma solução em vez de me sentir revoltada, mas não consigo evitar.

Marido: *Acabei de lhe dar metade do meu valor líquido ao me casar com você. Na verdade, há uma duplicata do meu cartão de crédito na bolsa. Lembre-se, Elena: Serei sempre o maior lance. Devo levantar o vidro separador ou acha que pode ser uma boa garota e "ficar quietinha"?*

Eu o vejo alcançar o botão que coloca uma tela de privacidade entre os bancos da frente e nós e pulo para impedi-lo, quase caindo em seus braços.

— Não precisa — digo, em pânico, mas chego tarde demais. A tela sobe e Alexander ri.

Ele me puxa para o colo e coloca os lábios na minha orelha.

— As coisas entre nós podem ter começado não convencionais, mas não muda o fato de que você *é* minha esposa, Elena. Você *é* a sra. Kennedy agora. Você é minha.

Suas palavras no meu ouvido fazem cócegas, e meus olhos se fecham. Eu me contorço em seus braços, apertando as pernas com força. Só a lembrança de como ele me tocou me deixa molhada de novo, e fico envergonhada. Odeio como ele me faz sentir, mas não consigo resistir.

— Pensei que tínhamos concordado com isso, Alexander. É só o meu corpo que você comprou, nada mais.

Alexander desliza as mãos pela minha cintura. Os dedos quase se tocam ao redor da cintura, e me faz sentir pequena. Ele me puxa para mais perto e sorri ao passar a mão no meu cabelo.

— Apenas o seu corpo, hein? Muito bem. É tudo que quero de você, Elena. É melhor lembrar que *seu corpo* é meu agora. — O dedo indicador roça meus lábios e ele sorri, o olhar aquecido. — Esses lábios agora são meus, está me ouvindo?

Aceno com a cabeça e a satisfação brilha em seus olhos.

— Boa garota — sussurra, inclinando-se mais perto, os lábios roçando os meus. — Há uma parte crucial da cerimônia de casamento que perdemos.

— Qual? — murmuro, o coração acelerado, meus lábios roçando os dele com cada palavra.

— A parte em que eu beijo a noiva — ele responde antes de levar os lábios aos meus.

Um arfar suave escapa dos meus lábios quando ele me beija, e Alexander geme, aprofundando nosso beijo. Eu me perco nele, em nós. Nem em um milhão de anos pensei que um dia beijaria Alexander Kennedy.

Ele se afasta e descansa a testa na minha.

— Você é minha esposa agora, Elena. Vou cuidar de você. Vou providenciar tudo o que você possa precisar — ele diz, afastando-se mais. — Mas você nunca vai receber amor de mim. Sabe disso, não sabe?

Concordo com um aceno, a situação de repente parecendo mais real. Senti como se tudo fosse um borrão nas últimas horas, um sonho. Tudo para acordar e descobrir que todos meus maiores problemas foram resolvidos. O que será que minha mãe pensaria de mim se soubesse que preciso confiar em um homem para sair de uma situação complicada? Ela ficaria decepcionada com minha falta de independência, ou ficaria orgulhosa de mim por fazer a única coisa que eu podia?

Alexander sorri e parece hesitar antes de continuar.

— Gosto de você, Elena. É uma boa garota, e encaixa bem com minha família. Ainda bem que não espera muito de mim. Se quiser sexo, posso lhe dar. Mas flertes, amor e romance? Não vai conseguir isso de mim. Eu não vou conquistá-la.

Aceno em compreensão.

— Não preciso do seu amor, Alexander — digo, a voz suave. — Só preciso que me ajude a salvar a vida da minha mãe.

Eu sabia no que estava me metendo quando concordei em me casar com ele. Apesar disso, parte de mim esperava ver mais do Alexander que conheci no Inferno, mas ele voltou a ser o Alexander que conheci quando criança. Me pergunto se isso realmente é tudo que terei dele. Sonhava em me casar com Alexander quando era mais nova, e agora que isso aconteceu, é um pouco… decepcionante. Acho que meu casamento é um reflexo preciso da minha vida até agora, mas não sou burra, não vou desvalorizar isso.

— Todas as contas médicas atuais da sua mãe já estão pagas. Antes de sairmos, autorizei que ela fosse para uma instalação privada segura que a minha família usa com exclusividade. Aiden, meu segurança, deve estar fazendo isso neste exato momento. Ele também está investigando os especialistas que podem ser capazes de ajudá-la, e eles vão criar um novo plano de tratamento. Você poderá visitá-la de novo amanhã.

Mal consigo respirar enquanto ouço as palavras dele. São todas as coisas que eu gostaria de ter sido capaz de fazer pela minha mãe, mas o valor máximo que eu podia tirar do meu fundo fiduciário por mês não era suficiente para cobrir tudo. Em retrospectiva, isso é uma coisa boa. Teria ficado sem dinheiro muito mais cedo, e nem quero pensar no que isso poderia significar para minha mãe.

— Também terá sua própria equipe de segurança e motorista. Eles vão responder a você, não a mim. Por enquanto, pode usar Alice como sua assistente pessoal para todos os assuntos que precisar, e o estilista pessoal da minha mãe também foi designado para você. Pode contratar o seu próprio pessoal se não gostar de alguma coisa. Tudo o que peço em troca é que aceite meus limites.

— Entendo, Alexander. Não vou incomodá-lo sem necessidade. Agradeço o que está me oferecendo. Vou fazer o papel de esposa e nora amorosa em público, e vou respeitar seus limites. Prometo.

Ele acena com a cabeça e olha para mim, seu olhar avaliativo, como se tentasse ter certeza de que estou falando sério, que não vou incomodá-lo com expectativas inúteis. O que ele vê nos meus olhos parece agradá-lo, porque acena satisfeito.

Ele para e olha para mim por alguns segundos.

— É bem provável que minha mãe já esteja ciente de que decidimos prosseguir com o casamento, e ela cuidará da sua imagem. Você agora é uma Kennedy, e vai precisar parecer uma. Não vamos anunciar nosso casamento por enquanto. Em vez disso, vamos encenar uma relação inteira. Iremos a encontros que chamem muita atenção, pedirei você em casamento em público e faremos uma grande cerimônia de casamento no dia 20 de junho.

Franzo a testa e Alexander suspira.

— Os meios de comunicação são complicados para nós — ele diz. — Eles me seguiram por toda parte e me viram em muitos encontros, alguns deles bem recentes. Sabem que não podemos estar casados. Não quero que nossa união comece com rumores sobre eu ter traído você enquanto namorávamos, por isso vamos precisar esperar que tudo se acalme antes. Vamos encenar um relacionamento perfeito para a imprensa e para meu avô.

Eu o encaro, me sentindo magoada, por mais estranho que pareça.

— Apenas me diga a verdade, Alexander. Vinte de junho? É o dia do casamento do meu irmão. Você quer me usar para ofuscar as notícias do noivado e do casamento deles.

Ele coloca o dedo indicador sob o meu queixo e levanta meu rosto. Tudo que vejo nos olhos dele é crueldade.

— Garota esperta — ele diz. — Sim. Vamos fazer isso mesmo.

Meu coração se parte mesmo quando forço um sorriso. Estava com medo que ele só pensasse em Matthew quando me visse.

Mas é pior.

Quando olha para mim, é Jennifer que ele vê.

Tudo o que sou é uma ferramenta para chegar até ela, para abalá-la, para magoá-la. Mesmo agora, quando sou eu que uso o sobrenome dele, é nela que ele pensa. Será sempre ela.

15

Elena

Entro no quarto de Alexander, sentindo-me inquieta. Ele me ajudou a empacotar meus pertences e me deixou aqui antes de voltar ao trabalho, por isso tenho pelo menos algumas horas para mim. Estou nervosa ao olhar para a bagagem no canto. Compartilhar um quarto com Alexander… Só de pensar sobre essa noite meu coração acelera.

Este espaço inteiro é incrível, e de agora em diante será meu lar. Parece uma suíte suntuosa num hotel seis estrelas. Ele deve ter contratado um designer de interiores para remodelar tudo. Faz anos que não estou rodeada de tão puro luxo.

Fico parada ao lado da cama, o coração apertado quando percebo que Alexander tem uma foto de Jennifer e dele na mesa de cabeceira. Pego com cuidado e me sento na cama, as mãos trêmulas. Havia passado mais de um ano desde que eles se separaram, mas ele ainda tem uma foto dos dois. É isso que ele olha antes de ir para a cama? Ela ainda é a primeira coisa que ele vê quando acorda?

Meu coração se contrai dolorosamente ao colocar a foto no lugar. Ele deixou claro que nunca me amará, mas ainda me lembro de como amava Jennifer. Estava claro para todos verem que ela era o mundo inteiro dele. Eu não sou muito sonhadora; cada única esperança e sonho que eu tinha desabou em mim quando perdi toda minha família, cada um deles de uma maneira diferente. Mas parte de mim… parte de mim esperava que um dia eu tivesse uma família minha. Um marido que me amasse, uma casa cheia de risos e felicidade. Não terei nada disso agora que selei meu próprio destino.

Não posso ter noções românticas. Não posso ter esperança. Alexander

deixou claro desde o início, e não posso me iludir ao pensar que ele vai me amar um dia. Não posso me colocar nessa situação, onde meu coração vai se partir.

Olho para a foto e mordo o lábio. Posso ser a esposa dele agora, mas não há garantia de que ele não se arrependerá de se casar comigo. Se meu pai e meu irmão podem virar as costas para mim, então Alexander também pode. Preciso me lembrar disso.

Tento ao máximo espairecer ao entrar no closet de Alexander, parando surpresa quando encontro uma seção inteira cheia de roupas, sapatos e bolsas femininas. Por um segundo, meu coração para, mas então percebo que tudo ainda está com as etiquetas. Meus olhos se fecham quando ondas de alívio passam por mim.

Parece que o estilista da família trabalha rápido. Não me admira que tenham meu tamanho. A verificação de antecedentes de Alexander deve ter sido bastante abrangente.

Tudo aqui é o tipo de coisa esperada para a esposa de Alexander. Semiformal, elegante e muito caro. É o estilo que eu costumava usar antes de ser forçada a vender tudo que tinha para pagar as contas da minha mãe.

— Gostou? — uma voz suave diz atrás de mim. Eu me viro surpresa e encontro Sofia encostada no batente, um pequeno sorriso no rosto.

— Gostei, é incrível.

— Recebi uma ligação assim que registraram o casamento. Sou informada sobre muitas coisas que meus filhos fazem, embora eles não percebam.

Sorrio, nada surpresa. Mesmo quando éramos mais jovens, ela sempre soube o que todos estavam fazendo. Ela levava a expressão “ter olhos na nuca” a um nível totalmente diferente.

— Acho que devo lhe dar os parabéns, mas espero que saiba no que se meteu, Elena. Alec… ele não está à procura de amor. Agradeço por ele ter se casado contigo, mas, ao mesmo tempo, queria mais para você. Isso também não é o que sua mãe iria querer. Alec passou por muita coisa, e não tenho certeza se ele vai conseguir lhe dar uma chance. Espero que sim, Elena. Espero mesmo. Se alguém pode consertar o coração dele, acho que será você.

Aceno, meu coração afundando.

— Eu entendo, Sofia. Estou pronta para lidar com as consequências das minhas escolhas.

Sofia suspira e pega minha mão.

— Me chame de mãe, querida. Você é minha nora agora.

Forço um sorriso e aceno mais uma vez.

— Mesmo sendo egoísmo, fiquei feliz por ser você. Não faz ideia do quanto sua mãe e eu queríamos que vocês ficassem juntos quando eram pequenos. Se as coisas fossem diferentes, se não fôssemos quem somos, se o nome Kennedy não destruísse todas as noções de amor, então talvez você e Alec fossem perfeitos juntos.

As palavras dela me surpreendem. Ela sempre foi uma romântica, então quando ficou tão cansada? Não vi o pai de Alexander por aí, e me pergunto se essa pode ser a causa.

Olho para ela com o coração pesado.

— Vocês queriam que eu e Alexander ficássemos juntos? — pergunto, desconsiderando as outras palavras dela. — Não eu e Lucian?

Ela sorri.

— Claro que não. Lucian e você são incompatíveis por inúmeras razões.

Ela olha para mim como se quisesse dizer alguma coisa, mas não diz.

— Vou deixar você se acomodar — acrescenta, sorrindo. Depois, sai e fecha a porta do quarto devagar.

Suspiro ao entrar no banheiro de Alexander. O quarto e o banheiro são em grande parte em plano aberto, e não há porta, apenas um monte de pedra e vidro. A enorme banheira é independente e, em vez de estar no banheiro, fica em frente às janelas como uma peça de demonstração. A vista é deslumbrante, e só posso imaginar como será no pôr do sol.

Ando pelo banheiro e brinco com todos os botões. Ele tem controles para tudo. Há um rádio e uma televisão no chuveiro e diferentes tipos de iluminação. Aperto um dos botões e uma cortina de água aparece na entrada do chuveiro, como uma cachoeira, obscurecendo o interior do enorme chuveiro de pedra. Aperto mais algumas vezes e sorrio. Não devia me surpreender que o quarto de Alexander seja tão tecnológico.

Olho com desejo para a banheira no canto e verifico a hora. Cinco da tarde. Provavelmente tempo de sobra para tomar um banho e descer para jantar às seis. Alexander disse que precisava trabalhar até tarde, então duvido que volte logo.

Tiro a roupa e as deixo no chão enquanto a banheira enche. Depois, o sutiã e a calcinha de renda, e de repente me lembro da maneira como Alexander

me tocou. Parece que foi há uma vida, mas não, foi ontem.

Entro na banheira e aperto outro botão. Uma pequena quantidade de sabão cai na água. Cheira a lavanda, meu favorito. Parece que Alexander tem bom gosto. Aperto mais algumas vezes, colocando uma boa quantidade, e depois ligo os jatos.

— Ah, Deus — digo, sem fôlego. Os jatos estão me atingindo de todos os ângulos, massageando meu corpo inteiro. Nem percebi que estava tão cansada até me deitar aqui. Combinado com a vista deslumbrante, isso parece um luxo. Eu me inclino para trás e fecho os olhos, deixando os jatos me massagearem. Não me lembro quando foi a última vez que me senti tão relaxada. Faz anos que não me sinto tão à vontade. Tomar um longo banho de banheira costumava ser uma das minhas coisas favoritas, mas não tenho sido capaz de tomar um em anos. Não desde que me mudei da casa do meu pai.

Passo as mãos nos seios e desço pela barriga, aproveitando a sensação suave de estar debaixo d'água. Nunca fui uma pessoa muito sexual. Claro, já me toquei algumas vezes, e depois de algumas tentativas em geral posso gozar. Mas o sexo nunca me atraiu muito. Em parte, porque nunca tive tempo para namorar, e sexo casual não é minha praia. Nunca tive a oportunidade de me aproximar o suficiente de alguém para *querer* a pessoa. A única vez que fiz sexo não foi nada memorável.

Mas, ontem… foi a primeira vez que me perguntei o que eu estava perdendo. Nunca gozei tanto sozinha do jeito que gozei com Alexander.

Acaricio de leve o clitóris com os dedos, me provocando. Arrasto um dedo na pele, me lembrando da maneira como Alexander me tocou. O jeito como ele olhou para mim com os olhos cheios de desejo, apesar da raiva. Mexo os dedos da mesma maneira, repetindo a cena na minha cabeça. Coloco um dedo e circulo meu clitóris com o outro, imitando os movimentos dele. Estou respirando com dificuldade e gemendo, perdendo rapidamente o controle do meu corpo e do meu desejo. Na minha mente, estou tocando no corpo de Alexander enquanto ele me toca e beija. Sei que estou a segundos de gozar, mas estou gostando tanto, não quero que acabe.

— Elena?

Afasto os dedos e me sento alarmada, esquecendo de cobrir os seios e os expondo acima da água. Alexander está em frente à banheira, a virilha ao nível dos olhos. Posso ver com perfeição o contorno da ereção, e congelo.

16

Alexander

Entro no quarto e paro, fechando a porta atrás de mim com cuidado. São os jatos da banheira? Quanto mais perto me aproximo, mais claro fica o som. Ando até a banheira e vejo a cabeça de Elena, o cabelo escuro comprido pendurado na borda, a cabeça inclinada para trás. Ela parece tão sedutora.

Estou prestes a chamar seu nome quando ela geme e move os ombros de leve. Ela está se tocando na minha banheira? Eu me aproximo e observo seu rosto ao se dar prazer, os olhos fechados.

Ela decerto não me ouviu entrar por cima do som dos jatos, e eu aproveito o momento para observá-la. Ela parece linda, o corpo balançando um pouco, como se estivesse montada na própria mão. Queria que as bolhas não atrapalhassem para poder ver seu corpo. Só o som dela me faz ficar duro, e não posso deixar de imaginar como será quando finalmente tiver a minha pequena esposa. Seu corpo é tudo em que consigo pensar desde que pus os dedos dentro dela, e preciso de mais. Mais *dela*.

— Elena? — digo, a minha boca se mexendo por vontade própria.

Ela se senta alarmada, os seios se erguendo acima das bolhas. *Porra*. Ela é linda. Seios perfeitos, provavelmente maiores que minhas mãos. Sentada na banheira, não percebe o quanto está expondo. Os olhos dela estão nas minhas calças, e percebo tarde demais que minha ereção está bem à sua frente.

— O que você está fazendo? — pergunto, e fico maravilhado com a minha capacidade de manter o tom leve, quando tudo o que quero fazer é tirá-la da banheira e terminar o que ela começou.

Suas bochechas ficam vermelhas e brilhantes, a cor se estendendo até o busto. Ela parece tão envergonhada, as barreiras abaixadas, erradicadas pela

vergonha que está experimentando. Ela está deslumbrante, e tão inocente.

Afasto os olhos e apanho uma toalha.

— Venha aqui.

Os olhos de Elena se arregalam e eu sorrio para ela.

— Venha aqui, *esposa* — repito.

Ela respira com dificuldade, e quando o olhar dela encontra o meu, reconheço a luxúria naqueles olhos lindos. Luxúria, mas também aborrecimento. Elena não gosta de receber ordens, e eu adoro dar ordens, mesmo que seja só para ver os olhos dela brilharem assim.

— Preciso lembrá-la de que vendeu o corpo para mim?

Elena se levanta devagar. A água desliza por sua pele e eu fico sem fôlego. Aperto o maxilar na tentativa de ficar no controle, para me impedir de levantar minha esposa nos braços e levá-la para a cama.

Ela está diante de mim, nua, os olhos brilhando com um desafio não dito, e eu sorrio para ela.

— Linda — murmuro, a mão deslizando pelo braço dela e ao redor da nuca, meu polegar na garganta. O pulso está acelerado, a respiração difícil. Será que ela percebe que o corpo a trai?

Eu me inclino e seus olhos se fecham quando meus lábios caem nos dela. Diminuo a distância entre nós e, desta vez, a beijo devagar, aproveitando para apreciar seus lábios deliciosos. Elena geme como se quisesse mais, e eu sorrio nos lábios dela. Ela finge resistir a mim, mas assim que a toco, o corpo a desobedece.

Minhas mãos percorrem seu corpo, a pele escorregadia e molhada nos meus dedos. Elena estremece um pouco e eu me afasto dela. Pego a toalha descartada e a enrolo ao seu redor.

Ela parece decepcionada, e eu sorrio ao segurar sua bochecha, meu polegar acariciando seus lábios.

— Querida, temos a noite toda, e é na minha cama que quero você.

Seus olhos caem para a minha camisa molhada e ela toca as manchas úmidas com os dedos. Seu toque me incendeia de uma forma que não experimento há anos, se é que já experimentei. Agarro a mão dela para mantê-la no lugar e Elena pressiona a palma no meu peito. A maneira como olha para mim me deixa louco.

— Foi… foi assim que você olhou para mim no Inferno — murmuro. —

Aquele olhar tem assombrado meus sonhos desde aquela noite.

Elena cora e eu sorrio.

— Me diga no que está pensando. Você me quer, Elena? A maneira como olha para mim me faz pensar que está se perguntando o que há por baixo desta camisa.

Elena sorri, mas parece um pouco nervosa.

— Eu… bem — sussurra. — Sim — ela diz. — Sim, estou me perguntando exatamente isso, e pretendo descobrir, Alexander.

17

Alexander

Elena me encara, as palmas pressionadas no meu peito, um rubor colorindo seu belo rosto.

— Abra — digo, colocando seus dedos nos botões da camisa. Elena morde o lábio, um olhar provocador nos olhos. Por um segundo, acho que ela vai me desobedecer, mas depois faz o que mandei.

Eu a observo à medida que mais e mais do meu peito aparece. Sua respiração acelera e as mãos se movem ansiosas no meu corpo, revelando a luxúria que sente. Ela odeia o quanto me quer, e estou adorando cada segundo.

Elena engole em seco quando minha camisa se abre. Não posso deixar de sorrir. Tudo nela é tão genuíno, cada reação, cada emoção exibida em seu olhar.

Eu a levanto nos braços e ela suspira, os braços de volta ao meu pescoço. Eu a carrego para a cama e a deito com cuidado.

Ela olha para mim e pega os lençóis, cobrindo-se o melhor que pode. Suas ações traem o nervosismo por trás de sua bravata, e me esforço para não rir. Estou tentado a afastar os lençóis para poder vê-la deitada na cama, sua pele pálida em contraste com os lençóis escuros. Mas a deixo fazer o que quer… por enquanto.

Os olhos de Elena estão colados nas minhas mãos e demoro para tirar a camisa social. Quando cai no chão, ela morde o lábio. Seu olhar vagueia pelo meu peito e, sem pressa, ela admira meu abdômen, sem mais tentar esconder o desejo.

Sorrio quando os olhos dela seguem minhas mãos até a calça. Brinco com o botão, apreciando a impaciência em seus olhos.

— Venha aqui — digo a ela.

Ela hesita por uma fração de segundo antes de obedecer. Quando fica de joelhos, os lençóis caem. Sua beleza me arranca o fôlego — o corpo é pura perfeição, e essa mulher, essa linda mulher, é minha.

Pego suas mãos e as coloco no meu zíper, apreciando a maneira como seus olhos se arregalam quando ela sente como estou duro.

— Você sabe o que fazer.

Elena me encara e abre o zíper da minha calça. Ela sorri quando coloca as mãos nos meus quadris, abaixando a calça com cuidado, arrastando minha cueca também. Sorrio com sua impaciência e lhe enfio a mão no cabelo, puxando-a para mais perto assim que minhas roupas caem no chão.

Os olhos de Elena se fecham quando meus lábios encontram os dela e eu aperto mais o seu cabelo, beijando-a com mais força, mais fundo. Ela geme nos meus lábios e eu me inclino para ela. Ela cai na cama, o cabelo espalhado por toda parte, o corpo exposto para mim.

Sorrio ao me inclinar sobre ela. Elena levanta a mão para meu rosto, os dedos roçando minha bochecha. A maneira como olha para mim… é luxúria e desprezo, tudo misturado. Aqueles olhos… me fazem sentir coisas que não devia.

Abaixo meu corpo sobre o dela e me apoio nos antebraços, parando um momento apenas para olhar minha *esposa*.

— Deste dia em diante, Elena. Deste dia em diante, você é minha.

Ela fica tensa, a mão passando pelo meu cabelo. Mesmo agora, com o corpo pressionado no meu, ela luta contra o desejo.

— Diga.

Elena aperta mais meu cabelo, seu olhar inabalável, um sorriso nos lábios.

— Meu *corpo* é seu, Alexander Kennedy. Todo seu.

Eu encosto minha testa na dela e sorrio.

— Isso é suficiente por enquanto — sussurro, meus lábios caindo em seu pescoço. Eu a beijo de leve, provocando um gemido. Terei tudo dela mais cedo ou mais tarde.

Eu desço, deixando um rastro de beijos em sua pele. Elena fica tensa quando me inclino para colocar o mamilo escuro e duro na boca. A maneira como ela move o corpo por baixo do meu me deixa louco. Ela está tão ansiosa,

tão sensível.

Elena prende a perna no meu quadril quando me abaixo, e eu sorrio antes de dar-lhe um beijo na barriga.

— Alexander — ela geme, as mãos emaranhadas no meu cabelo, o olhar aquecido.

— Me diga o que você quer, Elena.

— Você. Só você — ela sussurra.

Volto para cima, deitado ao lado dela, me apoiando no cotovelo para poder olhar para ela. Ela me encara nos olhos enquanto a minha mão percorre seu corpo, provocando-a. Acaricio sua coxa e ela se contorce. Eu sei o que ela quer, mas estou adorando seus suspiros. Adoro a forma como ela implora por mais com os olhos.

Traço meu dedo indicador na vagina molhada e Elena geme, uma música para meus ouvidos.

— Tão molhada, querida. Você me quer tanto assim, hein?

Elena olha para mim através dos cílios, o desejo à mostra.

Enfio um dedo nela e outro gemido seu escapa dos lábios, os olhos se fechando.

— Não — digo a ela. — Nada disso. Olhe para mim, Elena.

Os olhos dela se abrem e ela olha para mim, os lábios ligeiramente entreabertos, as bochechas coradas. Ela é bonita demais.

— Boa garota — murmuro. — Você olha para mim quando está na cama comigo, ouviu?

Deslizo o polegar no clitóris e estimulo o ponto G, e a cabeça de Elena levanta em êxtase.

— Sim — ela geme.

Eu a mantenho bem no limite, apreciando o olhar suplicante nos seus olhos. A maneira como ela olha para mim… caralho.

— Você quer gozar pra mim, Elena?

Ela acena com a cabeça e agarra meu cabelo.

— Por favor, Alexander.

Sorrio e dou o que ela quer, empurrando-a para o limite, os olhos dela nos meus e o meu nome nos lábios. Possessividade diferente de qualquer coisa que já senti me oprime e eu rolo sobre ela, separando suas pernas ainda mais

com meu joelho.

— Eu disse, Elena. De agora em diante, meu nome é o *único* que você sempre terá em seus lábios.

Ela acena com a cabeça e agarra meu cabelo, me puxando para mais perto enquanto eu a penetro devagar, sua buceta meu novo vício.

— Porra — digo, sem fôlego. Olho nos olhos dela enquanto me afundo para dentro. Elena geme debaixo de mim, lutando para se ajustar ao meu tamanho. Ela me puxa para um beijo, com os braços à minha volta.

— Alexander — ela sussurra e meus lábios encontram os dela. Beijo-a devagar e demorado. Ela geme na minha boca e relaxa debaixo de mim, e eu me afasto, quase todo o caminho para fora dela.

— Essa buceta é minha, entendeu?

— Entendi — ela diz, e repito a estocada, um gemido alto lhe escapando dos lábios. Ela puxa o meu cabelo com uma das mãos, enquanto a outra deixa marcas de arranhões nas minhas costas. Ela ofega meu nome, seus olhos nos meus. A maneira como ela soa… *porra*.

Eu me levanto nos meus antebraços e abaixo os lábios para os dela. Suas unhas raspam o meu couro cabeludo enquanto ela me puxa para mais perto, diminuindo a distância, ansiosa por um beijo.

— Você é incrível, querida. Tão molhada, tão apertada.

Eu me afasto quase todo o caminho e penetro com força. Ela me leva ávida, e a forma como geme meu nome me deixa perto do orgasmo.

Ela me puxa de volta para um beijo, seus movimentos frenéticos. Ela agarra meu lábio inferior entre os dentes antes de me beijar, a língua emaranhada na minha. A maneira como me beija é tão sensual quanto ela. Fico sem fôlego quando me afasto e olho para ela.

Só a maneira como ela se move comigo me deixa perto do clímax. Nem me lembro da última vez que me senti tão desesperado, tão impetuoso.

— Mais — Elena geme, e eu dou o que ela pede, aumentando o ritmo.

— Ah, Deus — ela ofega, e eu levo os lábios aos dela, engolindo todos seus gemidos. Eu fodo minha esposa com força e sôfrega ela aguenta tudo.

Elena se contrai ao meu redor de repente, um orgasmo inesperado tomando conta dela, e eu perco o controle. Pressiono a testa contra a dela e sorrio enquanto espero Elena recuperar o fôlego.

— Isso foi incrível — ela sussurra.

Eu sorrio.

— Baby, apenas começamos.

18

Elena

Entro no novo quarto de hospital da minha mãe, se é que posso chamar de quarto. Estou em choque ao olhar ao redor. O cômodo em que ela está é enorme e luxuoso, parecido com um aposento de hotel em vez de um quarto de hospital, mas tem todos os equipamentos médicos que minha mãe poderia precisar.

Sabia que Alexander cuidaria bem dela, mas isso está além das minhas expectativas.

— Oi, mãe — sussurro, e me sento ao lado dela. Olho em volta, meu coração se enchendo de gratidão e felicidade. Ela ainda está aqui, ainda está viva. Tudo graças ao meu marido. É estranho pensar nele dessa forma, mas é isso que ele é agora. Meu marido. Agarro a mão da minha mãe e pressiono um beijo nela. — Senti sua falta.

Parte de mim ainda espera que um dia ela sorria e me diga que também sentiu minha falta. Está ficando mais difícil lembrar o som de sua voz, de seu riso.

— Há algo que preciso lhe dizer — digo, com cuidado.

Ao longo dos anos eu sempre falei com ela do jeito que faria se estivesse acordada, porque parte de mim acredita de verdade que ela pode me ouvir, que nossas conversas ajudam.

— Eu… me casei. Eu me casei com Alexander Kennedy, lembra dele? É o filho de Sofia. Lembra da sua amiga Sofia? Vou trazê-la para vê-la em breve. Alexander… te trouxe para a instalação privada dos Kennedy, e você pode receber visitas agora. Não há nenhuma regra aqui sobre apenas família vindo vê-la. Acho que pode ser bom para você ver Sofia de novo, não acha?

Sorrio para ela, me sentindo ansiosa. Não quero que ela descubra que casei com Alexander por causa dela. Ela ficaria com o coração partido se soubesse que fiz isso por ela.

— Eu sei que soa um pouco repentino, mas não foi. Ele é muito bom para mim. Passaram-se alguns anos quando eu e Alexander nos encontramos de novo, e ele nem me reconheceu, sabe? Mas havia faíscas, mãe. As coisas se moveram um pouco rápido entre nós, eu sei… mas estou feliz. Ele mudou muito desde a última vez que você o viu, e eu me pergunto o que você vai pensar dele.

A porta se abre atrás de mim, e eu olho para cima surpresa.

— Achei que a encontraria aqui — Lucian diz.

Eu me levanto quando ele se aproxima de mim, os olhos na minha mãe.

— Oi, Sarah — ele diz, soprando um beijo para minha mãe. Eu sorrio, meu coração aquecendo com o gesto. Adoro que ele não a tenha ignorado.

— O que você está fazendo aqui?

O sorriso desaparece, e ele suspira.

— Preciso falar com você.

Eu olho para minha mãe e aceno, levando-o para fora do quarto, a porta fechando atrás de nós.

— Eu sei como é meu irmão, Elena — ele diz — e sei como você é. Ele com certeza a fez se casar com ele por culpa, e você deve ter achado que devia a ele e concordou.

Lucian parece magoado e hesita antes de continuar.

— Você não nos deve nada. Acha mesmo que minha mãe não ajudaria uma de suas amigas mais antigas? Não importa quantos anos se passaram, ou o quanto poderíamos ter nos separado, sua mãe e a minha eram amigas de infância, assim como nós. Estaremos lá para você incondicionalmente.

Embora suas palavras soem verdadeiras, não posso deixar de me sentir culpada. Lucian passa a mão pelo cabelo e suspira.

— Eu sei como você é. Sei que vai se sentir em dívida conosco, e vai querer nos pagar de alguma forma. Tenho certeza que meu irmão a convenceu de que o casamento é a melhor maneira de fazer isso, mas garanto que não é. O divórcio não é uma opção em nossa família. Você estaria literalmente trocando sua vida por um dinheiro que nem vamos sentir falta. Não é uma troca justa.

Sorrio para ele, grata por sua atenção.

— Sei que está preocupado comigo, e eu te amo por isso. Mas sei o que

estou fazendo, Luce — digo, o antigo apelido escapando dos meus lábios. — Embora a quantidade de dinheiro de que estamos falando possa não significar muito para você, é a diferença entre a vida e a morte para minha mãe, e a diferença entre ficar sem-teto ou não para mim. Tudo o que Alexander pediu em troca é que eu me case com ele.

Lucian balança a cabeça com tristeza.

— Você não entende, princesa. Meu irmão… ele não é quem costumava ser. Você não será feliz casada com ele. Eu sei como é seu coração, e meu irmão vai destruí-lo. Se acha que precisa se casar com a família para nos pagar, então case comigo.

— Luce, como você disse, divórcio não é uma opção na sua família. Você e eu nunca poderíamos ficar juntos. Sabe que nunca daria certo. Você quer mesmo prender nós dois em tal casamento? Acabaríamos nos ressentindo um com o outro. Além disso… É tarde demais. Eu e Alexander… nós assinamos os papéis.

O olhar de Lucian parte meu coração. Ele parece tão dividido, e sei que ele gostaria que as coisas fossem diferentes entre nós.

— Por quê? Por que você se algemaria a ele? Eu lhe daria liberdade, Elena. Eu lhe apoiaria cem por cento com o que quer que faça. Cuidaria de você e da sua mãe, e lhe daria a liberdade de amar quem você escolher.

Balanço a cabeça.

— Está ouvindo o que está dizendo, Luce? Seríamos infelizes juntos. Se não fosse isso, estaríamos no máximo um pouco contentes. Destruiria o que sobrou da nossa amizade. O que acha que fará com sua mãe? E quanto às crianças e intimidade? Você pode mesmo se ver dormindo comigo?

Lucian olha para o lado e ficamos em silêncio.

— Não acredito que você se casou sem ter tempo para pensar, princesa. Sei que não vê isso como uma solução sustentável, mas eu teria ficado mais do que feliz em lhe dar um empréstimo sem juros.

Suspiro e balanço a cabeça.

— Luce — digo, a voz suave. — Já está feito. Não há razão para lamentar. Eu fiz a minha escolha e vou viver com ela.

As palavras de Lucian me fazem duvidar de mim mesma. Eu me apressei quando escolhi me casar com Alexander? Devia ter passado mais tempo considerando quais seriam as consequências? Talvez eu devesse ter pego um empréstimo de Lucian. Sou sincera o suficiente comigo mesma para admitir que

parte de mim concordar em se casar com Alexander vem do desejo que sempre senti por ele. Mas minha paixão infantil me levará a desperdiçar minha vida em um casamento sem amor?

19

Elena

Deito na cama sozinha, sem conseguir dormir. Nem sei que horas Alexander chegará em casa.

Fora do quarto não conversamos — não há mensagens, nem telefonemas. Não faço ideia de como são os dias dele.

Mesmo agora que estou casada, durmo sozinha quase todas as noites. Meu coração dói quando penso em tudo o que eu queria da vida. Uma família feliz que não seria nada como minha própria família. Crianças que seriam amadas sem igual. Um marido que me adorasse.

Salvei a vida da minha mãe, mas em troca desisti da minha. Não tenho arrependimentos. Se pudesse escolher outra vez, faria tudo de novo, mas isso não significa que não lamente os sonhos dos quais estou desistindo. Não significa que não me pergunto o que posso estar perdendo.

Eu me viro na cama, meus olhos caindo para o travesseiro de Alexander. Como é possível ficar triste por algo que nunca tive?

A porta se abre e eu me sento, surpresa, os lençóis caindo na cintura. Alexander nem me nota quando entra, os olhos no telefone.

Saio da cama e ando em sua direção. Ele olha para cima e para, os olhos vagando sobre meu corpo.

— Alexander, você está em casa.

Ele acena e dá um passo mais perto de mim, diminuindo a distância entre nós. Ele ajeita meu cabelo atrás da orelha, uma expressão ilegível no seu rosto.

— Você ainda está acordada.

Concordo.

— Não conseguia dormir.

Estamos casados há uma semana, mas mal passamos tempo juntos. Alexander chega em casa depois que eu durmo, e acorda antes de mim.

— Como foi o seu dia? — pergunto.

Ele franze a testa.

— Longo.

Concordo.

— Você parece cansado.

Ele passa a mão pelo cabelo e suspira.

— Estou. Meu primo, Dylan, é inútil. Estou sempre fazendo o dobro do trabalho que deveria. Estou cansado de limpar a bagunça dele.

Ele tira a gravata e respira fundo.

— Hum — digo, tentando pensar em uma maneira de aliviar seu humor. Ele e eu ficaremos juntos pelo resto de nossas vidas, e tivemos um começo difícil, para dizer o mínimo. Não faz mal ser legal, ser educada. — Diga três coisas boas que aconteceram com você hoje.

Alexander olha para mim, sua expressão me fazendo congelar.

— Elena, o que é isso?

Eu pisco, surpresa.

— Eu… o que você quer dizer?

— Por que essa conversa fiada?

Mordo o lábio, de repente irritada.

— Só estou tentando animá-lo. Você parece estressado.

Ele meneia a cabeça.

— Não concordamos que você não ia interferir na minha vida privada? Este não é um casamento de verdade, Elena.

Meu coração aperta mesmo quando minha raiva aumenta.

— Você não tinha nenhum problema comigo fazendo essa pergunta no Inferno.

Ele se aproxima e enfia a mão no meu cabelo, o rosto perto do meu.

— Eu não sabia quem você era no Inferno. Naquela época você era apenas uma garota bonita que me chamou a atenção. Eu não sabia que você era a irmã de *Matthew* — ele diz com a voz baixa. — Agora? Você me pertence. Eu

disse um dia antes de se casar comigo que você estaria se vendendo para mim do jeito que faria no Vaughn’s, não é?

Aceno, meu coração acelerado, nervosismo correndo no corpo. Eu sei no que estava me metendo, mas por tolice esperava que pudéssemos desfrutar da companhia um do outro como fizemos no Inferno.

— Não é sua mente que você estava vendendo no Vaughn’s, Elena. Era seu corpo. É tudo que quero de você.

Ele toca as alças da minha camisola com os dedos, e meu coração acelera.

— Você quer me animar?

Eu olho para ele, mas tudo o que consigo é fazê-lo sorrir. Alexander empurra as alças dos meus ombros e se inclina quando a camisola cai no chão, seus lábios roçando nos meus uma, duas vezes, antes que ele enfim tome meus lábios. A mão dele envolve minha cintura e ele me puxa para perto. Ele me beija, sem se apressar, até que eu, por fim, derreto nele. Um gemido suave e involuntário escapa dos meus lábios e eu subo até a ponta dos pés, aprofundando o beijo.

Quando ele se afasta, nós dois estamos respirando com dificuldade. Ele pega minhas mãos e as coloca no peito, seus olhos nos meus.

Obedeço a sua ordem silenciosa e lhe desabotoo a camisa, minha excitação aumentando a cada botão aberto. A camisa se abre e eu toco seu abdômen, apreciando a forma como ele fica tenso debaixo do meu toque. Ele acha que tem tanto poder sobre mim, mas anseia pelo meu toque tanto quanto eu.

Alexander sorri e me levanta nos braços, me levando de volta para a cama como se eu não pesasse nada. Ele me deita de leve, seus olhos no meu quando ele termina de se despir. Ele está me observando, desfrutando do desejo que não me preocupo em esconder.

Ele se inclina, com os dedos enganchados na calcinha.

— Para cima — ele ordena, e eu levanto os quadris enquanto ele a tira. Alexander sorri para mim ao levantar o tecido de renda até o rosto, respirando fundo.

— Delicioso, Elena.

Ele deixa minha calcinha cair no chão e se junta a mim na cama, segurando-se acima de mim. Ele abaixa os lábios nos meus e eu enfio a mão no cabelo dele, puxando-o para mais perto. Ele sorri enquanto se abaixa sobre mim, seu corpo alinhado ao meu.

Um pequeno gemido escapa dos meus lábios quando ele me beija, e eu puxo o cabelo dele, querendo mais. Alexander ri e move os lábios para meu pescoço, me beijando em lugares que eu nem sabia que eram sensíveis.

Ele acaricia o interior da minha coxa, me provocando, e eu solto um gemido quando ele finalmente me toca onde quero.

— Tão molhada e escorregadia — diz, retirando os dedos. Ele sorri para mim enquanto os leva até os lábios, me degustando. — Eu sabia que você era tão deliciosa quanto o cheiro.

Eu enrosco a perna em seu quadril, querendo mais, o querendo mais perto, e ele sorri.

— Tanta fome pelo meu pau, baby. Se alguém te visse agora, pensaria que mato você de fome.

Ele se alinha e empurra um pouco, me fazendo choramingar.

— Alexander — sussurro. Arqueio os quadris, tentando levá-lo mais fundo, e ele sorri de novo.

Ele me penetra devagar, centímetro a centímetro, sem pressa. Solto um gemido de prazer quando ele enfim está dentro de mim e deixa cair a testa na minha.

Ele me fode sem pressa, as estocadas profundas me enlouquecendo, e ele percebe. Eu puxo seu cabelo e ele ri, agarra minhas mãos e as prende acima da minha cabeça.

— Ninguém nunca lhe disse que paciência é uma virtude, baby?

Ele recua quase todo o caminho e dá outra estocada, prendendo meus pulsos com seu peso.

— Paciência é superestimada — digo, e ele sorri.

— Parece que vou precisar lhe ensinar uma lição.

Ele diminui ainda mais o ritmo, provocando-me a cada estocada.

— Você pode gozar para mim assim, baby? Vamos descobrir.

Ele penetra devagar, estimulando algo dentro de mim a cada invasão. Sinto a pressão, e estou impaciente por mais.

— Por favor, pare de me provocar — digo sem fôlego, a voz rouca.

Ele olha nos meus olhos e sorri enquanto continua a me provocar.

— Você é louca pelo meu pau, não é? Olhe para você. Olhe como está desesperada para gozar nele.

Engulo com força, me esforçando ao máximo para segurar, mas posso sentir meu controle acabando.

— Goze pra mim, Elena.

Ele sai quase todo o caminho e me penetra com força, me levando ao limite.

— Ah, Deus — digo, sem fôlego, prazer me invadindo, onda após onda. Meus músculos se contraem ao redor dele várias vezes, e sua testa volta a cair na minha.

— Boa garota — sussurra. Ele aumenta o ritmo, me penetrando forte e rápido, os olhos no meus quando goza.

Ele cai em cima de mim e nos vira, então estou deitada em seus braços, nós dois ofegantes. Ele enrola os braços ao meu redor, me segurando com força.

Escuto seus batimentos cardíacos enquanto o meu aos poucos volta ao normal. Meus olhos começam a se sentir pesados e minha respiração se iguala. Pouco antes de dormir, o escuto falar, a voz um mero sussurro.

— Uma nova aquisição, o sol da janela do meu escritório, e ter você na minha cama.

20

Elena

— Posso ver? — Sofia diz.

Levanto a mão animada, admirando minhas unhas.

— Fizeram um ótimo trabalho — ela diz, e eu concordo. Nem me lembro da última vez que fui tão mimada. Sofia organizou um dia inteiro de spa para nós duas. Fizemos massagens, cabelo e unhas. Tem sido muito agradável, mas, além de tudo, senti falta disso — da sensação de passar um dia inteiro com uma figura materna. Não há nada parecido.

— Obrigada — digo.

Ela sorri e balança a cabeça, a mão na minha.

— Querida, você é minha nora agora. É meu trabalho mimá-la.

Ela coloca meu cabelo atrás da orelha, um sorriso enorme no rosto. Notei que, na maioria das vezes em casa, ela parece perdida em pensamentos, carregando uma expressão triste. Hoje não. Ela gostou tanto de hoje quanto eu.

— Alec explicou que vocês vão encenar o relacionamento para meu pai e a imprensa? Sabe que não vai ser fácil, né?

Aceno, nervosa.

— Eu sei — murmuro. — Mas não temos outra escolha. Ele e eu… ficamos juntos de repente. Alexander está preocupado que o avô não acredite.

Sofia acena.

— Ele não está errado. Amo meu pai, mas ele é astuto. Melhor ter cuidado. Se ele suspeitar que vocês não estão apaixonados, vai dar a posição de presidente para o primo de Alec. Alec trabalhou muito para isso acontecer.

Eu aceno, pensativa.

— Não se preocupe — digo a ela. — Vamos ficar bem.

Sofia sorri para mim, os olhos brilhando.

— Sim, acho que vão.

Nosso guarda-costas abre a porta do restaurante e Sofia suspira quando entramos.

— Odeio esses almoços de caridade — ela diz. — Eu prefiro apenas doar algum dinheiro e sair. Mas, por infelicidade, precisamos mostrar nossos rostos. Acho que é uma boa oportunidade para você se familiarizar de novo com algumas das pessoas com quem perdeu contato. As conexões são o ativo mais valioso dos Kennedy, e você precisará começar a fazer algumas.

Aceno para ela, nervosa. Sofia sorri para mim de um jeito reconfortante e agarra minha mão, apertando firme.

— Estou aqui — ela diz. — Você não está mais sozinha, Elena.

Eu me sento ao lado de Sofia, me sentindo deslocada. Há uma loira que nunca vi antes sentada ao meu lado e eu sorrio para ela, tentando ao máximo transmitir confiança, mas falhando.

Ela sorri e levanta a mão. O gesto é tão diferente dos beijos soprados a que estou acostumada que fico surpresa, mas da melhor maneira.

— Emilia — ela diz, o sorriso genuíno e amigável, diferente da maioria dos outros nesses círculos.

Aperto a mão dela e aceno de modo educado.

— Elena.

Sofia sorri e se inclina.

— Emilia é a esposa de Carter Clarke. Eles não moram aqui, mas quando Emilia está na cidade, na maioria das vezes ela se junta a nós para almoçar. Emilia e Carter fundaram diversas organizações de caridade, e Emilia está sempre tentando fazer a diferença. Acho que você vai gostar de verdade dela.

Emilia pisca para mim.

— Carter é o cara da Fintech — ela diz, referindo-se ao marido.

Eu olho para ela com olhos arregalados.

— Ah! Há pouco tempo a empresa dele se ramificou em pesquisa médica, e as descobertas foram surpreendentes. Pesquisei sobre a empresa para minha mãe, mas eu…

Meu coração aperta. Não havia como eu entrar em contato com Carter Clarke, muito menos ter acesso à sua tecnologia.

Emilia me encara, o olhar avaliativo, e depois sorri. Ela pega a bolsa e desliza um cartão para mim.

— Esta é a linha particular do meu marido. Ligue para ele e diga que eu te orientei a entrar em contato. O que precisar, ele vai conseguir para você.

Eu olho para o cartão, esperança enchendo meu coração. Alexander já está tentando trazer alguns dos melhores médicos do mundo, mas isso pode ajudar também. Isso pode ajudar minha mãe. Seguro o cartão com firmeza, meu coração acelerado.

De repente, o cômodo fica silencioso e eu olho para cima, surpresa ao encontrar Jennifer na entrada. Ela franze a testa quando me vê sentada aqui e caminha na nossa direção, tensa quando percebe que Sofia está sentada ao meu lado. Todos de uma vez começam a parabenizar Jennifer pelo noivado, e ela fica corada.

— Ah — ela diz. — Estávamos tentando manter em segredo.

Por pouco evito não revirar os olhos. Pelo que sei, ela tem dito a todo mundo.

Fico sentada quando ela responde perguntas do casamento e sobre como a vida de casado pode ser. Ela olha para Sofia e sorri.

— Ninguém sabe mais sobre casamentos felizes do que Sofia Kennedy — ela diz, acenando para minha sogra. — Conte, como você fica feliz depois de tantos anos? Faz o quê? Mais de trinta anos?

Sofia fica tensa, e Jennifer não lhe dá a chance de responder.

— Isso me faz lembrar, onde está mesmo o sr. Kennedy? Outra viagem de negócios?

A sala fica em silêncio e meu coração dói por Sofia. Eu já suspeitava disso, mas tendo estado longe de todos por tanto tempo, não tinha certeza. Parece que a traição do sr. Kennedy é um segredo público.

— Esqueça o casamento. Quero ouvir mais sobre o noivado. Sabe, meu irmão nunca me disse como vocês se conheceram. Conta tudo. Quando você se apaixonou pelo meu irmão? — digo, sabendo muito bem que ela traiu Alexander, e todos sabem disso também.

Jennifer fica corada, os olhos cintilando de raiva. Ela começa a responder, mas eu me viro, sem o menor interesse na história.

Sofia pega minha mão debaixo da mesa e aperta em gratidão. Quando olho para ela, a mesma expressão perdida com que me acostumei está de volta, e isso parte meu coração.

Ela sustenta o mesmo sorriso triste durante o resto do almoço, e quando saímos, está distraída e resignada. Caminhamos em silêncio, nosso guarda-costas logo atrás.

— Você é minha nora agora, Elena — ela diz. — Então é justo que saiba. Todos sabem. Só meus filhos acham que não estou ciente. Eles tentam me proteger da verdade da melhor maneira possível, mas não há como escapar disso.

Ela se senta em um dos bancos perto da estrada, e eu me sento ao lado.

— Eu me casei por amor, assim como sua mãe — ela diz. — Mas Anthony era diferente. Meu pai não aprovou, não no começo. Sabe, Anthony era de uma família muito pobre, e os pais eram divorciados. Duas coisas que meu pai desaprova.

Ela suspira e passa a mão pelo cabelo, arruinando o penteado perfeito.

— Mas eu estava apaixonada, então todos os argumentos do meu pai entraram por um ouvido e saíram pelo outro. Por fim, eu o convenci. Demorei quase um ano, mas meu pai permitiu que eu me casasse com Anthony, desde que ele tomasse o nome Kennedy, e nossos filhos também.

Ela respira com dificuldade, e eu tomo sua mão.

— Quando penso nisso, não me lembro de sermos felizes quando nos casamos. Anthony se sentiu emasculado e endividado, e se ressentia de mim. Nosso casamento foi ladeira abaixo bem rápido. O dinheiro, a pressão, o brilho e o glamour. Anthony se deleitou com tudo, mas nosso casamento sofreu por causa disso.

Seguro a mão dela, meu coração sentindo seu sofrimento.

— Então por que você não se divorcia?

Seu olhar me despedaça.

— Os Kennedy não se divorciam — ela diz. — Pedir divórcio significa ser deserdado. Mas, às vezes… às vezes me pergunto se seria melhor. Vejo o dano que testemunhar meu casamento fez a Alec. Ele se esforça tanto para me proteger, mas, ao fazê-lo, está se machucando. Os casos do pai dele e o que Jennifer fez… fez com que ele perdesse a fé no amor. Ele acha que não pode durar. Ele começou a vê-lo como uma fraqueza, e isso é em grande parte minha culpa.

Ela passa o polegar em uma lágrima que escorre pelo rosto, respirando com dificuldade e tentando se recompor.

Olhando para mim, ela sorri apesar das lágrimas.

— Elena, o coração do meu filho está quebrado, e tem estado por muito tempo. Talvez esteja danificado além do reparo, mas talvez, apenas talvez, precise do toque certo.

21

Alexander

Elena entra no bar onde pedi para ela me encontrar e eu me encosto, observando-a de longe. Ela usa um vestido vermelho que ao mesmo tempo parece sexy, mas perfeitamente apropriado. Ela sorri quando seus olhos encontram os meus, chamando a atenção para os lábios vermelhos.

Marquei o encontro com Elena para que possamos começar a criar o boato sobre nós. Tenho certeza de que alguém vai tentar tirar uma foto nossa, então eu disse a ela para se vestir bem. Mas não esperava que estivesse tão bonita.

Estamos casados há duas semanas e entramos em uma espécie de rotina. Estava preocupado que ela fosse carente, que me prometesse uma coisa e exigisse outra, mas não foi o caso. Ela ficou fora do meu caminho sem eu precisar lembrá-la de suas promessas, e tem feito companhia à minha mãe quando não posso estar por perto. Tem sido a nora perfeita e uma esposa ainda melhor, abrindo aquelas lindas pernas compridas para mim sem reclamar, sem nenhum drama. Ela concordou em me dar o seu corpo, e foi o que fez, sem exigir meu tempo fora da cama.

Elena vem até mim, e não sou o único que a nota. Vejo como pelo menos cinco homens a seguem com os olhos, mas ela nem percebe. A maioria das mulheres que conheço se diverte com a atenção, mas não Elena. Ela olha para mim.

Eu me levanto quando ela chega à mesa, meu braço ao seu redor assim que ela está ao alcance. Eu a puxo para perto, meus lábios encontrando os dela. Elena congela, assustada, mas logo se derrete no meu corpo, seus braços indo para meu pescoço. Não me afasto até que ela esteja sem fôlego, com o batom

manchado.

Ela me encara, nossos braços ainda enrolados um no outro, e eu sorrio. Adoro essa expressão afobada dela. Fazê-la corar tornou-se uma das minhas atividades favoritas.

— Oi — ela diz, soando um pouco sem ar.

— Oi.

Os lábios de Elena se aproximam de um sorriso e ela traz o polegar para os meus, limpando o batom que ela sem dúvida deixou.

— Vermelho fica bem em você.

Sorrio com o seu tom provocante.

— Fica. Você deve tentar deixá-lo no resto do meu corpo também.

Suas bochechas ficam vermelhas, e eu rio ao me afastar. Elena se senta, tensa quando percebe que todos os olhos estão em nós.

— Este é o melhor lugar para criar alguns rumores sobre nós. É o lugar para ver e ser visto. Aquele beijo foi o começo perfeito. — Ela acena, as bochechas com um toque de vermelho, e eu puxo minha cadeira para mais perto dela. — Não vai demorar muito para começarem a fofocar.

Elena pede um cosmopolitan e eu me reclino com um uísque na mão.

— Você parece nervosa.

Ela olha para mim e balança a cabeça.

— Não… eu… talvez um pouco? Faz muito tempo desde que andei nesses círculos.

Eu me inclino e seguro o queixo dela entre meu polegar e o dedo indicador.

— Você vai precisar agir com naturalidade. Está fazendo o papel da minha namorada agora, e em breve será conhecida como minha esposa. Preciso de confiança, quase arrogância. Neste momento, você não é apenas minha *posse*, Elena. Durante esses nossos pequenos atos, você é igual a mim, a única pessoa que tem algum direito a mim. — Minhas palavras só a deixam mais nervosa, e sorrio ao me inclinar mais. — Me beije — ordeno.

Elena hesita, e então enfia a mão no meu cabelo, me puxando para perto. Os lábios dela encontram os meus e sua mão segura meu rosto. Ela me dá um beijo profundo, devagar, sua língua me fazendo pensar como seus lábios se sentirão enrolados no meu pau. Quando ela acabar comigo, estarei duro.

Elena sorri consciente quando se afasta e eu balanço a cabeça. Agarro a mão dela e coloco sobre minha protuberância, apreciando a forma como seus olhos se arregalam.

— Eu disse para me beijar, não para foder minha boca com a sua. Não me faça arrastá-la para o banheiro. Vou te colocar de joelhos e foder sua boca, deixar anéis do seu batom no meu pau. Vai ver como vermelho fica bem em mim.

Elena lambe os lábios e eu quase cedo à tentação aqui e agora.

— Era para ser uma ameaça, baby. Não pareça tão excitada.

Ela ri e se senta, afastando-se de mim com um olhar satisfeito. Elena Rousseau… é um enigma.

Eu me reclino, os olhos vagando sobre o lugar, me acomodando em uma garota que parece quase familiar. Não é uma das amigas de Jennifer? Olho para longe e tomo um gole da bebida, escondendo o sorriso atrás do copo.

— Ei, eu queria te agradecer — Elena diz, a voz suave.

Eu olho para ela com sobrancelhas erguidas.

— Sei que temos um acordo benéfico para ambos, mas mesmo assim eu… eu teria perdido minha mãe se não fosse por você. — Ela engole em seco, uma expressão angustiada no rosto. Elena pisca e força um sorriso. — Você salvou a vida dela, e a minha.

Arrumo seu cabelo atrás da orelha e balanço a cabeça.

— Não fiz isso. *Você* salvou a vida de sua mãe. Quanto à sua vida… Sua vida eu *comprei*.

Eu esperava que minhas palavras a ferissem, para lembrá-la que não estou fazendo nenhum favor, que ela está pagando um preço alto pela vida da mãe. Mas Elena apenas sorri, a expressão serena.

— Sim — ela diz. — Mas prefiro pertencer a você do que estar no Vaughn’s.

O pensamento me enfurece. Se eu tivesse entrado alguns minutos depois, quem sabe o que poderia ter acontecido com ela? John a teria feito tirar a roupa, colocaria as mãos no corpo dela. Quem sabe como ele poderia tê-la tocado, o que ele a teria feito fazer?

Seguro-a pela nuca, o polegar na garganta. Quase me afastei. Quando a vi ali, quando percebi que ela tinha me enganado, *porra*. Quase a deixei lá, e Vaughn teria deixado seus membros do clube usarem cada parte do corpo dela.

Por minha causa. Porque ele pensou que estaria me vingando.

— Você é minha agora, Elena. Ninguém toca em você além de mim.

Eu me aproximo e a beijo, seu lábio inferior preso entre os meus. Um suspiro suave lhe escapa quando me afasto, sua garganta se movendo sob meu polegar quando ela engole.

— Ninguém toca no que é meu, Elena. Ninguém vai se atrever a pensar em você, sonhar com você. Você pertence a *mim* agora, e eu não divido.

22

Alexander

Solto um grunhido quando desligo o computador. Este dia de trabalho demorou muito — são quase 22h. Quando por fim estou indo para casa, o celular vibra e eu o desbloqueio com um suspiro, assumindo que é mais trabalho. Em vez disso, vejo uma mensagem de texto da última pessoa que esperava.

> **Jen:** *Acho que cometi um erro, Alec. Sinto muito sua falta. Podemos conversar, por favor?*

Sem acreditar, olho para o celular, meu coração torcendo de dor. Como ela se atreve a me mandar uma mensagem depois de todo esse tempo? Ela está noiva de *Matthew Rousseau*. Ela vai se casar com ele no dia em que deveria se casar *comigo*. O que quer dizer com *sente minha falta*? Acho que rumores sobre Elena e eu chegaram aos ouvidos dela. Sei como Jennifer é — mesmo que ela não me queira, não vai querer que ninguém mais me tenha.

Aperto o celular, tristeza preenchendo meu coração. Ela me destruiu, e agora tem a ousadia de me mandar mensagens? O pior é que meu primeiro instinto é responder, perguntar se ela está bem. Se algo aconteceu. Se ela precisa de mim.

Mas não sou mais a pessoa que cumpre esse papel. Não sou quem ela escolheu.

Estou distraído e com raiva quando entro no quarto. Elena se senta na cama e eu congelo, me sentindo culpado de repente. Quando Jen me mandou a mensagem, por alguns segundos esqueci até que me casei.

Elena sorri para mim e meu coração aperta. Ela fica tão linda sentada na cama assim, os lençóis na cintura e a camisola sexy de seda à mostra.

— Oi, você está em casa — ela diz.

Aceno com a cabeça e forço um sorriso. Elena Rousseau… Casei com a irmã de Matthew por uma razão, então por que ainda não fiz uso dela? Por que ainda não a joguei na cara de Matthew e Jennifer? Parte de mim quer mantê-la escondida, mantê-la aqui na minha casa, onde ela está a salvo da imprensa, dos rumores, das pressões que enfrentará como minha esposa. Mas não consigo. Não me casei com ela para protegê-la. Me casei para poder usá-la. Usá-la como arma contra Matthew, como um escudo contra os termos do meu avô.

Meus olhos vagam sobre seu rosto. Ela é tão linda, e parece tão inocente. Mas ela sabia no que estava se metendo casando comigo. Nunca fiz promessas falsas.

Começo a desabotoar a camisa e paro quando sinto seu olhar. Elena me observa, um sorriso doce no rosto. Não há nenhum indício de crueldade naqueles olhos, apenas inocência. Ela podia saber no que estava se metendo, mas não teve muita escolha, e aposto que subestimou como seria difícil a vida como uma Kennedy — como minha esposa.

Suspiro e saio de vista para me despir antes de entrar no chuveiro. Pressiono o botão da cortina de água, me escondendo. A água cai sobre mim e eu me encosto na parede.

Se não tivesse me casado com Elena, o que eu teria feito? Estaria correndo para Jen agora? E se corresse, isso importaria? Passei meses sentindo falta dela e a odiando, a querendo. Agora que ela enfim estendeu a mão, não estou em posição de responder.

Fecho os olhos quando as memórias me atacam. Eu amava Jennifer com todo meu coração. Nunca acreditei em matrimônio, considerando como é o casamento dos meus pais. Não conheço um único casal feliz, e não queria fazer parte disso. Mas lá estava Jen. Ela era apenas uma das minhas funcionárias quando nos conhecemos, mas se tornou tudo para mim. Ela era diferente, via a vida de um jeito distinto, e me ensinou a desfrutar das pequenas coisas de uma maneira que eu nunca tinha feito antes. Ainda não sei se foi tudo uma farsa, se alguma coisa foi real.

Meu humor está arruinado quando saio do chuveiro. Mal consigo encarar Elena. Minha consciência está pesada esta noite. Tenho Elena na minha cama, mas é Jennifer que está na minha mente. Devia estar focado na minha esposa, mas tudo que consigo pensar é se Jen está bem.

A maneira como Elena olha para mim quando ando em direção à cama vestindo nada mais do que a cueca boxer por via de regra me deixaria duro, mas

hoje tudo o que faz é aumentar a culpa que sinto. A ideia de usá-la me faz sentir imundo. Eu me deito e pego o tablet, usando-o para fechar as cortinas e desligar as luzes principais.

— Isso é impressionante.

Sorrio de modo forçado, viro de lado e olho para ela, levantando a cabeça no cotovelo.

— Como foi o seu dia? — ela pergunta, a voz suave.

Eu me viro e olho para ela. Aquele sorriso, não importa o que aconteça, não importa o que eu diga… quase nunca vacila. Não achei que ela se atreveria a falar depois do jeito que a repreendi da primeira vez, mas ela age como se minha crueldade não a afetasse, como se a divertisse.

— Cansativo. E o seu?

Seu sorriso aumenta, e meu coração aperta.

— Fui ver minha mãe esta tarde. Não tive a chance de te dizer, mas o quarto é perfeito, a nova instalação é incrível.

Aceno.

— Fico feliz. Estou trazendo alguns médicos renomados que podem ser capazes de ajudá-la. Pelo visto, a esposa de Carter Clarke o convenceu a nos emprestar um dos médicos da empresa dele. Não quero que crie expectativas, mas farei o possível para ajudar na recuperação de sua mãe.

A maneira como ela sorri para mim, a confiança e a esperança em seus olhos, me dilacera. Quando se casou comigo, não teve escolha. Ela não está nisso por razões egoístas, se casou para salvar a vida da mãe. Posso mesmo usar alguém com motivações tão puras?

— Obrigada — ela diz, os olhos cheios de gratidão genuína.

Assinto.

— Elena, precisaremos encenar nossos primeiros encontros apropriados nas próximas semanas. Vamos retratar um relacionamento ardente e um noivado e casamento extravagantes. Está pronta?

Ela acena, a expressão ficando séria.

— Claro, Alexander.

— Vou levá-la para ver meu avô em breve. Agora ele já deve ter ouvido alguns rumores sobre nós, e deve ter ouvido que você foi vista com minha mãe em vários lugares, então saberá que estou falando sério sobre você. Não há muito que ele deixe escapar. Ele não gosta de ouvir sobre coisas relacionadas a

nós através da imprensa, então vou apresentá-la como minha namorada antes que nossas fotos cheguem aos tabloides. Ele adorava você quando era pequena, então há uma boa chance de ficar feliz.

Elena acena, a expressão séria. Odeio como tudo parece mecânico, mas nosso casamento é uma farsa, e sempre será. É melhor que Elena se acostume logo.

23

Alexander

— Está pronta? — pergunto, olhando para a roupa de Elena. Com um elegante vestido formal, ela se parece com uma executiva, uma Kennedy. — Você está linda.

Elena sorri para mim, mas o jeito com que continua tocando no vestido entrega o nervosismo. Ela me segue até o Aston Martin, as sobrancelhas erguidas.

— Você não disse que estávamos indo para a casa do seu avô? — ela pergunta, olhando ao redor. — Pensei que todos os Kennedy vivessem na mesma propriedade.

Sorrio e abro a porta para ela.

— Nós moramos, mas a propriedade Kennedy é enorme. Esta é apenas a mansão da minha mãe — digo, inclinando a cabeça em direção à nossa casa, grandiosa. — Meu avô construiu a propriedade para que cada um de seus irmãos e todos os filhos tivessem o próprio espaço. Na essência é um bairro privado inteiro, então, enquanto tudo isso ainda é propriedade particular, leva cerca de oito minutos para dirigir até a casa do meu avô. Não vamos andar até lá.

Ela olha em volta com admiração e balança a cabeça. Esqueci que a única mansão que ela conhece é a nossa.

— Se algum dia tivermos filhos, é provável que a gente se mude para nossa mansão. Como tradição, nos mudamos para uma nova propriedade quando casamos, mas não gosto da ideia de deixar minha mãe sozinha. Lucian não está em casa com frequência, e quando está prefere ficar no quarto. Minha mãe não fica bem quando permanece sozinha por longos períodos. — Ajeito o cabelo. — Ela fica depressiva algumas vezes, e isso me preocupa. Não importa o tamanho

da equipe ou quantas pessoas a cerquem, isso não evita a solidão que ela finge não sentir.

Elena acena, a expressão magoada.

— Eu entendo — ela diz. — Além disso, parece que temos nosso próprio apartamento dentro da mansão dela, se bem que tecnicamente temos. Sua mãe nem passa por aqui quando você está em casa, então não acho que mudar faria muita diferença. Gosto mesmo de jantar com ela sempre que você tem que trabalhar até tarde. Acho que sentiria falta disso.

Suspiro aliviado. Jen sempre insistiu em nos mudarmos. Ela queria uma mansão nossa; só ter um andar na residência da minha mãe nunca foi suficiente para ela.

Olho para Elena, meu coração agitado. Ela é uma mulher incrível, e aqui estou eu, dirigindo até a casa do meu avô para usá-la. Seguro o volante com mais força, me sentindo em conflito.

Meu avô olha para cima quando Elena e eu entramos, e eu respondo com um franzir da testa. Ajoelhado no chão, ele tem um grande vaso de plantas diante de si, as mãos cobertas de terra.

— Venha me ajudar com isso, Alec — ele vocifera.

Elena e eu caminhamos até ele e eu suspiro. Meu avô está sempre aprontando alguma coisa. Por que o velho não pode descansar de vez em quando?

— Vovô — digo —, esta é Elena Rousseau, minha namorada. Você já a conheceu antes, quando ela era bem mais jovem. Lembra dela?

Meu avô mal olha para Elena, o que me deixa tenso. Jennifer sempre odiou ser ignorada, mas Elena apenas sorri e fica de joelhos. Ela enfia as mãos no solo e ajuda meu avô a replantar as orquídeas.

— As folhas estão muito escuras — ela diz, um dedo traçando a borda da raiz. — Quando estão assim, significa que não estão recebendo luz solar suficiente. Orquídeas são um pouco temperamentais — acrescenta, rindo.

Meu avô para e olha para ela, surpreso. Ele olha para as mãos e roupas dela, manchadas de terra, e um sorriso levanta os cantos de sua boca. Aposto que ele não esperava que ela sujasse as mãos, e pensou que estaria preocupada com as roupas.

Elena nem percebe que está sendo testada. Dane-se o velho. Aposto que ele está nos esperando desde o segundo que entramos no carro.

— Você sabe sobre orquídeas?

Elena assente.

— São as favoritas da minha mãe. Nós costumávamos ter muitas na nossa casa.

Ela toca a borda das flores brancas, um sorriso triste no rosto. A saudade em seus olhos parte meu coração.

— Orquídeas são peculiares — ela diz. — Elas adoram o sol da manhã, mas querem ficar na sombra pelo resto do dia. Plantas temperamentais, estou dizendo.

Ela olha ao redor e aponta um canto da sala.

— Esse deve ser o lugar perfeito — ela diz ao meu avô. — Esse ângulo deve dar-lhes o sol da manhã que tanto amam, mas uma vez que o sol se move, devem ficar cobertas nas sombras.

Elena e eu ajudamos meu avô a mover o vaso para o canto que ela apontou, e meu avô sorri.

— Venha — ele diz a ela. — Vou te mostrar a estufa.

Resmungo em silêncio, mas Elena parece mesmo animada quando o segue.

— Ah, meu Deus — Elena diz, caminhando até as videiras na parede. — Melões?

Ela olha para o meu avô e balança a cabeça.

— Você com certeza gosta de um desafio, não é, sr. Kennedy? São tão difíceis de crescer!

Ele sorri para ela e inclina a cabeça para o resto das plantações.

— Pode me chamar de vovô — ele diz, e meus olhos se arregalam. Elena não faz ideia do que ele lhe ofereceu, e ela sorri sem noção. Todo mundo está sempre tentando ter acesso ao meu avô, e é notório que ele mantém todos à distância. *Vovô* é reservado apenas para os próprios netos, não para seus cônjuges, nem primos distantes.

Ele envolve o braço ao redor de Elena, mostrando a ela cada um dos vegetais, e meu coração quase para quando ele começa a fazer uma cesta para Elena levar para casa. A única que saiu desta estufa com qualquer um de seus bebês é minha mãe. Nem mesmo meus tios conseguiram, nem eu, e tentei muitas vezes.

— Ah, isso é incrível — Elena diz, os olhos brilhando de prazer. —

Posso imaginar como o gosto vai ser maravilhoso. Que tal eu fazer o almoço para você em breve, vovô?

Eu enrugo a testa. Meu avô não come nada que não seja feito por seu próprio cozinheiro. Ele nem vai a restaurantes. A única pessoa cuja comida ele come, além do cozinheiro, é da minha mãe.

— Eu adoraria — ele diz, e eu ergo as sobrancelhas. Não que ele note — toda a sua atenção está em Elena.

Eu trouxe Jennifer várias vezes, e em todas ele agiu como se ela não existisse. Será que é porque ela não era o tipo de pessoa que ele queria para mim? Por outro lado, ele deixou minha mãe se casar com meu pai.

Pego o telefone e abro as mensagens de Jen. Ela tem entrado em contato cada vez mais desde que rumores sobre Elena e eu começaram a se espalhar. Não consigo entendê-la. Ela me quer agora que acha que me perdeu? Ou percebeu que estar com Matthew não era tudo o que pensava que seria? Não faço ideia, e a cada dia fico mais tentado a respondê-la. Eu quero respostas.

— Me diga seus pratos favoritos — Elena diz. Ela e meu avô estão perdidos na conversa. Eu me afasto enquanto os dois discutem receitas e ingredientes. Não posso deixar de pensar em Jennifer. Ela consideraria se oferecer para cozinhar para meu avô? Eu nem me lembro dela se oferecendo para cozinhar para *mim*. Balanço a cabeça e paro de pensar nisso.

— Mal posso esperar — meu avô diz, o sorriso genuíno.

Elena olha para as mãos manchadas e desliza uma na outra, tentando limpá-las. Meu avô aponta a pia na parte de trás da estufa, e ela sai com um sorriso, prometendo voltar logo.

Cruzo os braços e miro meu avô. Eu esperava que ele parasse de fingir ser um velhinho doce assim que ela se afastasse, mas em vez disso ele continua sorrindo, os olhos cintilando.

— Ela é uma boa garota, Alec. Muito gentil. Estou velho, filho. Tenho idade para saber, para ver como ela é autêntica. É o tipo de pessoa que quero criando meus bisnetos. Você escolheu bem. Agora não estrague tudo. Se deixá-la escapar, vai se arrepender para o resto de sua vida.

Aceno, meu olhar seguindo em direção a Elena.

— Sim — digo a ele. — Eu sei.

24

Elena

Acordo com a cabeça no peito nu de Alexander e me aconchego mais. Com um braço dele ao meu redor, enterro o nariz em seu pescoço.

Sorrio com a lembrança da noite passada. Ele veio para a cama tarde, me acordando com inúmeros beijos na pele. O jeito que me tocou… é áspero e terno comigo ao mesmo tempo.

Na maioria dos dias ele já se levantou quando acordo, mas de vez em quando desperto em seus braços. Adoro esses momentos antes que ele acorde, momentos em que ele me abraça, quando me faz sentir querida. Esses momentos tornam nosso casamento mais suportável — me ajudam a esquecer que o que temos não é real.

— Seu cabelo faz cócegas.

Congelo em seus braços, meu corpo inteiro tenso. Eu me afasto dele, mas ele não me solta. Em vez disso, me aproxima. Eu pisco, virando a cabeça um pouco. Ele tem o telefone na mão, percorrendo os e-mails, a outra mão na minha cintura.

— Vamos jantar hoje à noite. Acho que é hora de começarmos a estampar notícias de primeira página.

Aceno, um pouco ansiosa com o pensamento. Eu e Alexander não nos vemos muito fora da cama e mal conversamos durante o dia. Sair com ele, não importa o quanto seja bem orquestrado, me deixa nervosa.

— Você precisa de um anel também. Me encontre no Shopping Kennedy mais tarde. É onde o joalheiro da família está localizado, e também podemos ir experimentar o novo restaurante com estrelas Michelin no último andar. Local

perfeito para encenar um encontro.

Eu pestanejo, me sentindo deslocada. O Shopping Kennedy tem algumas das marcas mais caras do mundo, e não piso lá há anos. É bobagem, mas me sinto intimidada. Como se eu fosse uma fraude. Como se tudo fosse cair em cima de mim logo, logo.

— Tudo bem — digo, afastando as dúvidas. Levanto o rosto, os lábios roçando o pescoço dele. — Você também precisa de um anel.

Ele aumenta o controle sobre mim quando o beijo no pescoço.

— Então é melhor você trazer o cartão preto que lhe dei.

Eu paro, lembrando do cartão preto que Alexander me deu junto com um novo telefone e outros eletrônicos. Eu reconheci na mesma hora. Apenas dez são emitidos no mundo, e eu me lembro do meu pai se candidatando a ele todos os anos durante a minha infância, sendo rejeitado todas as vezes. Não me atrevi a usar o cartão. Mal ousei olhar para ele.

Parte de mim acha emocionante ter acesso a algo tão exclusivo, mas uma parte maior se ressente que eu seja incapaz de sustentar a mim e meus entes queridos do jeito que eu costumava fazer. Nunca quis ser o tipo de mulher que depende de um homem, e olhe para mim agora. Não só dependo de Alexander, mas a vida da minha mãe está em suas mãos também.

Alexander me solta e sai da cama, se preparando para seu dia. É raro passarmos tempo juntos de manhã, e sem qualquer pudor o observo se vestir. Sabendo disso, ele sorri para mim quando sai, e eu ainda estou sorrindo ao me arrumar.

Meu sorriso se apaga assim que olho no espelho e vejo o chupão que Alexander deixou no meu pescoço ontem à noite. Fico vermelha, minha mente voltando ao jeito que ele me segurou e me tocou.

Pego uma echarpe que pagaria com facilidade pelo menos um dia de contas hospitalares e suspiro ao encobrir a marca no pescoço, me transformando na esposa adequada que Alexander pediu. Olho para meu reflexo, surpresa com o que estou vendo. Pela primeira vez em anos, não pareço sobrecarregada e estressada. Não pareço exausta e *triste*. Pareço muito mais com quem eu costumava ser.

Pego a bolsa que minha mãe me deu pouco antes do acidente e franzo a testa. As bordas estão gastas, e está descolorida pela falta de manutenção, mas é a última coisa que ela me deu, e eu nunca tive coragem de vendê-la. Não que eu conseguisse muito por isso — minha mãe havia gravado meu nome no interior,

então duvido que conseguiria vendê-la de qualquer jeito. Agora que enfim posso pagar, vou precisar restaurá-la. Devo ser capaz de fazer isso depois de visitar minha mãe.

O dia passa rápido, e verifico o relógio ao entrar no Shopping Kennedy. Acabei passando mais tempo com minha mãe do que planejei, mas ainda assim cheguei cedo, com tempo suficiente para perguntar sobre a bolsa. Hesito um pouco na frente da loja, me sentindo deslocada. Não sinto mais que pertenço a este lugar. Depois de lutar com contas por tantos anos, gastar uma quantidade ultrajante de dinheiro em bens materiais não faz mais sentido. Olho para a bolsa e meu coração aperta. Ainda me lembro do sorriso no rosto da minha mãe quando ela me presenteou. No geral há uma lista de espera de vários anos para esta bolsa em particular, mas não para minha mãe. Não, ela fez um pedido sob medida para meu aniversário, e eu estava tão feliz.

Respiro fundo antes de entrar na loja. Os assistentes sorriem para mim e eu aceno em retribuição, educada, me sentindo nervosa.

— Oi — murmuro, colocando sem jeito a bolsa no balcão. — Gostaria de saber sobre a restauração dessa bolsa. Você acha que é possível?

Uma risada cortante soa atrás de mim e eu fico tensa, reconhecendo minha irmã postiça antes mesmo de me virar.

— Que vergonha. Você não pode mesmo se dar ao luxo de apenas comprar uma bolsa nova? — Elise diz.

Eu me viro e olho para ela, um sorriso forçado no rosto. Devia saber que haveria uma chance de ela estar aqui. É a marca favorita dela, e esta é a loja principal. É o único lugar para obter os produtos mais novos, e Elise tem comprado pelo menos um produto desta marca toda semana desde que me lembro.

— Elise.

Ela olha para mim e começa a rir.

— Olhe para você. A última vez que a vi, parecia uma mendiga. Agora está usando roupas que não pode pagar. Isso é falso? — ela pergunta e puxa a echarpe, soltando-a.

Eu a seguro em pânico, mas é tarde demais. Ela ofega quando vê o chupão na minha pele, e depois explode em uma gargalhada.

— Entendo. Um sugar daddy, né? Acho que não teve outra escolha depois que papai te deserdou. Onde você foi, a um clube de cavalheiros?

Eu me afasto e arrumo a echarpe, minhas bochechas queimando de

vergonha. As palavras dela me irritam, e machuca a confirmação das minhas suspeitas — foi ela que me mandou para o Vaughn's. É meu maior medo se tornando realidade. Se ela podia conseguir que a enfermeira June me entregasse o cartão, então há coisas muito piores que ela pode fazer, muito mais a que ela tem acesso.

Até os vendedores parecem envergonhados em meu nome, e eu gostaria de poder ser engolida pelo chão.

— Então, a bolsa — digo, tentando ao máximo permanecer indiferente. — Pode ser consertada?

Elisa ri.

— Não acredito que seu sugar daddy não pode nem comprar uma bolsa nova. São tão caras quanto a um par de contas hospitalares, não são? Cara, você deve estar chupando algum pau enrugado velho para ser capaz de pagar tudo isso.

A vendedora parece tão afobada quanto eu e balança a cabeça.

— Danos como este não podemos desfazer — ela diz, parecendo sentir muito. — É o couro que está danificado além do reparo — acrescenta, arrastando um dedo enluvado nos rasgos.

— Entendo — murmuro. — Eu… Seria possível comprar uma bolsa idêntica?

Elise ri de novo, o som áspero.

— Você é estúpida? — ela diz. — Você nunca vai conseguir pagar por uma nova. Pare de desperdiçar o tempo de todos.

Eu viro para ela, irritada.

— Por que você está tão preocupada comigo, afinal? Não se meta onde não é chamada.

Elise sorri.

— Ah, só estou entediada esperando o pessoal trazer as novas bolsas que papai pediu para mim. Além disso, como posso não me preocupar depois do jeito que você veio à nossa casa outro dia, implorando por dinheiro?

Meu coração torce de dor. Não é nem mesmo a humilhação ou tudo o que perdi — o que mais dói é que meu pai tem dinheiro para comprar uma bolsa que Elise não precisa, enquanto não gastaria o mesmo dinheiro para salvar a vida da minha mãe.

Estou tremendo tanto, e mesmo que eu queira revidar não consigo.

Minha garganta está se fechando, e as palavras me escapam.

Estou perto de chorar quando um braço forte se envolve ao meu redor.

— Estou atrasado, mas cheguei, Docinho.

25

Alexander

Estou na entrada da loja, silenciando o vendedor com o dedo. Reconheço minha esposa na hora, mas infelizmente também reconheço a mulher ao lado dela. Eu fico para trás, fora de vista, meu foco por completo em Elena.

Escuto Elise acusá-la de ter um sugar daddy, jogar as contas do hospital da mãe de Elena na cara dela. Não deixo de perceber que de propósito ela deixa claro que as bolsas que Alaric Rousseau lhe comprou são do mesmo valor que os custos hospitalares.

Fico esperando Elena se defender, mas ela não o faz. Nenhuma confiança que ela tem quando resiste a mim está presente. Ela é mais agressiva quando me lembra que tudo que tenho é o corpo dela do que neste momento.

Quando ela começa a tremer, caminho na sua direção. Os olhos de Elise se arregalam quando me vê, mas mantenho a atenção em Elena.

— Estou atrasado, mas cheguei, Docinho — digo, passando o braço em volta dela.

Elena relaxa nos meus braços e olha para mim com alívio. A confiança nos olhos dela… faz coisas engraçadas no meu coração. Tiro os olhos dela e me viro para a vendedora com sobrancelhas erguidas. — Não ouviu minha garota? Ela perguntou se você pode fazer uma bolsa idêntica.

Os olhos da vendedora se arregalam e ela murmura um pedido de desculpas antes de correr para o computador para processar o pedido de Elena. Vou precisar educar minha esposa sobre o tratamento que ela deve exigir. Ela é uma Kennedy, droga.

Suspiro e apanho o celular.

— Baby — digo a ela. — Você nunca tem que falar com meros funcionários. Especialmente em um shopping que é *nosso*. Você apenas liga para o CEO da marca, ouviu? Adoraria vê-lo negar qualquer um de seus pedidos. Ele vai ter suas lojas retiradas de cada Shopping Kennedy mais rápido do que poderá piscar.

Elena acena, os olhos se movendo de mim para Elise. Posso ver Elise posando do canto dos meus olhos, e isso me enoja. Ela é louca se acha que pode chamar minha atenção.

Eu me viro para encontrar Elena mexendo na echarpe. Franzo a testa e olho para ela com olhos estreitos.

— Tentando esconder o dano que fiz? — pergunto. — Para quem?

Puxo a echarpe, desvendando-a para admirar meu trabalho. Elena cora quando coloco a echarpe no bolso.

— Alexander — ela murmura, as bochechas vermelhas, e não posso deixar de sorrir. Adoro fazê-la corar. Ela parece tão doce assim, exposta. Eu me inclino e pressiono um beijo demorado nos lábios dela.

— Você não pode estar falando sério — Elise diz. — Isso… isso tudo é um boato, né? Vocês dois… vocês não podem…

Os olhos de Elise vagam para o pescoço de Elena, e eu vejo o aborrecimento em seus olhos. Considerando que ela acabou de admitir ser a razão pela qual minha esposa acabou no Vaughn's, seus dias estão contados.

— Quem é você? — pergunto a Elise, sabendo muito bem quem ela é.

Ela olha para mim, sem acreditar.

— Elise Rousseau. Sou irmã de Elena.

Eu olho para minha esposa, raiva piscando em seus olhos.

— Você tem irmãs, querida?

Elena nega com a cabeça, e eu concordo.

— Achei que não — digo, antes de voltar para Elise. — No que o mundo se transformou para a filha de uma amante se comparar à minha garota? Você deve ter perdido a cabeça.

A vendedora volta com uma nota e eu balanço a cabeça.

— Não se incomode em olhar — digo a Elena. — Guarde o cartão, Docinho. Está óbvio que a bolsa significa algo para você. Vale a pena qualquer preço.

Ela é uma Kennedy agora, preços são irrelevantes.

Elise sorri.

— Ah, Alexander. Você sabe que papai deserdou Elena, certo? Ela está falida.

As palavras são ditas para machucar Elena, e eu sorrio para mim mesmo quando Elena abre a carteira. Está tão usada quanto a bolsa, o que me lembra de me certificar de escolher uma nova para ela antes de sair desta loja.

Elena me encara e eu pisco para ela. Ela morde o lábio quando tira o cartão preto, e Elise fica pálida.

Elena paga, e Elise a encara o tempo todo.

— Se você tinha esse cartão, por que veio pedir dinheiro ao papai?

Elena congela, e eu vejo o nervosismo e vergonha em seus olhos. Eu a puxo mais perto e pressiono um beijo na cabeça dela.

— Porque minha namorada é teimosa — digo a Elise. — Porque por alguma razão, ela pensou que seu pai tinha um coração, porque ela queria dar a ele uma última chance. Por muito tempo, ela apenas recusou a minha ajuda.

Eu aceno para o segurança perto da porta, e ele corre até mim.

— Leve-a daqui. Nossa conversa terminou. Nunca mais quero vê-la em nenhum dos meus shoppings.

Posso dizer que ela quer fazer um escândalo, mas sabe que só se envergonharia.

— Já vai tarde — digo, suspirando. — Onde diabos está sua equipe de segurança, Docinho? Mosquinhas como ela não devem ser capazes de chegar perto de você. Chega disso.

Ela sobe na ponta dos pés e envolve os braços ao meu redor antes de beijar minha bochecha, me assustando.

— Obrigada — ela sussurra. — Por tudo. Eu sei que você só conversou com ela para que eu pudesse ter um pouco de vingança. É mesquinho, mas eu precisava disso. Eu… obrigada, Alexander.

Afundo a mão no cabelo dela e aceno.

— Elena, você é minha esposa. Qualquer insulto à sua pessoa, vou levar para o lado pessoal. Além disso, não gosto quando mexem com minhas posses.

Apesar das minhas palavras, Elena sorri para mim, como se conseguisse ler meus pensamentos.

26

Alexander

A garçonete nos leva a um lugar isolado perto da janela, mas Elena nem nota a vista. Ela está distraída. Nem mesmo comprar anéis a animou. Eu me ofereci para comprar outras joias, mas ela não estava interessada.

Aproximo minha cadeira dela para ficar ao seu lado, e não à sua frente, e ela olha para mim com um sorriso triste no rosto.

— Meu pai não procura saber se estou bem desde que fiz dezoito anos, mas cuida tão bem de Elise — ela diz, a voz falhando. — Ele nem parece se importar se estou viva ou morta.

Vejo as lágrimas se acumulando em seus olhos e agarro sua mão. Ver lágrimas nos olhos dela, porra. Não aguento.

— Eu sei que não é a mesma coisa, mas você me tem agora, Docinho — digo, sem pensar.

Ela olha para mim e acena.

— Sim. Eu tenho você — ela diz, os olhos nunca saindo dos meus. — Há algumas coisas que quero fazer, Alexander… mas não posso fazê-las sozinha. Você me ajuda?

Ergo as sobrancelhas, e ela aperta minha mão.

— Eu… quero contratar um detetive particular. Gostaria de investigar o acidente de carro. Sei que já se passaram anos, mas preciso saber. Além disso, ficou claro para mim que Elise teve acesso à antiga enfermeira da minha mãe. Não gosto disso.

Sorrio para ela e levo sua mão aos meus lábios.

— Elena, nem precisa me pedir algo assim. Você tem toda uma equipe de

segurança à sua disposição, a maioria trabalhou no FBI. Ligue para Aiden e diga o que quer que seja feito. Eu já disse que o custo não é uma preocupação.

Ela olha para mim como se eu tivesse dado a ela o mundo, e isso acaba comigo. Cada coisa que ela me pediu foi para a mãe dela. Ela nem uma vez me pediu nada para si mesma — nem mesmo meu tempo. Todas as mulheres com quem já namorei me pediram qualquer coisa que pudessem pensar, mas não Elena.

— Há mais — ela diz com a voz suave, insegura.

Aproximo a cadeira e coloco o braço na parte de trás da cadeira dela.

— Me diga.

Ela morde o lábio, e odeio vê-la tão frágil, tão vulnerável. Ela é minha esposa, uma das mulheres mais poderosas deste país, mas aqui ela se senta na minha frente, incerta e magoada.

— Quando saí de casa, meu irmão e meu pai me fizeram assinar alguns documentos. Na época, meu pai me disse que se eu fosse embora, seria melhor eu estar falando sério. Ele me disse que me deserdaria, e eu concordei. Então, assinei.

Ela hesita, os olhos caindo no colo. Coloco o dedo indicador debaixo do queixo dela e levanto seu rosto.

— O que quer, esposa? Se estiver ao meu alcance, darei a você.

Ela acena e respira fundo.

— Eu quero de volta as ações que entreguei. Quero tudo o que é da minha mãe. Não me importo com o que é do meu pai, ele pode ficar. Mas quero tudo pelo qual minha mãe trabalhou. Não quero Jade colocando as mãos em nada disso.

Aceno e sorrio quando vejo o brilho de determinação em seus olhos.

— Tudo bem, sra. Kennedy. Então farei isso. E as ações de Matthew?

Ela hesita e me olha como se estivesse tentando adivinhar o que estou pensando.

— Também quero — ela diz, por fim. — Sei que você o odeia, e embora eu não saiba todos os detalhes, sei que há hostilidade entre vocês. Pegue o que quiser dele. Não me importo. Ele estava feliz em deixar mamãe morrer, então não entendo por que ele deva ter qualquer coisa que ela lhe deixou.

Assinto mais uma vez.

— Com prazer — digo a ela. — Isso não é um pedido. Mais um presente

para mim, na verdade. Outra maneira de ferrar seu irmão? Farei feliz.

Elena ri, mas vejo a dor que ela tenta esconder. Ela ainda ama o irmão, mas perdeu a fé, desistiu dele. Matthew é um idiota.

— Fale sobre sua infância — digo. — Você me contou dos últimos anos, mas nunca me disse como acabou se afastando de todos que ama, como acabou decidindo sair de casa.

Elena suspira, a expressão de partir o coração.

— Foi tudo muito gradual — ela diz. — Minha mãe se envolveu naquele acidente de carro e entrou em coma. Durante meses, meu pai, meu irmão e eu éramos uma equipe, estávamos unidos, esperávamos sua recuperação. Meus avós faleceram anos atrás, então tudo o que tínhamos era um ao outro. Nem notei meu pai se afastando. Fiquei surpresa quando ele me apresentou Jade, e arrasada quando me disse que queria se casar com ela. Esperava que Matthew estivesse do meu lado, mas não. Ele recebeu Jade e Elise de braços abertos, e elas retribuíram o amor dele.

Elena respira com dificuldade.

— Eu não consegui fazer o mesmo, e isso causou muitos conflitos, um monte de discussões e acusações intermináveis da minha recusa em aceitar Jade em nossa família. Me disseram, várias vezes, que eu era ingrata por não desejar a felicidade do meu pai, por querer que ele vivesse no passado. E não foi nada disso, sabe? Eu estava triste por causa da minha mãe, e de repente me pediram para fingir que ela nem existia. Naquele momento, eu nem sabia que meu pai estava tentando fazer com que os médicos declarassem a morte cerebral dela.

Uma lágrima desliza pela bochecha dela, e eu a pego com meu polegar. Elena sorri, insegura, e parece tão despedaçada, tão magoada. Me dá vontade de destruir o mundo por ela. Ela não devia significar nada para mim. Não devia ser alguém com quem eu me importo. Tudo o que eu queria que ela fosse era minha esposa-troféu, alguém para manter minha cama aquecida, que deixasse minha mãe feliz e entretida, e meu avô fora de minhas costas. Eu não devia me importar com as lágrimas dela, mas me importo.

— Só descobri no dia em que meu pai se casou com Jade. Foi quando o plano de saúde me ligou para dizer que parariam de pagar os cuidados dela. Fui tola porque não dei importância. Afinal, eu era Elena Rousseau. Eu sabia que tínhamos o dinheiro. O que eu não esperava era o quanto Jade ia trabalhar para apagar cada traço da minha mãe. Começou com as coisas em casa, e depois as relações que tínhamos. Os Kennedy, e sua mãe em particular, são amigos íntimos da minha mãe, então Jade me impediu de sair com Lucian, talvez porque ela não

queria o lembrete. Se eu me recusasse a ouvir, ela se certificaria de que eu não poderia ver minha mãe no hospital por semanas, então eu obedeci, e aos poucos acabei perdendo todos meus amigos. Eu estava tão focada na minha mãe, e era tão jovem… Só não percebi o que ela estava fazendo, não até que fosse tarde. Quando ela convenceu meu pai a parar de pagar pelos cuidados da minha mãe, eu estava sozinha. Eu não tinha mais conexões, ninguém para pedir ajuda. Tudo o que havia restado era meu fundo fiduciário, e apenas rezei que fosse o suficiente. Talvez eu não devesse ter saído de casa, mas naquele momento tudo tinha se tornado demais.

Eu tento ao máximo suprimir a raiva que sinto, a necessidade de socar a cara de Alaric Rousseau. Não posso acreditar em tudo que ela passou. Apesar de tudo, ela nunca perdeu esperança, nunca parou de lutar pela mãe. Por que há tanta coisa sobre minha esposa que só descobri agora? Acho que é porque nunca me incomodei em conhecê-la, falar com ela.

— Você sabe o que aconteceu com as ações que você tinha na empresa de seu pai? Todos sabem que ele não teria chegado tão longe sem sua mãe, que ela deu o dinheiro inicial para ele em troca de metade das ações da empresa. Ouvi a história pelo menos uma dúzia de vezes.

Elena acena e morde o lábio.

— Sim, ela fez isso. Matthew e eu herdamos essas ações. Meu pai não foi capaz de tirar minhas ações de mim, mas conseguiu endossá-las para Matthew antes que eu completasse dezoito anos. Contanto que as ações vão para meu irmão ou para mim, ele pode se safar dessa. Não lutei com ele. O que me importa mais é tudo que minha mãe construiu. Não estou interessada na empresa do meu pai.

Cerro os dentes e balanço a cabeça.

— Tudo que você perdeu, vamos conseguir de volta. Tudo.

Ela olha para mim com um pequeno brilho de esperança nos olhos, mas vejo o fogo se apagar tão logo aparece. Ela não se atreve a confiar em mim, e não posso culpá-la. Não depois de tudo que passou. Estou dizendo a ela que vou lhe dar tudo o que toda a família Rousseau possui, e entendo que é difícil de acreditar. Mas não impossível. Por ela, farei acontecer.

Quando a pedi em casamento, queria uma garota simples, alguém que se sentiria tão em dívida comigo que ficaria fora do meu caminho. Alguém que não se atreveria a me incomodar com expectativas inúteis e noções de amor.

Elena é tudo o que pensei que queria, mas agora quero dar a ela tudo o

que se recusa a pedir. Quero que ela confie em mim. Quero que me peça ajuda. Quero que use todas as conexões que tenho para recuperar tudo o que perdeu.

E é aí que está o perigo… Elena me faz querer lhe dar o mundo.

27

Elena

Meu telefone toca assim que preparo uma xícara de café e eu franzo o cenho, surpresa ao encontrar meu irmão me ligando. Hesito antes de atender.

— Elena? Que merda você pensa que está fazendo? Por que diabos estou olhando fotos suas com Alexander Kennedy?

Demorou bastante. Eu e Alexander temos ido a encontros nos lugares mais públicos que podemos pensar há semanas. Era só uma questão de tempo até chamar a atenção de Matthew.

Suspiro e passo a mão no cabelo.

— Oi — digo. — Estou bem, obrigada. Por falar nisso, a mamãe também.

— Não estou com paciência para suas besteiras — ele diz. — Por que estava com Alexander? Você sabe muito bem que não nos damos bem. Ele não suporta que Jen tenha me escolhido. Você precisa parar com os joguinhos.

Balanço a cabeça e tomo um gole de café.

— Adoro como você sempre acha que o mundo gira ao seu redor.

Matthew ri, o som me dando calafrios.

— Você ainda é a mesma garota estúpida. Acha mesmo que ele olharia para você duas vezes se não fosse minha irmã? É de mim que ele está atrás. De mim e de Jen.

Ele não está errado. Dói admitir, mas Matthew está certo. Alexander teria se casado comigo se eu não lhe desse uma oportunidade de se vingar?

— Estamos namorando — digo, me livrando desses pensamentos. — E

estou muito feliz.

Matthew solta um grunhido.

— Sua puta estúpida — ele murmura. — Não volte correndo para casa quando ele te deixar. Homens como Alexander Kennedy não namoram garotas como você. Eles só as fodem e descartam. Você está sendo usada e nem percebe. Puta idiota.

Ele desliga antes que eu possa retrucar, e eu fico ali, me sentindo abalada. Quando minha relação com meu irmão se deteriorou tanto? Vejo a maneira como ele trata Elise, de um jeito que nunca me tratou. Nem mesmo antes do acidente. Vejo todas as fotos nas redes sociais, de Matthew e Elise saindo para almoçar juntos, deles saindo com amigos em comum. Matthew nunca fez nada disso comigo. Ele se importa com Elise como um irmão deveria, mas eu, sua irmã de verdade… não consegue nem falar comigo direito. O que eu fiz para ele me tratar assim?

Penso em Alexander, meu coração apertando. Ele também deixou claro que não vai me tratar como trataria alguém com quem ele gostaria de estar de verdade. Eu e Alexander… sabíamos no que estávamos nos metendo. Ele foi claro sobre o que esperar, e mais importante, o que não esperar. No entanto, apesar de tudo, Matthew me fez questionar a mim mesma. Será que Alexander vai acabar me deixando? Se Jennifer o quiser de volta, ele me deixaria? E se ele me deixar, o que isso significaria para minha mãe? A vida dela estaria em risco de novo?

— Qual é o problema? — Lucian pergunta, e eu pisco, desorientada.

Balanço a cabeça e forço um sorriso no rosto.

— Não é nada — murmuro.

— Tem certeza? — ele pergunta, preocupado.

Sorrio para ele e balanço a cabeça, tentando tranquilizá-lo.

— Só meu irmão sendo um idiota — digo e pego minha bolsa. — Vou almoçar com Alexander.

— Ah, um encontro — ele diz, provocando, e eu forço outro sorriso.

— Não — digo, negando com a cabeça. — É apenas parte do nosso acordo. Dissemos que iríamos em alguns encontros que chamem atenção, e depois vamos encenar um pedido de casamento para que possamos convencer seu avô que estamos apaixonados. Alexander vai fazer uma viagem de negócios amanhã. Ele vai ficar fora a semana toda, então hoje é um bom dia para simular um encontro.

Luce balança as sobrancelhas e não posso deixar de sorrir. Balanço a cabeça e me movo para passar por ele, mas ele me impede.

— Ei — ele diz, e me viro para olhar para ele. — Estou tão feliz que você está de volta em nossas vidas. Senti sua falta, Elena. Sei que as coisas não voltaram ao que costumavam ser, mas eu gostaria mesmo que pudéssemos tentar mais. Você é a única amiga de verdade que já tive. A única pessoa em quem confiei, a única em quem realmente confiei.

Meu coração aquece e o abraço com força, apertando-o.

— Eu também senti sua falta — sussurro, me sentindo vulnerável de repente. Durante anos, Lucian foi meu amigo mais próximo, e tê-lo de volta na minha vida quando não podia ficar mais difícil foi uma bênção. — E sim, vamos tentar mais.

Lucian pressiona um beijo na minha testa e vira a cabeça em direção à porta.

— Vamos lá, eu vou com você. Eu estava planejando passar pelo escritório mesmo.

Enrugo a testa e Lucian cora um pouco.

— Conheci alguém — ele diz, olhando para baixo. — É complicado… pois trabalha para meu irmão.

Meus olhos se arregalam, e eu sorrio.

— Meu Deus, Luce, isso é incrível! Você vai ter que me contar tudo.

Ele acena, mas vejo o nervosismo em seus olhos.

— Vamos sair para almoçar um dia, e te conto tudo.

Sorrio e saímos juntos, surpresos ao encontrar a limusine esperando por nós. Lucian franze a testa e levanta as sobrancelhas antes de sorrir.

— Minha nossa, você conquistou meu irmão, né? Ele enviou a limusine para buscá-la?

Estou prestes a negar suas palavras, mas então a porta se abre, e Alexander sai. Meu coração para quando nossos olhares se encontram.

Ele sorri para mim, mas sua expressão se desfaz quando ele percebe Lucian.

— Por que está aqui? — ele pergunta, irritado. Seus olhos se movem entre Lucian e eu, o olhar com um toque de desconfiança.

Lucian me dá cotoveladas e se inclina para sussurrar no meu ouvido,

irritando Alexander ainda mais.

— Uau, ele mesmo veio buscá-la? Ele nunca faz isso.

Alexander está franzindo a testa para Lucian e eu vejo a suspeita em seus olhos. Ele se aproxima de mim e afunda a mão no meu cabelo, seu corpo tenso. Ele se inclina e leva os lábios aos meus, exibindo possessividade, dizendo a Lucian que pertenço a ele sem dizer uma palavra.

Ele se afasta para me admirar, o olhar aquecido. Quando me lança esse olhar fica difícil lembrar que é só o meu corpo que ele quer. Que tudo o que temos é um acordo, que nada disso é real.

Lucian balança a cabeça e passa por nós, fazendo eu me afastar de Alexander. Estou agitada, envergonhada, e ele se inclina, seus lábios deslizando na minha orelha.

— Eu já disse, Elena. Vou me certificar de que é evidente para todo homem que você é minha, incluindo Lucian. Foi *comigo* que você se casou. Lembre-se disso.

Olho-o nos olhos enquanto ele se afasta.

— Isso foi realmente necessário? Sou apenas mais um de seus pertences, não sou? Lucian já sabe disso. Você não precisa me reivindicar, Alexander. Não há ninguém por perto para se exibir.

Alexander pisca, e passo o empurrando, entrando no carro. Meu coração está magoado hoje. Estou cansada de ser lembrada que não significo nada para ninguém, que sou apenas uma coisa para ser possuída, usada e descartada. Sei que não tenho direitos com Alexander, mas estou cansada de me sentir como se fosse um simples objeto.

Ele se senta ao meu lado e coloca meu cinto, sem pressa, o toque demorado. Seus olhos estão em mim, o olhar avaliativo. Ele franze a testa ao se sentar, uma de suas mãos no meu joelho e a outra, no celular. Estou tentada a afastar sua mão, querendo um pouco de espaço, mas tento aguentar.

Aguento porque Lucian está olhando para nós com os olhos cintilando. Eu o encaro estreitando os olhos, tentando transmitir que ele precisa parar, mas ele continua a sorrir para nós. Sei que ele está vendo coisas que não estão lá — Luce é assim. Ele é um romântico inveterado e está se apaixonando pela teatralidade do irmão.

— Docinho — Alexander diz, suspirando. — Preciso voltar para o escritório. Algo aconteceu.

Aceno, e ele afasta meu cabelo do rosto com delicadeza.

— Vem comigo — ele diz. — Ao escritório, venha comigo. Não sei quanto tempo vai demorar, mas podemos comer alguma coisa depois. Ou se você está com fome agora, posso pedir comida lá mesmo.

Eu o encaro com sobrancelhas erguidas. Se não estamos nos exibindo, por que precisamos passar tempo juntos?

O olhar um tanto impressionado no rosto de Lucian me diz que o fato de Alexander me levar ao seu escritório em vez de apenas cancelar nosso encontro é incomum, e odeio como crio expectativas… Odeio que me faça pensar que talvez, apenas talvez, ele queira passar um tempo comigo tanto quanto eu quero passar tempo com ele.

28

Elena

Todos os olhos estão em nós quando entramos no escritório. Estou nervosa e tento soltar a mão de Alexander, mas ele me segura mais forte. Ele se inclina para mim, os lábios tocando minha orelha.

— Costas retas, queixo para cima. Você é a sra. Kennedy — ele sussurra.

Eu olho para ele, que pega meu queixo e o belisca de leve ao se inclinar para um beijo, bem no meio do saguão. Ele sorri quando se afasta, e tenho certeza que minhas bochechas estão vermelhas. Nos últimos tempos, ele me beija em público sempre que pode, garantindo que acabemos nos tabloides toda semana. Parece se deleitar em me fazer corar, me ver afobada. Acho que é mais um jogo para ele.

Olhando para o outro lado, pego Luce revirando os olhos apesar do sorriso no rosto. Alexander coloca o braço ao meu redor quando caminhamos em direção ao elevador.

— Por que está aqui mesmo? — ele pergunta a Lucian.

Vejo o lampejo de pânico nos olhos de Lucian, mas ele retoma o controle em segundos e sorri para o irmão.

— Vou encontrar um amigo — ele diz, descendo num andar mais baixo do que nós.

Pisco para Lucian enquanto ele se afasta.

— Divirta-se — eu digo a ele, enrubescendo suas bochechas quando ele sai apressado.

Alexander franze a testa, mas por sorte não faz perguntas. Ele segura minha mão enquanto caminhamos em direção ao escritório, e Alice parece

surpresa em me ver. Os olhos dela caem confusos para as mãos unidas, e leva alguns segundos para sorrir para mim.

— Preciso participar da reunião da Willis — Alexander diz, levando-me ao escritório dele. Alice nos segue e ele acena para ela ao puxar a cadeira para mim. — Certifique-se de que a minha esposa esteja bem cuidada. Compre alguns menus de comida também.

Alice acena com a cabeça, mas sua expressão demonstra descrença.

— Eu… você vai deixá-la no seu escritório? Sozinha? — ela pergunta, claramente tentando, sem conseguir, ser discreta.

Alexander endireita a gravata, acenando com a cabeça.

— Você estava lá no dia em que me casei com ela, não estava? Ela é *minha esposa*. O que ela vai roubar? Ela já é dona de tudo.

Fico tensa. Alexander nunca mencionou, mas Lucian me disse que Jennifer roubou segredos corporativos e os entregou ao meu irmão, fazendo Alexander perder um acordo em que trabalhava há anos. Aposto que tentar explicar uma violação de dados como essa, além da perda de receita esperada, não deve ter sido fácil. Nem consigo imaginar como seu avô e os acionistas devem ter reagido, o quanto ele precisou trabalhar para compensar.

Fico surpresa que esteja disposto a me deixar sozinha no escritório. Afinal, aos olhos dele, sou uma Rousseau. Mas, por outro lado, ele tem razão. Eu pertenço a ele.

Alexander se vira para se afastar, mas depois para e volta. Ele me tira da cadeira, as mãos na minha cintura. Depois de me beijar rápido e forte, ele se afasta, me deixando ali em transe, perplexa. Ele acomoda meu cabelo atrás da orelha.

— Volto logo, Docinho — diz. Ele se inclina para mais um beijo e depois se vai enquanto fico olhando para ele. Porque está se comportando assim? Não tem necessidade de se exibir para a secretária, tem?

Não sou a única que está atordoada. Alice também olha para a porta, e isso me deixa desconfortável. Leva um minuto para ela se recompor, e quando olha para mim não consegue me encarar nos olhos. Eu me sento na cadeira de Alexander e olho para a mesa. Está tão arrumado como o nosso quarto.

— Posso lhe oferecer uma bebida? — Alice pergunta, e eu aceno com a cabeça, pedindo um café.

Ela se afasta com um sorriso forçado, e eu a observo. Alexander deixou claro desde o início que seríamos exclusivos, mas não posso deixar de me

preocupar. Não consigo deixar de sentir que não sou boa o suficiente para ele. Que nunca serei. Quando era mais jovem, herdaria a empresa da minha mãe, mas isso agora está sob o controle do meu pai. Não posso deixar de pensar no desempenho da empresa. Está indo bem sob os cuidados do meu pai?

Mordo o lábio e clico no teclado à minha frente. Não me surpreende encontrá-lo bloqueado. Hesito e depois decido enviar uma mensagem para Alexander.

Elena Kennedy: *Posso usar seu computador?*

Ele me responde quase na mesma hora, me assustando.

Marido: *Use o scanner de impressão digital no teclado.*

Franzo a testa e, com cuidado, coloco o dedo indicador no teclado. Para minha surpresa, o computador desbloqueia.

Elena Kennedy: *Como isso é possível?*

Marido: *Toda a nossa segurança está conectada por biometria. Um dos meus amigos, Elliot Everson, implementou para mim. O cara é um gênio. Vou te apresentar a ele um dia.*

Eu fico parada quando a caixa de entrada do e-mail de Alexander aparece na tela, cheia de e-mails com a empresa do meu pai como assunto. Clico em um deles por curiosidade e pisco em descrença enquanto leio. Ele parece estar comprando ações da empresa de todos os acionistas que estão dispostos a vender, e está pagando muito bem por elas.

Por quê?

Por que ele faria isso?

Leio todo o tópico, chocada com a quantidade de dinheiro que ele gasta para adquirir as ações do meu pai.

Ainda estou lendo quando Alexander volta para o escritório, parecendo estressado. Ele passa a mão pelo cabelo, mas para quando vê a minha expressão. Olho para ele, sem saber como fazer as perguntas intermináveis que tenho.

— O que aconteceu? — ele pergunta, as sobrancelhas erguidas.

— Eu… você recebeu um e-mail.

Ele olha para a tela e passa a mão pelo cabelo. Alexander me levanta da cadeira e se senta, me puxando depois para seu colo.

— Estou comprando o máximo de ações. Pode levar algum tempo, mas tudo que seu pai lhe tirou, devolverei para você. Tudo, Elena.

Ele beija meu pescoço e meus olhos se fecham.

— Uma aquisição hostil? — pergunto, a voz com um toque de descrença.

Ele concorda com a cabeça.

— Você é uma Kennedy agora, Elena. Mais importante ainda, você é *minha* agora. O seu pai é um tolo por nos chatear. Merdas como comprar bolsas para a enteada em vez de ajudá-la a salvar a vida da sua mãe? Vai se foder. Só de pensar ao que quase recorreu por causa daquele idiota me faz ficar furioso. Vou tirar tudo dele, assim como ele tirou tudo de você até ele implorar por misericórdia aos seus pés. E uma vez que você o tenha lá, quero que se afaste dele da maneira como ele se afastou de sua mãe e de você.

Eu me viro nos braços dele e o encaro.

— Você não precisa fazer isso por mim — digo, a voz trêmula. Já pedi tanto dele. Não quero ficar em dívida ainda mais. — Eu só me importo com a empresa da minha mãe. Não preciso do império financeiro do meu pai. Não podemos mexer com ele, Alexander. Se fizermos, a situação só vai piorar. Além do mais, isso não faz parte do nosso acordo. Não quero perturbá-lo ou incomodá-lo.

Ele me vira no colo, então sou forçada a olhar para ele. Segurando minha bochecha, olha nos meus olhos com a expressão séria.

— Elena, quem eu sou? — ele pergunta.

— Você é Alexander Kennedy.

— Isso mesmo. E quem é você?

— Eu… eu sou sua esposa.

Ele concorda com a cabeça.

— Já disse antes e volto a dizer. Qualquer um que mexa com você, mexe *comigo*. E eu? Não sou alguém para se mexer.

Ele se afasta e olha nos meus olhos.

— Essa empresa não existiria sem o financiamento da sua mãe. É sua por direito, e vou garantir que acabe nas suas mãos. Além disso, mal posso esperar para ver o olhar no rosto de Matthew quando tirar tudo dele.

Aí está. A verdadeira motivação. Nunca lhe pedi as ações do meu pai. Eu só queria as da minha mãe. Ele vai atrás delas por causa de Matthew.

Como Matthew disse, Alexander está me usando. Dessa vez, ele está me usando como desculpa. Estou cansada de ser usada, mas estou ainda mais cansada de ser indefesa.

Durante anos fui impotente, mas não mais, não com Alexander ao meu lado.

Enrosco os braços ao redor do pescoço dele e me inclino para beijá-lo, surpreendendo-o. A única coisa que ele me pediu em troca foi meu corpo, por isso vou dá-lo a ele, e vou fazê-lo com um sorriso no rosto. Alexander sorri nos meus lábios e me beija de volta. Antes que eu perceba, ele me levanta em cima da mesa, minhas pernas abertas para que ele possa ficar entre elas.

— Eu não me canso desses lábios. Não tenho certeza se consigo viver sem eles por uma semana inteira — ele sussurra encostado neles. — Venha comigo na minha viagem de negócios.

Balanço a cabeça.

— Não posso deixar a minha mãe. E se ela precisar de mim? Você me prometeu que nunca restringiria meu acesso a ela.

Alexander suspira resignado e enfia a mão no meu cabelo. Ele se inclina e me beija, provocando um gemido. As mãos dele deslizam pelo meu corpo e eu me contorço quando os dedos passam pela minha coxa. Ele se afasta, e a paixão que cintila em seus olhos me faz querê-lo ainda mais.

Mordo o lábio e coloco as mãos no peito dele, as pontas dos dedos passando por cima dos botões. Os músculos parecem tão duros debaixo das minhas palmas, e eu amo a sensação do seu corpo.

Ele me observa, como se estivesse se perguntando o que vou fazer, e eu puxo a gravata, trazendo-o de volta para mim. Ele está sorrindo quando os lábios tocam nos meus, e fecho as pernas ao seu redor.

Alexander geme e fica por cima de mim, enviando um arrepio de prazer pelo meu corpo. Desabotoo a camisa, um desespero que nunca senti antes me deixando frenética. Ele me ajuda a tirar sua camisa e empurra meu vestido para cima até ficar preso na minha cintura.

— Elena — ele sussurra, soando tão necessitado quanto eu. Ele geme quando abro o zíper do terno, mas não é o suficiente. Eu quero mais.

Seus dedos roçam a minha umidade assim que aperto seu pau com a mão, e meus olhos se fecham de prazer.

— Eu preciso de você — digo, sem fôlego. — Agora. Por favor.

Ele empurra minha calcinha para o lado e desliza um dedo em mim, da mesma forma que fez no Vaughn’s. A forma como ele mexe com meu corpo é uma loucura.

— Querendo tanto — ele sussurra. — Você está tão molhada para mim, baby.

Puxo as roupas dele e o aproximo mais, fazendo-o sorrir.

— Sempre tão faminta pelo meu pau — ele geme, alinhando-se ao meu corpo. Seus olhos estão em mim quando ele me penetra, e eu gemo impaciente. Sem pressa ele me preenche, adorando como me enlouquece.

— Boa garota — ele murmura. — Recebendo meu pau assim.

Ele se afasta quase todo o caminho e depois dá uma estocada poderosa, finalmente me dando o que quero. Solto um gemido de alegria e Alexander enfia a mão no meu cabelo, me puxando para mais perto. Ele me beija sem reservas, e eu me perco nele.

— Me diga como quer, querida. Quero que goze para mim — ele diz, os lábios perto dos meus.

— Assim mesmo — digo a ele. — Mais.

Ele sorri e agarra minhas coxas, as estocadas mais fortes, a pressão aumentando cada vez mais. A maneira como ele me olha quase me leva ao limite.

Puxo o cabelo dele e o beijo com mais força quando meus músculos começam a se contrair, um orgasmo poderoso invadindo meu corpo. Os lábios de Alexander sufocam meus gemidos e seu aperto no meu cabelo aumenta, seu próprio clímax não muito longe.

— Elena — ele arfa e acelera o ritmo. A forma como ele geme quando goza me desfaz. É a coisa mais sexy do mundo vê-lo assim.

Ele exala e coloca a testa na minha.

— Você me viciou na sua buceta — ele diz, e eu sorrio. — Vou odiar ficar longe de você na próxima semana. Compreendo que não pode deixar sua mãe, mas droga, baby. Como é que eu vou sobreviver sem sentir você gozar no meu pau?

Alexander se inclina e me beija, lenta e profundamente, antes de se afastar. Ele olha para mim como se eu fosse tudo o que ele consegue ver.

Quando olha para mim assim, estou convencida de que o que temos é mais do que ele está disposto a admitir para si mesmo. Ele me dá esperança, e é a única coisa que não posso me dar ao luxo de ter.

29

Elena

Fiquei inquieta a semana toda. Estou acostumada a não ter notícias de Alexander durante o dia, mas sei que ele sempre volta para mim. Mesmo quando não nos falamos durante dias, sei que é comigo que ele adormece. Agora que ele está numa viagem de negócios, não houve qualquer contato entre nós. Estou tentada a ligar ou mandar mensagem, mas ele me disse para não o incomodar sem necessidade, e não quero exagerar. Não pensei que sentiria falta dele… mas sinto.

— Elena, acorda — Luce diz.

— Desculpa, me distraí de novo.

Ele balança a cabeça, irritado. Enquanto me contava sobre sua vida amorosa, tudo o que fiz foi me preocupar com a minha. Beberico o chá e me inclino na cadeira da cafeteria local.

— Você está tão longe quanto o meu irmão.

— Você falou com ele essa semana? — pergunto, sem conseguir evitar.

Lucian balança a cabeça.

— Não, mas sei que ele fala com mamãe todos os dias. Ele não te ligou?

Balanço a cabeça.

— Acha que ele está apenas me ignorando?

Lucian encolhe os ombros.

— Não sei. Talvez enfim tenha descoberto que você tem uma grande queda por ele e isso o assuste.

Bato de leve em seu braço.

— Cala a boca.

— Não se preocupe, irmãzinha. Quando se trata de emoções, meu irmão é um pouco lento.

Reviro os olhos.

— Temos a mesma idade, idiota.

Ele dá de ombros.

— Sou uns três meses mais velho.

— Tanto faz.

Dói um pouco que Alexander pareça ter tempo para telefonemas, mas nem me mandou uma mensagem. Quem me dera ter dito que o acompanharia na viagem quando ele a mencionou, mas estou muito assustada. Tenho medo que a minha mãe precise de mim e que eu esteja longe.

— Elena, lembra do nosso pacto, né? — Lucian diz, me tirando dos meus pensamentos. — É infantil, eu sei, mas mesmo assim…

Aquiesço, a expressão ficando séria. Lucian sempre soube da minha paixão por Alexander quando era mais nova. Costumávamos fantasiar sobre nos tornarmos irmãos quando eu me casasse com o irmão dele, e tínhamos feito inúmeras promessas um ao outro caso isso acontecesse. Apesar da maioria das nossas promessas serem infantis, há uma que sei que Lucian vai querer que eu cumpra.

— Sempre guardarei seus segredos e tentarei nunca ficar entre seu irmão e você — garanto a ele.

Ele dá um beijo nas costas da minha mão.

— Sabia que podia contar com você, princesa. Queria que não tivesse se casado com ele, porque não quero ver seu lindo coração partido. E, pra ser sincero, meu irmão não reconheceria o amor nem que lhe batesse na cara. Mas já que se casou com ele, é melhor arranjarmos uma maneira de conquistar o coração dele. Da próxima vez que ele fizer uma viagem de negócios, estará tão apaixonado por você que te ligará a cada segundo que tiver.

Solto um grunhido, pois parece que isso vai se transformar em um desastre completo.

— Você sabe o caminho para o coração de um homem? — ele pergunta.

Aceno.

— Pela barriga — respondo.

Lucian balança a cabeça.

— Não. Pelo pau.

Fico corada e olho ao redor, mas por sorte ninguém está sentado perto de nós.

— Meu Deus, Luce.

Lucian cruza os braços.

— Me conta, como é sua vida sexual? Não se atreva a deixar nenhum detalhe suculento de fora.

Fico corada.

— Sério, Luce? Eu não consigo — digo, balançando a cabeça com entusiasmo.

Lucian sorri.

— Então ele pelo menos te tocou com os dedos?

Bato os dedos nos lábios dele.

— Shh! Você está louco?

— Você já viu *as bolas* dele? — ele murmura por entre meus dedos.

Eu o chuto e ele resmunga, erguendo as mãos em derrota. Eu o solto e olho ao redor com cautela, apavorada que alguém tenha escutado.

— Sim, e sim — admito, de má vontade.

Ele sorri como um maníaco.

— Conta tudo — ele diz, rindo.

— Não há muito o que contar. Nós, hum, dormimos juntos algumas vezes por semana. Além disso, ele… ele me tocou no Vaughn's.

— Puta merda. Pensando bem, nunca o vi tão zangado antes. Diga com detalhes o que ele fez.

Solto um gemido; ele nunca vai me deixar em paz a menos que eu conte toda a história. Então eu conto. Conto sobre o Vaughn's, e termino falando sobre a vez que Alexander me obrigou a ficar de joelhos diante das pernas abertas dele antes de me pedir em casamento, e a vez em que me encontrou na banheira. No final, Luce está tão divertido quanto perplexo.

— Minha nossa. Ele te encontrou na banheira? Não fazia ideia que o meu irmão robô poderia ser tão impetuoso.

Fico corada e aceno com a cabeça.

— Droga, então por que diabos ele não está tentando te mandar mensagens sexuais, ou sei lá, fazer sexo por telefone? Acha que ele está te evitando porque, apesar de tudo o que diz, não quer te usar? Talvez depois de passar um tempo longe ele percebeu que estava errado.

Sorrio, não consigo evitar. Luce sempre quer acreditar no melhor das pessoas, e embora seja o primeiro a admitir que o irmão não é perfeito, Alexander ainda é a pessoa que ele mais admira.

— Não faz sentido. Ele foi muito claro sobre os termos quando nos casamos. Embora seja um pouco mais gentil agora, ainda não hesita em me lembrar que pertenço a ele.

Lucian balança a cabeça.

— Alec não é tão implacável quanto pensa que é. Aposto que já o abalou. Nunca ninguém desencadeou o instinto protetor dele como você, mesmo quando éramos mais novos. Ele também poderia ter esperado algumas semanas ou meses para se casar com você, mas a prendeu no segundo que pôde. Não é como se você tivesse fugido com o dinheiro dele e se recusado a cumprir os termos, mas se negou a esperar. Alec *nunca* é impulsivo, mas queria você. Duvido que ele perceba.

Olho para Lucian surpresa, com medo de acreditar em suas palavras.

— Ele me contou que precisava se casar de qualquer maneira, que é uma exigência do avô de vocês antes de deixá-lo se sentar no conselho. Ele me disse para não esperar muito, muito menos romance. Que só se casou comigo por conveniência.

Lucian assente.

— Isso é verdade, tenho certeza de que parte disso foi conveniência. Mas acha mesmo que meu irmão se casaria com alguém só por isso? Ele não teria casado com você se não houvesse como fazer as coisas funcionarem entre vocês, mas é provável que não queira reconhecer para si mesmo que se sente assim. Além disso, ele tem mais alguns meses até meu avô se aposentar. Não precisava se apressar com a união civil. Podia ter esperado até a cerimônia de casamento, mas não esperou.

Franzo a testa, perdida em pensamentos.

— Ele estava cumprindo a sua parte do acordo, cuidando das contas da minha mãe, me acolhendo. Faz sentido que ele queira que eu cumpra as minhas promessas também. Acho que assinar os papéis era apenas mais um contrato para ele.

Lucian pensa nas minhas palavras, e nenhum de nós é capaz de entender o comportamento de Alexander.

— Você sabe do que precisa? — ele pergunta.

Balanço a cabeça, com medo do tipo de absurdo que possa sair da boca dele desta vez.

— Algo sexy.

Reviro os olhos.

— Esse é seu plano? O estilista da sua mãe já cuidou de tudo. Cada uma das minhas camisolas é mais sexy do que qualquer coisa que já usei.

Luce pondera minhas palavras e balança a cabeça.

— Não. Você precisa de algo mais sexy do que camisolas. Estou falando sério quando te digo que o caminho para o coração dele é pelo pau. Vamos lá, vamos às compras.

Luce agarra minha mão e me arrasta para a loja de lingerie mais próxima, e sei que estou com grandes problemas.

30

Alexander

Vejo Elena interagir com meu irmão durante o jantar, ambos rindo e fazendo piadas internas. Uma semana. Estive fora uma semana, e quando volto minha mulher e meu irmão são farinha do mesmo saco.

Não me esqueci que Lucian queria se casar com ela no meu lugar. É óbvio que ele a ama. Talvez tenha sido egoísta quando lhe disse para casar comigo. Eu me apressei quando percebi que meu irmão, que costumava ser brincalhão, a queria. O cara que nunca levou nada a sério estava disposto a passar o resto da vida com ela. Eu me casei com ela antes que ele tivesse a oportunidade.

Eu a vejo rir de algo que ele disse, e todo o meu corpo grita *minha*. A necessidade de reivindicá-la é irreal, algo que nunca experimentei, nem mesmo com minhas ex-namoradas. Nem mesmo com Jennifer. Não entendo por que estou me sentindo assim. Talvez seja só porque Elena é minha esposa, e como tal deveria ser *minha*. Talvez seja apenas porque a possuo, e nunca gostei de dividir minhas coisas. Seja o que for, não gosto.

Eu a observo, e a forma como meu batimento cardíaco acelera me irrita. Ela está com um vestido branco apertado e seus lindos olhos cintilam. Ela encaracolou o cabelo, que cai em grandes cachos ao redor do rosto. Parece uma linda sereia, talvez uma sereia do mal. Tudo o que consigo pensar é em como esses cachos vão ficar nos meus travesseiros esta noite. Não, de jeito nenhum eu a deixaria.

Meu celular vibra e meu humor fica ainda pior quando percebo que é outra mensagem de Jennifer.

Jen: *Por favor, Alec. Só quero conversar. Da maneira como*

deixamos as coisas… não vamos conseguir seguir em frente.

Seguir em frente? Sim, tenho inúmeras perguntas. Mas obter respostas não vai desfazer a dor que ela infligiu. Não vai mudar o fato de ela ter me traído. Bloqueio o celular e o guardo no bolso, me sentindo despedaçado. Parte de mim quer aceitar a oferta para *conversar*. Quero saber por que ela fez o que fez, mas outra parte de mim tem grande prazer em ignorá-la. Jennifer *odeia* ser ignorada, e isso deve estar a deixando louca.

Meu irmão sorri para mim e percebo que ele deve ter dito alguma coisa. Odeio que a cara dele me irrite hoje em dia. Amo muito meu irmão, mas odeio tê-lo perto da minha mulher. Elena parece gostar da atenção dele. Se eu ficasse longe por mais tempo, ela se afastaria como Jennifer? Ela me deixaria pelo meu próprio irmão?

— O quê? — pergunto num tom brusco.

Lucian resmunga, irritado por precisar repetir.

— Eu disse, não acha que Elena está linda hoje? Escolhi toda a roupa dela. De cima a baixo.

Olho para o corpo dela, e as bochechas de Elena ficam vermelhas.

— Toda a roupa? Não é só um vestido? Que por sinal, é lindo.

O sorriso de Elena desmorona, e percebo que elogiei o vestido, mas não ela. Erro de principiante.

— Você está linda, Docinho. Como sempre.

Parte do gelo nos olhos dela derrete, e ela sorri para mim, fazendo meu coração bater mais rápido.

— Sim, toda a roupa dela. O que, você pensou que ela estava nua por baixo? — Lucian diz, e minha mãe tosse, enviando-lhe um olhar de aviso ao mesmo tempo em que Elena bate no braço dele, todo o corpo tenso. Estou tentado a arrancar meu irmão da mesa e exigir esclarecimentos sobre sua declaração.

— Está tentando me dizer que escolheu a lingerie de Elena? — pergunto, olhando-o de cima. Minha voz soa mais áspera do que eu pretendia, e vejo os olhos dele se arregalarem de leve. Posso dizer que ele não esperava que eu reagisse de tal maneira, e ele não responde à minha pergunta. Olho para a minha mulher em vez disso. — Elena? — pergunto. Ela também não responde e olha para o prato. É como se eu estivesse de volta ao passado, os dois se unindo contra mim. Só que, desta vez, Elena devia estar ao meu lado.

Solto os talheres e deixo-os bater com força no prato. Eu me sento e cruzo os braços no peito. Vejo Elena e Lucian se entreolharem, ambos parecendo em pânico, e tenho a minha resposta.

— Por que você está escolhendo a lingerie da minha esposa? — pergunto a Lucian, encarando-o.

— Eu… ele… Luce está apenas brincando, Alexander.

Encaro Elena, irritado por ela me chamar de Alexander e não Alec, mas chamar Lucian de *Luce*.

Ela é minha esposa, mas é para o meu irmão que tem um apelido. O pior é que a culpa é minha. Fui eu que lhe tirei os direitos do meu apelido num ataque infantil, e disse que não erámos próximos para ela me chamar de Alec.

Olho para Elena e espero pelo seu sinal revelador. Aí está. Ela pisca duas vezes. Desde os cinco anos ela faz isso quando mente, e duvido que perceba.

Sinto a minha raiva aumentar. Na maioria das vezes controlo bem as minhas emoções. Sou conhecido pela minha cara de paisagem e por deixar os sentimentos fora das minhas decisões. Não podia ter ajudado o meu avô a transformar o negócio da família no que é hoje sem essa habilidade. Mas assim que envolve Elena, toda a minha famosa racionalidade sai pela janela.

— Elena, uma palavra por favor — digo, inclinando a cabeça em direção às escadas. — Nos dê licença, mãe.

Ela acena para mim, um sorriso no rosto, e me levanto. Vou em direção às escadas sem verificar se Elena está me seguindo. Ando devagar, tentando ao máximo recuperar o controle das minhas emoções, os saltos de Elena fazendo barulho atrás de mim.

Fecho a porta atrás dela e a levo direto para o quarto. Ela está inquieta, algo que também não mudou. Costumava ficar nervosa sempre que sabia que tinha feito algo errado.

— Senta — digo a ela, apontando para a cama. Ela se senta na borda e eu me ajoelho no chão à sua frente.

— Explique. Eu disse para não pensar em ficar com outra pessoa. Que não vou tolerar rumores sobre você. Então por que diabos meu *irmão* insinuou que ele escolheu toda sua roupa íntima? Esqueceu a quem pertence na semana em que estive fora? Preciso lembrá-la, porra?

Abro as pernas dela devagar e vejo o vestido subir até as coxas. Seus olhos se arregalam, mas ela não me para. Enquanto suas pernas se abrem, o menor pedaço de renda branca que já vi aparece.

— Que merda é essa?

31

Alexander

Há uma lacuna entre os dois lados da roupa íntima, expondo o meio da buceta perfeitamente lisa. Imaginar que meu irmão mais novo escolheu essa coisinha sexy para ela me enoja, e o pensamento de que ela está usando isso para *ele* envia uma raiva pura e incontrolável ao meu sangue. Eu a levanto e a viro, abrindo o vestido e deixando-o cair no chão.

— Alexander! O que você está fazendo?

Meus olhos são atraídos para a bunda redonda que está quase exposta, exceto pelo pequeno pedaço de corda branca que desaparece entre as nádegas. Seu cabelo cai quase no traseiro, exibindo só as covinhas na parte inferior das costas. Eu a viro e a empurro de volta para a cama. Ela se senta no mesmo lugar em que estava antes, cobrindo os seios com os braços e apertando as pernas com força.

Agarro suas coxas e as separo, me abaixando para que eu possa me ajoelhar entre elas, o que ela permite.

— Eu disse *explique*.

Agarro-lhe os pulsos e afasto os braços para longe dos seios, minha respiração falhando quando vejo o que ela está escondendo. Meus olhos encontram seus seios mal cobertos. As rendas brancas que os cobrem não fazem nada para escondê-las. Na verdade, realçam os mamilos escuros e duros. Mal consigo evitar colocá-los na minha boca, e sei que vou precisar provar antes que a noite acabe. Olho para a vagina exposta e lambo os lábios.

— Alexander, eu…

Enterro-lhe a mão no cabelo e coloco os lábios nos seios, passando a

língua no mamilo, por cima da renda. Ela suspira e a vejo se contorcer.

— Alec. De agora em diante, vai me chamar de Alec o tempo todo.

— Alec — ela geme meu nome quando mordisco um mamilo, apreciando sua resposta. Eu me afasto para olhar seu rosto corado.

— Lucian sabe que você é minha e ainda teve coragem de comprar *isso* com você? — digo, acenando para indicar a lingerie. Ela morde o lábio e olha para baixo. — Não pode me dizer que ele escolheu isso para você sem se perguntar como ficaria nele.

Traço-lhe um dedo do peito até o estômago e continuo a descer pelo meio da vagina até chegar à fenda.

— Ele não faria isso — ela sussurra. Levo um momento para me lembrar do que ela está falando.

— Ah, não? Por que não? Você desfilou para ele?

Vejo o pânico em seus olhos e meu coração para. *Porra*, é melhor que ela não tenha desfilado. Empurro seu ombro de leve e ela cai na cama antes de ter a chance de responder.

Eu me inclino e, antes que ela possa reagir, coloco a língua no meio da sua buceta, calando-a.

— Hum — digo sem fôlego ao mesmo tempo que Elena. Faço círculos com a língua ao redor do clitóris e com ela a fodo, sem pressa até deixá-la louca.

— Ah… hum, eu não aguento. Por favor. Ah meu Deus.

Ela agarra meu cabelo, como se quisesse afastar minha cabeça, mas não consegue. Eu a deixo perto do clímax várias vezes, mas paro e começo tudo de novo. Certifico-me de frustrá-la, recusando-me a deixá-la gozar. Ela levanta as pernas e as envolve nos meus ombros, usando os músculos das pernas para aproximar meu rosto. Sorrio no clitóris e dou uma mordida de leve.

— Ah, Deus. *Por favor*.

— Você quer gozar pra mim, esposa? — pergunto a ela.

— Hum, sim.

Sorrio e acaricio o clitóris com a língua.

— Essa buceta é minha, Elena. Você é minha. Diga.

— Eu sou sua, Alexander — diz, ofegante. Ela levanta os quadris e empurra a buceta na minha cara.

— Alec — eu a corrijo. — Diga que sente muito, Elena.

Elena geme, seu corpo se desfazendo debaixo de mim.

— Sinto muito, Alec. Sinto muito — ela geme.

Decidindo que já a castiguei o suficiente, enfio o dedo do meio na vagina apertada e quente e estimulo o ponto G enquanto giro a língua em volta do clitóris. Elena geme alto.

— Ah, Alec. Hum, aí, assim. Minha nossa. Assim.

Ela está frenética, e duvido que perceba como os sons e os apelos saindo de seus lábios são sedutores.

Acelero o ritmo e sinto as paredes internas apertarem meu dedo. Com intensidade chupo seu clitóris e ela goza na minha língua, meu nome em seus lábios. Eu lhe dou um minuto para se recuperar e, em seguida, recomeço a lambê-la de leve, ficando longe do clitóris sensível pelos próximos minutos. Eu acaricio o ponto G e adiciono um dedo extra, mal conseguindo encaixá-lo. A buceta está tão apertada que não vou conseguir pôr meu pau.

— Ah, Deus, Alec. Não aguento. Por favor, não posso… — ela implora, mas não cedo. Empurro contra o ponto G dela com mais força, movendo os dedos para dentro e para fora mais rápido, e dentro de um minuto ela goza.

Ela está ofegante, o rosto corado. Olha para mim com os olhos semiabertos, e é a coisa mais sexy que já vi. Afastando-me, desabotoo os botões da camisa.

— Eu te avisei, Elena. Não direi outra vez. Você é *minha*, e esse comportamento não é aceitável.

Tiro a camisa e desabotoo as calças, sem pressa. Os olhos de Elena estão na minha pele, o olhar aquecido.

— Eu… sim, eu sei — ela sussurra.

Seus olhos se arregalam quando minha cueca passa pelos meus quadris, e não consigo deixar de sorrir com seu olhar.

— Gosta do que vê?

Suas bochechas estão vermelhas, e ela suspira quando vou para a cama com ela.

— Preciso admitir, essa coisinha é muito boa — digo a ela, meus dedos deslizando na renda branca. Elena respira com dificuldade e morde o lábio quando puxo o sutiã, a renda tão fina que rasga com facilidade. Eu a afasto e me inclino, segurando por um tempo o mamilo na boca, provocando enquanto giro a língua. Ela se contorce contra mim e eu sorrio na sua pele. Eu me afasto e abaixo

os lábios até o pescoço dela. Chupo a pele, marcando-a várias vezes, deixando pequenos vergões em todos os pontos que posso alcançar, descendo sem pressa.

— Eu disse que você é minha, mas você não escuta — sussurro, logo antes de lhe chupar o peito, marcando-o também. — Você é minha, e é melhor se lembrar disso. Vou me certificar de que sou tudo o que consegue pensar quando se olhar no espelho, ouviu?

Ela geme quando chupo a parte interna de sua coxa.

— Da próxima vez que você encontrar Lucian, tudo que *ele* será capaz de ver são as marcas que deixei na sua pele. Você me pertence, Elena, e está na hora de ele perceber também.

Vou para cima e me alinho com seu corpo, meu pau entre suas pernas. Elena arqueia as costas, e duvido que ela esteja consciente do movimento.

— Sinto muito, Alec — ela diz, envolvendo os braços em mim. Olho em seus olhos e odeio o quanto ela me cativa. Odeio que eu ame seus olhos.

— Elena, vou te foder com força. Amanhã você vai ficar tão dolorida que, sempre que se mexer, vai pensar em mim. Vou deixar minha marca em você. Vou garantir que nunca mais se esqueça a quem pertence.

Ela concorda e coloca os braços no meu pescoço.

— Sim, Alec — ela sussurra, e eu a penetro de leve, esticando-a.

— Você é tão apertada.

Os olhos de Elena se fecham e eu congelo ali mesmo.

— Olhe para mim — ordeno, e ela obedece. — Olhe para mim quando eu te fodo.

Saio um pouco dela e a penetro de novo, observando-a quando ela geme, os olhos nos meus. Tenho sido muito negligente com ela. Está na hora de lembrá-la a quem ela pertence.

32

Elena

Sinto meu nervosismo quando entro no bar na cobertura que Alexander me pediu para encontrá-lo. Estou tão tensa que nem consigo apreciar a vista deslumbrante — ou o belo e luxuoso interior. Nos últimos tempos, ele tem estado retraído, a raiva palpável.

Meus olhos caem para os conjuntos de sofás redondos, cada um deles uma cabine separada de frente para uma barreira de vidro, resultando em uma visão incomparável do horizonte e do bar. Eu vejo Aiden no canto e ele acena para mim, afastando-se quando me aproximo. Alexander está recostado no sofá, os olhos no horizonte à nossa frente.

Ele olha para cima quando me sento ao lado dele, seu olhar enviando calafrios pelo meu corpo. Ele não tem sido ele mesmo ultimamente. Desde que voltou da viagem de negócios, tem estado frio e distante.

Tentei explicar diversas vezes que não tem nada entre Lucian e eu, mas ele não me escuta. Não posso culpá-lo. Eu fiz tudo errado. Nunca devia ter escutado as ideias de Lucian. Devia saber como Alexander reagiria.

Ele levanta os dedos para minha boca, o polegar deslizando nos lábios.

— Lábios vermelhos? Perfeito.

Meu coração dispara quando ele sorri para mim, os olhos escuros, a raiva ainda brilhando neles. O olhar dele percorre meu corpo, absorvendo o vestido preto apertado que estou usando.

Ele olha nos meus olhos e depois dá um tapinha nas pernas.

— Venha aqui.

Pisco, e minhas bochechas aquecem em um instante. Ele quer que eu me

sente no colo dele? Olho ao redor do bar lotado, meu coração acelerado. Posso não conhecer todos, mas reconheço muitos rostos.

— Não vou repetir.

Engulo em seco e me levanto. Ele sorri de satisfação e agarra minha mão, puxando-a até que eu caia em seus braços. As mãos dele envolvem minha cintura e ele me posiciona no colo, de costas para a multidão.

— Alexander…

Ele olha para mim com as sobrancelhas erguidas, as mãos deslizando pelo meu corpo.

— Eu disse para você me chamar de Alec.

Olho para ele, incapaz de entendê-lo. Ele me disse desde o início que eu e ele não somos próximos para eu usar esse nome, e sei que é verdade. Posso contar com uma das mãos as pessoas que o chamam de Alec. São apenas os pais, Lucian, o avô… e Jennifer. Eu não. Nunca.

— Com vergonha? — pergunta, e a mão desliza na minha pele até segurar minha nuca, o polegar na garganta. — Você é minha, mas parece ter dificuldade de se lembrar. Não tem outro jeito, baby. Terei de garantir que todos saibam disso.

Consigo senti-lo endurecer debaixo de mim e meu coração começa a disparar. Eu me mexo no colo dele e ele sorri.

— Gosta do que sente? — ele pergunta, as mãos movendo-se para minha cintura. Ele me segura logo abaixo dos meus seios, os polegares acariciando os mamilos, que endurecem para ele, meu corpo me traindo por completo, e ele sorri.

— Diga o que está vestindo por baixo deste vestido.

Meus olhos se arregalam e minhas bochechas aquecem ainda mais.

— Eu… hum… apenas roupa íntima.

Alexander ri.

— Cor?

Engulo em seco.

— Preta.

— É de renda?

Aceno com a cabeça.

— Meu irmão também escolheu para você?

Eu olho nos olhos dele, meu coração se contorcendo.

— Não, claro que não. Não é o que você pensa. Foi um mau julgamento da minha parte, admito, mas não há nada entre Luce e eu.

Alexander range os dentes, me segurando mais forte.

— Luce? Humm… não gosto de como você se dirige de maneira íntima a outro homem. É *Lucian* a partir de agora.

Balanço a cabeça e o encaro com os olhos estreitos.

— De jeito nenhum. Ele é meu amigo de infância e você está sendo irracional.

Ele ri, mas não tem humor nos olhos.

— Humm… está me desobedecendo, não é? Estive fora uma semana, e você não larga o Lucian. Está esquecendo a quem pertence, Elena. Você é minha e fará o que eu disser.

Olho para baixo, magoada pelos lembretes constantes. Odeio que ele continue me lembrando que sou apenas mais uma posse. Que ele e eu não estamos numa relação — que nunca estaremos. Ele se aproxima, o nariz roçando meu pescoço. Alexander me beija de leve, onde sabe que sou sensível, e um arrepio de prazer percorre minha coluna. A língua acaricia meu pescoço, e então ele me morde de leve antes de chupar a pele, marcando-me como sua.

Um suspiro suave escapa dos meus lábios e ele se afasta, um sorriso no rosto. A mão desliza pelo meu peito, pelos meus quadris e por baixo do meu vestido, o dedo passando pelas minhas coxas. Arquejo, desejando que pelo menos uma vez meu corpo não responda a ele, mas como sempre, quando se trata de Alexander, ele me desobedece.

Ele empurra minha calcinha para o lado e sorri.

— Molhada. É claro que está. Você é louca por mim, não é? Sempre ansiosa pelo meu toque. Aposto que posso fazer você gozar aqui, no meu colo, com centenas de pessoas ao nosso redor.

Engulo em seco e balanço a cabeça.

— Alec, vão notar. Você não pode fazer isso!

Ele sorri e passa o polegar no meu clitóris, me fazendo pular.

— Fique parada, baby. Não se mexa e ninguém vai saber. Você está de costas para as pessoas e estamos em uma cabine — ele diz, com a cabeça inclinada em direção às barreiras de privacidade entre os sofás. — Agora, vamos ver se você pode gozar em silêncio ou não.

Meus lábios se abrem quando ele desliza um dedo em mim ao mesmo tempo em que gira o polegar no clitóris. Seu sorriso é áspero, os olhos nos meus.

— Difícil?

Ele aumenta o ritmo e eu agarro seus ombros, segurando com força.

— Alec — sussurro, a voz saindo com um gemido.

— Sim. Continue gemendo meu nome, Elena, assim mesmo. Lembre-se a quem este corpo pertence, querida. Goze pra mim.

Estou ofegante e sei que não vou aguentar por muito tempo. Meus dedos passam pelo cabelo dele e eu o puxo para mais perto, nossos lábios se colidindo. Ele engole todos os meus gemidos e eu o beijo da maneira que sei que o deixa louco. Ele me empurra para o limite assim, com os lábios nos meus.

Estou tonta quando me afasto, a minha testa encosta na dele. Ele sorri para mim, com um brilho possessivo nos olhos.

— Boa garota — ele diz. — Tão obediente.

O sorriso de Alexander desaparece quando ele olha por cima do meu ombro, e eu me viro para seguir seu olhar, mas ele agarra meu queixo, mantendo meus olhos nele.

— Seu irmão acabou de entrar com Jennifer nos braços.

Ele fica tenso ao afastar os dedos, e eu também.

— Merda. Aquele idiota está vindo para cá e eu ainda não tinha terminado.

— Elena. O que faz aqui? — Escuto meu irmão dizer. As minhas bochechas ainda estão coradas, e rezo para que ele não perceba o que estávamos fazendo.

Tento sair do colo de Alexander, mas ele não me deixa. Em vez disso, me aperta mais, então me viro nos braços dele.

O maxilar de Matthew está rangendo, e só isso teria feito eu ganhar a noite. Mas, melhor ainda, é o olhar ciumento nos olhos de Jennifer. Ela olha para Alexander, mas, dessa vez, ele não retribui. Ele descansa o queixo no meu ombro, pressionando um beijo demorado no meu pescoço, como se Matthew e Jennifer nem estivessem lá.

— Matthew. Que bom ver você — digo.

Matthew cerra o maxilar, e me pergunto se ele vai revelar o idiota interior. Quando tenta me alcançar, Aiden agarra seu braço com força e sem dizer uma palavra, apenas o afastando.

— Você é uma vergonha, Elena. O que pensa que está fazendo, sentada no colo de alguém como uma prostituta? É melhor se levantar agora, ou juro por Deus — Matthew sibila com a voz baixa.

As suas palavras me magoam, mas depois de anos recebendo seus insultos, o impacto foi atenuado. Não é como antes. Agora é só uma dor monótona, o tipo de dor que experimentamos quando sabemos que tentamos ficar com algo que devíamos ter abandonado há muito tempo. Olho para ele e mal o reconheço. Nos anos desde que mamãe entrou em coma, ele se afastou cada vez mais do irmão com quem cresci. Nunca fomos próximos, mas ele nunca foi cruel como agora.

Alexander ri das palavras de Matthew e dá um beijo no meu ombro, ignorando-o.

— Garota estúpida. Ele está usando você. Acha que é você que ele quer? Não é. Você é apenas um peão.

Alexander olha para Matthew.

— E daí? E se eu estiver usando sua irmã? — ele pergunta, a voz baixa e suave.

Meu coração torce de dor com essas palavras. Sei que não significo nada para ele, que ele só está me usando. Mas metade do tempo ele faz com que seja tão fácil esquecer isso. Ele torna muito fácil me enganar a acreditar que o que temos pode ser real um dia. São coisas como pedir para chamá-lo de Alec, quando isso só é reservado para os mais próximos. É ele agindo com ciúmes o tempo todo e me reivindicando em público como sua que me dá a ideia errada. Me dá esperança, e a esperança é a emoção mais cruel de todas.

Olho para Matthew, com um sorriso tristonho no rosto. Se tivesse escolha, escolheria suas palavras cruéis em vez das mentiras de Alexander.

Matthew cerra o maxilar.

— Você precisa ficar longe da minha irmã, Alexander.

Alexander ri, o som arrepiando minha coluna.

— Da maneira como você ficou longe da minha noiva?

Matthew sorri e olha para mim. Sua expressão presunçosa só faz aumentar a dor que as palavras de Alexander infligiram. Sei que ele ama Jennifer, mas ser confrontada com isso dói. O brilho satisfeito nos olhos dela acaba comigo. Ela sabe que, mesmo que seja eu nos braços dele, ele não a esqueceu.

— Eu te disse, Elena. Está vendo. Isso é tudo o que você é para ele.

Matthew balança a cabeça e dá um passo para trás, sua raiva diminuindo, até que tudo o que resta é irritação.

— Você a quer, Alexander? Pode ficar com ela. Acha que eu ligo? Não. Você está me envergonhando, admito, mas vou sobreviver aos danos à reputação de puta que minha irmã está exibindo. Mas isso? Isso não vai me machucar. — Ele ri, o som arrepiante. — Escolheu a irmã errada. Não dou a mínima pra essa.

Matthew sorri e envolve Jennifer com o braço. Ele olha para Jennifer e a puxa para si, beijando-a, se exibindo para Alexander. Ele me segura mais forte, e meu coração se parte. Está me segurando quando anseia por outra pessoa.

Matthew sorri e agarra a mão de Jennifer. Eu os vejo ir embora, as palavras de Matthew reverberando na minha mente. Meus olhos se fecham e eu respiro trêmula.

— Conseguiu o que queria — digo, a minha voz falhando. — Você me jogou na cara de Matthew e Jennifer. Ele tinha razão, sabia? Me tratou como uma prostituta esta noite e eu deixei. Porque você tem razão, Alexander. Eu pertenço a você. Foi o suficiente? Já me envergonhou o suficiente?

Ele me aperta mais, os braços enrolados com força ao meu redor.

— Elena, não há nada de vergonhoso em sentar no meu colo. Ninguém sabe mais do que isso. Isso era só entre nós dois. Se eu quisesse te tratar como uma prostituta, tinha te colocado de joelhos, chupando meu pau para todos verem. Em vez disso, era o seu prazer que eu queria. Está deixando seu irmão entrar na sua cabeça.

Respiro fundo, tentando ao máximo acreditar em suas palavras.

— Mas ele estava errado? Você está me usando. Não significo nada para você. Não é diferente do meu irmão, Alexander. Sou apenas um objeto para você.

Seus lábios roçam no meu ouvido, sua voz suave, mas áspera.

— E você não é diferente de Jennifer — ele sussurra. — Você é desleal. Pelo menos Jen nunca deixaria *meu irmão* escolher a porra da roupa íntima dela, Elena. Ela é uma vadia traidora, mas até ela nunca teria se rebaixado tanto.

Deixo meus olhos se fecharem, o desamparo me dominando. Nós… estamos em rota de colisão. Da maneira como estamos… não há como nos salvar. E desta vez, a culpa é minha. Ele nunca me perdoará pelas artimanhas de Lucian.

33

Elena

— Não se preocupe. Ela vai acordar. A sua mãe e eu somos amigas desde que éramos crianças. Ela é uma das mulheres mais fortes que conheço. Não perca a esperança, querida.

Sofia segura minha mão com força quando nos sentamos ao lado da cama de hospital da minha mãe. Ela me acompanha uma vez por semana há algum tempo. Passa horas falando com minha mãe sobre as memórias de infância, Lucian, eu e Alexander. Gosto de pensar que minha mãe pode ouvi-la, e que as lembranças felizes a ajudarão a querer acordar.

Hoje Sofia está mais quieta do que o normal, e sei que ela está preocupada com Alexander e eu, pois mal nos falamos nos últimos dias, e posso dizer que isso a está afetando. No geral, jantávamos com ela todas as noites, e a forma como ele brincava com ela, o carinho que demonstrava por mim, sempre a fez feliz. Agora ele já nem se dá ao trabalho de fingir para a mãe. Ele quase sempre me ignora, e isso a deixa preocupada.

O novo médico da minha mãe entra, o rosto enterrado nas anotações. O médico parece surpreso quando percebe que a minha mãe não está sozinha.

— Ah, sra. Kennedy? — ele pergunta.

— Sim — minha sogra e eu dizemos. Olho para ela, confusa.

O médico parece confuso e olha de mim para ela.

— Sra. *Elena* Kennedy? — ele esclarece.

Aceno com a cabeça e me levanto para apertar sua mão.

Ele cora quando retribui meu cumprimento.

— Eu… você… você é tão jovem — ele deixa escapar. Arregalo os olhos

e ele balança a cabeça, desculpando-se. — Eu não quis dizer desse jeito. Deus, eu sinto muito. É só porque você é a guardiã…

Eu rio e balanço a cabeça.

— Está tudo bem. Por favor, me chame de Elena. Você é o dr. Taylor, certo?

Ele não parece ter idade para ser médico, mas Alexander me garantiu que é um prodígio e especialista na área. Alexander levou semanas para convencê-lo a vir trabalhar para nós.

Ele acena com a cabeça e continua a me contar sobre a condição da minha mãe.

— Cheguei há alguns dias e não me disseram nada sobre quem eu estaria tratando ou qual era o estado da paciente. Os Kennedy têm sido muito discretos sobre tudo, então eu realmente não sabia o que esperar. Serei o médico permanente da sua mãe a partir de agora. Ela vai ser a minha única paciente, e vou lhe dar cuidados vinte e quatro horas por dia. Por enquanto, estamos mantendo-a com as mesmas drogas que o hospital anterior usava para não lhe causar um choque no organismo, mas notei algumas anomalias no prontuário e, bem… não parece certo. Parece que a atividade cerebral é muito alta para uma paciente que está em coma há tanto tempo, e ela de fato não está com morte cerebral. Farei vários testes nas próximas semanas, então saberei mais em breve. Dito isso, na verdade acredito que há uma chance de ela acordar algum dia, Elena.

Incrédula, meus olhos se enchem de lágrimas. Ela pode acordar de novo? Um soluço aliviado irrompe da minha garganta e enterro o rosto nas mãos. Suas palavras são como uma boia salva-vidas após anos de decepção. Dou uma fungada, tentando ao máximo manter minhas emoções sob controle, e Sofia passa o braço em volta de mim.

— Que notícia maravilhosa, querida. Eu sabia. Sua mãe sempre foi uma lutadora.

Aceno, sorrindo entre as lágrimas. Baixo a cabeça em seu ombro e inspiro trêmula.

— Sim, ela é, não é?

A porta se abre atrás de nós e eu me endireito, surpresa ao encontrar Alexander. Seus olhos encontram os meus e ele franze a testa quando percebe que estou segurando as lágrimas. Ele caminha até nós e coloca a mão no meu ombro, uma pitada de preocupação visível através do comportamento frio.

— O que aconteceu? — ele pergunta, a voz suave.

— O médico disse que ela pode acordar — sussurro, tentando afastar as lágrimas.

Os olhos de Alexander se arregalam e ele sorri, um sorriso de verdade — o primeiro que vejo em dias, se não semanas. Ele coloca meu cabelo atrás da minha orelha com gentileza.

— Que notícia maravilhosa, Docinho.

Dou outra fungada, um sorriso trêmulo no rosto.

— É tudo por sua causa. Se não fosse por você, ela não estaria nesta instalação, e não estaria recebendo cuidados tão bons.

Ele fita meus olhos e balança a cabeça.

— Não fui eu — ele diz. — Foi você. A fé que você tem, os sacrifícios que fez.

Sofia acena em concordância e me segura mais forte num abraço, um sorriso largo no rosto.

— Mãe — Alexander diz, dando-lhe um beijo na bochecha. Ela sorri para ele, os olhos se movendo entre nós dois. Acho que isto é o máximo que temos falado em algum tempo.

Alexander caminha até minha mãe e lhe pega a mão com cuidado, beijando-a com delicadeza. O doce gesto leva lágrimas aos meus olhos outra vez.

Ele então se vira para o médico, que o olha nervoso.

— Imagino que as instalações de pesquisa sejam do seu agrado? — ele pergunta.

O dr. Taylor assente.

— Com certeza, sr. Kennedy. Estou muito grato pelo financiamento do meu estudo.

Sofia toma minha mão e sorri.

— Alec e eu temos um almoço marcado todas as terças-feiras. Ele disse que queria falar com o novo médico da sua mãe, então pedi que ele viesse me buscar aqui — ela diz.

Olho para ela e balanço a cabeça. Então ela orquestrou isso. É a sua tentativa de nos juntar.

— Não vou incomodar — digo, sabendo que Alexander não me quer por

perto. Ele tem feito de tudo para me evitar nos últimos tempos. — Vocês, vão em frente. Vou ficar um pouco mais com a minha mãe, e depois voltarei para casa. Tenho um compromisso às três.

Alexander olha para a mãe por alguns segundos e suspira.

— Venha com a gente — ele diz. — Tem tempo de sobra. Te levo em casa depois.

Franzo a testa para ele, mas Sofia assente feliz. Alexander segura meu casaco para mim, mas é a mãe dele que ele está olhando. Sem poder fazer mais nada, coloco os braços nas mangas e depois me afasto. Antes que eu tenha a oportunidade de apertar os botões, ele passa as mãos nas minhas e sorri para mim. Quando olha nos meus olhos, não consigo evitar um salto do meu coração. Parece que não o vejo há séculos. Tenho certeza de que ele está esperando para vir para cama até ter certeza de que estou dormindo. Tenho tentado ficar acordada e esperar por ele, mas ele nunca aparece… Porém, todas as manhãs seu lado da cama está bagunçado.

Alexander se aproxima de mim e abotoa o casaco sem pressa. Pela minha visão periférica vejo Sofia radiante, um olhar aliviado nos olhos. Ela nem percebe que é tudo encenação, e parte de mim gostaria que ela percebesse. Não quero mais fazer isso. Não quero fingir que somos felizes juntos quando ele nem sequer olha para mim quando estamos sozinhos.

Alexander agarra minha mão e entrelaça nossos dedos antes de envolver o outro braço na mãe. Ele nos leva até o carro, e estou surpresa por ele não ter usado a limusine. Ele abre a porta do passageiro do carro desportivo para mim e sorri, desculpando-se.

— Sinto muito, Docinho. Terá de se espremer no banco de trás. Se soubesse que estaria aqui, teria vindo num carro maior.

Sorrio e balanço a cabeça para indicar que não me importo. O banco de trás do Aston Martin é mesmo pequeno, mas consigo caber muito bem.

O restaurante que vamos não é muito longe, e Sofia gosta muito do passeio. Alexander abaixa a capota para que ela possa sentir o vento soprando nos cabelos. Ele a observa com um sorriso indulgente sempre que ela os sacode, satisfação no rosto.

Ele cuida tão bem dela, e não posso deixar de perder um pedaço do meu coração para esta versão de Alexander.

34

Alexander

Assim que chegamos ao restaurante o telefone de Elena vibra. Ela olha para o celular, os olhos se arregalando.

Quando olha para mim, vejo um brilho de pânico em seus olhos, e depois olha para baixo, escondendo o telefone com pressa. A inquietação se instala no meu interior quando ela força um sorriso sem encarar meus olhos.

— Eu… preciso ir. Surgiu um imprevisto — diz.

Ela sorri para a minha mãe e depois se vira para se afastar antes que eu possa impedi-la.

— Elena — chamo, correndo atrás dela. — Onde você vai?

Ela finalmente olha nos meus olhos e a culpa que vejo neles me destrói. Ela está escondendo alguma coisa.

— Ah, não é nada. Só preciso voltar para o hospital rapidinho — ela diz.

E então pisca duas vezes, seu sinal revelador. Está mentindo.

Ela agarra minha mão e sorri para mim.

— Vá e almoce com sua mãe. Vejo você depois.

Ela aperta minha mão e então se afasta, sinalizando para um táxi no caminho. Eu olho para ela, meu coração inquieto.

Pego o celular e ligo para minha equipe de segurança assim que ela entra no táxi.

— Diga quem acabou de enviar uma mensagem para minha esposa e qual era o conteúdo — ordeno assim que Aiden, meu segurança, atende.

— Sim, senhor — ele diz.

Ando de um lado para o outro no asfalto enquanto espero que ele recupere os dados.

— Está tudo bem? — minha mãe pergunta. — Onde Elena foi?

Balanço a cabeça.

— Não é nada, mãe. Mas aconteceu alguma coisa. Podemos remarcar?

Ela franze a testa para mim e acena com a cabeça, mas posso dizer que está aflita. Ela está preocupada conosco há algum tempo, e deixei a minha raiva com Elena sobrecarregar as necessidades da minha mãe, a sua felicidade.

— Claro, Alec. Vou pedir ao motorista para me buscar.

Sorrio para ela e beijo-lhe a bochecha quando ela apanha o telefone para ligar para nosso motorista.

— Sr. Kennedy — Aiden diz ao telefone. — Parece que a mensagem veio do seu irmão. Os conteúdos foram os seguintes: *Preciso de você, Elena. Agora. Por favor, encontre-me neste endereço* — ele diz. Espero ele passar o endereço, mil pensamentos na cabeça. Que diabos eles estão fazendo? Um caso? Depois de ela me jurar que não se passava nada entre eles? Eu devia ter sido mais inteligente. Devia saber assim que descobri sobre a lingerie.

Uma fúria invade meu sangue quando percebo que o endereço é um quarto num dos nossos hotéis. Minhas mãos tremem atrás do volante. Cada cenário que vem à mente é mais doloroso do que o outro. Parece Jennifer outra vez. Encontrá-la no apartamento que comprei para ela, Matthew em cima dela. Fui estúpido em confiar em Elena. E pensar que o dinheiro poderia comprar sua lealdade.

Não vejo nada quando entro no lobby do hotel. A recepcionista está nervosa por me encontrar aqui em pessoa sem qualquer aviso prévio, e olha para mim com olhos arregalados.

— Me dê um cartão-chave para a suíte presidencial — digo a ela.

Ela pisca e hesita, mas felizmente para ela seu gerente se aproxima e me entrega a chave antes que eu possa demiti-la por sua incompetência.

Seguro o cartão com tanta força que me corto. O medo me preenche ao pegar o elevador, temendo o que vou encontrar. Fico em frente à porta, meu coração doendo de uma maneira que nunca senti. Elena… eu deveria ter lembrado de quem ela é irmã. De quem é filha. Ela me enganou.

Deslizo o cartão de acesso e abro a porta com o máximo de cuidado, segurando-a antes que se feche.

Eu me encosto na parede, tentando escutar os gemidos, mas, em vez disso, tudo o que ouço são soluços aflitos. Eu congelo e me endireito.

— Ele partiu o meu coração. Rasgou em pedacinhos.

Franzo a testa, confuso. Dou um passo mais perto até que Elena e Lucian aparecem no meu campo de visão. Meu coração desmorona quando encontro meu irmão nu nos braços da minha esposa. Parece que só está de cueca, mas Elena ainda está vestida.

Tenho dificuldades para entender o que estou vendo, o que estou ouvindo.

Isso… isso não é um caso.

— Achei mesmo que Marcus era diferente — Lucian diz. — Eu me apaixonei por completo, Elena. Pensei que ele era a pessoa certa. Ia contar à minha família sobre ele. Ele já trabalha com meu irmão, então pensei que seria mais fácil eles aceitarem. Ele é o CFO de Alec, e sei que Alec gosta muito dele, então eu estava com muita esperança. — Ele respira com dificuldade, os olhos fechados. — Mas Marcus estava apenas atrás do dinheiro. Hoje foi a primeira vez que dormimos juntos, e foi mágico para mim, tão mágico, Elena. Mas ele… ele filmou e está me chantageando.

Elena o abraça com mais força, a expressão angustiada.

— Vamos dar um jeito, Luce. Tudo ficará bem. Temos de contar ao Alexander. Ele vai saber o que fazer.

Lucian a empurra para longe com força, puro pânico transformando o rosto.

— Não! — ele grita. — Meu irmão não pode descobrir — ele diz com a voz alta, em pânico. — Ele nunca me verá do mesmo jeito. Vai perder todo o respeito por mim. Vai me achar desprezível. Um irmão gay? Ele nunca vai aceitar. Ser chantageado, também? Vai pensar que sou fraco. Não pode contar a ele, Elena. Você prometeu. Você *jurou* que nunca diria.

Elena envolve os braços em volta de si mesma, parecendo tão em pânico quanto Lucian. A angústia no rosto dela… porra.

Entro no quarto, assustando os dois. A expressão de Lucian se transforma em traição e depois ódio. Ele olha para Elena incrédulo e eu balanço a cabeça.

— Ela estava agindo de forma suspeita — digo a ele. — Então a segui.

Caminho em direção à cama e pego as roupas descartadas dele, meus olhos vagando pelo quarto desarrumado. Jogo as roupas para Lucian e balanço a

cabeça.

— Vista-se — digo a ele.

Elena se levanta, parecendo preocupada, e eu suspiro. Nem sei o que dizer a ela. E pensar que eu suspeitava que ela estava me traindo com meu próprio irmão, quando eu não podia estar mais errado. De alguma forma, consegui afastar tanto meu irmão que ele confia mais seus segredos à minha mulher do que a mim. E minha esposa… Eu a acusei de deslealdade várias vezes. Foi a *lealdade* dela que a impediu de me dizer a verdade, quando isso teria resolvido todos os nossos problemas. Ela cumpriu as promessas que fez a Lucian, assim como eu a fiz sofrer por isso.

Lágrimas escorrem pelo rosto de Lucian quando ele se veste, sufocando soluços, incapaz de me olhar nos olhos. Parte meu coração vê-lo assim. Não me lembro da última vez que o vi chorar — não em *anos*. Eu devia ter sido a primeira pessoa a quem ele se voltaria nesta situação, mas sou a última que ele queria que descobrisse.

Pego o celular e ligo para Elliot, um dos meus amigos mais próximos, e um gênio da informática. Ele atende quase de imediato.

— O que foi? — ele diz. — Como posso extorquir você hoje?

Afasto um sorriso e balanço a cabeça.

— Preciso que um vídeo seja removido — digo, olhando para Lucian. — Como você foi filmado, Lucian? — pergunto, com a voz suave. — Com qual dispositivo?

Ele engole em seco e levanta a cabeça devagar, as lágrimas frescas nos olhos.

— Eu… Alec…

Sorrio para ele e balanço a cabeça.

— Apenas me diga que dispositivo era.

Ele acena com a cabeça, uma profusão de lágrimas rolando pelas bochechas.

— O celular dele. Não me lembro o modelo.

Suspiro e aceno com a cabeça.

— Elliot, preciso que você frite todos os dispositivos pertencentes a Marcus Smith. Ele é um dos meus empregados. Vou te passar um cheque em branco.

Ouço Elliot digitar com rapidez pelo telefone antes de responder.

— É para o Lucian? — ele pergunta, a voz suave.

— Sim — murmuro. — O namorado dele o traiu.

Elliot fica em silêncio.

— Entendo. Então, ele é… hum, ele é gay?

— Sim, e? — falo, de modo brusco, furioso. — Algum problema?

— Não, *não* — Elliot diz. — Eu só… sempre achei ele muito fofo.

Pisco surpreso, perdido por completo. Não sei nem o que dizer. Pigarreio.

— Bem, tenho certeza de que você sabe como colocar as mãos nos detalhes de contato dele, embora agora talvez não seja uma boa hora.

Elliot ri, nervoso.

— Ok, bem, considere feito. Sem custo, já que é para Lucian.

Não consigo evitar o riso. Como só descobri agora que duas pessoas que conheço desde sempre não são héteros? Sou tão ignorante?

— Obrigado — digo. — Preciso que descubra todos os detalhes sórdidos sobre ele e torne tudo viral. Preciso do suficiente para poder demiti-lo sem me preocupar com um processo. Não quero que ele consiga encontrar outro emprego.

— Vamos — digo a Elena e Lucian. — Nós vamos embora.

35

Alexander

— Para onde estamos indo? — Elena pergunta enquanto os levo para meu carro. Lucian mal olhou para mim, e também não sei o que dizer a ele. Fracassei como irmão mais velho e nem percebi.

— O que vai fazer você se sentir melhor? — pergunto a Lucian, sem saber o que fazer.

Ele olha para cima, os olhos vermelhos.

— Pra ser sincero, Alec… eu daria qualquer coisa para apenas atirar ovos na casa dele, por mais juvenil que seja.

Eu dou uma risada e aceno com a cabeça. Muito bem. Estou planejando fazer algo muito pior, mas não é um começo ruim.

— Loja de conveniência primeiro, então.

Elena e Lucian ficam quietos ao me seguirem, e só quando estaciono em frente à casa de Marcus é que Lucian entra em pânico.

— Alec — ele diz, parecendo ansioso ao sair do carro. — Talvez não seja uma ideia tão boa.

Sorrio para ele, com os ovos na mão.

— Esse cara está prestes a descobrir o que acontece quando se mete com um Kennedy. Além disso, você se sentirá melhor depois.

Entrego-lhe um ovo e ele apenas o encara.

— Não está zangado? — ele pergunta. — Não está decepcionado?

Coloco o braço ao redor de seu ombro, trazendo-lhe sem querer uma explosão de novas lágrimas.

— Lucian, você não fez nada para se envergonhar. Nunca me decepcionaria. Na verdade, fui eu quem te decepcionou.

Ele irrompe em lágrimas e meu coração se parte quando ele as enxuga com raiva, odiando a falta de autocontrole sobre as próprias emoções. Como se de repente eu o desprezasse por estar emotivo depois de tudo o que passou hoje, quando em geral é tão inabalável.

— Sei que tudo o que está acontecendo é demais, e ficaria chateado se fosse comigo. Merda, eu também estaria chorando.

Ele acena com a cabeça e me abraça, e eu retribuo com força. Elena olha para mim com imenso alívio e eu aceno, suspirando. Há quanto tempo ela guarda o segredo dele? Como foi difícil ficar calada cada vez que a questionei sobre sua relação com meu irmão?

— Vamos — murmuro. Lucian assente e se recompõe, endireitando as roupas. Ele suspira quando me afasto e jogo um dos ovos com tanta força quanto posso, uma risada explodindo de sua boca quando se quebra na janela de Marcus.

Entrego a ele alguns ovos e me encosto no carro enquanto ele os atira, seu humor melhorando a cada ovo que estoura na casa, até que por fim ele está rindo.

Olho para Elena, sobrecarregado com a culpa. As coisas que lhe disse… eu a magoei, e o fiz de modo consciente. Tenho a ignorado, evitado, e, durante todo o tempo, ela tem cuidado da minha família melhor do que eu. Me sinto mal ao pensar na dor que vi em seus olhos quando a comparei com Jennifer, quando lhe disse que até ela era mais leal. Fiquei sentado lá e vi o irmão dela a insultando, sem defendê-la. Deixei acontecer por causa da minha raiva equivocada.

Hesitante, vou até ela. Elena olha para mim de uma forma que faz meu coração trabalhar horas extras. Não há raiva em seus olhos, nem julgamento ou vingança. Em vez disso, ela sorri para mim tranquila, consciente. Levanto meu braço para envolvê-la e suspiro de alívio quando ela entra no meu abraço. Ela tem todo o direito de estar zangada comigo por ser tão duro quando ela não fez nada de errado. Em vez disso, tudo o que vejo em seus olhos é alívio. O foco dela não é ter razão, é Lucian e o bem-estar dele. Me inclino e beijo-lhe a bochecha, a assustando.

— Muito obrigado — agradeço, de coração. — Por cuidar dele em meu lugar.

Ela sorri para mim, um olhar de compreensão. Estou tão perdido nos olhos da minha esposa que não vejo Marcus saindo da casa até Lucian ficar tenso ao meu lado.

Eu me ajeito e o intercepto antes que ele possa alcançar minha mulher ou meu irmão. O olhar vitorioso em seus olhos me irrita, e eu afasto o braço antes de socá-lo no queixo o mais forte que posso. Ele tropeça e cai de bunda. Meneio a cabeça e passo a mão no punho, irritado por ter que sujá-lo.

Marcus começa a rir um som histérico e levanta o celular.

— Eu teria cuidado se fosse você. Seu irmão tem segredos. Segredos que posso revelar com o toque de um botão.

Sorrio de volta e aceno.

— Vá em frente — digo a ele.

O sorriso de Marcus vacila, mas então ele sorri mais.

— Não pense que não vou.

Cruzo os braços enquanto ele se levanta.

— Que tal me mostrar o que sabe sobre ele?

Lucian caminha até mim e coloca a mão no meu braço. Consigo senti-lo tremer, e isso envia uma nova onda de fúria pelo meu corpo. Quando acabar com Marcus, ninguém o reconhecerá.

Marcus clica no telefone, o sorriso presunçoso se transformando em descrença aos poucos.

— Não funciona? O celular está morto? Que coincidência — digo, meu tom ameaçador.

Marcus ri, o som histérico, louco.

— Eu tenho backups. Não sou estúpido — ele diz, quando três carros pretos encostam na calçada.

— Sim. Eu também — digo a ele.

Aiden e o resto da minha equipe de segurança saem dos carros com as armas na cintura. Parados de terno preto, até eu tenho que admitir como são intimidadores.

— Chefe — Aiden diz, e inclino a cabeça em direção à porta da frente de Marcus.

— Ele diz que tem backups de algo que quero destruído, então acho que não temos escolha. Destrua tudo naquela casa e me traga cada peça eletrônica

que ele possui, mas primeiro quebre em pedacinhos.

Marcus corre na minha direção, mas meus homens o seguram em segundos. Olho para Lucian e suspiro.

— Foi por isso que se apaixonou? Sério?

Ele parece perturbado e me arrependo de provocá-lo na mesma hora. Envolvo meu braço nele.

— Vai ficar tudo bem, garoto — digo. — Mas precisamos melhorar seu gosto. Elena parece saber apreciar o que é bom. Ela pode te dar algumas dicas.

Lucian ri, e eu suspiro aliviado.

— Você não tem ideia do que fiz com seu irmão — Marcus grita. — Eu o fiz chupar meu pau. Arrombei o rabo dele, fiz gritar o meu nome.

Lucian coloca os braços ao redor de si, a cabeça baixa. Com as bochechas vermelhas, parece humilhado. Pego um dos ovos restantes e o entrego a um dos meus homens.

— Calem esse idiota. Cansei de escutar a voz dele. Na verdade, é melhor nunca mais ouvir falar dele. — Eu me viro para meu irmão e levanto a sobrancelha. — Quer que eu o faça desaparecer?

Antes que Lucian responda, as sirenes da polícia soam à distância. Olho para Marcus. Parece um idiota parado ali com um ovo na boca, mas o brilho vitorioso nos olhos é o que me irrita.

— Esse filho da puta conseguiu chamar a polícia antes de Elliot fritar as coisas dele.

Suspiro e pego o telefone, odiando agora ter que pedir um favor. Consigo ligar para o diretor-geral da polícia assim que as viaturas param na nossa frente. Dois policiais saem do carro, as armas apontadas e os olhos nos homens que seguram Marcus.

— Boa tarde, policiais — digo, acenando com a cabeça.

Eles apontam as armas para mim.

— Péssima ideia — murmuro, suspirando. — Vocês poderiam, por favor, me dizer nomes, patentes e quartel?

Ambos piscam, assustados por um segundo. Sabem tão bem quanto eu que têm que me fornecer as informações que pedi, e o fazem de má vontade.

— Escutou tudo? — pergunto ao diretor-geral.

— Escutei — ele responde. — Mas você me deve, Alexander.

Cerro os dentes.

— Eu sei — digo, terminando a ligação.

Olho para Marcus com ódio renovado antes de voltar para os policiais à minha frente.

— Agora, vou precisar que você solte esse homem — diz um deles, a voz calma, a arma apontada para mim. Tenho que admirar sua índole. Estão em desvantagem de pelo menos cinco para um, mas isso não o incomoda.

— Lamento, não posso fazer isso — digo, me sentindo um pouco mal por ele.

Lucian segura minha manga enquanto a mão de Elena treme na minha. Odeio tê-los colocado nessa situação. Isso não é algo que qualquer um deles deveria precisar experimentar, e é tudo culpa minha. Fui eu que os trouxe aqui. Devia saber que era melhor vir sozinho.

— Lamento informá-lo — digo ao oficial, olhando para o relógio — que em menos de um minuto seu rádio o informará para se afastar.

Ele olha para o dispositivo amarrado à cintura e ri. Quando volta a olhar para mim, é claro que pensa que está lidando com algum psicopata. Não estaria tão errado.

Ele apanha o rádio e o leva aos lábios para pedir reforços, e não posso culpá-lo. Para seu azar, o rádio chia quando ele está prestes a falar.

— Afastem-se. Saiam do local. — Entendo essa parte, reconhecendo a voz do diretor-geral. Ambos os oficiais parecem surpresos e dão um passo para trás para solicitar mais informações, as vozes baixas, mas por fim vejo seus ombros caírem.

Eles olham para mim, e o aborrecimento em seus olhos é justificado. Aposto que se tornaram policiais porque queriam tornar o mundo um lugar melhor e mais seguro, apenas para chegar à conclusão de que nada disso importa — este mundo é governado por dinheiro. Sempre foi.

— Muito bem, sr. Kennedy — diz um deles. Ele olha de volta para Marcus e depois suspira. Balançando a cabeça, caminha de volta para o carro, seu colega a reboque.

— Como? — Lucian pergunta, os olhos cheios de uma admiração que não vejo há anos. Sorrio e bagunço seu cabelo.

— Conexões, Luce — murmuro. Ele não precisa saber como sujo minhas mãos pela nossa família.

Elena recosta a cabeça no meu ombro e eu a envolvo com um braço.

— Vamos para casa — digo.

Elena e Lucian assentem. Ambos parecem exaustos, o que não me surpreende.

— Cuidem dele — digo aos meus homens. — Certifiquem-se de que ele não fale.

Lucian olha para Marcus mais uma vez, os olhos vermelhos. Então ele se vira resoluto, renovando a confiança. Ele me encara com gratidão, e eu sorrio quando abro a porta para ele.

Marcus vai se arrepender de ter mexido com meu irmão.

36

Alexander

Lucian me para quando estou prestes a ir para meu quarto, a mão segurando a manga da minha roupa. Elena nos olha e se afasta com um doce sorriso no rosto.

Lucian parece nervoso, encarando os próprios pés.

— Eu… só queria pedir desculpas — ele diz. — Causei tantos problemas hoje, mas você não hesitou em me ajudar. Não só isso… Eu sei que Elena e você têm discutido. Sei que fiquei entre vocês, e podia ter consertado tudo se tivesse falado, se dissesse a verdade… Mas não disse.

Apoio a mão em seu ombro e sorrio.

— Você é meu irmão mais novo, Lucian. Sempre o apoiarei. Sempre. Sinto muito por não ser alguém em quem pudesse confiar.

Ele engole em seco e acena com a cabeça.

— Você… está bem com isso? Não está com vergonha de mim?

Franzo a testa para ele.

— O quê? Não, por que estaria? Nada mudou. Você ainda é meu irmãozinho, Luce.

Ele olha para mim, confuso.

— Mas, Alec… eu sou *gay*. Não é uma fase. Tentei toda minha vida, mas *nunca* vou me sentir atraído por uma mulher. Em algum momento, o mundo vai descobrir.

Sorrio.

— Bem, quando estiver pronto para contar ao mundo, estarei ao seu lado, se é onde me quer. Não sou muito bom nisso, Luce. Apenas não sou. Não sei

qual é a coisa certa a dizer, nem sei o que precisa ouvir. Tudo o que sei é que você é meu irmão, e sempre o amarei do mesmo jeito. Não me importo com quem você dorme. — Estreito os olhos. — Contanto que não seja minha esposa.

Os olhos de Lucian estão cheios de lágrimas, mas ele começa a rir.

— Você estava preocupado com isso, né? Elena sempre teve olhos só para você. Sempre, Alec. Lamento não ter falado antes. Ela tem um coração de ouro, e *nunca* o trairia.

Estou casado com Elena há tempo suficiente para saber disso, mas deixei meu passado me cegar. Sorrio para Lucian e aceno em reconhecimento.

— Mamãe sabe? — pergunto, cauteloso.

Lucian empalidece e balança a cabeça, a expressão angustiada.

— Não.

— Você quer contar pra ela? — Lucian olha para mim e o desejo em seus olhos é claro como o dia. — Quer que a gente conte juntos? — acrescento.

Ele acena com a cabeça e eu desarrumo seu cabelo. Há muito tempo meu irmão mais novo não parecia tão fofo.

— É só você me pedir. Quando estiver pronto, estarei com você.

Lucian assente. Ele hesita antes de dar um passo mais perto, jogando os braços de repente ao meu redor. Eu fico lá, congelado por alguns segundos, antes de o abraçar de volta.

Ele se afasta, emotivo.

— Desculpa — ele diz. — E obrigado. Por hoje. Por estar lá. Sou grato por tê-lo como meu irmão.

Ele sorri e se vira para se afastar, parecendo perturbado. Parece que os eventos de hoje o afetaram de verdade. Sua confiança habitual está ausente, e odeio vê-lo tão vulnerável.

Eu o vejo descer as escadas, e não consigo deixar de me preocupar que Marcus o tenha marcado. Pior ainda, não sei como melhorar as coisas.

Ainda estou preocupado com Lucian quando entro no quarto, parando ao escutar o som do chuveiro. Elena… porra. Fiz de tudo para que ela se sentisse como se não fosse nada para mim, como se fosse um mero objeto. Eu estraguei tudo. Estraguei feio.

Sem fazer barulho, tiro a roupa e hesito antes de atravessar a cortina de água. Elena olha para mim, surpresa, e eu paro para observá-la. Ela está tão linda parada ali, a água escorrendo pelo corpo. Tive saudades dela. Senti falta do seu

corpo no meu, do seu sorriso.

Vou até ela e paro à sua frente. Ela se encosta na parede e olha nos meus olhos. Não há condenação nos olhos, ou arrogância, nenhum *eu te disse*. Nunca há joguinhos com ela, sem contar vitórias. Eu devia saber. Devia saber que ela não me trairia.

Eu me aproximo dela e lhe enterro a mão no cabelo molhado. Elena coloca as palmas no meu peito, deslizando-as para cima, até que seus braços estejam enrolados no meu pescoço.

— Você está bem? — pergunta. Ela devia estar se vangloriando agora, mostrando como sou idiota por não ver a verdade, por não acreditar nela. Devia estar me castigando pela forma como a tratei, pela minha desconfiança, pelas coisas que disse. Mas nada disso acontece. Tudo o que vejo nesses belos olhos é preocupação. Preocupação *comigo*.

Aceno com a cabeça e dou um passo mais perto, nivelando nossos corpos, a água escorrendo sobre nós.

— Sinto muito — sussurro. — Tenho sido tão horrível com você, baby. Eu a ignorei, magoei… Estava te castigando por um crime que não cometeu. Esta tarde, quando te segui… Elena, eu esperava o pior.

Ela acena e se levanta na ponta dos pés.

— Eu sei. Seu olhar quando me viu abraçar Lucian naquela cama de hotel me partiu o coração. Eu vi as peças do quebra-cabeça se juntarem, mas antes que tudo se encaixasse, vi a dor nos seus olhos. Alec, eu nunca faria isso com você. Sei que não acredita no para sempre, mas foi o que prometi no dia em que concordei em me casar com você. Sou sua esposa, *para sempre*. Você sempre será o único para mim.

Eu me inclino, meus lábios roçando os dela, uma, duas vezes, saboreando-a antes de beijá-la. A forma como ela faz meu coração acelerar me aterroriza e me emociona ao mesmo tempo. Nunca esperei sentir tanto por ela.

Elena se levanta e aprofunda o nosso beijo, um gemido escapando dos seus lábios. Ela passa as mãos pelo meu corpo, seu toque ansioso, desesperado. Sorrio em seus lábios quando ela me empurra contra a parede, e depois nos viro.

Levantando-a nos meus braços, é minha vez de a empurrar contra a parede. Elena envolve as pernas ao meu redor, as mãos subindo até meu cabelo.

— Diga que me perdoa.

Elena sorri e aperta meu cabelo com mais força.

— Então me peça perdão, Alexander. Não ordene.

Eu coloco a testa na dela, meus olhos se fechando.

— Elena, perdoa minha estupidez? A forma como te tratei e te magoei? Não tenho desculpa. Tudo o que posso dizer é que não suporto a ideia de qualquer parte de você pertencer a outra pessoa.

Com as mãos nas minhas bochechas, ela levanta meu rosto até o dela, seus lábios encontrando os meus. Me beijando devagar, ela incendeia meu coração. Respiro com dificuldade quando ela se afasta.

— Eu te perdoo. Lamento não ter dito a verdade. Não era a minha história para contar.

Aceno em concordância e a seguro com mais força, empurrando-a mais uma vez contra a parede. Seus lábios encontram os meus, e a maneira como ela me beija… *porra*. Está me enlouquecendo e sabe disso. Minha respiração está ofegante quando me afasto.

— É hora do próximo ato da nossa atuação para a imprensa — digo.

Elena geme quando eu me pressiono contra ela. A maneira como inclina os quadris, em silêncio pedindo mais, me faz sorrir.

— Que ato? — pergunta, sem fôlego.

Ela se contorce contra mim até ter o ângulo certo, e eu deslizo para dentro. Solto um gemido e apoio a testa na dela. Nunca me acostumarei com a sensação. Já passou tanto tempo. Tive saudades. Todo este tempo em que me afastei, estava me castigando mais do que a ela.

— O pedido de casamento — digo. — Um pedido público para a imprensa. Não posso esperar mais, Elena. Quero meu anel no seu dedo.

Ela sorri e aperta o meu cabelo com mais força.

— Não quero nada além disso, Alec.

Uma emoção me domina quando ela me chama de Alec. Parece tão bom vindo dos seus lábios. Agarro seus quadris e me afasto antes de penetrá-la com força, do jeito que ela gosta. Seus gemidos são como música para meus ouvidos.

— Para sempre, certo?

Elena acena, minhas estocadas lhe arrancando um suspiro dos lábios. Afastando-me outra vez, olho fundo em seus olhos.

— Vai gemer assim pra mim para sempre?

Elena confirma e eu a penetro outra vez, dando-lhe o que ela quer.

— Diga, Elena. Vai sempre olhar para mim desta maneira? Vai sempre me querer assim?

Ela aperta meu cabelo com mais força.

— Para sempre, Alec.

Mantenho-a no limite, precisando dela com um desespero que nunca senti antes. Eu a quero por completo. Disse a ela que o amor nunca seria uma opção para nós, mas quero ser aquele a quem o coração dela pertence, o único a quem ela possa ver dessa maneira.

Eu me inclino para beijá-la, me perdendo nela. A forma como ela se sente, o jeito que ela sussurra meu nome. Ela é perfeita, em todos os sentidos.

A respiração de Elena acelera, e a maneira como ofega e geme me deixa pronto para gozar.

— Você é tão linda — sussurro em seus lábios.

— Alec — ela murmura. — Não aguento…

Seus músculos se contraem ao meu redor, e os sons que ela emite me empurram para o limite. Eu gozo dentro dela, seu nome nos meus lábios.

Apoio a testa na dela, meus olhos se fechando. Para sempre, certo? O pensamento me aterroriza tanto quanto me excita.

37

Elena

Pego a foto na mesa de cabeceira de Alexander, meu coração se contorcendo ao vê-la. Estamos casados há meses, e mesmo que seja comigo que ele adormeça, parece que Jennifer ainda é em quem ele pensa quando fecha os olhos. Lembro da maneira como ele me usou para deixá-la com ciúmes, em como me segurou no colo naquele bar na cobertura. Era tudo uma exibição… para *ela*.

A porta do quarto se abre de repente e eu pulo assustada. A moldura escorrega das minhas mãos e cai no chão, o vidro se estilhaçando em centenas de pedaços. Ofego e me inclino para pegá-la, me cortando com um dos cacos. Assobio de dor, uma gota de sangue aparecendo na ponta do dedo.

— Porra, Elena — Alexander diz, correndo até mim.

Olho para ele, o pânico me dominando.

— Sinto muito — digo a ele, a voz trêmula. — Não devia ter tocado. Eu sinto muito. Vou substituir a moldura, Alec. A foto… a foto pode ser salva.

O olhar dele cai para a moldura quebrada e os olhos se arregalam. Ele suspira e balança a cabeça, e meu coração aperta. Eu me sinto envergonhada por ter sido pega tocando em algo que lhe é obviamente precioso, e magoada por não ser a pessoa na foto com ele.

Ele se abaixa e me levanta nos braços de uma só vez, uma de suas mãos nas minhas costas e a outra debaixo dos meus joelhos. Ofego e jogo meu braço em volta dele.

— O que está fazendo? — sussurro.

Alexander balança a cabeça.

— Esposa desastrada. Você precisa ser mais cuidadosa. E se o corte fosse

feio? E se deixar cicatriz?

Ele me coloca na cama e se ajoelha à minha frente, avaliando minhas mãos. Levando o meu dedo aos lábios, o chupa. Nunca o vi tão receoso, tão preocupado.

— Estou bem, Alec. Mas a foto…

Ele sorri para mim, os olhos brilhando de satisfação.

— Uma garota tão boa me chamando de Alec. Sinta-se à vontade para esmagar tudo no nosso quarto, se isso enfim a fizer me chamar de Alec sem ser na cama.

Ele olha para mim e eu coloco a mão no peito, embalando-a, de repente me sentindo vulnerável.

— Foda-se a foto — ele diz. — Ela não tem lugar no nosso quarto. Devia ter tirado no dia em que me casei com você. Sinto muito, Elena.

Eu o encaro com olhos arregalados. É a primeira vez que ele chama o quarto de *nosso*, e se livrar dessa foto… Duvido que saiba o quanto significa para mim. Ele segura minha bochecha de leve, os olhos brilhando com sinceridade.

— Sinto muito, Elena — repete.

Balanço a cabeça, confusa.

— Não há nada do que se desculpar — digo a ele, me sentindo em conflito. Não tenho direito de ficar zangada com a foto. Ele me prometeu muitas coisas, mas nunca amor. Sempre ficou claro para mim que isso era reservado para Jennifer.

— Fique aqui — ele diz ao pegar o telefone e sair do quarto.

Um minuto depois, as empregadas entram com suprimentos de limpeza, Alexander logo atrás delas. Ele supervisiona o trabalho com uma carranca no rosto.

— Não quero um único fragmento — ele diz. — Se minha esposa se cortar nem que seja com um pedacinho, demito todos vocês — ameaça.

Olho surpresa para ele. Desde o incidente com Marcus e Lucian, ele mudou. Quando olha para mim agora, seus olhos estão cheios de remorso. Está me tratando melhor, e enquanto desfruto dessa sua versão mais suave, gostaria que não fosse por causa da culpa.

Ele observa os cacos no chão e depois se aproxima, parando diante de mim.

— Como está se sentindo? — pergunta. — Alguma dor?

Alexander agarra minhas mãos, procurando por cortes, e eu balanço a cabeça. Nunca vi esse seu lado.

— Estou bem — digo, mas ele continua a verificar meus braços antes de se ajoelhar para ver meus pés.

Meus olhos se arregalam em choque quando o dr. Taylor entra correndo no quarto.

— Sr. Kennedy — ele diz, caminhando até nós.

— Alec — eu sussurro. — Por favor, me diga que você *não* chamou o dr. Taylor por causa de uns cortezinhos.

Ele aperta os lábios e me ignora, virando-se para o médico.

— Minha esposa se cortou — ele diz, ainda de joelhos à minha frente.

Com minhas bochechas vermelhas, deixo a cabeça baixa de vergonha antes de reunir coragem para encarar o dr. Taylor.

— Hum, são quase como cortes de papel — digo a ele, a voz tímida.

Alexander balança a cabeça e levanta meu dedo para o médico, que de alguma forma consegue manter o rosto inexpressivo.

— Não são apenas cortes de papel — ele diz. — Ela pode pegar uma infecção. Há cortes nos pés também.

O dr. Taylor acena com a cabeça e se ajoelha, um kit médico no chão ao lado dele.

— Entendo, sr. Kennedy — ele diz, balançando a cabeça, como se Alexander estivesse certo e meus ferimentos fossem mesmo graves.

Encaro Alexander de olhos arregalados.

— Você não pode apenas chamar um médico por causa de alguns cortezinhos, Alec! — grito e sussurro ao mesmo tempo.

O Dr. Taylor se esforça ao máximo para suprimir o sorriso, mas não consegue, enquanto Alexander ignora minhas repreensões.

Alexander olha para o médico com tanta intensidade que até eu estou nervosa. Tudo o que ele está fazendo é me tocar nas mãos e nos pés, mas a forma como Alexander olha para ele é tão ameaçadora que me sinto mal por ele.

O dr. Taylor e eu respiramos aliviados quando ele termina, e por fim Alexander relaxa quando ele arruma as coisas.

Ele nos cumprimenta antes de sair, e Alexander olha para a porta

fechada.

— Não gosto dele — ele diz. — Não gosto da maneira como olhou para você, de como tocou seus pés. Ele é muito jovem para ser médico. Vou solicitar outra verificação de seus antecedentes.

Mordo o lábio para não explodir de rir.

— Você não gosta da maneira como ele tocou meus *pés*?

Ele olha para mim, sério, e acena com a cabeça.

— Quer dizer, sim, ele é muito bonito, né? — digo, o meu tom provocador.

Ele franze a testa e range os dentes. Agarra meu queixo e vira meu rosto em sua direção.

— Você é minha, Elena. Seu corpo é meu, mas não se engane, todos seus pensamentos são meus também. Nem se atreva a *sonhar* com qualquer outra pessoa.

Sorrio para ele, provocadora.

— Ah, é? E o que fará se eu não ouvir? A maneira como você me tocou depois de descobrir que fui às compras com Lucian foi incrível…

Ele olha para mim com olhos estreitos e me levanta nos braços, me reposicionando na cama antes de se inclinar sobre mim.

— Elena, não me tente. Seus ferimentos não me impedirão.

Eu rio, não consigo evitar.

— Ferimentos, né? — sussurro, meus dedos passando pelo seu rosto. Eu o puxo para mais perto e o beijo, assustando-o.

Ele sorri e se aproxima de mim, me beijando gentil, com cuidado. Gemo debaixo dele, ansiosa por mais.

— Você sabe que não estou machucada de verdade, né?

Ele se segura nos cotovelos e olha nos meus olhos.

— Mas está — ele diz. — Não quero vê-la sofrer de forma alguma, Elena. Não quero nenhum mal vindo a você, nem mesmo algo tão pequeno quanto um corte de papel.

Sorrio para ele, meu coração se contorcendo. Ele está me magoando todos os dias ao me privar da única coisa que mais quero dele. As coisas melhoraram muito entre nós nos últimos tempos e, embora ele nunca tenha me tratado tão bem, não é amor.

38

Alexander

Olho para o anel de noivado e o giro para vê-lo na luz.

— Trabalho magnífico — digo a Francesco, o proprietário da joalheria que minha família frequenta há anos. Mal posso esperar para ver a cara de Elena.

O anel na minha mão é o que ela não conseguia parar de admirar quando a trouxe aqui para escolher. É claro que esse é qual ela queria, mas não se atreveu a pedir. Sorrio ao imaginar como vai ficar em sua mão.

— Seis quilates, corte esmeralda — Francesco diz. — Perfeito para a sra. Kennedy.

Aceno.

— Perfeito, sem dúvida.

O peso em quilates cai como uma luva para alguém da estatura de Elena — para a minha esposa. No entanto, o aro é simples. Combina com ela.

— Alec.

Congelo com o anel na mão, arrepios percorrendo meu corpo. Reconheceria essa voz em qualquer lugar, e isso faz meu coração apertar. Não me viro. Em vez disso, fico de olho no anel de noivado de Elena.

— Isso… o que é isso? — Jennifer diz.

Francesco acena com a cabeça para ela, inexpressivo. Trouxe Jennifer para esta loja inúmeras vezes. Ela é dona de muitas das peças inestimáveis de Francesco, e é aqui, no joalheiro da minha família, que vim à procura de um anel para Jennifer.

— Embale para mim — digo a Francesco, e ele assente.

— Alec — Jen repete, a voz suave.

Eu me viro para encará-la, me preparando. Ela sorri para mim e meu coração se contorce de dor. Seu cabelo loiro comprido é liso, e ela olha para mim como se nunca tivesse me apunhalado no coração e torcido a faca.

— É Alexander — eu a corrijo.

Ela parece abalada e olha para Francesco.

— Aquilo… era um anel de noivado?

Cruzo os braços no peito.

— Falando de noivados — digo —, ouvi dizer que devo parabenizá-la. Esqueci da última vez que a vi. Não consigo pensar direito quando tenho Elena nos meus braços.

Suas bochechas ficam vermelhas e ela gira o anel de noivado no dedo. Meu coração se aperta um pouco ao vê-lo, e sinto um tipo doentio de prazer em saber que o de Elena é maior.

— Isso é fofo — digo a ela, acenando com a cabeça para ele.

Ela o esconde atrás da outra mão e sorri para mim. Aquele sorriso que eu costumava adorar não é mais como antes. Não parece inocente e doce. Agora, parece falso e calculista. Sempre foi assim, ou só percebi agora?

— Não exagera com essa brincadeira. Não sei o que está tentando, mas estar com uma garota assim não vai me deixar com ciúmes. Sabia que ela foi correndo para a casa do pai há pouco tempo implorando por dinheiro? Parecia tão patética, lágrimas e muco escorrendo pelo rosto, chorando no chão. Ela até usava roupas rasgadas nojentas. Você nunca poderia estar com alguém assim.

A raiva passa por mim. A minha Docinho estava tão mal?

— Não faz muito tempo, você que estava usando roupas baratas — digo, mirando o corpo dela. — Mas olhe para você agora. — Balanço a cabeça e dou uma risadinha. — Elena nasceu com a classe correndo no sangue, não importa o que ela use. Pode casar com um de nós, Jennifer, mas nunca será uma de nós. Não de verdade.

Ela olha para mim como se eu a tivesse esbofeteado e range os dentes.

— Ela está usando você. Sabe disso, não sabe? Ela precisa de dinheiro para as contas do hospital da mãe ou algo assim. É ela a razão pela qual você tem ignorado todas minhas mensagens?

A falta de empatia me surpreende. Sempre pensei que Jennifer tivesse um coração de ouro, mas agora me pergunto se isso também foi encenação. Ou

talvez ela nunca tenha fingido, e eu estava apaixonado demais para perceber quem ela era de verdade.

— O que Elena precisa não é da sua conta — digo. — É minha. *Ela* é minha.

Jennifer olha para mim com olhos estreitos.

— Se eu não fui boa o suficiente para você, não há como alguém tão patética quanto Elena ser. Sua mãe nunca vai permitir.

Franzo a testa para ela.

— Do que você está falando?

Jennifer ri, mas há uma pitada de dor no olhar.

— Sua mãe. Assim que a nossa relação se tornou séria, ela começou a me mostrar como somos inadequados. Ela me levava a todos esses eventos onde sabia que eu estaria perdida, e nunca me dava avisos ou conselhos. Eu podia aceitar isso, sabe? — Jennifer arruma o cabelo da mesma forma que faz quando está nervosa. — Mas quando falamos do nosso casamento, sua mãe me deu um pré-nupcial incrivelmente restritivo.

Ergo as sobrancelhas. É tudo informação nova para mim. Nem minha mãe nem Jennifer mencionaram isso antes. Pelo que sei, minha mãe está fazendo o mesmo com Elena. Não para lhe mostrar que somos inadequados, mas para ajudá-la a voltar à sociedade, a fazer novas conexões. É provável que fosse o que estava tentando fazer com Jennifer também. Meu coração aperta quando penso na minha mãe. Terá ela sido, sem perceber, a razão pela qual Jennifer se afastou?

— Eu não aguentei — ela diz. — Sentir o tempo todo que não sou boa o suficiente para você, como se não o merecesse. Não podia viver o resto da minha vida assim, não importa o quanto eu te amasse, não importa o quanto eu *ainda* ame.

— Então você me traiu? — pergunto, a voz mortalmente calma.

Os olhos de Jennifer se arregalam e ela balança a cabeça.

— Não foi assim. Matthew era apenas um amigo no início, mas ele estava sempre lá. Você vivia no trabalho, e me interrompia assim que dizia algo negativo sobre sua mãe. Ele estava lá quando precisei de alguém.

Sorrio para ela e aceno com a cabeça.

— Entendo… então foi *minha culpa* você ter me traído?

Jennifer balança a cabeça, nervosa, e eu rio.

— Minha mãe tinha razão sobre você o tempo todo — digo. — Um

acordo pré-nupcial não deveria ter importado para você se não achasse que algum dia nos divorciaríamos. Conheço minha mãe, e qualquer acordo que ela lhe pedisse para assinar ainda lhe daria dinheiro suficiente para viver. Tudo o que ela teria feito era proteger os bens dos Kennedy.

Os olhos de Jennifer brilham de culpa e tristeza, e sei que estou certo. O dinheiro que lhe foi oferecido decerto era uma quantia considerável.

— De qualquer maneira — Jennifer diz. — Eu era tão devotada a você, e ainda não era boa o bastante de acordo com sua mãe. Se eu não era, então não vejo como Elena será.

Eu a encaro, a diferença entre Elena e ela maior do que eu pensava no começo. Jen parece falsa em todos os sentidos — o cabelo, os lábios, os seios, mas também o sorriso e a bondade. Nada parece real. Ela não vale o ódio nem o espaço mental que tem ocupado.

Olho para Francesco, que corre na minha direção com uma caixa de anéis na mão. Sorrio para ele ao pegá-la e guardar no bolso do terno.

Olho de novo para Jennifer, vendo-a sob um novo prisma.

— Foi bom te ver, Jennifer — digo. — Desejo o melhor a você e Matthew. Vocês se merecem.

Vou embora, e dessa vez não olho para trás.

39

Elena

Minhas mãos tremem ao segurar o celular, uma foto de Alexander e Jennifer me encarando. Ela sorri para ele e ele olha para ela, os dois na joalheria em que ele me levou para escolher nossos anéis. Baseado no terno que ele está usando na foto, deve ter sido há poucos dias.

Ele tem estado com ela o tempo todo? Não consigo entender. A forma como reagiu quando quebrei aquela moldura me fez pensar que talvez, apenas talvez, ele estivesse seguindo em frente. Mas a maneira como olha para ela nesta foto… é a mesma que sempre a olhou.

Não entendo por que ele está com ela. Por que não me contou? Ele tem agido de forma tão possessiva nos últimos tempos que tive impressão de que sou a única mulher em sua vida. Eu estava errada? Seu comportamento era apenas ele projetando a própria infidelidade?

— Qual é o problema? — Lucian pergunta, me assustando.

Bloqueio o celular e olho para ele, balançando a cabeça. Ele tem estado deprimido depois de tudo o que aconteceu com Marcus. Mal deixa o quarto, dorme a maior parte dos dias e está com medo de sair de casa, temendo que, de alguma forma, alguém descubra seu segredo. Não há nada que eu possa fazer ou dizer para convencê-lo de que está tudo bem, que seus segredos estão seguros.

— Não é nada — digo, colando um sorriso no rosto. Não preciso que ele se preocupe com algo tão trivial. Além do mais, isso é entre mim e Alexander.

Meu telefone vibra e eu franzo a testa quando percebo que é o investigador particular que contratei.

— Senhora — ele diz. — Houve novidades no caso. Tenho algumas

provas para mostrar. Podemos nos encontrar hoje?

Engulo em seco e tento ao máximo me manter firme, mesmo que meu coração esteja desmoronando. Eu esperava estar errada, que minhas suspeitas não passassem disso.

— Sim — digo com a voz trêmula. A minha mente está zumbindo quando dou ao investigador meu endereço, o coração disparado.

Nem percebo quando Lucian me ajuda a ir para o sofá.

— Elena, estou ficando preocupado — ele diz.

Eu me viro, olho para ele e pisco, distraída, antes de forçar um sorriso.

— Não é nada. Me desculpe.

Ele se senta ao meu lado, observando meu rosto. Meu telefone toca outra vez, e desta vez é Alexander. Observo tocar até que finalmente para. Antes de ver aquela foto, ele teria sido a primeira pessoa com quem eu gostaria de falar depois de ouvir que há novidades no caso da minha mãe. Mas agora? Agora preciso de distância.

Ele me liga outra vez, e desta vez recuso a chamada. Lucian franze a testa para mim e enrola o braço ao meu redor.

— Certo — ele diz. — Algo está mesmo errado.

Balanço a cabeça e largo o telefone quando Aiden entra, o detetive a tiracolo.

— Sr. Starling — digo, acenando. Ele e eu ainda não nos conhecíamos pessoalmente. Na verdade, foi Aiden que o encontrou para mim.

— Por favor, me chame de Lucas — ele diz, sorrindo. Lucas olha em volta maravilhado, e eu demoro a perceber que a residência Kennedy não é um lugar que as pessoas costumam ver de dentro. Será que eu devia ter me encontrado em outro lugar?

Ele tira um envelope pardo da bolsa e coloca à minha frente.

— Você estava certa em suspeitar — ele diz, a expressão séria. — Encontramos evidências de que alguém mexeu no carro da sua mãe.

Meu coração torce e esfrego o peito como se para aliviar a dor. Lucas exibe algumas fotos e meu coração aperta mais forte.

— Estas… estas são partes do carro da minha mãe?

Ele acena, sua expressão sombria.

— Parece que não tem nada de errado e, pra ser sincero, levei semanas

apenas para encontrar algumas partes. Alguém se esforçou muito para fazer o carro desaparecer.

Um arrepio desce pelas minhas costas.

— Então, o que aconteceu?

Lucas aponta para uma das fotografias.

— Este painel é conectado ao carro. De alguma forma, alguém conseguiu manipulá-lo, o que fez sua mãe perder o controle da direção. Trouxe a parte para você. Tudo que minha equipe técnica pôde me dizer é que foi adulterado, mas não consegui descobrir mais.

Ele abre a bolsa e tira uma peça de tecnologia quase irreconhecível. Pego o objeto embrulhado no plástico com as mãos trêmulas e o examino antes de me virar para Lucian.

— Luce — murmuro. — Pode ligar para Elliot?

Lucian pisca, um rubor subindo pelas bochechas, e as bordas dos meus lábios se inclinam de leve. Desde Marcus, as únicas palavras positivas que saíram de sua boca foram sobre Elliot.

— Eu… sim, posso — ele diz, mexendo no telefone.

Eu me estico no sofá, surpresa, quando as portas se abrem e Alexander aparece com uma expressão preocupada no rosto. Seus olhos encontram os meus e ele entra na sala de estar, o olhar brilhando.

— Você está ignorando as minhas chamadas e mensagens — diz, a voz áspera.

Franzo a testa para ele, irritada, e cruzo os braços sobre o peito. Seus olhos vagam pela sala, fixando-se em Lucas.

— Quem diabos é você?

Lucas se levanta, os olhos saltando entre mim e Alexander.

— Lucas — digo. — Conheça Alexander Kennedy.

Lucas acena com a cabeça, mas luta para esconder a surpresa. Eu me viro para Alexander e suspiro.

— Lucas Starling é o detetive que Aiden contratou. Ele encontrou algumas evidências de adulteração no carro da minha mãe.

Alexander meneia a cabeça e caminha até mim, sentando-se ao meu lado enquanto Lucas o informa sobre o caso. Ele apoia a mão no meu joelho, o polegar acariciando a pele. Estou tentada a empurrar sua mão, mas não quero ser

infantil ou mesquinha.

— Elliot pode descobrir isso — Alexander diz, acenando para mim. — Ligarei pra ele.

Balanço a cabeça.

— Não precisa. Lucian já está cuidando disso. Temos tudo sob controle.

Alexander olha nos meus olhos, me observando, e depois suspira.

— Você está chateada comigo.

Afastando-me, me levanto enquanto Lucas embala seus pertences.

— Sinto muito que isso foi tudo o que consegui encontrar, senhora — ele diz. — Vou continuar a investigar o caso.

Aperto sua mão e sorrio.

— Obrigada pelo seu trabalho — digo, sincera. — Isso é mais do que eu ousava esperar. Sem você, ainda estaria vivendo com medo e suspeitas. Agora tenho algo.

Ele acena, o sorriso tão triste quanto o meu deve estar.

— Vou descobrir o que aconteceu — ele garante, e eu sorrio com gratidão enquanto a governanta o acompanha até a saída.

Alexander se recosta no assento, os olhos em Aiden. No segundo em que as portas se fecham atrás de Lucas, Alexander olha para ele.

— Onde você encontrou esse cara? — pergunta de modo brusco. — Ele parece mais jovem do que eu. Impossível ser um detetive experiente.

Aiden dá um sorrisinho e balança a cabeça.

— Posso garantir, é um dos melhores. Ele vem de uma longa linhagem de policiais e detetives particulares.

— Obrigada — digo a Aiden e Lucian, e então me levanto e vou para o quarto.

Como esperado, Alexander me segue.

40

Alexander

A porta do nosso quarto se fecha atrás de mim e Elena se vira para me encarar, os braços cruzados numa posição defensiva.

— Você está bem? — pergunto, preocupado com tudo que o detetive acabou de contar. — Prometo, Docinho, vamos descobrir a verdade.

Elena sorri, mas o sorriso é forçado.

— Espero que sim. Obrigado por me fornecer os recursos de que preciso. Se não fosse por você, se não fosse por este casamento, eu ainda estaria vivendo na ignorância.

Ela é educada em demasia, o tom cortante. A maneira como me olha me perturba.

— Você viu as fotos.

Ela range os dentes e assente.

— Explique-se, Alexander — ela fala de modo brusco, a voz alterada.

Mesmo furiosa, caramba, Elena é linda. Ela me mataria se eu dissesse o quanto ela parece deslumbrante agora. Posso imaginar o fogo nos seus olhos se me atrevesse a dizer como está bonita. Contenho um sorriso, mas é óbvio que não faço um bom trabalho, porque a raiva de Elena aumenta.

— Você acha isso engraçado? Se divertiu me fazendo de boba? Você vive falando em mostrar a relação perfeita para a imprensa e para seu avô, mas aqui está você, me envergonhando para todos verem. Depois de tudo o que me fez passar com Lucian, é assim que se comporta?

— Baby — digo —, não é nada disso. Nós apenas nos encontramos por coincidência, só isso.

Seus olhos brilham de raiva e ela aponta o dedo indicador para mim.

— Não me chame de baby. Não sou seu bebê — ela grita e me deixa encantado. Por que precisa ser tão bonita quando está zangada?

— Ok, Docinho.

Ela solta um grunhido e coloca as mãos no cabelo.

— Também não se atreva a me chamar de Docinho. Não me chame de nada!

Ela me olha e tenta passar por mim, mas eu a agarro e a puxo para perto. Elena me empurra, mas não vou deixá-la sair com raiva.

Empurro-a contra a parede, prendendo-a com os braços. Sorrio para ela, o que só a deixa mais irritada.

— Juro, Elena. Encontrei com ela quando fui buscar uma coisa na loja do Francesco. Eu a parabenizei pelo noivado e depois voltei para casa. Para você.

Ela olha para mim com olhos estreitos e, embora esteja irradiando raiva, vejo a insegurança por baixo.

— Elena — murmuro. — Você é minha mulher. Ninguém mais. Você sempre será a única para mim.

A raiva desaparece, deixando apenas tristeza no seu rastro.

— Serei? — ela pergunta, sua voz pouco mais que um sussurro. — Você diz isso, mas seu coração nunca vai me pertencer. Ainda é dela. Sempre foi ela. Se eu não tivesse deixado cair a foto que guardou na mesa de cabeceira, ela ainda estaria no nosso quarto. Vi a forma como olhou para ela naquela foto, Alec. E quer saber? Você nunca olhou para mim daquele jeito.

A dor que vejo em seus olhos me destrói. Encosto a testa na dela e respiro fundo.

— Elena — sussurro. — Quando te pedi em casamento, avisei que não seria uma união de amor.

Ela respira com dificuldade e me aperta mais.

— Eu sei — ela murmura. — Eu sei.

Eu me afasto um pouco e a olho.

— Não vou mentir, Elena. Não quero fazer isso nunca. Não sei se algum dia vou amar você. Nem sei se é isso que eu quero. Certamente não quero que espere amor, ou que anseie por isso. Amor… mesmo que você e eu o encontremos juntos, não vai durar. Nosso casamento é para sempre, Elena. Mas

amor? O amor não dura. Prefiro muito mais o que temos agora. Uma parceria. Confiança mútua. Sexo incrível.

Elena parece tão triste e magoada que tudo o que quero fazer é prometer-lhe o mundo. Mas não consigo. Não posso fazer promessas em vão.

— O que *posso* prometer, Elena, é isso. Eu não amo Jennifer. Não há mais sentimentos, o que quer que eu pensasse que estava lá se foi. Não senti nada quando a vi. Tudo o que conseguia pensar era em você e em querer voltar para casa, para você.

Vejo em seus olhos que ela quer acreditar em mim, mas não consegue. Elena segura meu rosto, parecendo perdida.

— Está tudo bem — ela diz. — Eu sabia no que estava me metendo quando nos casamos. Você foi muito claro sobre o que não esperar, e estou bem com isso, juro que estou. É que quando vi aquelas fotos… Alec, magoa. Magoa saber que você deu tudo a ela, tudo que não *quer* comigo.

Eu a seguro mais perto e pouso a testa no seu ombro. Se alguém merece ser amado, é Elena. Odeio não poder dar o que ela precisa, e parte de mim se preocupa que um dia ela vá procurar noutro lugar.

— Estou dando tudo o que posso, Elena. Tudo o que sou. Tudo o que resta de mim.

Eu a carrego para a cama e a deito de leve antes de me juntar a ela. Ela olha para mim, tão vulnerável, e odeio ter posto tal olhar em seus olhos.

— Eu me odeio por estar chateada assim com aquela foto quando acabei de receber notícias tão terríveis sobre o acidente de carro da minha mãe, mas não consigo evitar, Alec. Ambos os eventos parecem dolorosos em igual para mim. Estou me esforçando tanto para não ser afetada, mas não consigo. Não consigo. Não posso fingir que não me importo.

Beijo-lhe a testa e suspiro.

— Não precisa fingir, Elena. Sou seu marido e nem sempre me comunico bem, por isso preciso que me diga essas coisas. Preciso que me diga quando te magoei, quando fiz algo estúpido. Sempre ouvirei, Elena, e sempre trabalharei nas coisas que estão ao meu alcance. Isso vale para a foto que viu *e* para as notícias que recebeu hoje.

Ela olha para mim duvidosa, e eu me inclino, beijando-lhe a ponta do nariz.

— Vou ficar longe dela, está bem? Se não quiser me ver com ela, então ficarei longe.

Vejo a esperança florescer em seus olhos, e isso acaba comigo. Magoa-me que isso seja tudo o que posso lhe dar. Que não posso prometer a única coisa que ela mais quer. Acaba comigo que ela o queira. O amor não vai durar. Quando tudo desaparecer, ainda estaremos juntos. Não quero que ela se ressinta de mim no final, e ela vai se nos apaixonarmos.

— Quanto à sua mãe, usarei todas as conexões à minha disposição para ajudá-la a descobrir o que aconteceu de verdade. Elliot com certeza já começou a procurar, se foi Lucian quem pediu o favor — digo, um sorriso no rosto.

Elena assente e afaga meu cabelo.

— Obrigada — ela sussurra, e me inclino para lhe dar um beijo casto nos lábios.

— Se foi seu pai, vou acabar com ele. Já estou trabalhando numa aquisição hostil, mas está demorando algum tempo. Nem todos querem vender as ações, e preciso fazer sem pressa, sem ser descoberto. Não posso acabar com ele até ter ações suficientes.

Ela assente, parecendo muito mais relaxada.

— Isso… é o suficiente, Alec. Vou aceitar tudo que me der, e se isso é tudo que terei de você, é o suficiente. Você é o bastante.

Espero que sim, porque já nem consigo imaginar a minha vida sem Elena.

41

Alexander

Estou impaciente ao esperar por Elena na entrada do restaurante. Eu disse a ela que a levaria para a inauguração do nosso mais novo restaurante, e ela confirmou que me encontraria aqui. Sorrio quando minha limusine para no meio-fio. Ando até a porta do passageiro e a abro, minha respiração falhando quando a vejo.

Ela usa um vestido preto deslumbrante que abraça com perfeição sua silhueta, mas são seus olhos que me afetam. É a maneira como ela me olha, como se fossemos os únicos conhecedores de um segredo.

— Você está linda — digo enquanto a ajudo a sair do carro. Elena sorri e o meu coração dispara.

— Você também está bonito — ela diz, os olhos vagando pelo meu corpo. — Embora eu ache que vai ficar ainda melhor em cima de mim esta noite.

Meus olhos se arregalam em choque e Elena sorri de satisfação. Ela está cada vez mais descarada com as coisas que me diz. Adora me provocar, me surpreender. Sorrio para ela e a puxo para mim, beijando-a bem em frente ao restaurante. O flash de dezenas de câmeras dispara de uma vez, e eu a seguro um pouco mais perto.

Quando me afasto, Elena tem uma expressão devastada no rosto. Eu me inclino e roço os lábios sobre sua orelha.

— Não foi por causa das câmeras — sussurro. — Agora é.

Eu a beijo outra vez, sem pressa, até ela se derreter nos meus braços. Meu coração está acelerado quando me afasto e balanço a cabeça.

— É melhor eu parar — murmuro —, ou vou dar um verdadeiro espetáculo.

Elena ri e eu lhe ofereço o braço. Não me lembro da última vez que me senti assim. Estou animado para um encontro… com a minha própria esposa.

Elena congela quando entramos no restaurante e eu sigo seu olhar. Vejo o pai dela e o resto da família numa das mesas. Matthew está com o braço em volta de Jennifer, e ela olha para mim, nossos olhos se encontrando do outro lado do salão. Esperava sentir alguma coisa, mas em vez disso não há… nada. Eu a segurei por tanto tempo, e deixá-la ir parece libertador. Em retrospectiva, nem sequer percebo o que vi nela. Parte de mim sente que não é por ela que eu estava tão chateado, mas sim pela própria traição. Passei anos me convencendo de que não acabaria como minha mãe, mas acabei. Sorrio para mim mesmo e Elena fica tensa ao meu lado. Ela tenta se afastar, mas a seguro ainda mais perto.

Matthew olha para mim e parece irritado com a falta de reação ao vê-lo com Jennifer. É só agora que percebo que, mesmo da última vez que os vi juntos, estava mais preocupado em irritar Matthew do que magoar Jennifer. Sorrio e dou um beijo na têmpora de Elena, aproveitando a forma como a mão dele se fecha.

— Elena, Alexander Kennedy — Alaric Rousseau diz educado, meneando a cabeça. Ele chama um garçom e pede mais dois assentos, deixando Elena tensa. — Você deve juntar-se a nós — sugere. Olho para Elena, mas a expressão dela não revela nada.

— Pai — ela cumprimenta, acenando com a cabeça para ele. Ela não fala com mais ninguém, e um pequeno sorriso aparece nos meus lábios.

— Venha, junte-se a nós — ele diz. — Como tem passado?

Ela congela, e posso dizer que está presa entre o amor que tem pelo pai e a dor que ainda tenta curar.

— Vou bem, pai. Estamos num encontro, por isso não podemos acompanhá-lo hoje. Talvez outra hora.

— Bobagem. Você deve se juntar a nós.

Vejo o brilho calculista nos olhos dele, e isso me deixa mais determinado a lhe tirar tudo. Elena não valia um centavo para ele até que notícias sobre nós chegassem aos seus ouvidos. De jeito nenhum deixarei que ele a use de qualquer jeito, nunca mais.

— Não — ela fala num tom brusco. — Eu estava tentando ser educada — continua, olhando ao redor para os inúmeros rostos virados para nós. — Mas já que não consegue entender uma indireta, me deixe lembrá-lo das palavras que disse quando saí de casa e, de novo, quando implorei que me ajudasse a salvar a vida da minha mãe. Já não faço parte da sua família. E, sendo sincera, prefiro

comer merda do que sentar com pessoas que com prazer deixariam minha mãe morrer.

Tento ao máximo não sorrir, mas falho. Comer merda? Uma risada baixa escapa dos meus lábios e aceno para Alaric.

— Ela já decidiu — digo, levando Elena para longe sem pensar duas vezes.

O garçom nos leva a uma mesa perto da janela, e até eu tenho que admitir que a vista é deslumbrante. Puxo a cadeira para Elena e ela olha para mim.

— Tem certeza de que não quer este lugar? — ela pergunta, maxilar cerrado. — Você terá uma visão melhor de Jennifer daqui.

Levanto as sobrancelhas e mordo o lábio para não sorrir. É uma loucura, porque geralmente o ciúme me irrita, mas em Elena só me diverte.

— Você vai se sentar ou precisa que eu beije você até seus joelhos cederem? — pergunto, na esperança de que ela me desafie ainda mais.

Elena bufa e se senta, o olhar voltado para o pai. Ela parece tão magoada, e não sei como melhorar. Trouxe um pequeno presente, mas não tenho certeza se isso vai animá-la.

O garçom traz champanhe, mas Elena nem sequer nota. Ela está perdida em pensamentos, um olhar magoado nos olhos.

— Sei que não é a mesma coisa, mas minha família é sua agora, Docinho.

Ela me encara e assente.

— Ei, por que me chama de Docinho? — ela pergunta, deixando claro que não quer falar sobre o que acabou de acontecer. Tudo bem.

— Não se lembra, mesmo? Eu te chamo assim desde que tinha uns seis anos e era obcecada com As Meninas Superpoderosas.

Suas bochechas ficam vermelhas.

— Você está brincando, né? Me deu o nome da mais violenta das três? Não tenho um osso agressivo no meu corpo. É óbvio que sou a Lindinha.

Sorrio com sua indignação.

— Docinho também é a mais corajosa e teimosa, baby — digo, tentando acalmá-la.

Ela olha para mim e não posso deixar de rir. Eu me inclino para beijar seu ombro, e ela estreita os olhos para mim como se tivesse acabado de pensar

em algo, seu olhar desconfiado.

— Ei, qual é meu nome no seu telefone?

Ela pega meu celular, mas tem senha. Levanta a testa em expectativa.

— Não diga a ele, mas é o aniversário de Lucian ao contrário.

Seus olhos se arregalam quando ela desbloqueia meu telefone.

— De jeito nenhum. Lucian ia adorar isso. Você sabe que é o herói dele, né?

Balanço a cabeça em negativa.

— Talvez no passado, mas hoje em dia não somos mais tão próximos.

Elena sorri para mim e balança a cabeça.

— A maneira como o protegeu quando tudo aquilo com Marcus aconteceu? Não tenho certeza do como era quando eu não fazia parte da vida de vocês, mas agora você é o herói dele.

Sorrio só de pensar nisso. Elena conseguiu me aproximar da minha própria família. É algo que nunca pedi a ela, mas que ela fez mesmo assim. É quem ela é.

Elena usa a função de busca para encontrar seu número de telefone, e a vejo indignada quando descobre que está como Docinho Kennedy. Dou risada quando ela muda para Esposa.

— Isso me lembrou algo. Acho que não tiramos uma única selfie juntos desde que nos casamos.

Ela abre a câmara e posa, gesticulando para que eu me aproxime. Envolvo meu braço nela e sorrio para a câmera, observando com diversão quando ela faz poses engraçadas.

— Deus, você é tão fofa — murmuro, beijando sua bochecha. Ela consegue capturar o momento exato e salva a foto como meu descanso de tela antes de devolver o celular.

Elena toma um longo gole de champanhe e eu tiro o envelope que preparei para ela do meu bolso. Deslizo em sua direção com um sorriso no rosto.

— Não é muito, mas é para você.

Elena abre com curiosidade, os olhos se arregalando quando percebe o que é. Ela engole em seco e olha para mim.

— Você está falando sério?

Aceno com a cabeça.

— Sim, claro. Sempre disse a você que as ações que estava adquirindo eram suas. Não preciso delas. Por enquanto não temos participação majoritária, então ainda não pode usar isso para expulsar seu pai e irmão da empresa. Vou precisar de dois meses ou mais para isso. Mas assim que tiver o resto, também serão suas. Faça com elas o que quiser.

— Por que você daria isso para mim? — ela pergunta, parecendo chocada.

Levo a cadeira para mais perto e enrolo meu braço ao seu redor.

— Porque prometi que devolveria tudo o que perdeu, Elena. Eu nunca disse que queria algo para mim.

— Mas e quanto a Matthew? Não queria se vingar? E Jennifer? Alec, essas ações valem *milhões*.

Sorrio para ela e me inclino para beijá-la, meus lábios demorando um tempo.

— Já é castigo suficiente que ele se case com ela. Não posso, em sã consciência, fazer o homem sofrer ainda mais. Além disso, você é minha esposa. O que quer que seja seu, é meu. *Você* é minha.

Elena sorri, mas o sorriso é inseguro.

— Eu vi a maneira como você sorriu para ela quando entramos. Eu estava ao seu lado, mas ela era tudo que podia ver. Não preciso que minta para mim, Alexander.

Ela desvia o olhar, mas vejo a maneira como força um sorriso no rosto, a insegurança que tenta tanto esconder. Eu me preocupo que eu seja o culpado, e que o estrago que causei seja permanente.

42

Elena

— Está pronta? — Sofia pergunta.

Aceno com a cabeça e me encaro no espelho. O vestido rosa-claro comprido que estou usando é sem sombra de dúvida esplêndido, e talvez seja a coisa mais bonita que já vesti.

Já me acostumei com Sofia me pedir para acompanhá-la em eventos de caridade e almoços, mas hoje é a primeira noite que ela me leva a uma festa de gala. Gostaria que Alec não precisasse trabalhar até tarde para podermos ir juntos. Sei que ele decerto vai acabar fazendo uma aparição, já que o evento é sediado pelos Kennedy, mas não é o mesmo que chegar lá em seus braços.

— Vamos — Sofia diz, segurando minha mão.

Eu a sigo até a limusine que nos aguarda. Estou nervosa. Faz tanto tempo desde que estive num evento tão grande. Haverá tantas pessoas que conheço, pessoas com quem não falo há anos, que não saberão nada sobre mim, exceto pelos rumores que Elise espalhou, e o que quer que tenham ouvido a meu respeito na imprensa nos últimos tempos.

Estou tremendo quando chegamos ao Hotel Kennedy. Sofia percebe, mas por sorte não diz nada.

O salão fica em silêncio quando entramos, como sempre acontece quando vou a qualquer lugar com Sofia. A elegância que ela emite, a autoridade — é incomparável.

Meus olhos se arregalam de surpresa quando o avô de Alec caminha em nossa direção. É raro ele aparecer nesse tipo de evento, e só o vi uma vez desde que me casei com Alec.

Ele sorri para a filha e ajeita o cabelo atrás da orelha dela.

— Você está linda, querida — ele diz.

Sofia sorri.

— Obrigada, pai — diz, a voz perdendo o tom habitual quando fala com ele. Só quando está com o pai que Sofia parece uma pessoa normal, apenas a filha amada de alguém.

Ele se vira para mim e sorri.

— Você também, Elena — ele diz.

Eu lhe sorrio educada, tentando ao máximo esconder como ele me deixa nervosa. Até Alec é cuidadoso com ele, e não posso arriscar revelar que a nossa relação não é real.

— Vou precisar roubar minha filha por um minuto, mas não pense que me esqueci do almoço que me prometeu — ele diz, e eu retribuo seu sorriso.

Sofia lança um olhar de desculpas antes de ir, e sou deixada aqui sozinha. Ouço os sussurros que me cercam, alguns se perguntando quem eu sou, alguns me reconhecendo, mas sem entender por que eu estaria aqui com Sofia. Desconfortável, pego uma taça de champanhe de um dos garçons, mesmo que seja apenas para ter algo para fazer.

— Ora, ora, ora — ouço alguém dizer.

Eu me viro surpresa, ficando cara a cara com Sebastian, meu primeiro e último namorado.

— Elena Rousseau, de volta dos mortos e mais bonita do que nunca. Perdeu um bocado de peso, não foi? Também tirou os óculos e o aparelho. — Ele sorri, os olhos vagando pelo meu corpo. — Acabei de voltar do exterior e ouvi dizer que passou por momentos difíceis. Há rumores de que anda por aí implorando por dinheiro. Estaria bastante disposto a ajudá-la, por um preço.

Estremeço, a repulsa se espalhando sobre mim. Não consigo deixar de desviar o olhar. Se ele tivesse me oferecido uma solução antes de Alec, eu teria acabado à sua mercê? De qualquer forma, ambos ofereceram um preço pelo meu corpo, o que parece ser tudo de valioso sobre mim.

Eu me afasto, mas Sebastian me impede, a mão no meu pulso num aperto firme. Antes que eu perceba, a mão dele é arrancada, e Alec está parado à minha frente.

— Que tal tirar as mãos da minha namorada? — ele diz, o tom áspero. — Quem diabos é você?

Os olhos de Sebastian se arregalam e ele se volta para mim, seu olhar me fazendo estremecer.

Ele se endireita e se vira para Alec, uma expressão calculista no rosto.

— Alexander — ele diz, balançando a cabeça. — É bom enfim conhecê-lo em pessoa.

Alec enruga a testa para ele e o analisa de cima a baixo.

— Quem diabos é você?

Vejo a indignação nos olhos de Sebastian, mas ele a deixa de lado e arma um sorriso.

— Você investiu recentemente na minha startup. Fi Solutions?

Alec franze o semblante e agarra o telefone, apertando os botões com raiva enquanto seu braço me envolve com força.

— Tenho alguma participação numa empresa chamada Fi Solutions? — ele pergunta. Sua impaciência aumenta a cada segundo que espera uma resposta. — Venda — ele vocifera, antes de desligar com ódio.

— Não! — Sebastian diz, a voz transtornada. — Eu… por que você faria isso? Estamos começando a nos tornar lucrativos. Vamos dar um ótimo retorno, Alexander. Garanto. Se vender suas ações agora, vai baixar o preço das nossas ações. Por favor, reconsidere.

Sebastian olha para mim e agarra minha mão, apertando com força.

— Elena, por favor, diga a ele.

— E foi aí que você errou — ele diz, arrancando a mão de Sebastian da minha, a raiva transbordando. — Não toque na minha mulher. Não olhe para ela. Não fale com ela. Nem pense nela. Aproxime-se dela outra vez, e farei pior do que baixar o preço das suas ações.

Alec me puxa num rompante.

— Por que diabos está tão linda hoje, afinal? — ele diz com os dentes cerrados. — Você nem tinha certeza de que eu estaria aqui. Meu avô podia fazer o discurso de hoje à noite e eu nunca apareceria. Para quem está tão bonita, hein?

Tento não sorrir quando ele me acompanha até a pista de dança, os braços me envolvendo. Ele parece inquieto, e suas mãos continuam vagando pelo meu corpo. A maneira como olha para mim me diverte e me emociona.

— O ciúme lhe cai bem — digo.

— Eu? Com ciúme? — ele diz, bufando.

— Não está? Hum… Então acho que não vai se importar se eu for dançar com Sebastian?

Ele me segura mais forte e me puxa até que meu corpo fique colado no dele.

— Nem pense nisso, Elena. Li seus antecedentes. Sei que namorava com esse sujeito. É o suficiente que tenha sido dele. Ele não vai ter nada além das lembranças, e até isso é demais.

Sorrio e coloco os braços ao redor do seu pescoço.

— Ok, marido — digo.

Alec me gira antes de me puxar, e eu volto para seus braços.

— Diga de novo. — Levanto as sobrancelhas e Alec tira o cabelo do meu rosto. — Adoro quando me chama de marido assim.

— Adora… querido marido?

Alec para no meio da pista de dança e acena com a cabeça.

— Sim — ele diz. — Na verdade, quero ouvir você ser referida como minha esposa em público em todos os lugares que formos. Quero que se dirijam a você como sra. Kennedy. Quero que o mundo inteiro saiba que você é minha.

Ele se ajoelha no meio da pista de dança e vários suspiros soam ao meu redor. A música para e um holofote nos ilumina.

— Elena Diana Rousseau — ele diz, puxando uma caixa de anel do bolso. Meu coração dispara e eu o encaro com os olhos arregalados. Ele sempre me avisou antes de fingirmos, então porque não o fez desta vez? — Você me deixou encantado desde o momento em que te reencontrei, meses atrás. Lutei contra meus sentimentos o máximo que pude, mas é uma batalha perdida.

Ele abre a caixa e eu suspiro. Não é o anel que escolhi — mas é o que eu queria em segredo. Ele notou?

— Nem consigo imaginar o resto da minha vida sem você. Por favor, me dá a honra de se tornar minha esposa?

Eu pisco em descrença e aceno com a cabeça.

— Sim. *Sim,* Alec. Mil vezes, sim.

Ele olha nos meus olhos, e apesar de estarmos cercados por centenas de pessoas, é como se fôssemos só eu e ele neste momento.

Alec desliza o anel no meu anelar e se levanta. Envolvendo os dedos nos

meus cabelos, me beija com tudo, sem se importar com as pessoas à nossa volta, e eu o beijo da mesma forma.

Estou sem fôlego quando me afasto, e ambos estamos sorrindo.

— Alec — eu sussurro. — O anel?

Ele ajeita meu cabelo atrás da orelha e acaricia minha bochecha.

— Baby, você merece todas as coisas que deseja. Vou me certificar de lhe dar *tudo*, mesmo as coisas que não se atreve a pedir.

— Alec — eu murmuro. — Tudo o que eu quero é você.

Ele sorri, os dedos escovando meu cabelo.

— Você tem a mim, Elena. Para sempre.

Estamos tão perdidos um no outro que nos assustamos quando o avô de Alec coloca a mão em seu ombro.

— Parabéns, garoto — ele diz, parecendo tão feliz quanto nós. Olha para mim e segura meu rosto de um jeito que nunca fez, mas que parece com algo que um avô faria. — Escolheu muito bem. Eu não poderia estar mais orgulhoso.

Ele dá um passo para trás e depois olha para nós dois.

— Case com ela antes do primeiro de julho — ele diz, de olho em Alec —, e minha posição como presidente é sua.

Agarro a mão do Alec e olho para ele animada. Ele sorri para mim e se inclina, pressionando um beijo gentil na minha testa.

— Conseguimos — sussurro, e ele acena.

Dezenas de pessoas nos cercam, cada uma querendo nos parabenizar. No meio da multidão, vejo minha família, Jennifer ao lado deles. O ódio nos rostos de Jade e Elise não me surpreende em nada — mas a devastação nos olhos de Jennifer *sim*. A maneira como ela olha para Alec me faz segurá-lo mais forte.

Ele olha para mim, um olhar questionador nos olhos, e eu balanço a cabeça. Subo na ponta dos pés e lhe dou um beijo com tudo o que tenho, aplausos surgindo ao nosso redor.

Nunca estive mais feliz do que estou hoje, mas essa felicidade parece passageira, e estou com medo de não poder me apegar a ela.

43

Alexander

Enquanto Elena não consegue parar de olhar para o anel de noivado, eu não consigo parar de olhar para ela. O vento balança seu cabelo de um jeito lindo, e fico feliz que tenhamos optado por jantar em nosso terraço hoje. Não me lembro de nenhuma mulher cozinhando para mim — é sempre um chef. No entanto, Elena, uma mulher que cresceu no mesmo ambiente que eu, cozinha para mim o tempo todo. Ela tira um tempo para descobrir quais são meus pratos favoritos e compra ingredientes exóticos para me surpreender. Não estou acostumado a ser tratado assim.

— É deslumbrante — ela diz, os olhos piscando. — Queria mostrar para minha mãe.

Elena nunca deixa de me fascinar. Ela se recusa a desistir da mãe, não importa como as chances sejam pequenas.

— Você acha que ela gostaria? — pergunto.

Elena acena.

— Sim, é simples, mas ao mesmo tempo tão luxuoso. Mamãe com certeza adoraria.

Sorrio. Ela se ilumina quando fala da mãe e das memórias que carrega.

— Fale sobre sua lembrança de infância mais feliz — digo, minha voz suave.

Elena leva um minuto para pensar.

— Acho que a mais feliz seria de quando as coisas ainda eram simples. Quando você ainda fazia parte da minha vida cotidiana. Lembro de uma vez que meus pais estavam tão ocupados discutindo um com o outro que esqueceram do

meu aniversário, mas Luce e você não. Eu vim até sua casa, e vocês tinham assado um bolo, que não era tão comestível, e colocaram todas aquelas luzinhas para mim. Até hoje, esse ainda é meu melhor aniversário de todos os tempos.

Sorrio mais uma vez.

— Eu lembro disso. Foi o último aniversário que passou conosco. Lucian me ligou em pânico quando percebeu que todos esqueceram do seu aniversário, e me fez voltar da faculdade para preparar uma festinha.

Ao longo dos anos, a maioria das memórias da minha infância se perdeu, todas esquecidas. Tenho mais recordações com Elena do que imaginava.

Ela ri, perdida na lembrança.

— Vocês dois tornaram minha infância suportável. Minha casa não era um lugar onde eu gostava de estar, não importa o quanto minha mãe tentasse, e vocês me permitiram escapar dela. Eu sempre me senti amada nos Kennedy.

— Você é amada, Docinho. Todos nós te adoramos. Senão eu não teria me casado com você.

— Fale sobre *sua* memória de infância favorita — ela diz.

Suspiro.

— Minha infância não foi muito boa. Fui forçado a crescer rápido, mas tive que ver meu irmão aproveitar a infância com você. Vocês sempre se divertiam tanto um com o outro, e isso me fez sentir um pouco solitário. Parece muito bobo, considerando que sou muito mais velho que vocês, mas foi assim. Minhas memórias mais preciosas são com Lucian e você, e eu não era mais uma criança.

Elena dá um beijo rápido nos meus lábios.

— Você também sempre me teve, só nunca percebeu — ela diz.

— Hum, não tenho certeza. Mesmo agora que você é minha esposa, ainda é de Lucian que você é mais próxima.

Pareço mesquinho e sei disso, mas não consigo evitar. Esvazio o copo para desviar da minha mente a repentina solidão que sinto.

Elena estende o garfo para mim, me dando um pedaço de seu peixe.

— Logo também seremos melhores amigos — ela diz, piscando para mim.

Eu rio, e de repente percebo que não quero nada mais do que isso.

— Eu gostaria disso, Docinho — digo, minha voz suave.

Elena me dá mais algumas mordidas e eu levo minha cadeira para mais perto da dela, fazendo assim nossas pernas se tocarem.

— Fale três coisas boas que aconteceram com você hoje — ela diz, abaixando o garfo.

Sorrio com o pedido.

— Eu deveria ter te reconhecido no segundo que você falou isso, no Inferno. É o que você sempre falava quando mais jovem. Levei um tempo para me lembrar por que essa pergunta soou tão familiar.

Suas bochechas ficam vermelhas e ela sorri para mim.

— Três coisas, né? Você me fez um jantar incrível, o mundo agora sabe que você é minha, e eu vou foder bastante mais tarde.

Ela começa a rir.

— Alec — ela diz, a voz provocante. — Uma delas nem aconteceu hoje, e uma ainda está para acontecer.

Ela balança a cabeça e dá outra mordida na comida.

— Ei, o que você mais gosta em mim? — ela pergunta.

Eu paro para observá-la por um momento.

— Sua beleza. Você é mesmo linda, por dentro e por fora. Nunca conheci alguém que se sacrificaria pelos pais na tentativa de fazer diferença. Tenho orgulho de chamá-la de minha esposa. Você é boa para minha mãe. Sei que sai com ela sempre que trabalho até tarde, e ela tem sido mais feliz do que a vi em anos.

Elena fica corada e olha para o lado.

— E você? — pergunto, meio temendo sua resposta. Não lhe dei muito para gostar.

Ela coloca o cotovelo na mesa e descansa a cabeça no punho, o rosto virado para mim.

— Eu gosto do seu coração. Você não hesitou em me tirar de uma situação ruim, apesar de termos nos separado. Você me salvou, em todos os sentidos da palavra. Gosto que você está sempre tentando fazer o certo. Gosto da sua mente. Ver você trabalhando é super excitante. Você é tão motivado e inteligente, é inspirador vê-lo trabalhar, mesmo quando às vezes eu gostaria que viesse para a cama em vez de trabalhar até tarde. Te observo enquanto trabalha e não acredito que é meu marido. Estou tão orgulhosa de você.

Desvio o olhar, meu coração batendo rápido.

— Eu também gosto muito do seu rosto, e seu corpo perfeito não atrapalha — ela diz, me fazendo sorrir.

Eu me inclino para beijá-la e ela geme nos meus lábios, suas mãos encontrando as lapelas do paletó.

— O que você gosta mais? Minhas mãos ou minha língua? — sussurro nos seus lábios.

Seu lindo rosto fica vermelho e eu belisco seus lábios, sorrindo. Esse rubor… Não me canso disso.

— Língua — ela murmura.

Se meus lábios não estivessem nos dela, eu não a teria ouvido de tão baixinho que soou.

— Hum. Você tem mesmo um gosto delicioso. Posso querer saboreá-la de novo.

Ela morde meu lábio e depois se afasta para me observar.

— Eu quero provar você também — ela diz, olhando para mim através dos cílios.

Solto um gemido e coloco sua mão na minha calça, deixando-a sentir minha ereção. Ela lambe os lábios e olha para mim.

— Eu estava duro desde que nos sentamos. Não me tente, mulher.

Eu queria assustá-la, mas em vez disso ela começa a me acariciar. Sinto-a mexer no zíper e meus olhos se ampliam quando ela enfia a mão na cueca para tocar no meu pau.

— Elena. — Tento soar severo, mas seu nome parece um gemido nos meus lábios. Ela me puxa para perto com a mão livre e me beija, sua língua me deixando louco. — Docinho — sussurro.

Elena agarra meus joelhos e abre minhas pernas antes de se ajoelhar à minha frente.

Olhando para mim, ela pega meu pau, abaixando os lábios devagar, me deixando louco. Ela beija a ponta antes de afundar os lábios em mim, a boca molhada e quente.

Solto um gemido e agarro seus cabelos. Ela me deixa louco. Sua boca é… inacreditável.

Ela olha para mim com o pau na boca, e aquela imagem… porra.

— Baby — digo, sem fôlego. — Se você olhar para mim assim, não vou

aguentar.

Ela me chupa ainda mais, me levando para mais fundo. Ela geme, e é como se o som reverberasse no meu pau, fazendo tudo parecer ainda mais intenso.

— Por que diabos você é tão perfeita?

Eu a observo, meu prazer subindo cada vez mais. Agarro seu cabelo e a puxo um segundo antes de gozar, e Elena ofega.

Ela olha para seu vestido arruinado e sorri antes de me olhar com uma expressão sensual.

— Eu teria engolido, sabe?

Eu a encaro de boca aberta.

— Você vai me deixar louco, Elena. Completamente louco.

Ela sorri.

— Tudo bem — ela diz. — Contanto que você esteja louco por *mim*.

Porra. Acho que estou.

44

Elena

Alec e eu acordamos com uma batida incessante, e antes de percebermos que há alguém na porta, Lucian e Sofia entram. Alec se senta, assustado, os lençóis caindo para a cintura. Ele me cutuca de leve e me enrola nos cobertores enquanto me sento, cobrindo o máximo que posso.

— Sinto muito, meus queridos — Sofia diz. — Não teríamos entrado, mas não tínhamos escolha. Nenhum de vocês atendeu o telefone, e estavam dormindo tão profundamente que a batida também não acordou vocês.

— Que foi, mãe? — Alec pergunta, o braço enrolado ao meu redor.

— Elena… é sua mãe — ela diz com cuidado. Meu coração para e Alec me aperta mais forte, ambos nos preparando para o pior.

— O médico nos pediu para ir ao hospital. Ele não falou qual era o problema. Ele não disse. Precisamos ir.

Aceno e me movo para sair da cama sem pensar, mas Alec me agarra e me envolve em seus braços, lençóis e tudo mais.

— Roupas, Docinho?

Aceno e olho para Lucian, o pânico me tornando inútil. Ele entra no nosso guarda-roupa e volta um minuto depois com roupas para mim e Alec. Então dá um beijo na minha cabeça e se vira para sair.

— Vou esperar por vocês lá embaixo — ele diz, e eu aceno.

Alec e eu nos arrumamos em tempo recorde e, quando descemos, todos estão prontos para sair.

Estamos todos tensos no caminho para a instalação onde está minha mãe.

Caminho em direção ao quarto com medo, meu coração quase saindo do peito. Alec segura minha mão e Lucian está bem atrás de mim, mas nem mesmo a presença deles me deixa à vontade. Tenho medo do que encontrarei quando entrar pela porta.

O dr. Taylor pula ansioso quando entro.

— Elena — ele diz, soando sem fôlego.

Ele aponta para a cama da minha mãe, e para minha surpresa ela está olhando para mim, seus lábios se erguendo nos cantos com um pequeno sorriso. Corro até ela e agarro sua mão, surpresa ao encontrar seu dedo se movendo ligeiro no meu. Olho para ela em descrença, me sentindo tonta pelo choque.

— E… E…

— Ela tem dito isso desde que acordou. Eu não queria dar esperanças falsas no caso de ela voltar para o coma até você chegar, mas ela está acordada há uns quarenta e cinco minutos.

Ele respira fundo e olha para mim com uma expressão séria.

— Eu a coloquei em semanas de testes, mas valeu a pena. Havia traços de propofol no sangue dela. Nós a tínhamos mantido sob a medicação que o último hospital forneceu, e eles rotularam mal o propofol que nos enviaram. Testei todas as drogas. Não há dúvida… foi de propósito.

— O que é propofol? — pergunto, a mão na minha mãe.

— É uma droga usada para manter alguém em coma induzido. Não consigo imaginar por que isso estaria no sangue dela. Fiz todos os testes três vezes, pensando que devia ser um erro, mas não era. Aos poucos, retirei a substância do sistema dela até que ela enfim acordou sozinha.

Eu me sinto mal só de pensar em alguém fazendo isso com minha mãe. Alec joga os braços ao meu redor enquanto Lucian enxuga as lágrimas que eu não sabia que tinham caído.

— Oi, Sarah — Lucian diz, soando tão sentimental quanto eu.

Os olhos da minha mãe se movem para Lucian e posso jurar ter visto um brilho neles.

— L… — ela murmura, e Alec franze a testa.

— Acho que ela está tentando dizer os nomes de vocês — ele diz, chocado. — Ela não está apenas acordada, está ciente de seu entorno também.

Começo a chorar e coloco a cabeça no ombro da minha mãe.

— Ah Deus, mãe. Não acredito. Eu sabia. Sabia que você ia acordar um

dia.

Eu continuo chorando, e em pouco tempo os olhos da minha mãe estão cheios de lágrimas também, suas bochechas molhadas. Lucian pega um lenço e enxuga com cuidado o rosto dela enquanto Alec cuida do meu.

— Sua mãe não parece ter nenhuma contração muscular. Ela deve ter tomado injeções regulares de Botox para preveni-lo, e suspeito que recebeu fisioterapia regular para esticar o corpo também. Ou seja, não faz sentido. Você não faria isso por uma pessoa que você está conscientemente mantendo em coma.

Aceno com a cabeça.

— As injeções de Botox e alongamento são duas coisas que insisti e paguei por preços altíssimos — digo a ele. Eu sabia que ela precisaria para andar depois do coma. — Fizeram porque eu paguei.

Alec pega a mão dela com gentileza, como já o vi fazer antes, e pressiona um beijo na parte de trás de sua mão.

— Eu não acho que você se lembre de mim, mas estou feliz que tenha acordado — ele sussurra.

Os olhos da minha mãe se movem para os dele, e outra lágrima rola pelo rosto dela.

— A… — ela grasna, o respirador atrapalhando a fala.

Os olhos de Alec se arregalam, e ele olha para mim.

— Ela me reconhece, Docinho.

Eu aperto meu controle sobre a mão dela e me viro na direção do médico.

— Por que ela não consegue falar? O que vai acontecer agora?

O dr. Taylor sorri.

— Ela acabou de acordar e está nos respiradores há anos. Não podemos tirá-lo de repente. Fiz um check-up completo, e não há nada de errado com as cordas vocais. Ela não fala há muito tempo, por isso vai levar algum tempo para falar como costumava. Ela ainda está drogada também. Suspeito que ficará bem quando todas as drogas desnecessárias saírem do organismo. Vou ter que verificar as articulações em vinte e quatro horas, para ver se estão rígidas. Se estiverem, ela vai precisar de uma cirurgia, mas não suspeito que seja o caso. Se tudo correr bem e ela puder permanecer consciente por longos períodos de tempo, deverá ser capaz de ir para casa em cerca de três semanas, desde que ainda receba cuidados médicos completos.

Alec acena e gentil sorri para mim.

— Podemos ter uma cama de hospital montada em nossa casa. Vamos conseguir tudo que o dr. Taylor achar necessário, então em algumas semanas podemos levá-la para casa. Vamos mantê-lo na equipe para supervisionar sua recuperação.

Aceno, minha mente uma bagunça. Observo os olhos fechados da minha mãe e em pânico me viro para o médico, mas ele apenas balança a cabeça.

— Ela está cansada e recebeu muito estímulo. Sugiro que a deixemos descansar. A maioria dos pacientes não consegue ficar consciente por mais de alguns minutos depois de acordarem pela primeira vez. Dê um tempo a ela, Elena.

Aceno e, embora acabe comigo, deixo Alec me levar de volta para casa para que minha mãe possa descansar.

— Você vai me levar de volta amanhã de manhã? — pergunto.

Alec acena.

— Claro, mas temos que deixar o médico fazer seu trabalho essa noite.

Minha mente está um caos o trajeto todo, fúria correndo no meu sangue.

— Vou matar quem fez isso com minha mãe. Precisamos descobrir como isso pode ter acontecido. Você acha que meu pai tem algo a ver? — Balanço a cabeça, meus pensamentos um turbilhão. — Deve ter sido minha madrasta. Deve ter me isolado de propósito. Ela sabia que eu nunca descobriria por não ter recursos suficientes à minha disposição. — Alec acena e me envolve em seus braços. — Eu vou matá-la. Vou torcer seu pescoço gordo e feio.

Ele suspira e me segura mais forte, a mão acariciando meu braço.

— Eu nunca deixaria você sujar as mãos, baby — ele diz, soando tão chateado quanto eu.

— Diga que você vai descobrir para mim, Alec. Prometa.

Alec me levanta no colo e olha nos meus olhos.

— Meu amor, já me adiantei. Aiden está investigando agora mesmo. Pode levar dias ou até semanas, mas vamos descobrir.

Aceno, enxugando as lágrimas que não param de cair.

— Promete?

Alec assente, os olhos transbordando sinceridade.

— Prometo.

Com ele ao meu lado, não há como a verdade permanecer escondida.

45

Elena

Estou inquieta pela manhã, ansiosa para ver minha mãe. Lucian, Sofia e Alec parecem tão cansados quanto eu, como se ninguém tivesse conseguido dormir.

— Minha mãe vai querer ver meu pai, não vai? Como explicar que ele não está aqui?

Vai deixá-la arrasada descobrir que ele não só a deixou, mas que já se casou com outra.

— Deus, como explico que não posso levá-la para casa?

Meu coração acelera, devastação e desamparo restringindo minha respiração. Alec vem até mim e segura minhas bochechas, mantendo meus olhos nos dele.

— Baby, respire — ele diz. — Você está bem. Ela está acordada agora, e isso é tudo o que importa. O resto podemos resolver, um passo de cada vez.

Lucian esfrega minhas costas devagar, sua expressão tão destruída quanto a de Alec. Nenhum de nós sabe qual é a coisa certa a fazer.

— Ela precisa ser informada — Sofia diz. — Mas não agora, querida.

Aceno, meu coração doendo por minha mãe. Eu queria que ela acordasse há tanto tempo, mas não pensei muito para o que ela acordaria. Tudo o que ela tinha quando aconteceu o acidente se foi. Seu marido, a casa que construiu e, de tantas maneiras, até mesmo seu filho.

— Preciso ligar para meu irmão — digo, o telefone na mão. Me sinto em conflito. Ele trabalhou tanto para que eu a deixasse ir. Nem sei como vai responder à notícia.

— Elena, *não* — Lucian diz, a voz afiada.

Eu me viro para ele, minhas sobrancelhas erguidas. Ele parece angustiado ao agarrar meus ombros. A maneira como não consegue me olhar nos olhos faz meu coração apertar.

— Há algo que tenho escondido de você — ele diz com a voz suave. — Elliot… conseguiu rastrear a pegada digital do carro de sua mãe. Ele encontrou o hacker que fez sua mãe perder o controle do carro, e, bem, foi capaz de rastrear os pagamentos, também. Pelo que me disse, parece que foi Jade quem contatou o hacker, mas os pagamentos… os pagamentos vieram de Matthew. Ele tentou desviá-los pelo maior número possível de países, mas Elliot trabalhou sem parar para rastreá-los, e foi ele, Elena. Foi Matthew.

Eu me sinto enjoada. Fecho os olhos em um esforço para manter o controle das minhas emoções, mas meu corpo não para de tremer.

— Matthew? — sussurro. — Não pode ser. Ele é um idiota, mas não é… Ele não é um assassino. Não faria isso com a própria mãe.

Alec envolve o braço na minha cintura e me aproxima. Eu me apoio nele, meu rosto enterrado no seu peito.

— Há quanto tempo você sabe? — Alec pergunta, os dedos acariciando meu cabelo.

Lucian hesita antes de responder.

— Algumas semanas — ele diz com cuidado. — Vocês estavam tão felizes juntos. Eu não tinha visto nenhum de vocês parecer tão feliz em tanto tempo, e queria isso para vocês. Sabia que esta notícia ia devastar Elena, e por sua vez, você.

Lágrimas quentes escorrem pelas minhas bochechas, encharcando a camisa de Alec. Respiro com dificuldade, e Alec me segura mais firme, me envolvendo em um abraço apertado.

Sofia coloca a mão no meu ombro, e eu me afasto um pouco de Alec.

— Elena — ela diz —, vamos lidar com isso no devido tempo, certo? Por enquanto, enxugue as lágrimas e finja estar bem para sua mãe. O que ela precisa agora é de amor e atenção. Todo o resto — ela continua, olhando para Alec e Lucian —, todo o resto pode e será resolvido depois.

Aceno e Alec enxuga minhas lágrimas com os polegares. Eu tento ao máximo me recompor, mas tudo que consigo pensar é em Matthew. Por que ele faria isso? Meu pai fez parte?

Durante anos pensei que o jeito como minha vida se desenrolou era infeliz, que, em parte, eu devia ter sido a culpada por perder todos meus amigos,

minhas conexões — por me desentender com todos de quem eu gostava, incluindo meu pai. Agora me pergunto se foi tudo orquestrado.

Ainda estou pensando nisso quando entro no quarto da minha mãe, Alec ao meu lado. Ele pega minha mão e aperta, e eu sorrio. Onde eu estaria sem ele? Se não fosse por ele, eu já a teria perdido.

— Oi, mãe — digo, ainda surpresa ao encontrar seus olhos abertos. Por tanto tempo ela parecia estar dormindo.

Caminho até ela, seus olhos me seguindo. As bordas dos seus lábios se erguem e seus dedos se movem quando aperto sua mão.

Emoções me sobrecarregam, e sem querer me debruço em lágrimas. Coloco a testa em seu ombro, tentando ao máximo, sem conseguir, não chorar.

Sinto uma de suas mãos nas costas, e tento me recompor.

— Sinto muito — murmuro. — Senti tanto a sua falta, mãe. Vê-la aqui, ter você olhando para mim… Você não tem ideia do quanto isso significa para mim.

Eu me sento e enxugo o rosto, meu coração partido quando noto uma lágrima caindo na bochecha da minha mãe.

— Obrigada, mãe. Obrigada por acordar.

Ela sorri, os lábios se abrindo.

— E… — ela diz, sua voz áspera.

Agarro sua mão e a coloco na minha bochecha, embalando sua mão na minha.

Mamãe olha para Alec, e não posso deixar de corar.

— Eu… você se lembra de Alexander? — pergunto.

Mamãe acena e eu quase caio em prantos de novo. Não acredito que ela está conversando comigo.

— Senhora — ele diz, tomando-lhe a mão. Ele a leva até os lábios e pressiona um beijo doce na parte de trás, e meu coração para.

— Eu… Alec é meu… Ele é meu noivo — acabo dizendo. Alec olha para mim, com os olhos piscando.

Os olhos de mamãe se movem entre nós dois, e aquece meu coração encontrar tanta expressão neles.

— E… El… Elena — ela diz, a voz áspera. Meus olhos se arregalam e a encaro, chocada. — Eu… a-amo… você.

— Ela tem praticado para dizer isso por horas — diz o dr. Taylor por trás.

Começo a chorar de novo, e Alec sorri ao dar tapinhas nas minhas costas.

— Ah, mãe — digo, sufocando soluços. — Eu também te amo. Te amo tanto.

Olho para minha mãe com lágrimas nos olhos, meu coração pesado. Farei o que for preciso para protegê-la.

46

Elena

Ando de um lado para o outro na sala, me sentindo inquieta.

— O que podemos fazer? — pergunto.

Sofia, Lucian e Alec estão tão perdidos em pensamentos quanto eu.

— Qual resultado final você quer, Docinho? — Alec pergunta. — Quer sua família na cadeia? Quer que desapareçam? Diga, e vamos encontrar uma maneira de fazer acontecer.

Aceno, tentando ao máximo decidir o que precisa ser feito, para deixar de lado o amor que guardei por tanto tempo — amor que nem meu irmão nem meu pai merecem.

— Preciso saber se meu pai estava envolvido. Quero Jade e Matthew na cadeia. Eu os quero do jeito que me fizeram sentir: indefesos, isolados de tudo e de todos que já conheceram. Quero os bens deles, cada coisa que possuem, cada coisa com que se importam. Quero tudo. Mas, sobretudo, quero todas as coisas pelas quais minha mãe trabalhou. Quando ela foi declarada com morte cerebral, meu pai herdou toda propriedade dela. Quero tudo retificado.

Alec começa a andar como eu, inquieto.

— Precisamos atacá-los por trás, Docinho. Se nos virem chegando, vão proteger tudo. Se descobrirem que sua mãe está acordada, começarão a se blindar. Por enquanto, vou atrás de todos que já trataram da sua mãe. Se eu conseguir uma confissão, ajudará bastante. Temos os melhores advogados do país, então recuperar por meios legais os bens de sua mãe não deve ser difícil, mas como eu disse, precisamos atingir de uma vez. Temos que lidar com a papelada e fazer com que nossos homens apareçam com avisos de despejo.

Tenho a sensação de que vão precisar de um pouco de ajuda para sair do local.

Aceno com a cabeça.

— Há mais uma coisa que eu quero — digo.

Alec olha para mim, sobrancelhas erguidas.

— Minha casa de infância. A casa que minha mãe chamou de lar por tantos anos. Quero de volta.

Lucian sorri e levanta o tablet.

— Pedi ao Elliot para descobrir o que puder sobre os bens dos Rousseau — ele diz, o rosto um pouco vermelho. Ele não pode nem dizer o nome de Elliot sem corar, e apesar de tudo o que está acontecendo, isso coloca um sorriso no meu rosto.

— A casa… é propriedade da empresa. Não é privada. Se Alec conseguir uma participação majoritária, então ela cairá em suas mãos.

Alec olha para mim, com a cabeça inclinada.

— Baby — ele diz —, nós não precisamos. Temos sua mãe. Ela está viva. As ações que herdou, as que seu irmão tirou de você? Tudo volta para sua mãe. As ações dela junto às que comprei compõem a participação majoritária.

Sorrio, um prazer cruel percorrendo meu corpo.

— Eu quero estar lá. Quero estar presente quando os despejarmos.

Sofia sorri para mim.

— Você vai — ela diz, acenando com aprovação. — Você é Elena *Kennedy* — acrescenta. — Você é minha nora e esposa de Alexander. É hora de mostrar ao mundo o que isso significa.

47

Alexander

Empurro a cadeira de rodas de Sarah pelo jardim, parando para admirar flores diferentes. Ela adora a sensação do sol em seu rosto e o ar fresco. Não posso culpá-la, ela está presa num quarto há anos.

Convertemos um dos quartos de hóspedes no térreo em uma sala médica equipada para ela, então pelo menos podemos mantê-la em casa agora. Nós lhe demos uma cadeira de rodas elétrica também, e ela está gostando de poder se mover um pouco pela casa.

Levou quase dois meses até que pudéssemos levá-la de nossa clínica particular para casa, e mesmo agora ela precisa de cuidados vinte e quatro horas por dia. Teve que aprender a respirar sozinha de novo, a falar outra vez, e até mesmo a comer. Ver o coração de Elena partir toda vez que a mãe luta para reaprender algo está me despedaçando.

— Eu a ouvi, sabe? — Sarah diz, e eu paro.

Ela ainda luta para mover os membros. De certa forma, é como um bebê. Seu corpo está quase bem agora, mas ela precisa reaprender como fazer tarefas básicas e como fazer seu corpo a ouvir. Por sorte, a estimulação elétrica neuromuscular que Elena pagou evitou a atrofia muscular. Também não há danos nas articulações, graças ao alongamento que as enfermeiras fizeram duas vezes por dia, então ela deve ser capaz de andar de novo dentro de alguns meses.

Eu me sento na grama ao lado dela.

— Ouvi Elena quando eu estava em coma. Não tinha nenhum conceito de tempo, mas ouvi seus gritos e sua crença eterna na minha recuperação.

Meus olhos se arregalam. Sarah me surpreende todos os dias. Ela não só

está se recuperando mais rápido do que os médicos esperavam, mas também é bastante perspicaz. Achei que a mente dela seria afetada pelo coma, mas não.

— Eu sei que Elena não está no trabalho agora. Sei que Alaric e Matthew não estão em uma viagem de negócios, e sei que você está casado, e *não* noivo, com minha filha. Sei por que você se casou com ela, e entendo que Elena não quer que eu descubra. Por sua vez, não quero que ela saiba que eu podia ouvir a maior parte do que ela me disse ao longo dos anos.

Ela é como Elena, sempre me assustando. Estou tenso, sem saber o que dizer. Elena tem lidado com os advogados, e é ela que tem coordenado tudo com Elliot e nossa equipe de segurança. Ela nos pediu para garantir que Lucian, minha mãe ou eu fiquemos com a mãe dela pelo menos uma vez por dia quando ela não puder estar aqui.

Não sei o que dizer a Sarah, nem o que Elena gostaria que eu dissesse.

Ela sorri para mim e balança a cabeça de leve.

— Preciso de sua ajuda para preparar os documentos necessários para transformar todas as minhas contas e posses em bens conjuntos entre minha filha e eu. Não quero que Elena dependa de ninguém nunca mais, nem mesmo você, Alec.

Aceno para ela, mesmo quando um arrepio de medo percorre meu sangue. Ela está garantindo que Elena possa ganhar independência de mim. Se Elena não precisar mais de mim, ela vai ficar? Nossa cerimônia de casamento ainda não aconteceu, e meu avô também não foi informado da nossa união. Se ela quiser o divórcio agora, não tenho como negar.

Suspiro aliviado quando Elena chega até nós, e me levanto. Ela dá um beijo na bochecha da mãe, e eu estreito meus olhos. Ela leva um bom minuto para me notar, e meu humor fica ainda pior. Sarah olha para mim e ri, e eu cruzo os braços. Quando Elena enfim se vira para me olhar, estou de mau humor. Elena sorri para mim e fica na ponta dos pés para me beijar, e de modo involuntário olho para ela.

— Então você me viu parado aqui?

Elena ri e me aproxima, me beijando direito. Ela enrola os braços em volta do meu pescoço, os lábios passando pela minha orelha.

— Você é sempre o primeiro que vejo, não importa onde eu esteja, não importa quantas pessoas tenham. Sempre, Alec.

Sorrio relutante e os olhos de Elena brilham com diversão.

— Você é louco, sabia? — ela murmura.

Sorrio para ela e me inclino para beijá-la de novo, do jeito certo desta vez.

— Você me disse que eu deveria ser louco por você, não foi? Cuidado com o que deseja, baby.

Desde que Sarah acordou, descobri um novo lado da minha esposa. Ela é assertiva, trabalhadora e tão cruel quanto eu. Ela é perfeita. A forma como está orquestrando a queda dos Rousseau vai se tornar lendária, sei disso. Tenho certeza que até meu avô ficará impressionado quando tudo acontecer.

Sarah pega a mão de Elena e sorri para ela.

— Querida — ela diz. — Preciso falar com você.

Elena acena e se ajoelha na frente da mãe, uma expressão serena no rosto.

— Onde está seu pai?

Elena congela, e eu também.

— Ele está com Jade?

Elena olha para a mãe, uma expressão confusa no rosto.

— Como… Quero dizer… — E seu irmão?

Ela olha atônita para mim, mas também não sei o que dizer. Eu me ajoelho e passo meu braço em volta dela.

Sarah suspira e aperta a mão de Elena.

— Acho que é hora de te contar uma história, querida.

Sarah respira fundo e olha para o lado.

— Seu pai e eu éramos namorados no colégio. Nós nos apaixonamos jovens, e eu… eu fui ingênua. Seu pai era da mesma posição social que eu, mas sua família estava à beira da falência. Por causa disso, meu pai não me permitiria casar com Alaric.

Sarah olha para Elena e segura as bochechas dela.

— Até que me disseram que eu nunca teria filhos. — Ela fica tensa, como se a memória ainda doesse. — De repente, eu não era considerada uma boa noiva em potencial para os homens com que meu pai queria que eu me casasse. Foi só aí que fui autorizada a me casar com seu pai.

Ela sorri, mas o sorriso é tristonho. Elena olha para a mãe em choque, mil perguntas piscando através de seus olhos.

— Por alguns anos, tudo parecia perfeito. Meu dote ajudou a salvar a

família do seu pai, o legado dele. Eu o ajudei a abrir a própria empresa, e nós prosperamos. Eu era feliz.

Sarah faz uma pausa, sua mente parecendo estar em outro lugar, como se estivesse reunindo coragem antes de continuar sua história, e eu envolvo meu braço na minha esposa, sabendo que o que está por vir vai machucá-la.

— Então, um dia, seu pai trouxe para casa um garotinho. Matthew. Ele tinha apenas dois anos e era o menino mais adorável que eu já tinha visto. Seu pai me disse que ele tinha estragado tudo. Que ele queria tanto ter filhos que era só nisso que conseguia pensar. Ele me disse que nunca mais me trairia, e me implorou para lhe dar mais uma chance. Eu tinha muitas perguntas, é claro. Mas seu pai tinha uma resposta para todas elas. Eu estava despedaçada, Elena. Estava chateada, mas também sempre quis ter filhos. E Matthew? Ele não tinha feito nada de errado. Então pedi para conhecer a mãe dele. Foi quando a conheci pela primeira vez… *Jade*.

Elena suspira, o corpo inteiro tremendo. Eu a seguro o mais forte que posso, querendo oferecer todo meu apoio, mas sem saber como.

— O quê? — ela sussurra, sua voz falhando.

— Jade sabia que nunca poderia oferecer a Matthew a vida que eu poderia, então me disse que ficaria longe. Que nunca mais veria o filho, que ele seria meu. Ela jurou ficar longe da minha família, do seu pai.

— Mãe — Elena diz, o tom angustiado. — Por favor, me diga, eu sou…

Sarah sorri e acena.

— Sim, você é minha. É claro que você é. Você é meu pequeno milagre, Elena.

Elena acena e descansa a cabeça no colo da mãe, tentando conter as lágrimas. Sarah acaricia o cabelo da filha com suavidade, e me surpreende como ela é doce e carinhosa perto de Elena, quando é tão astuta perto de todos os outros. Acho que é daí que Elena tira isso, pois ela é assim também.

— Por um tempo, tudo voltou ao normal. Seu pai e eu… conseguimos resolver as coisas, embora nunca tenha sido a mesma coisa. Eu estava bem, porque tinha Matthew. E não muito tempo depois, tive você. Vocês dois eram o meu mundo inteiro, e isso foi o suficiente para mim. Na época, eu não sabia que seu pai ainda estava saindo com Jade. Não tinha ideia que ele levava Matthew para vê-la todo mês. Nem que Matthew já sabia que eu não era sua mãe biológica. Eu não tinha ideia que além dele continuar com Jade, eles tiveram uma filha juntos. Só descobri alguns dias antes do acidente.

Olho para Sarah em descrença. Elise é meia-irmã de Elena?

Elena levanta a cabeça para olhar para a mãe, os olhos vermelhos. Ela parece tão despedaçada, tão magoada.

Sarah sorri e segura o rosto de Elena.

— Então me diga — ela diz. — Me diga o que você tem feito. Me diga o que está planejando. Me diga o que precisa de mim, Elena. Dei tudo ao seu pai e ao seu irmão… e agora eu quero de volta.

48

Alexander

Elena vira e se revira na cama, incapaz de dormir. Eu me volto a ela e enrolo meu braço em sua cintura, pressionando-lhe os lábios no pescoço.

— Não consegue dormir?

Ela suspira e se vira para mim, seu nariz roçando o meu. Balança a cabeça, parecendo perdida.

— Não consigo parar de pensar no Matthew, no meu pai… em tudo o que minha mãe contou. Como Matthew pôde fazer isso? Minha mãe o criou. Enquanto crescia, ela sempre nos tratava da mesma forma. Ela tratava Matthew melhor, deu a ele tudo o que ele sempre quis, e é assim que ele retribui?

Afago-lhe o cabelo e suspiro, sem saber o que dizer. Não acho que Elena precisa que eu diga nada — ela só precisa que eu escute, então é o que faço.

— E meu pai? Minha mãe salvou sua empresa, e sua família da ruína. Ele não seria nada sem ela. Devia ter sido devotado a ela, mas em vez disso tinha uma segunda família pelas nossas costas. Que tipo de pessoa faz isso?

Elena range os dentes, seus olhos brilhando de fúria. Acaricio seu cabelo de leve, querendo fazê-la se sentir melhor, mas sem saber como.

— Também não esperei por isso, baby. Nunca gostei do seu irmão, mas não imaginei que ele seria capaz de tanto. Não podemos voltar ao passado, Elena, mas o que podemos é compensar o tempo perdido. Seguir em frente. Eu vejo o quanto você está trabalhando, e dentro de apenas algumas semanas vai ser capaz de devolver à sua mãe tudo que ela perdeu, e muito mais.

Ela olha nos meus olhos e assente. Há ódio neles, e espero que ela não deixe que isso a consuma. Espero que não mude seu lindo coração. Se pudesse,

eu mesmo derrubaria os Rousseau. Se dependesse de mim, nunca a deixaria sujar as delicadas mãos. Mas posso dizer que ela precisa fazer isso, e não posso tirar isso dela. Não posso tirar o controle dela como tantos outros o fizeram. Então ficarei para trás. Vou deixá-la cuidar de tudo e, se ela precisar de mim, estarei ao seu lado.

— Alec, tudo o que sempre quis foi uma família minha, um marido que me amasse. Eu queria um lar cheio de amor e risadas, queria o que nunca tive. Mas se isso é o que o amor é, eu não quero fazer parte dele.

Acaricio seu cabelo, meu coração partido por ela. Elena sempre foi ingênua, e a inocência com a qual ela vê a vida é o que a torna tão única. Mantém seu coração puro neste mundo. Odeio vê-la perder isso.

— Amor… ele corrompe — ela diz. — Ver sua mãe e a minha me faz enxergar o que é o amor. É egoísmo. Me faz lembrar a religião, sabe? Perdi a fé em Deus, quando não importava o que eu fizesse ou o quanto eu rezasse, minha mãe não acordava. O amor é o mesmo. Fé cega, quando você sabe que não faz sentido.

— Baby — murmuro. — Não é…

Eu nem sei o que dizer, porque concordo com cada palavra. No entanto, quando é Elena proferindo essas palavras, me faz sentir horrível. Me faz querer protegê-la de cada pedacinho de dor que ela teve que experimentar, cada coisa que ela teve que testemunhar, tudo o que a fez perder a fé.

Ela me empurra e eu deito de costas. Elena sorri quando sobe em mim e eu agarro sua cintura. Seu cabelo escuro comprido cobre seu ombro e braço, e eu agarro as pontas dele, enrolando-o nos dedos.

— Você e eu não seremos assim, Elena — garanto a ela. — Não vamos deixar que emoções em declínio nos consumam. Você e eu… não vamos deixar nosso julgamento ser nublado.

Elena e eu não somos como nossos pais. Nosso casamento não é baseado em emoções frágeis e mutáveis. Nossa base é muito mais forte.

Ela acena quando lhe enfio a mão no cabelo, puxando-a para perto. Preciso dela de uma maneira que nunca precisei antes. Preciso do corpo dela no meu, dos lábios nos meus. Preciso dela nos meus braços. Quero tirar a tristeza dos seus olhos.

Elena sorri ao se inclinar para me beijar. Levanto os quadris e a giro. Ela cai de volta na cama, e antes que possa protestar cubro o corpo dela com o meu.

Agarro seu cabelo e a beijo sem ressalvas, um beijo profundo. Um

gemido escapa de seus lábios quando sua língua se emaranha com a minha, mas não é suficiente. Quero que ela ofegue meu nome. Eu me abaixo, beijando seu pescoço, marcando-a como minha.

— Alec — ela sussurra e eu sorrio na sua pele, satisfeito.

Sem pressa, continuo beijando o máximo de seu corpo que consigo alcançar, deixando-a louca. Minha esposa não é lá muito paciente, mas adoro provocá-la.

Puxo suas roupas, e Elena levanta os quadris, me ajudando a tirar sua camisola. Ela se contorce quando minhas mãos se enrolam no tecido da calcinha, enquanto as dela deslizam pelo meu corpo.

— Alec, pare de me provocar — ela diz e eu sorrio. Eu tiro a cueca e me acomodo entre as pernas dela.

— Me diga o que você quer.

Elena olha para mim com um olhar cheio de luxúria.

— Você sabe o que quero.

Eu me inclino para beijá-la, capturando seu lábio inferior completo entre meus dentes.

— Implore.

Elena ri e me empurra, me fazendo ficar de costas na cama. Antes que eu perceba, ela está em cima de mim, meu pau dentro dela.

Solto um gemido alto, me sentindo por completo fora de controle, e Elena sorri. Envolvo minha mão bem abaixo de seu peito quando ela me monta, os seios balançando. Meus polegares acariciam os mamilos e seus olhos fecham.

— Alec — ela geme, e eu deixo a ponta dos dedos deslizarem pelos botões escuros e duros. Torço-os um pouco, e seus músculos contraem ao meu redor.

— Porra, Elena — digo, sem fôlego.

Eu a agarro pelos quadris e dou uma estocada, me movendo com ela, amando sua aparência, o jeito que seu corpo está em exposição para mim.

— Que vista — digo.

O jeito que ela olha para mim me estimula. Quando estamos juntos na cama, sou tudo o que ela pode ver. Quando estou dentro dela, cada uma de suas preocupações escapa dos seus lindos olhos. Penetro com mais força, girando os quadris, provocando-lhe um gemido a cada estocada.

Observando seu rosto quando ela se aproxima cada vez mais… Porra. Eu podia gozar só de olhar para ela.

Elena suspira e seus músculos se contraem ao meu redor, me ordenhando. Solto um gemido quando ela goza, me levando junto com ela.

Ela sorri de satisfação e cai sobre mim. Enrolo os braços em volta dela e pressiono um beijo em sua têmpora. Elena suspira e se reposiciona com a cabeça no meu peito, nós dois ainda ofegantes. Eu a seguro firme com um braço, acariciando-a com o outro.

Sexo incrível e confiança mútua… É o suficiente. Precisa ser.

49

Elena

Eu olho para o espelho, admirando minha roupa. Optei por um terninho castanho-avermelhado, e até eu preciso admitir que me faz parecer… *poderosa*.

— Você está deslumbrante — Alec diz, os olhos vagando pelo meu corpo. Sorrio e caminho até ele, arrumando a gravata combinando.

Coloco as palmas no peito dele, meu coração cheio de gratidão.

— Nada disso seria possível sem você.

Ele sorri e coloca meu cabelo atrás da orelha.

— Está pronta? — ele pergunta.

Aceno com a cabeça. Três meses. Faz três meses que levamos minha mãe para casa. Foi o tempo necessário para organizar todos os aspectos legais.

Alec segura minha mão quando descemos as escadas. O térreo está lotado de homens vestidos com ternos pretos, as armas na cintura. Minha mãe está no meio, apoiada na bengala, Sofia ao seu lado. Ela ainda não pode andar bem, e não pode andar por muito tempo, mas devagar está chegando lá.

Ela está linda hoje, e toda vez que sorri para mim eu ainda fico impressionada. Quase perdi minha mãe, e para quê?

Lucian acena para mim do sofá, Elliot ao seu lado. Sorrio para ele, e aceno para Elliot em agradecimento. Ele fez o impossível por mim.

Alec coloca a mão nas minhas costas e eu respiro fundo para acalmar o nervosismo.

— Hoje à noite, vamos derrubar os Rousseau — digo, meu coração à vontade. Devia parecer estranho dizer isso. Não faz muito tempo, eu também era

uma Rousseau. No entanto, não sinto nada além de empolgação.

— A Equipe Beta estará de prontidão na propriedade deles, aguardando minhas ordens. A Equipe Alfa vai comigo e com Alec. Nós vamos para a sala de reuniões.

Eu olho para minha mãe e sorrio.

— Convoquei uma reunião de emergência dos acionistas, então eles estarão em alerta máximo. Neste momento, meu pai deve estar ciente de que alguém está comprando as ações dele, mas não sabe quem, graças a Elliot — digo, acenando para ele.

Alec comprou todas as ações sob uma empresa privada que ele me deu, o que já tornaria difícil revelar quem é o comprador, mas Elliot conseguiu esconder todos os vestígios restantes. Pelo que sei, meu pai já tentou seguir o dinheiro, só para se deparar com uma parede de tijolos todas as vezes.

— Meu pai não vai ficar muito preocupado porque acha que ainda tem uma participação majoritária com as ações dele e de Matthew. A papelada provando que anulamos isso está aqui — digo, levantando uma pilha de papéis para minha mãe ver. Os advogados de Alec fizeram o impossível para me ajudar com meus planos, e não foi fácil, mas eles conseguiram.

— As outras equipes estarão em todas as outras propriedades pertencentes à Corporação Rousseau. Vamos assumir todas. Quero cada fechadura trocada. — Eu olho para Elliot e sorrio. — E cada código de acesso também.

Ele acena para mim, animado. Elliot está de prontidão para desativar os sistemas de segurança em todas as propriedades, e embora seja uma tarefa importante, me garantiu que é moleza para ele. Lucian coloca a mão no joelho de Elliot, traindo o nervosismo, mas Elliot apenas o tranquiliza com um sorriso.

— Vamos lá.

Nossas equipes entram em seus veículos enquanto Alec oferece o braço à minha mãe.

— Espere — Elliot diz, me dando um fone de ouvido. — Vou coordenar com você — acrescenta, e eu sorrio, apertando-lhe a mão.

Alec, Sofia, minha mãe e eu vamos em direção à limusine, e não é até que estejamos a caminho da Corporação Rousseau que o nervosismo me ataca.

— Você vai se sair bem, querida — minha mãe diz, e eu aceno. A raiva enche todas as minhas veias ao pensar no que fizeram com ela. Eles vão perder tudo, nem que seja a última coisa que eu faça.

Sorrio quando saio da limusine, e me sinto de fato destemida quando entro no prédio. Por anos, *anos*, eu me senti impotente. Nunca mais.

Caminho em direção à sala de reuniões com apenas dois de nossos homens ao meu lado. Alec, Sofia e minha mãe não muito atrás de mim, seu ritmo ajustado ao da minha mãe.

Sorrio ao abrir a porta da sala de reuniões com força, apreciando a forma como bate alto contra a parede.

Os membros do conselho parecem surpresos em suas cadeiras, e meu pai olha para mim em choque.

— Elena? — ele diz, sua voz entrelaçada com desânimo. — O que está fazendo aqui? Esse não é lugar para você.

O desprezo na voz dele me irrita e eu cerro os dentes ao caminhar na sua direção. Estou ao lado dele, meus olhos vagando para os membros do conselho sentados aqui hoje.

Matthew olha para mim, cerrando o maxilar.

— Você convocou a reunião?

Meu pai ri e balança a cabeça.

— Isso é impossível — ele diz. — Eu dei as ações dela para *você*.

Sorrio para Matthew.

— Não é tão burro quanto parece — digo a ele. — Por outro lado, você provou ser um grande gênio, não foi? Pelo visto, a aparência engana mesmo.

Ele pisca, um brilho calculista nos olhos. De todos, vou gostar mais de derrubá-lo.

— Reuni todos aqui hoje para votar a posição de CEO — digo.

Meu irmão sorri divertido e balança a cabeça, inclinando-se para trás em seu assento, sem preocupação.

— Você conseguiu comprar o quê? Dez por cento das nossas ações? Vou deixá-la falar hoje, mas que isso seja uma lição. Da próxima vez que você me fizer perder meu tempo, vou te fazer pagar.

Eu apenas aceno. Ainda não é a vez dele.

— Convoco a votação para retirar a posição de Alaric Rousseau como CEO — digo.

Matthew suspira e balança a cabeça.

— Aqueles a favor de Alaric permanecer em sua posição, por favor,

levantem a mão — ele diz, levantando aos poucos a própria voz, o tom debochado. Ele se vira para olhar ao redor da mesa, os olhos brilhando de satisfação quando encontra cada mão levantada. Ele olha para mim em diversão, e eu sorrio.

Meu fone de ouvido estala e escuto a voz de Elliot.

— Sua mãe deve estar chegando a qualquer momento — ele diz. — Pode começar.

— Todos aqueles a favor de *removê-lo* de sua posição, por favor, levantem a mão — digo, levantando a minha.

Matthew ri, seus braços se abrindo.

— Você sabe contar, Elena? — ele pergunta. — A votação acabou. Já teve seus dez segundos de atenção, agora saia.

— Ainda não terminou — uma voz suave diz atrás de mim.

Eu me viro e encontro minha mãe entrando apoiada no braço de Alec. Os olhos dela encontram os de Matthew, e a dor que vejo neles acaba comigo.

Pego uma pilha de papéis da minha bolsa e os jogo na mesa, espalhando-os por toda parte. Eu olho para minha mãe, e ela sorri para mim ao levantar a mão.

— Você sabe contar? — pergunto a Matthew. — Entre minha mãe e eu, temos sessenta porcento das ações.

Ele fica pálido, seus olhos na minha mãe. Parece estar vendo um fantasma, e isso me irrita ainda mais. Cerro os dentes e me viro para meu pai, que olha para minha mãe da mesma forma.

— Você está fora — digo a ele. Aceno para a equipe de segurança que trouxemos conosco, e eles ajudam meu pai a sair do lugar. Ele mal nota, seus olhos na minha mãe.

— Isso é impossível — Matthew diz, parecendo em pânico.

Sorrio para ele.

— *Agora* a votação terminou — digo. Aceno para os meus homens e eles caminham até ele. — Segurem-no.

Matthew luta.

— Você não pode *me* remover — ele grita. — Eu ainda sou um acionista.

Franzo a testa para ele.

— Você quer dizer as ações que *herdou* de uma mulher que *não* está

morta? Não é assim que funciona.

Ele chuta a cadeira enquanto meus homens o contêm e eu balanço a cabeça.

— Que *isso* sirva de lição. Cada um colhe o que planta, Matthew. Não apenas palavras, todas as ações. Eu *vou* fazer você pagar. Esta empresa, suas ações, devem ser a menor de suas preocupações.

Aceno para Aiden e ele me entrega um disco rígido. Cerro o maxilar quando olho para ele, meus olhos encontrando os da minha mãe. Ela sorri, mas o sorriso é triste. Eu ando até ela e envolvo meu braço nela assim que a polícia entra.

Matthew congela quando os vê, o rosto pálido. Eles param na frente dele.

— Matthew Rousseau — dizem. — Você está preso pela tentativa de assassinato de Sarah Rousseau. Tudo o que disser pode e será usado contra você no tribunal. Você tem direito a um advogado. Se não pode pagar por um advogado, um será fornecido.

Balanço a cabeça para ele.

— Tentativa de homicídio é apenas um de seus crimes, Matthew. Os médicos e enfermeiras que estavam na folha de pagamento dos Rousseau? Aqueles que mantiveram minha mãe em coma induzido? A polícia apurou as confissões. Eles vão testemunhar contra você.

Uma lágrima cai no rosto da minha mãe quando eles colocam as algemas nos pulsos dele, a cabeça baixa. Aumento meu controle sobre minha mãe enquanto eles o levam por nós, meu coração pesado. Tive anos desde que nos separamos, mas para minha mãe, deve parecer que está perdendo o filho de repente.

Respiro fundo antes de me dirigir aos membros chocados do conselho. Nenhum deles disse uma única palavra. Decerto estão escandalizados, e não vai demorar muito para que os rumores sobre os eventos de hoje comecem a se espalhar — justo o que eu queria. Mesmo que de alguma forma Matthew se safe com o que fez à minha mãe, sua reputação será manchada para sempre.

— Acho que é bastante drama por hoje. Peço desculpas por envolvê-los. Declaro esta reunião encerrada. Estão dispensados.

A maioria se levanta das cadeiras, e muitos vão em direção à minha mãe. Como pude esquecer? A maioria dessas pessoas são velhas amigas, pessoas que estiveram aqui desde o início. Muitos deles estavam aqui quando ela transformou a empresa no que é.

Nossa equipe de segurança os impede de se aproximarem demais e ela balança a cabeça, levantando a mão.

— Logo, logo — ela diz. — Todos seremos capazes de conversar em breve. Não vou a lugar nenhum, nunca mais. Mas hoje… hoje minha filha e eu temos negócios para resolver.

Ela se vira e vai embora, e não posso deixar de sorrir. Eu estava preocupada que hoje seria muito difícil para ela, mas ela parece estar lidando bem.

Eu a sigo, impaciente pelo que está por vir.

50

Alexander

Elena olha para a casa da família, uma expressão triste no rosto.

— Não se preocupe, querida — digo, envolvendo-a com um braço. — Vamos reconstruir seu lar.

Elena balança a cabeça e fica na ponta dos pés, pressionando um beijo demorado na minha bochecha.

— Não — ela diz. — Meu lar é ao seu lado. Hoje, estamos recuperando o lar da minha mãe.

Meu coração se agita e eu sorrio para ela. Ela considera que seu lar é comigo?

— Querida.

Elena se vira e olha para a mãe, as sobrancelhas erguidas.

— Deixe comigo — Sarah diz, os olhos na propriedade à nossa frente. — Me deixa fazer isso.

Elena acena, a mão roçando meu braço até que ela tenha a mão aninhada na minha. Entrelaço os dedos, nós dois seguindo Sarah, uma dúzia de homens nos cercando.

Elena toca no fone de ouvido e depois acena para a mãe.

— Os sistemas estão desligados.

Sarah respira fundo e abre os portões. Ela caminha devagar, se apoiando na bengala, mas andando. Depois de todos estes anos, ela está andando.

Eu olho para minha esposa, minha incrível esposa. Ela nunca desistiu da mãe. Lutou por uma bolsa de estudos e trabalhou em três empregos em um

esforço para pagar os cuidados excepcionais que Sarah recebeu. Ela fez isso — uma mulher que cresceu podre de rica. Tudo pela mãe.

Sarah entra na casa, e Elena e eu a seguimos. Ela entra na sala de estar e encontra Jade e Elise sentadas no sofá — no sofá dela. Jade se senta em choque, a mão passando por cima da boca. Ela parece estar vendo um fantasma, a mesma culpa de Matthew refletida em seus olhos.

— Jade — Sarah diz, a voz com um toque de surpresa simulada. — O que você está fazendo na minha casa?

Jade se levanta do sofá e caminha ao redor dele, o rosto branco. Ela fica atrás do sofá, como se estivesse tentando usá-lo como uma barreira.

— Você… você estava morta.

Sarah olha para as próprias mãos.

— Não — ela diz. — Acho que não.

Ela dá um passo à frente e Jade se afasta. Enquanto isso, Elise está no sofá com os olhos arregalados. Elena acena com a cabeça para os nossos homens e eles se movem em direção a Elise, segurando-a.

— Fiquem longe da minha filha — Jade diz, a voz trêmula. Ela olha ao redor da sala, percebendo que está em desvantagem.

Sarah a ignora e se senta no sofá, de pernas cruzadas.

— Não posso dizer que amei o que você fez com o lugar — ela diz, franzindo a testa.

Ela acena com a cabeça para o assento à sua frente.

— Senta.

Um dos nossos homens agarra Jade e a força para o assento que Sarah acabou de apontar, e eu sorrio. Eu me inclino para Elena, meus lábios passando pela orelha dela.

— Sua mãe é durona.

Ela sorri e eu coloco os braços ao seu redor. Elena descansa as costas no meu peito, e eu apoio o queixo em sua cabeça, nós dois parados como se estivéssemos vendo nosso programa favorito.

— Pensei que tínhamos concordado que você ficaria longe da minha família — Sarah diz, estendendo os braços no sofá. — Então por que está na minha casa?

Jade treme e pega o telefone, o que apenas faz Sarah rir.

— Não se incomode — ela diz. — Alaric está sendo detido pelos Kennedy, e Matthew foi preso por tentativa de assassinato. Mas não se preocupe, Jade, em breve você se juntará ao seu querido filho.

— Você… você… esta não é sua casa. Não mais. É minha. Você precisa sair — Jade diz. — Vou chamar a polícia. Está invadindo minha propriedade.

Dou um beijo no pescoço de Elena.

— Boa jogada da parte de Jade — murmuro, e Elena bufa.

Elise nos observa, parecendo mais em pânico a cada segundo, e eu estreito os olhos para ela. Não me esqueci que Elise é a razão pela qual minha mulher acabou no Vaughn's — o mesmo lugar onde ela acabará um dia. Vou fazer tudo para que isso aconteça.

Elena balança a cabeça.

— Seria, se ela realmente fosse dona deste lugar. Mas não é.

Jade olha para Sarah, as bochechas recuperando a cor aos poucos.

— Tudo o que costumava ser seu agora é meu. Na verdade, sempre foi. O Alaric sempre foi meu, e você sabe que Matthew também é. Não importa que você o tenha criado durante anos, ele é meu sangue. Alaric só casou com você pelo dinheiro. Ele sempre me amou.

Sarah congela — é sutil, mas eu percebo. O aperto de Elena na minha mão aumenta, e ela dá um passo à frente, mas eu a seguro.

— Sua mãe tem tudo sob controle — digo. — Deixe que ela tenha este momento. Ela pensou nisso por anos.

Ela acena com a cabeça, mas está tensa. Eu a seguro mais forte, abraçando-a perto de mim.

— Isso pode muito bem ser verdade — Sarah diz. — Mas não explica por que você está na minha casa. Alaric e Matthew… pode ficar com eles. São seus. Mas tudo pelo que trabalhei? Tudo em que já investi? Não pode ter isso, Jade.

Jade olha para os dois policiais que entram e sorri. Mulher tola.

Sarah acena com a cabeça para Aiden, e ele caminha até ela com uma pilha de papéis na mão. Ele os coloca na frente de Jade antes de entregar a Sarah um disco rígido idêntico ao que ele deu a Elena antes.

— Um aviso de despejo? — Jade diz, as mãos trêmulas.

Sarah se levanta do assento e olha em volta.

— Vou mandar arrumarem seus pertences pessoais, embora duvide que precise deles para onde está indo — ela diz, acenando para os policiais.

Eles prendem Jade por tentativa de homicídio e, como Matthew, ela tenta lutar.

— Tire-a daqui — Elena diz, com a cabeça inclinada em direção a Elise.

Aquela garota sempre teve uma boca tão grande perto da minha esposa, mas nenhuma palavra escapou de seus lábios hoje. Tudo o que vejo no rosto dela é o medo e a dor que ela fez Elena sentir durante anos.

A porta se fecha atrás deles e Sarah cai no chão. Elena suspira e corre até a mãe, a abraçando.

Meu coração se parte quando Sarah explode em lágrimas. Ela não chorou uma vez desde que acordou. Nem quando lutava para falar, nem quando seus membros não faziam o que ela queria, nem mesmo quando lhe disseram que ela ficaria numa cadeira de rodas por meses.

Nada disso a destruiu. Mas isto, sim. O *amor* a destruiu.

51

Elena

Eu me sento com minha mãe enquanto analisamos os registros da empresa, Alec ao nosso lado. Ele enrola o braço em volta da minha cintura e suspira.

— Olha, Docinho — ele diz. — Nada disso faz sentido. Inspecionar essa empresa vai ser difícil.

Baixo a cabeça no ombro dele e ele dá um beijo no meu cabelo.

— Não estou surpresa — minha mãe diz. — Alaric nunca foi um homem de negócios tão bom. Mesmo quando você era pequena, era eu que administrava as nossas duas empresas. Fiz isso naquela época, e farei agora. Cá entre nós, não há nada que não podemos conseguir, querida.

Assinto, mas a tarefa parece assustadora.

— Precisamos marcar reuniões com todos os chefes de departamento — digo, percorrendo os dados.

Meu telefone toca e eu franzo a testa quando não reconheço o número de telefone. Não dei este número a ninguém.

Alec olha para o meu telefone, parecendo surpreso.

— Atenda. Esse número de telefone é do meu avô.

Olho para ele com as sobrancelhas erguidas ao aceitar a ligação, confusa quanto ao motivo de ele me ligar.

— Alô?

— Elena, querida. Ouvi dizer que é a nova proprietária da Corporação Rousseau. Pelo que ouvi, entraste com armas em punho. Eu não poderia estar mais orgulhoso.

Eu coro, não consigo evitar.

— Vovô… não foi nada. Só precisava ser feito.

— Que tal aquele almoço que me prometeu? Eu tenho algum tempo agora. Posso estar aí em uns dez minutos. Adoraria ouvir a história toda. Além disso, adoraria ver sua mãe de novo. Não a vejo há anos.

— Claro, vovô.

Olho para a minha mãe e sorrio quando termino a ligação.

— O avô de Alec vem almoçar. Ele disse que gostaria de vê-la, já que faz muitos anos. Parecia bastante interessado em ouvir nossa história.

Minha mãe sorri e balança a cabeça.

— O pai de Sofia me avisou para não me casar com seu pai. Ela e eu éramos boas amigas quando mais jovens, e o pai dela sempre cuidou de mim.

Coloco a mão no ombro da minha mãe, o coração partido por ela. Ela perdeu tanto, mas ainda assim sorri.

Caminho em direção à cozinha de Sofia, assustando o pessoal. Embora eu e Alec tenhamos nossa própria cozinha, a de Sofia é muito maior, e é a que usamos sempre para refeições em família. O avô de Alec entra logo depois de mim, com um grande cesto cheio de vegetais na mão.

— Olá, querida — ele diz, sorrindo.

Ele segura um melão para mim com entusiasmo, e eu o encaro com olhos arregalados.

— Ah, meu Deus! Qual será o gosto? Acha que vai ser doce?

Ele encolhe os ombros.

— Não saberemos até provarmos. Como foi que você disse? Eles são *temperamentais*.

Eu rio e Sofia coloca a cabeça na cozinha, um sorriso no rosto.

— Pensei ter ouvido sua voz, pai.

Ela olha para os legumes no balcão com olhos estreitos e cruza os braços.

— Pai… pensei que tinha dito que eu era a única que podia comer seus legumes.

Ele olha para ela tímido e eu rio mais uma vez. Adoro a forma como Sofia age com o pai e como ele a trata. Este homem imponente não é nada mais do que um pai amoroso sempre que Sofia está por perto.

— Mas Elena vai cozinhá-los para *você* — ele diz, jogando todo charme

nela.

Sofia balança a cabeça.

— Você nem sabia se eu estaria aqui, e também não me ligou. — Ela se vira para me olhar. — Ele te ligou, Elena?

Ele olha para mim com os olhos arregalados e balança a cabeça de leve, e eu quase consigo esconder meu sorriso.

— Hum, não — digo, mas meu tom não é convincente.

— Eu sabia! — Sofia diz, olhando para o pai.

— Não culpe o vovô — Alec diz, entrando na cozinha com a minha mãe logo atrás. — É inevitável. O velhote nunca teve chance. Elena tem o dom de roubar o coração das pessoas.

Sofia assente como se estivesse de acordo, e enrola o braço em volta do meu ombro.

— Sim, é verdade. Minha nora é adorável.

Mamãe pigarreia.

— Sofia, você sabe que ela é *minha* filha, né?

Sofia estreita os olhos e me aperta mais.

— Não mais.

A mãe olha fixamente para ela.

— A cerimônia de casamento de Alec e Elena ainda é daqui a três meses!

Observo as duas em diversão. Sofia adorou me ter por perto e me acostumei a passar tempo com ela; por outro lado, minha mãe se esforça para recuperar o tempo perdido. As duas têm discutido o tempo todo por quem pode passar tempo comigo. É como se fossem pais divorciados brigando pela minha custódia, e isso me diverte. Faz com que eu me sinta amada, e não me sinto assim há anos. Sei que a brincadeira que elas retratam é uma tentativa de aliviar o clima depois de meses difíceis, mas me surpreende que elas considerariam fazer isso por mim, que alguém se importa o suficiente para querer me animar.

Eu olho ao redor da sala, meu coração transbordando de amor. Durante anos, a solidão me corroeu, e o desespero foi tudo o que me fez continuar. Agora estou aqui em um cômodo cheio de pessoas que me querem por perto de verdade, que se preocupam comigo.

Os meus olhos encontram os de Alec, e não posso deixar de pensar se ele tem algum sentimento por mim. Às vezes parece que sim, e outras nem consigo

lê-lo. Não sei se o amor ainda é algo que quero. Meu coração anseia por isso, mas posso ver o lado de Alec. Amar… é muito arriscado. O que ele e eu temos agora é indestrutível. Se nos apaixonássemos, isso nos destruiria como fez com minha mãe?

Ele sorri e o meu coração dispara. Alec caminha até mim, mas sirenes altas começam a soar por toda a casa antes que ele chegue perto, fazendo-nos pular de surpresa.

Ele agarra o telefone, franzindo a testa. Seu rosto fica pálido e meu coração para.

— Os paparazzi cercaram nossa casa. Invadiram o perímetro. Nossos seguranças estão tentando expulsá-los, mas são muitos. Aiden me disse que há dúzias lá fora.

Os olhos dele encontram os meus e o medo me invade. Eles descobriram? Descobriram sobre nosso casamento? Descobriram que nossa relação não é real?

Olho para o vovô. Alec pode perder tudo.

52

Alexander

— O que aconteceu? — minha mãe pergunta.

Balanço a cabeça.

— Não sei.

Ela pega o celular ao mesmo tempo que todos, todos pesquisando nossos próprios nomes e o nome Kennedy.

O medo me domina quando encontro meu pai em cada noticiário. As manchetes fazem meu estômago se contorcer. Clico em uma das notícias, resignação fazendo os meus dedos pesados.

Uma fita de sexo. O meu pai está no noticiário por causa de uma maldita fita de sexo.

Eu me sinto enjoado, mas com certeza não se compara ao que minha mãe deve estar sentindo.

Respiro fundo e começo a percorrer os contatos para encontrar o número de Elliot. Como ele pôde deixar acontecer? Temos um complicado sistema para impedir que esse tipo de coisa chegue à mídia, então como não viu isso?

— Elliot? — digo assim que ele atende. — O que aconteceu?

Ele boceja alto.

— Do que está falando? — ele diz, parecendo sonolento. — *Porra*. Meus sistemas caíram.

— Pare — minha mãe diz. — Pare, Alec.

Ela pega o celular das minhas mãos e desliga.

— Basta. *Basta*.

Ela passa a mão pelo cabelo, trêmula. Quando olha para mim, seus olhos estão cheios de dor, mas há determinação em seu olhar também.

— Sei que tem tentado me proteger, Alec. Sei que bloqueia este tipo de notícias há anos. Mas já chega. Não posso viver mais assim. Não consigo.

Ela se vira para meu avô e fica tensa, como se estivesse se preparando.

— Pai… eu tentei. Juro que dei tudo de mim. Durante anos, tenho guardado esperança e memórias felizes. Mas não aguento mais. Tudo o que sempre quis foi um casamento como o da mamãe e o seu, e por muito tempo pensei que se eu suportasse por tempo suficiente, se provasse que meu amor permaneceria forte, então talvez… talvez Anthony mudasse. Você sempre me disse que casamento é para sempre, que vocês resolvem as coisas juntos, que não se afastam. Mas pai, um casamento precisa de dois. E este casamento? Estou sozinha há anos.

Uma lágrima rola pelo seu rosto, e meu avô caminha até ela. Ele lhe enxuga as lágrimas e um soluço escapa dos lábios da minha mãe. Meu avô a segura nos braços, apertando-a com força.

— Pai… quero o divórcio. Sei que os Kennedy não se divorciam, mas olhe para mim — ela diz, a voz falhando. — O mundo inteiro sabe que meu marido me trai… Sou motivo de chacota. E pelo quê?

Ela enterra o rosto no peito dele e ele fecha os olhos, tão magoado quanto ela.

— Por favor, pai. Me deixa pedir o divórcio. Se acha que precisa me deserdar por causa disso, então tudo bem. Só peço que não deixe que isso afete meus filhos.

Acaba comigo vê-la assim. Seu pedido me choca — nunca pensei que o divórcio fosse uma opção. Não era algo que eu pensava que minha mãe ousaria pedir. Mas ela tem razão. Isso… isso não é vida.

— Querida — meu avô diz, sua mão alisando o cabelo dela, a acalmando. — Você é minha menina, Sofia. Tudo o que sempre quis para você foi a felicidade, nada menos.

Ele olha para mim, um olhar complicado nos olhos.

— Se eu soubesse disso… se meu neto não tivesse escondido tão bem, então, querida, não haveria como eu ter deixado você continuar casada. Eu não sabia. Deduzi que vocês dois tinham seus problemas, mas nunca imaginei que teria ido tão longe.

Ele esfrega as costas dela, mas minha mãe não consegue controlar as

lágrimas. É como se anos de mágoa por fim encontrassem uma saída.

Ele se afasta e olha para ela, e o olhar em seu rosto… Eu nunca vi meu avô tão magoado. Minha mãe funga, mas não consegue conter os soluços.

— Peça o divórcio — ele diz, surpreendendo todos. — Você é minha filha, Sofia. Será sempre minha menininha. Não há maneira de eu deserdá-la por escolher a felicidade. Não serei a razão pela qual você permanecerá presa em um casamento sem amor.

Olho para o meu avô, incrédulo. Nunca pensei que ele permitiria isso. Não pensei que ele deixaria minha mãe abandonar o casamento sem repercussões.

Tentei tanto protegê-la, mas se não tivesse feito o que fiz, ela poderia ter conseguido o divórcio mais cedo.

O meu amor por ela foi o que prolongou a sua dor.

53

Alexander

Bato na porta do quarto da minha mãe. Em geral, jantamos juntos como uma família pelo menos a cada poucos dias, mas ela não vem comer conosco. De acordo com o pessoal, ela não tem comido muito.

— Mãe?

Ela abre a porta e eu a encaro em choque. Seus olhos estão inchados e vermelhos, o cabelo bagunçado, vestida com um roupão. Eu nunca a vi tão… destruída.

Ela funga e se esforça para sorrir para mim.

— Sinto muito, Alec. Eu só… não me sinto bem.

Aceno.

— Mas você precisa comer alguma coisa. Por favor?

Ela olha para mim e suspira ao sair do quarto e descer as escadas, sem nem se preocupar em se trocar ou pentear o cabelo. Seus movimentos são mecânicos, como se me fizesse um favor. Mal a reconheço. Apenas algumas semanas atrás, ela nunca teria imaginado andar por aí assim — nem mesmo em casa.

Eu a sigo, preocupado. Elena, Lucian e Sarah já estão sentados. Eles sorriem, mas ela não sorri de volta.

— Como está se sentindo? — Sarah pergunta.

Minha mãe ergue o rosto e as duas trocam um olhar de compreensão.

— Anthony me disse para lhe enviar os papéis do divórcio. Ele não vai voltar nem para falar comigo, para lutar por mim.

Eu olho para ela com olhos arregalados. Eu não sabia de nada disso. Não falo com meu pai há meses. Nem Lucian nem eu falamos mais com ele, e ele também não se aproxima.

Sarah agarra a mão de minha mãe e acena com a cabeça.

— Talvez seja melhor. Um divórcio sem complicações é o que você precisa.

Minha mãe respira com dificuldade.

— Por sorte, não há muito que ele possa tirar. A maioria dos nossos bens é propriedade da empresa, que por sua vez é propriedade do meu pai. Vou perder parte da minha propriedade e uma quantia decente de dinheiro, mas ele não será capaz de colocar as mãos em muito mais do que isso.

Suspiro aliviado. Graças a Deus, meu avô está vivo. Se minha mãe tivesse herdado as ações dele, teríamos tantos problemas — ela precisaria dar metade ao meu pai.

Minha mãe mal toca na comida e vejo a ansiedade nos olhos de Elena, que continua adicionando pequenas quantidades dos alimentos favoritos da minha mãe no prato, mas que por sua vez não come nada.

Durante o jantar, Elena se oferece para acompanhá-la em um dia de spa, e Lucian se oferece para levá-la às compras, mas ela não está interessada.

Estou com medo que ela volte para a mesma depressão que tinha quando me casei com Elena. Ela continuou a manter uma fachada, mas agora o mundo inteiro a viu cair. Ela não sai de casa desde que meu pai apareceu no noticiário, e nesse ritmo, não sairá mais.

Não sei o que fazer. Estou acostumado a ter quase tudo sob meu controle, mas isso? Não há nada que eu possa fazer.

Minha mãe se levanta assim que todos terminam de comer e desaparece antes que eu possa impedi-la. De vez em quando, jogamos jogos de cartas juntos, e eu esperava convencê-la a fazer isso hoje, mas ela fugiu antes mesmo de eu ter uma chance.

Estou inquieto ao subir as escadas, Elena logo atrás de mim. Ela me segue para a nossa sala de estar e se senta na sua cadeira favorita, tão preocupada e distraída quanto eu.

Sirvo um copo de uísque e beberico antes de encher o copo.

— Você quer uma bebida?

Elena balança a cabeça, puxando os pés para cima da cadeira, os braços

ao redor do corpo.

Eu me sento diante dela, nós dois de frente um para o outro da maneira que fizemos quando a pedi em casamento. Eu a observo, os cabelos compridos caindo pela cintura, o belo rosto, seus olhos deslumbrantes. O que teria acontecido se eu não tivesse encontrado com ela naquele dia? Pensar no que ela quase fez acaba comigo, mas não consigo deixar de me perguntar se fiz a escolha certa a acorrentando a mim. Ela vai acabar como minha mãe um dia? Ambas têm o mesmo coração. São românticas inveteradas. Elena tenta negar, tanto para si como para mim, mas não consegue evitar. Ela não é como eu. Elena se preocupa com as pequenas coisas, como minha mãe. Gosta de jantar juntos, adormecer juntos. Se eu não estiver em casa por alguns dias, ela fica inquieta. Elena se *importa*. Ela se preocupa com tudo, com todos à nossa volta.

Eu adoro isso nela, mas também é algo que vai magoá-la no final. Nosso casamento… nunca será suficiente. Ela sempre vai querer mais. Vejo isso nos seus olhos. Ela quer coisas que eu não posso lhe dar. Ela vê coisas que não existem.

Elena olha para mim e sorri.

— Ela vai ficar bem, sabe? Vai ser difícil, mas estamos aqui por ela. No final, ela ficará melhor sem seu pai. Ela terá a chance de viver sua vida da maneira que quiser, sem fingimentos.

Aceno com a cabeça.

— Sem fingimentos… Sim, eu acho, mas não tenho certeza se minha mãe ainda sabe quem ela é.

Tal como minha mãe, Elena está esquecendo quem é. Vejo sua luz escurecer todos os dias. Não é só tudo o que aconteceu com o pai dela. É mais do que isso. Sou eu. A maneira como ela olha para mim… vejo o coração dela partir cada vez que a beijo.

Ver minha mãe desmoronar me destrói. Acaba comigo e me aterroriza. Tenho medo de empurrar Elena pelo mesmo caminho. Tenho medo que um dia ela ache a vida vazia, que perceba que desistiu de muita coisa por mim. Ela vai ficar sem amor, sozinha, como minha mãe. As coisas que ela quer de mim, nunca poderei lhe dar. Não tenho mais amor para dar nesta vida. E mesmo que tivesse… sei que o amor não dura. Não dura, mas Elena não para de ansiar por ele.

54

Elena

Olho para Alec deitado ao meu lado. Ele dorme um sono profundo, os cílios tremulando um pouco. Eu me aproximo, envolvendo o braço em torno dele. Ele suspira e se afasta, me empurrando enquanto dorme.

Ele tem estado diferente nos últimos dias. Não tem sido ele mesmo desde que a mãe pediu o divórcio. Há tanta distância entre nós agora, e não sei como consertar.

Nunca vi Alec com tanta angústia — testemunhar sua mãe desmoronar, vê-la ser perseguida pela imprensa… Ele está sofrendo também, e isso o fez se afastar cada vez mais de mim.

Deslizo um dedo pelo braço dele, provocando-lhe um leve arrepio. Mas eu sinto falta dele. Ele está aqui, mas sinto sua falta. Ele já não me olha da mesma maneira. Quando sorri para mim, é como se eu fosse só mais uma garota. Ele nem me toca há semanas.

Eu me aproximo, pressionando o corpo no dele. Preciso da pele dele na minha. Jurei a mim mesma que não seria como minha mãe, ou como Sofia, mas quero ser tudo o que ele vê. Mesmo contra meu bom senso, ele é tudo o que eu quero. Estou lutando contra meus sentimentos, mas estou à mercê do meu coração. Quando me beija, esqueço toda razão.

Alec suspira, os cílios tremulando. Ele pisca devagar, os olhos encontrando os meus.

— O que está fazendo? — ele pergunta, a voz áspera.

Seguro nele com mais força e lhe dou um beijo na testa. Alec joga os braços em volta de mim e me puxa para mais perto, a minha cabeça no seu peito.

Ele enfia a mão no meu cabelo, agarrando com força.

— Qual é o problema? — ele sussurra, e eu balanço a cabeça.

— Não é nada. Só não consigo dormir.

Alec se afasta para olhar para mim, tentando me entender.

— Preocupada com sua mãe? Ela está se recuperando bem. A maneira como está lidando com a Corporação Rousseau é surpreendente.

Aceno. Em parte, estou preocupada com minha mãe, mas é mais do que isso.

— Sim, estou preocupada com minha mãe, mas também com a sua. A imprensa tem investigado o divórcio. Tem sido tão difícil para ela, e não podemos protegê-la. Estou preocupada.

Alec acena.

— Eu sei, mas ela tem a gente. Ela não está sozinha. Sua mãe também provou ser um pilar de força. Apenas tê-la por perto tornou as coisas muito mais fáceis para minha mãe. Aquelas duas… foram magoadas de uma forma muito parecida.

Suspiro.

— Estou apenas cansada, Alec. Cansada de toda a dor que nos rodeia, de todo o sofrimento.

— Eu sei, Docinho. — Ele segura minha bochecha e dá um beijo gentil nos meus lábios. — Mas faz parte da vida. Nossas mães escolheram o amor e pagaram o preço. Esse é o risco de dar a alguém seu coração, você precisa confiar que não vai ser partido, que a pessoa não vai destruir *você*. E este mundo em que vivemos… é superficial, oportunista e fútil. — Ele coloca meu cabelo atrás da minha orelha e suspira. — O passado não pode ser desfeito, mas podemos aprender com ele.

Aceno mais uma vez. Ele tem razão. Sei que tem. Mas posso endurecer o meu coração como ele? Apesar de tudo o que aconteceu com minha mãe e com Sofia, meu coração ainda almeja aquilo que não posso ter. Uma pequena parte de mim ainda anseia pelo que nunca tive — uma família amorosa. É uma tolice e eu sei, mas não consigo controlar meu coração.

— Você acha mesmo que é possível viver sem amor?

Alec acena com a cabeça e brinca com meu cabelo.

— Temos feito isso muito bem, não é?

Suas palavras machucam, mas sorrio através da dor. Ele não faz ideia que

me apaixono um pouco mais a cada dia.

— Você me ama, Alec? Só um pouquinho?

Ele olha para mim de olhos arregalados e se senta, os lençóis se aglomerando em torno de sua cintura. Alec passa a mão pelo cabelo e respira fundo.

— Elena, por que está me perguntando isso?

Fico de joelhos e o encaro.

— Alec… eu só… você e eu… não somos como os nossos pais. Você sabe que eu nunca trairia você, e acho que você também nunca me trairia. Nós não somos como eles.

Ele acena com a cabeça, a expressão cautelosa.

— Não somos porque temos acordos em vigor. Porque o nosso casamento é transacional. Você e eu não precisamos confiar no *amor* para nos manter juntos. Temos muito mais do que isso.

— Eu entendo — digo a ele. — Entendo, Alec. Mas por que isso precisa ser tudo o que temos?

Alec suspira e olha para mim, a expressão irritada.

— Elena, por que estamos falando sobre isso? Eu lhe dei uma opção quando a pedi em casamento. E falei que se casasse comigo, concordaria com uma vida sem amor. Então, por que de repente você quer mais? — Ele se encosta no travesseiro, uma expressão consternada no rosto. — Depois de tudo o que acabou de testemunhar, ainda quer amor? Você viu várias vidas serem destruídas por causa disso, mas ainda assim quer amor? Por quê?

Desvio o olhar, sem saber como me explicar.

— Alec… você e eu crescemos em casas sem amor. É isso que quer para os nossos filhos?

Ele olha para mim, e a frieza em seus olhos faz um arrepio descer pela minha coluna.

— Tudo isso… O que é isso, Elena? — Os olhos dele cintilam com uma emoção que não consigo decifrar. É raiva? Irritação? Ele está me fazendo sentir como se apenas perguntar se ele me ama fosse um incômodo. — Você conseguiu o que queria… Conseguiu salvar a vida da sua mãe. E casei com você para conseguir o cargo que quero. É tudo o que este casamento é, Elena. É apenas um acordo benéfico para ambos.

Aperto as mãos, tentando ao máximo não tremer.

— Só isso? — pergunto, a voz falhando. — Isso é tudo o que sou para você?

Alec olha para as mãos e balança a cabeça.

— Eu me preocupo com você, Elena. Claro que sim. Você sabe.

Alec vira as costas para mim. Ouço as palavras que ele não diz. Ele se preocupa comigo, mas não me ama, e é certo que nunca vai amar.

55

Alexander

— Queria me ver, vovô?

Entro no escritório dele — o escritório que sempre considerei o objetivo final. Sempre que entro aqui estou cheio de determinação renovada. Um dia, em breve, irei sucedê-lo.

— Senta.

Eu me sento diante dele, confuso quanto ao motivo pelo qual fui chamado. Olho para ele, lutando para conciliar a pessoa que ele é na frente de Elena e da minha mãe com a pessoa sentada à minha frente.

— Como está sua mãe?

Desvio o olhar.

— Bem — respondo por instinto, mas não é verdade. Ela tem chorado muito e mal saiu de casa com medo de como os paparazzi a perseguem. É doloroso de ver, mas não há outra maneira.

— Ela vai superar — meu avô diz, e eu aceno. Vai sim. Ela precisa.

Meu avô empurra uma pilha de documentos para mim, um olhar resignado nos olhos.

— Estou velho, Alec. Preso aos meus costumes. Acho que sei mais só porque sou mais velho, porque já vi e vivi tanta coisa. É por causa da minha teimosia que sua mãe ficou num casamento do qual devia ter saído há anos. É por minha causa que ela desperdiçou anos da vida, anos que nunca vai recuperar. Não vou cometer o mesmo erro com você.

Pego os papéis, meus olhos se arregalando quando percebo o que são.

— A minha posição como presidente é sua. Vou retirar a exigência do casamento. Está ciente de que adoro Elena, mas não se case com ela pelos seus objetivos. Se você se casar com ela, faça porque é *ela* que você quer, porque você não pode imaginar sua vida sem ela, porque você a *ama*. Quero para você o que sua mãe não conseguiu ter, um casamento feliz e completo. Não acabe como sua mãe. Não faça isso com Elena.

Ele me entrega uma caneta e eu não hesito em assinar o contrato, meu coração batendo forte. Isto é tudo o que eu sempre quis, então porque não é tão bom como eu esperava?

— O conselho vai declarar sua nomeação nos próximos dias. Você e eu sabemos que Dylan não está qualificado para assumir meu lugar, mas minha teimosia quase permitiu que isso acontecesse.

Meu avô suspira e se reclina na cadeira.

— É por causa da sua avó. É porque quero que todos os meus filhos e netos tenham o que tive com ela. Sua avó… ela me manteve com os pés no chão, era minha parceira em todos os sentidos que importavam, minha melhor amiga. Ela fez a vida valer a pena, e ainda sinto falta dela todos os dias. Mas o que tive com sua avó é raro de uma forma excepcional. Estar casado não garante um vínculo como esse. Deveria ter percebido.

Aceno com a cabeça, sem palavras. Nunca em um milhão de anos pensei que ele mudaria de ideia ou que admitiria as falhas em sua lógica.

— Vá em frente — ele diz. — Vá celebrar. Sua mãe vai ficar orgulhosa, e Elena também. Comemore com elas.

Levanto e sorrio para meu avô.

— Obrigado, vovô. Não te deixarei na mão.

Ele concorda.

— Nunca o fez, Alec. Nunca lhe disse, mas estou orgulhoso de você. Não só da forma como gere nosso negócio, mas do seu coração. A maneira como cuida da sua mãe me enche de orgulho. Sou grato por ter um neto como você.

Sorrio para ele, surpreso. Ele nunca me disse nada assim antes, e eu nunca percebi que eram palavras que queria ouvir dele.

Ainda estou sorrindo quando chego em casa. Nem mesmo os paparazzi estacionados ao redor da propriedade podem estragar meu humor.

Vou direto para meu apartamento, procurando Elena. Ela e eu não temos sido os mesmos há algum tempo… Há uma distância entre nós, por minha conta.

Ver minha mãe desmoronar fez com que eu me afastasse dela sem querer. Tenho medo de fazer Elena acabar do mesmo jeito — com o coração despedaçado e sem amor. As coisas que Elena tanto quer são as mesmas que nos separarão. Não entendo por que ela não consegue ver como nosso relacionamento é forte, precisamente porque *não* estamos apaixonados — porque o amor nunca foi a base do nosso casamento. Ela viu tantas vidas arruinadas sob o pretexto do amor, mas ainda assim pede isso de mim. Tudo o que posso esperar é que passe, que ela perceba, cedo ou tarde, como o amor destruiria o que temos.

Paro na porta da cozinha, meus olhos nela. Apesar de todas as dúvidas e medos, ela é a primeira com quem quero partilhar essa boa notícia. Eu olho para ela e sorrio.

Ela está em frente ao balcão, encarando alguns biscoitos queimados como se eles a tivessem ofendido.

— Docinho.

Ela olha para mim e o meu coração acelera. Tem farinha nas bochechas e no cabelo, mas está deslumbrante. Meu coração dói. Senti saudade dela.

Caminho até ela e a envolvo nos meus braços, abraçando-a com força. Não a abraço assim há dias. Elena hesita antes de me abraçar de volta, os braços em volta do meu pescoço.

— O que aconteceu?

Eu me afasto um pouco, olho para ela e sorrio.

— Você está olhando para o novo presidente da nossa empresa.

Elena ofega, segurando meus ombros com força.

— Está falando sério?

— Sim. Acabei de assinar o contrato.

Elena sorri, os olhos brilhando com a mesma felicidade que sinto.

— Parabéns, Alec — ela diz, jogando-se de volta nos meus braços. Eu a seguro com força, apreciando a maneira como ela se encaixa com perfeição em mim.

— É justo o tipo de notícia que precisávamos depois dos meses difíceis que acabamos de ter — ela diz, mesmo que seu sorriso derreta em seu rosto.

— O que houve?

— Não é nada, Alec. — Ela segura minha bochecha, um sorriso forçado. Está tentando retratar felicidade, mas tudo o que vejo nos seus olhos é tristeza. — Estou feliz por você.

— Elena, fale comigo. Algo está errado.

Ela suspira e afunda a mão no meu cabelo.

— Eu só… pensei que você não conseguiria o cargo até depois do nosso casamento.

Eu olho para ela, compreendendo seus pensamentos.

Ela está certa.

Ela casou comigo para salvar a vida da mãe, mas Sarah acordou, e eu… casei com ela para garantir que eu conseguiria a posição do meu avô. O cargo que me foi dado.

Ela engole em seco e se afasta de mim, os braços se envolvendo.

— Quando você me pediu em casamento, me disse que os Kennedy nunca se divorciam. Mas agora se *divorciam*. Sua mãe criou um novo precedente. Não que isso importasse tanto, já que ninguém sabe que somos casados.

Aperto a cintura dela com mais força, meu coração apertando.

— O que está dizendo, Elena? Está me dizendo que quer o divórcio?

Ela balança a cabeça.

— Não. Não sei.

— Você não sabe? — repito devagar.

Elena desvia o olhar e suspira.

— Eu não sei mais o que quero, Alec. Não sei.

Eu me afasto dela, meu coração inquieto, e a solto.

— Olha, eu preciso de um pouco de ar fresco — digo a ela, indo embora.

Elena agarra minha manga.

— Alec, não. Por favor, não vá. Sinto muito — ela diz, a voz falhando.

Balanço a cabeça e a afasto. Minha cabeça gira quando saio de casa. Eu me sinto enjoado. A ideia de ela me deixar me despedaça —, mas, se eu a segurasse, eu a despedaçaria?

56

Elena

— O que houve, querida? — minha mãe pergunta, erguendo os olhos do notebook.

Deitada ao lado dela na cama, quero apenas isso, estar perto dela. Odeio deixá-la fora da minha vista. Tenho medo de perdê-la de novo. Olho para ela e balanço a cabeça, lutando para sair dos meus pensamentos.

— Você tem agido de forma estranha a semana toda. O que está acontecendo? Alec também mal esteve em casa. Vocês andam brigando?

Faço uma careta e ela aperta minha mão.

— Querida, você está me preocupando. O que está acontecendo?

Eu balanço a cabeça e dou uma fungada.

— Não é nada, mãe.

Não quero sobrecarregá-la com os meus problemas de relacionamento. Não quero que ela se preocupe comigo. Queria ter escondido como me sinto para que ela não tivesse reparado.

Há dias, Alec e eu mal nos falamos. É como se coexistíssemos. Desde que o assunto do divórcio veio à tona, a nossa relação se deteriorou demais. Ele me faz sentir inútil agora que se tornou presidente. A maneira como me trata… é o que eu esperava o tempo todo. Ele disse que queria uma mulher que pudesse usar, que não precisasse cortejar, que ficasse fora do seu caminho.

Eu teria sido capaz de lidar com isso se ele não tivesse me mostrado primeiro como pode ser. Se não tivesse me dado um vislumbre de como seria ser amada por ele.

— Mãe, você se arrepende de ter se casado com meu pai?

O sorriso dela é tristonho e ela suspira.

— Não. Não me arrependo de ter casado com seu pai, Elena. Afinal, ele me deu você. A única coisa de que me arrependo é de ter ficado tanto tempo. Eu deveria ter me divorciado no segundo em que percebi que ele me traía, no momento em que percebi que ele não me amava mais, se é que me amou. Não há vergonha em amar alguém com todo seu coração, mas esse amor deve ser mútuo. Se der mais de você do que recebe, vai acabar uma concha de si mesma, esgotada, como eu estava. Se eu tivesse me divorciado mais cedo, podia ter tido uma vida diferente. Quem sabe? Poderia ter encontrado o amor verdadeiro.

Eu olho para ela, meus pensamentos agitados.

— Mesmo depois de tudo o que aconteceu, você ainda parece acreditar no amor.

Minha mãe acena com a cabeça.

— Não foi o amor que me fez isso, querida. Foi a *ausência* dele.

Pisco surpresa e ela sorri.

— Querida, o problema que Sofia e eu tínhamos era que amamos de todo o coração e nunca recebemos esse mesmo amor de volta. Viver assim, amar assim, não é sustentável.

A ausência de amor… Nunca pensei dessa forma.

— Não seria mais fácil não amar?

Ela começa a rir e aperta minha mão.

— Querida, uma vida sem amor não é uma vida que vale a pena viver. Além disso, não dá para escolher se ama ou não alguém. Bem que eu queria. Como a vida seria fácil se pudéssemos fazer essa escolha. O amor… não dá ouvidos à razão.

Penso em suas palavras. Tenho tentado lutar contra meus sentimentos, mas acabei me apaixonando por Alec contra minha vontade. Quero ser a pessoa que ele me pede para ser — uma esposa conveniente, uma parceira que cuida da própria vida. Mas não consigo. Não posso *não* o amar.

A forma como ele cuida de mim, o jeito como defende Luce e a maneira como sempre protegeu a mãe… Ele faz com que seja tão fácil amá-lo. Nunca tive chance.

Não há muito que ele tenha pedido em troca de tudo o que me deu. Apenas três coisas: ser uma boa nora, ser sua esposa troféu em público, e nunca esperar o amor. Ele me deu tudo. Sem ele, a minha mãe poderia não estar deitada

ao meu lado. No entanto, não posso deixar de ser egoísta e querer mais. Não posso deixar de ousar esperar por mais.

Horas depois e ainda estou pensando nas palavras de minha mãe. Olho para o relógio enquanto preparo o jantar, sem saber se Alec se juntará a mim esta noite. Ultimamente ele tem trabalhado até tarde, e não posso deixar de pensar se é porque está me evitando.

Olho para cima quando ouço uma das portas bater e sigo o som para encontrar Alec entrando direto no escritório em casa. Ele costumava pelo menos me cumprimentar e perguntar do meu dia, mesmo nos dias em que estava muito ocupado. Paro em frente à porta fechada do escritório e hesito antes de abri-la.

— Alec?

Ele olha surpreso, a expressão cautelosa.

— Elena. O que está fazendo aqui?

Eu pisco, sem saber como responder.

— Eu ouvi você entrar.

Ele assente e puxa a gravata. Caminho até ele e coloco a mão sobre a dele, ajudando-o a afrouxá-la. Ele congela como se meu toque o deixasse desconfortável, e não posso deixar de franzir a testa.

— O que está acontecendo? Você e eu mal nos falamos. Você está me evitando.

Ele olha para mim com as sobrancelhas erguidas e se afasta.

— Não estou te evitando, Elena. Só estou ocupado. Não concordámos que ficaria fora do meu caminho? Parece que ficou muito confortável neste casamento. Tínhamos um acordo, lembra? Não deve me incomodar sem necessidade. Parece que o sexo fez você pensar que pode ultrapassar os limites com os quais *você* concordou.

Enrolo os braços no meu corpo, tentando ao máximo mascarar o quanto suas palavras magoam.

— Está me afastando. Por quê?

Alec me ignora e se senta atrás da mesa. Ele liga o computador, me dispensando em silêncio.

— Diga, Alexander. Por que está agindo assim? É por causa de tudo o que aconteceu com sua mãe? É por isso que está se distanciando de mim?

Ele suspira e se reclina na cadeira, olhando para mim com uma expressão irritada.

— Puta merda, Elena. Não tem um motivo. O que você quer? Por que está sendo tão carente?

Encaro-o incrédula e coloco as mãos atrás das costas, num esforço para esconder o quanto estou tremendo, o quanto ele está me machucando.

— Carente? Está brincando? Foi você que me disse para falar contigo quando me magoava. Você está me *magoando* agora, Alec.

Ele se levanta da cadeira, as palmas apoiadas na mesa.

— O que você quer? Tudo o que me pediu, eu lhe dei. Ajudei com os cuidados de Sarah, ajudei a derrubar seu pai, ajudei a recuperar tudo o que perdeu, e *ainda* estou dando moradia e cuidados vinte e quatro horas por dia para sua mãe. O que mais você quer, Elena? — ele pergunta, parecendo derrotado, frustrado.

Ele suspira e passa a mão pelo cabelo.

— Eu lhe dei *tudo*, Elena, e não pedi muito em troca. Tudo o que eu queria era uma esposa que me deixasse viver minha própria vida. Foi tudo o que pedi.

Engulo em seco e aceno com a cabeça, mesmo quando meu coração se despedaça. Dou um passo para trás e respiro com dificuldade, colando um sorriso no rosto.

— Entendi — digo a ele.

Alec hesita, e por um segundo espero que ele retire as palavras, mas então ele se senta outra vez, os olhos no computador.

Eu pisco para deixar cair as lágrimas que se acumularam nos meus olhos e mantenho o sorriso brilhante estampado no rosto.

— Há comida para você na cozinha, se quiser. Vou ficar fora do seu caminho.

Eu me viro e me afasto, cada fibra do meu ser desejando que ele me impeça.

Ele não me impede.

57

Alexander

Olho para o meu novo escritório, desconfortável de um jeito estranho. É tudo o que sempre quis, então por que consegui-lo é tão sombrio?

Eu me sento surpreso quando a porta do escritório se abre. Ninguém além do meu avô entra sem que eu seja notificado primeiro.

Meu avô… e *Elena*, ao que parece.

Meus olhos vagam pelo corpo dela, meu coração se mexendo de modo involuntário. Ela está linda, sempre está. Parece que não a vejo há semanas, e acho que não a vejo, não de verdade. Mal nos falamos. Pedi espaço e ela me deu, quer eu goste ou não.

Há apenas alguns meses, eu teria me levantado para beijá-la. Ela teria sorrido para mim ao caminhar na minha direção, sentando no meu colo. Agora olha para mim, inexpressiva.

— Eu não estava te esperando. O que está fazendo aqui? — Dou uma olhada no meu relógio e franzo a testa. — Tenho uma reunião em dez minutos.

Ela acena com a cabeça e se senta à minha frente.

— Peço desculpas por me intrometer — ela diz, colocando a bolsa no colo. Depois olha em volta, um pequeno sorriso no rosto. — Belo escritório.

Eu sorrio e também olho em volta, do jeito que ela fez. Às vezes, mal posso acreditar que consegui.

— Obrigado. Esperei anos por isso. É tudo o que sempre quis.

Ela se reclina no assento, um sorriso triste no rosto.

— Estou feliz por você — ela diz com o tom sincero. — Feliz por ter

conseguido tudo o que queria.

Ela olha para baixo, hesitante, antes de enfiar a mão na bolsa. Quando volta a olhar para mim, seus olhos estão cheios de resignação. Elena me entrega um pedaço de papel e eu o encaro, surpreso.

— Um cheque em branco?

Ela olha para ele e depois deixa os olhos fecharem por alguns segundos, quase como se estivesse se preparando.

— Você conseguiu tudo o que queria e nunca precisou da minha ajuda. Eu, por outro lado, precisei muito de você. — Ela aponta para o cheque e sorri. — Agora que recuperei meus bens, gostaria de pagá-lo de volta, por tudo. As contas médicas da minha mãe, as ações que você comprou para mim, tudo.

Meu coração começa a disparar, o medo me invadindo, e cerro os dentes.

— Por quê?

— Nosso acordo deveria ser benéfico para ambos, mas não foi. Gostaria de remediar isso. Além disso, já que você não precisa mais de mim, podemos muito bem dissolver nosso acordo.

Olho para ela com as sobrancelhas erguidas quando ela tira uma pilha de papéis da bolsa. Ela os encara antes de colocá-los na minha mesa. Meu interior se contorce em violência quando ela os desliza para meu lado.

Eu sorrio sem humor ao pegar os papéis do divórcio.

— Quer se divorciar de mim?

Ela acena com a cabeça e eu começo a rir, o som gelado até mesmo para meus próprios ouvidos. A expressão calma de Elena me enfurece ainda mais, e quando ela tira o anel de noivado e o coloca na mesa, eu me descontrolo.

Eu me levanto, uma raiva diferente de qualquer coisa que já senti correndo pelo meu corpo. Ando ao redor da mesa e a puxo da cadeira. Elena se choca contra mim, os olhos arregalados. Minhas mãos passam pelo cabelo dela e eu inclino sua cabeça para trás, fazendo-a me encarar. Puxo o corpo dela no meu e a encaro.

— Não há uma única coisa que eu não lhe dê. Nunca lhe neguei nada. Até dei tudo o que nem se *atreveu* a pedir. Tudo o que quis, Elena, já lhe dei. Não lhe falta nada. Se vai me deixar, só pode ser por uma razão. Quem é?

Ela pisca, tentando o seu melhor para retratar inocência, da mesma forma que Jennifer fazia sempre que eu tinha dúvidas sobre Matthew e ela.

— Alec, não há mais ninguém.

Eu a levanto na minha mesa e afasto as pernas dela, segurando-a da mesma forma que a segurei no Vaughn's.

Agarro-lhe o queixo e olho em seus olhos. O olhar é inabalável, mas vou quebrar seu silêncio.

— Lembre-se, Elena: você assinou sua vida para mim.

Seus braços envolvem meu pescoço, sem uma pitada de medo nos olhos.

— Eu fiz — ela diz. — E agora estou comprando de volta.

Ela coloca as palmas no meu peito e aperta as pernas ao meu redor, puxando-me para mais perto.

Agarro ainda mais o cabelo dela, o desespero correndo no meu sangue.

— Você não me prometeu para sempre? Isso é para sempre pra você? Me deixando apenas alguns meses antes do nosso casamento? Acho que você conseguiu tudo que queria, não foi? Me usou e agora está me descartando.

Ela olha nos meus olhos com o coração partido.

— Eu te amo, Alec.

Eu congelo e ela sorri sem alegria.

— Eu amo você. Não queria que isso acontecesse, mas estou irrevogavelmente apaixonada por você.

Eu me afasto, olhando para ela com descrença. Ela ri, mas não tem humor nos olhos.

— Você acha isso mais difícil de acreditar do que eu estar te traindo?

Passo a mão pelo cabelo, sem saber o que dizer ou pensar.

— Diga que me ama, Alec. Diga que também me ama, e rasgo esses papéis agora mesmo. Diabos, diga que sente *qualquer coisa* por mim, que acha que *pode* me amar algum dia, e eu ficarei.

Depois de tudo o que ela e eu passamos, depois de tudo o que vimos… Como ela pode acreditar no amor? Como pode me pedir isso?

— Alexander — diz, a voz tremendo. Ela escorrega da minha mesa e endireita as roupas, a cabeça baixa. — Passei toda minha vida amando pessoas que não me amavam. Não farei outra vez. Não vou. Nem mesmo por você.

Ela olha para mim antes de se afastar, os olhos caindo para os papéis do divórcio na minha mesa antes que a porta se feche atrás dela.

58

Elena

Estou na entrada da casa em que cresci, tudo parecendo desconhecido. Subo as escadas para o que costumava ser o meu quarto de infância e paro na porta, chocada. Meu quarto inteiro foi convertido em um closet, e nenhum dos meus pertences restaram.

Entro no cômodo, passando os dedos por cima das cômodas novinhas em folha que substituíram todos meus móveis. Há mais de uma dúzia de quartos nesta casa — não havia necessidade de apagar todas as memórias da minha infância.

Eu me ajoelho no meio do quarto, as lágrimas me enchendo os olhos. Minha cabeça cai no grosso tapete e me permito desmoronar pela primeira vez em anos, lágrimas quentes escorrendo pelo rosto. Um soluço rasga minha garganta e eu tento ao máximo segurá-lo, mas falho. Tudo o que consigo é me engasgar com as lágrimas, os pulmões ardendo. O tempo todo, meu coração parece sentir uma dor física. Eu nunca me senti tão *despedaçada*.

Eu me enrolei numa bola, meu coração partido e irreparável. Perdi tanta coisa nos últimos anos, e sempre que meu coração se partiu, perdi uma pequena parte dele, o deixando para sempre incompleto. Só depois de Alec me atrevi a ter esperança.

— Querida?

Minha mãe acaricia meu braço e levanto o rosto. Dou uma fungada, e ela estende os braços para mim. Abraço-a e com força ela retribui.

— Mãe… dói tanto.

Ela acena e me segura mais perto, minha cabeça em seu peito, nós duas

sentadas no chão.

— Eu sei, querida. Sei que dói. Você tem sido tão forte, tão corajosa, e por tanto tempo. Elena, minha querida, estou tão orgulhosa de você.

As palavras só me fazem chorar mais. Quase perdi minha mãe também. O que teria feito se tivesse perdido? Teria ficado sozinha, sem uma única pessoa que me amasse de verdade. Sem nada para viver.

— Querida, está partindo meu coração. O que aconteceu, Elena? Por que de repente quis sair da residência dos Kennedy? O que está acontecendo entre você e Alec?

Eu me sento e enxugo as lágrimas com fúria, incapaz de impedi-las de cair.

— Eu… ele não me ama, mãe. Talvez eu seja tola por partir, mas é tudo que quero. Só quero ser prioridade de alguém. Pela primeira vez, só quero ser o centro do universo de alguém. Quero ser tudo o que alguém pode ver. E talvez não seja possível, talvez isso não exista, mas estar com Alec, saber que ele amava alguém dessa maneira, e talvez ainda ame, saber que ele não pode me dar nem uma fração do que ele costumava sentir por ela? Isso acabou comigo aos poucos, mãe.

Ela se inclina e enxuga minhas lágrimas, um sorriso no rosto.

— Entendo — ela diz com a voz suave. — E Alec ainda ama essa garota?

Balanço a cabeça.

— Eu não sei, mãe. Acho que não. Não sei. Tudo o que sei é que ele não me ama da maneira que a amava, e nunca vai amar.

Ela se levanta e estende a mão para mim. Seguro a mão dela, respirando com dificuldade, tentando impedir que minhas lágrimas caíam.

— Vamos, querida. Chorar no chão do seu antigo quarto não vai ajudar. Vamos.

— Para onde estamos indo?

Ela sorri.

— Para o quarto de Jade.

Ela me conduz para o quarto que costumava ser dela. Meu coração torce em sofrimento. Estive tão absorvida pela minha própria dor que nem parei para pensar como deve estar sendo difícil para ela. Ser confrontada com as provas do caso do meu pai, com todos os anos que ela perdeu, não pode ser fácil. No

entanto, ela sorri ao entrar no antigo quarto.

Ela olha em volta e ri.

— Meu Deus, tão brega — ela diz, os olhos vagando pelo cômodo. Sorrio, minhas lágrimas esquecidas. Ela não está errada. Os lençóis de babados são berrantes.

Mamãe pega alguns dos cosméticos de Jade e os encara. Então sorri e gira o braço, atirando tudo na parede com a maior força possível.

— Vamos — ela diz, sorrindo. Olho para ela com olhos arregalados, mas faço o mesmo. Em pouco tempo, estamos jogando os pertences de Jade contra a parede, sorrisos largos em nossos rostos.

Minha mãe apanha uma pequena bandeja de joias que se quebra em centenas de pedaços, e começamos a rir.

— Mãe, há algumas coisas que eu sempre quis destruir — digo, meus lábios se inclinando em um sorriso.

Ela olha para mim com as sobrancelhas erguidas.

— Vamos.

Levo-a pelas escadas até o corredor. Meu coração dói mais quando vejo as molduras que costumavam ter fotos nossas, todos os vestígios meus e da minha mãe removidos.

Entrego um a ela e depois pego outro. Sorrimos uma para a outra antes de jogar os dois porta-retratos na parede, apreciando a maneira como eles se quebram.

Minha mãe suspira, parecendo que um peso foi tirado do seu ombro.

— Isso foi tão bom — ela diz, envolvendo os braços ao meu redor. — Sente-se melhor?

Aceno e deixo cair a cabeça no ombro dela.

— Bem melhor.

— Bom — minha mãe diz. — Agora que tirou isso do seu sistema, pode enfim ser capaz de pensar com clareza. — Ela agarra meus ombros e me olha nos olhos. — Não tem como aquele menino não te amar, Elena. Ele te olha como se você fosse a perfeição em pessoa. Sempre que você estava sofrendo ao ver como era difícil para mim reaprender a andar, ele sofria contigo. E nem vamos falar do modo como ele a ajudou a recuperar tudo o que perdemos. Alec levou cada uma das suas dores para o lado pessoal, cada ressentimento que você tinha ele resolveu. O tempo todo ele estava tentando consertar seu coração. — Ela

sorri e ajeita meu cabelo atrás da orelha. — Agora, não me entenda mal. O rapaz é estúpido. Estúpido demais para ver o quanto ama você. Não posso nem culpá-lo, pois ele sofreu bastante, e não deve ser fácil para ele admitir para si mesmo que, apesar do quanto tentou, mesmo assim, ele tenha se apaixonado por você. Mas ele se apaixonou, Elena. Alec está completamente apaixonado por você e nem percebe. Nem você, por falar nisso.

Olho para a minha mãe, meu coração cheio de esperança.

— Mãe, não… Se ele me amasse, nunca teria me deixado ir.

Ela segura meu rosto e sorri.

— Espere. Dê um tempo a ele. Vale a pena esperar pelas melhores coisas da vida.

Ela dá um beijo na minha testa e meus olhos se fecham. Tempo… Não acho que o tempo possa resolver nossos problemas.

59

Alexander

Entro no meu quarto e paro. Sempre amei a solidão, então por que este cômodo de repente parece tão… vazio?

Afrouxo a gravata e entro no closet, meus olhos pousando nas prateleiras vazias. Há vestígios dela em todos os lugares, até mesmo o leve cheiro de seu perfume permanece. Suspiro e caminho em direção à minha cama, mas isso só piora as coisas.

Quando olho para a cama, tudo o que consigo ver é a maneira como o cabelo dela se espalha pelos travesseiros, a maneira como ela gira na minha direção enquanto dorme, agarrando-se a mim. Nunca mais a terei nos meus braços.

Eu me sento e passo a mão pelo cabelo. Ignorando o bom senso, pego meu telefone e uma foto de Elena e eu olha de volta para mim. Estou beijando a bochecha dela e Elena sorri, os olhos cintilando de felicidade.

Não posso fazer isso. Suspiro ao sair do meu quarto e descer as escadas, precisando de uma bebida. Não consigo tirá-la da cabeça. Tudo me faz lembrar dela. Não importa para onde eu olhe, há vestígios dela por todo o lado. Vejo-a me beijar no lobby do meu escritório, rindo com a minha família na cozinha, sorrindo para mim da nossa cama. Contaminou todos os espaços, me torturando sem parar com sua memória.

Paro surpreso quando encontro meu avô parado na entrada, com as chaves na mão. Minha mãe e Lucian estão sorrindo animados enquanto vestem os casacos.

Os sorrisos deles derretem quando me veem se aproximar, e eu franzo a testa.

— Para onde vocês três vão?

Minha mãe fica tensa e Lucian desvia o olhar. Apenas meu avô me lança um leve sorriso.

— Ah, lugar nenhum — ele diz. — Só vamos sair para jantar. Afinal, já estou aposentado. Tenho bastante tempo para aproveitar.

Franzo a testa para ele.

— Há alguma razão específica para irem a um passeio em família sem me convidar?

A culpa no rosto de Lucian me diz tudo o que preciso saber. Eles vão se encontrar com Elena. Solto uma risada zombeteira.

— Ela me deixa e leva minha família junto. Ridículo.

Passo por eles, meu ombro batendo no de Lucian com raiva.

— Alexander — meu avô diz.

Paro, me viro e olho para ele.

— Eu disse, não disse? Se deixá-la ir, vai se arrepender.

Lucian assente. Ele não me disse uma palavra desde que Elena partiu, e até minha mãe parece estar decepcionada comigo. Não sei porque me culpam quando foi Elena que me abandonou. Nos *abandonou*.

Balanço a cabeça e saio. Ainda estou fervendo quando estaciono no Inferno. Outro lugar maldito que está manchado com a memória dela. Meu humor piora ainda mais quando vou até o terraço. O meu lugar favorito também é o dela.

Suspiro ao me sentar no mesmo lugar em que estava quando Elena voltou para minha vida. Olho para o céu, me lembrando da maneira como ela olhava para as estrelas, um sorriso no rosto.

— Alexander.

Ergo o rosto, surpreso, tenso.

— Jennifer.

Ela sorri e se senta ao meu lado, parecendo tão infeliz quanto eu. Não penso nela há meses. Não me perguntei como seria para ela perder Matthew, como ela foi afetada por tudo o que Elena fez. Quando deixei de me importar com ela? Quando comecei a colocar as necessidades de Elena antes das dela?

— Há rumores de que Elena te deixou.

Enrugo a testa. Só passou uma semana. Ela tem contado às pessoas?

Anda por aí dizendo que está solteira outra vez?

Cerro os dentes e Jennifer sorri.

— Você nunca ficava tão chateado por minha causa, sabe? — Ela balança a cabeça, os olhos no horizonte. — Eu passava horas com Matthew e tudo o que você fazia era me perguntar se algo estava acontecendo. Mas Elena? Eu vi vocês no dia em que a pediu em casamento. Ela estava falando com um cara e mesmo que estivesse claro que ela não estava nem um pouco interessada nele, você perdeu a cabeça. Perdeu a compostura.

Olho para ela e sorrio melancólico.

— Eu não gosto de compartilhar minhas posses. Foi só isso.

— Você está apaixonado por ela — ela diz, com um sorriso desanimado. — Eu sempre soube que o que tínhamos não era amor verdadeiro, sabe? Sempre soube que você não me amava de verdade, apenas se convenceu de que amava.

Ela se inclina para trás, um sorriso triste no rosto.

— Não há desculpa para a maneira como te traí, Alexander. Mas saber que não me amava facilitou as coisas. Tornou mais fácil dar uma chance a Matthew.

— Do que está falando? Claro que eu te amava. Porra, Jen. Eu lhe entreguei meu coração numa bandeja de prata e você pisou nele.

Ela balança a cabeça.

— Alec, você adorou a ideia de mim. Adorava a ideia de uma mulher que não sabia quem você era, que não estava familiarizada com seu mundo. Gostava de ver o mundo pelos meus olhos. Era novo para você, e você prosperou. Mas nunca *me* amou.

Eu rio apesar da raiva que sinto.

— Isso é mentira.

Jennifer sorri.

— É? Qual é a cor favorita de Elena?

— Vermelho.

— Comida favorita?

— Cookies com pedaços de chocolate.

Ela sorri, a expressão triste.

— E as minhas?

Eu pisco, sem conseguir pensar em nada.

Ela balança a cabeça.

— Você adorava a ideia de mim, mas nunca me conheceu de verdade. Nem Matthew, por falar nisso, talvez faça você se sentir um pouco melhor. Ele estava me usando como um peão contra você. Estava jogando algum tipo de jogo que você nem sabia.

Franzo a testa e ela desvia o olhar.

— Pelo que percebi, ele guardou rancor de você por anos. Desde que a primeira namorada dele o deixou por você. Desde então, ele esteve obcecado em tirar tudo o que você tinha: negócios, namoradas, bens. Se você queria, ele queria. Não percebi isso até ser tarde demais. Eu era só mais uma conquista, mais uma vitória na guerra silenciosa que ele travava contra você.

— Mas que porra?

Jennifer ri, o rosto inclinado para o céu.

— *Mas que porra*, de fato. O que Elena fez com ele… Foi uma bênção disfarçada. Ele era desequilibrado, e se ela não tivesse feito o que fez, eu teria me tornado a esposa daquele louco.

Jennifer se levanta e sorri para mim.

— Eu sei que você tem suas razões para ficar longe do amor. Sei o que sua família passou, o que sua mãe passou. Sei que desempenhei um papel em tornar seus problemas de confiança ainda piores. Sei como é difícil para você amar. Eu sei, Alexander, porque durante todo nosso relacionamento eu fiz tudo o que pude para perfurar a armadura que rodeia seu coração, e fracassei. Mas Elena? Ela fez isso sem nem tentar.

Ela segura a minha bochecha, seu sorriso triste.

— Vim porque um dos meus amigos me disse que você estava aqui. Quero você de volta, Alexander. Sei o quanto estraguei tudo, como você me tratou bem. Eu sei o que perdi.

Ela se inclina para mim e eu olho nos olhos dela. Ela parece frágil, insegura.

— Eu amo você, Alexander. Apesar de tudo o que fiz, tudo o que fiz você passar, eu amo mesmo você — ela diz, deixando a mão cair para o lado, as lágrimas se acumulando em seus olhos. — Então vou fazer a coisa certa, apesar do que meu coração deseja. Quero que você seja feliz, Alexander. Feliz de verdade. A forma como sorria quando estava com Elena? Eu quero isso para você, e sei que nunca posso lhe dar isso.

Ela dá um passo para longe de mim, uma única lágrima deslizando pela bochecha.

— Eu não tenho sido a melhor versão de mim mesma, Alec. Este mundo… o mundo em que você vive? Não é para garotas como eu. Odeio quem me tornei. Odeio como Matthew me mudou. Mas Elena? O lugar dela é ao seu lado. Ela é sua igual em todos os sentidos que importam, em todos os sentidos que eu não poderia ser. Alexander, você merece ser feliz, mais do que qualquer outra pessoa que conheço. Então, por favor, vá atrás dessa felicidade antes que seja tarde demais. Perdi a minha oportunidade. Não perca a sua.

Ela sorri para mim e se afasta, suas palavras reverberando na minha mente por muito tempo depois.

60

Alexander

Tenho certeza que estou alucinando quando escuto a risada de Elena ao entrar em casa. Paro no meio do caminho, meus olhos se fechando quando meu estômago embrulha. Meu coração aperta de dor e respiro fundo.

Estou quase na escada quando escuto de novo. Outra risada. Mas dessa vez é da minha mãe. Fico tenso e me viro para seguir o som em direção à cozinha. O meu coração dispara a cada passo que dou. Ela não pode estar aqui. Ela foi embora.

Todo o meu corpo está rígido enquanto me inclino na porta da cozinha, meus olhos a encontrando no mesmo instante. Tão linda.

Há farinha no cabelo e uma mancha de chocolate na bochecha, e é a coisa mais bonita que já vi.

O sorriso desaparece quando ela me nota, e parece assustada, as bochechas rosadas. O cômodo fica em silêncio, e não é até então que percebo que toda minha família está aqui.

Lucian e minha mãe estão em frente a Elena, enquanto meu avô está ao lado dela. Eles parecem culpados quando me veem, e minha mãe e meu irmão desviam o olhar, sem se preocuparem em esconder a decepção.

— Que recepção calorosa — digo, minha voz transbordando sarcasmo.

Meu avô pigarreia e olha para o relógio, antes de sorrir para mim com rigidez.

— Alec, meu rapaz. O que faz aqui? Já está fazendo corpo mole?

Elena envolve os braços ao seu redor, esfregando ainda mais chocolate em si. Ela desvia o olhar, mas quero os olhos dela nos meus.

Arrasto o olhar para longe e balanço a cabeça.

— Precisava de um dia de folga, só isso. Não estava me sentindo bem.

Os olhos de Elena se erguem para os meus, a preocupação refletida neles. Ela examina meu corpo, uma carranca estragando seu lindo rosto. Ela está deslumbrante. Parece que, diferente de mim, não está tendo problemas para dormir. Aposto que ela não passa todas as horas do dia pensando em mim, as memórias revirando na cabeça.

Olho ao redor da cozinha e balanço a cabeça ao me afastar, deixando meu coração para trás. Ela enfeitiçou minha família. Foi embora, mas parece que só *me* deixou — não minha família. Não acredito que a convidaram pelas minhas costas. Até meu avô está metido nessa merda.

Entro no meu quarto e encosto o antebraço na parede, os olhos fechados. Vê-la acaba comigo, mas ela não parecia afetada. Desconfortável, no máximo.

Respiro fundo, desejando que meu corpo me ouça, mesmo quando cada fibra do meu ser exige que eu vá até ela. Acabo de colocar meu coração furioso sob controle quando a porta do meu quarto se abre.

Elena entra, parando quando me encontra junto à porta. Endireito-me, e os olhos dela vagam sobre mim.

— O que está fazendo aqui? — pergunto, minha voz saindo mais áspera do que eu pretendia.

Ela morde o lábio e dá um passo para mais perto de mim. A maneira como fecha as mãos à frente do corpo me diz que está nervosa.

— Não está se sentindo bem?

Olho para ela, incapaz de entendê-la.

— Desde quando se importa? Você foi embora, não foi? Por que está aqui agora?

Eu dou um passo para mais perto e ela recua, chocando-se contra a porta. Eu me inclino sobre ela, prendendo-a com meus antebraços, meu rosto a centímetros do dela.

— Eu não preciso da sua preocupação falsa, Elena — falo de modo brusco, cerrando o maxilar sem querer.

A raiva e a dor que vejo nos olhos dela me confundem.

— É verdade — ela diz. — Por que precisaria de mim quando tem Jennifer?

Ela empurra meu peito com força, mas não consegue me mover.

— Me deixe ir, Alexander — ela diz, o tom áspero.

— Jennifer? Do que você está falando?

Elena ri, o som estridente e sem humor.

— Não precisa mais fingir, Alexander. Com certeza tem estado com ela o tempo todo, não é? Deixa pra lá. Você e eu já não estamos juntos. Pode fazer o que quiser. Esqueça que vim aqui.

Ela passa sob meu braço e eu agarro sua mão, puxando-a de volta para mim antes que ela possa sair correndo.

— Sério, Elena. Do que está falando? — pergunto, confuso.

Ela se vira e olha para mim, os olhos cheios de acusação. Tirando a mão da minha, acerta meu peito com o dedo.

— Seu… seu… filho da mãe! — grita. — Só duas semanas e você já está de volta com ela, fotos de vocês dois íntimos em todos os tabloides. *Duas semanas*, Alexander. Sei que não se importa comigo, mas precisava esfregar na minha cara dessa maneira? Precisava me humilhar em público?

Ela me empurra usando seu peso e eu tropeço. As maçãs do rosto estão coradas, os olhos brilhando com lágrimas não derramadas. Mal consigo entender o que diz.

— Elena…

Eu a agarro e a empurro de volta contra a parede, prendendo os pulsos acima da cabeça para impedi-la de me empurrar, me espetar com o dedo. Não há hipótese de haver fotos minhas em lugar nenhum, por isso não faço ideia do que ela está falando. Depois do divórcio da minha mãe, Elliot tomou mais cuidado para nos manter fora da mídia. Não há muito que não passe por ele primeiro. A menos que… a menos que ele tenha me ferrado. Não duvido nada que Lucian não tenha pedido isso a ele. Meu irmão escolheria Elena todas as vezes, e se ele acha que fui infiel, de jeito nenhum deixaria Elliot esconder sob o tapete. Maldição.

— Eu não sei do que você está falando, baby. Sério. Não faço ideia — digo, minha voz suave, implorando.

Elena respira com dificuldade, os lábios separados de leve, o peito subindo e descendo com rapidez. Ela é tão linda, e ainda mais agora que seus olhos brilham de raiva. Eu me aproximo, pressionando meu corpo no dela.

— Então você não estava com ela no Inferno? Eu vi as fotos, Alexander. Não minta. Vi a forma como ela segurava seu rosto como se estivesse prestes a

beijá-lo, e você deixou. Deixou que ela te tocasse. O que mais a deixou fazer? Não poderia ter sido um lembrete mais perfeito de que era só meu corpo que você queria. Não é nenhuma surpresa que você me substituiu tão fácil, e com a mulher que você *realmente* queria. Deu tudo certo para você, não deu?

Ela olha para mim, mas vejo a dor e desgosto em seus olhos. Está magoada por culpa de um mal-entendido.

— Você deveria saber que não pode confiar em uma foto de paparazzi, Elena. Além disso, você me *deixou*. Por que se importa se estou transando com outra pessoa? E se eu e Jen voltarmos a ficar juntos? Não finja se importar.

Ela solta os pulsos e empurra meu peito, pura angústia ofuscando sua raiva.

— Isso não é uma negação, Alexander. Quer saber? Você tem razão. Eu não me importo. Espero que seja feliz com ela.

Olho para ela, tentando entendê-la. Durante todo nosso casamento ela guardou as emoções para si mesma o melhor que pôde. Mas agora? Agora sua dor está em exibição. Ela não está se contendo como no passado. A raiva, o ciúme, a dor. Quero tudo.

Enrolo minha mão na nuca dela, meu polegar apoiado na garganta para que eu possa sentir seu coração disparar por mim. Ela engole em seco e eu sorrio enquanto me inclino, meus lábios roçando os dela, assustando-a. Elena congela por apenas um segundo e então me puxa para mais perto, levantando-se na ponta dos pés. Eu a beijo e ela se abre para mim, a língua emaranhada com a minha num movimento desesperado.

— Alec — ela geme, e eu sorrio nos seus lábios. Puxo suas roupas, levantando o vestido, e Elena puxa minha calça, fazendo o botão voar. Eu a levanto nos meus braços e contra a parede assim que a mão dela envolve o meu pau. Ela nem se preocupa com o resto das minhas roupas.

— Eu te odeio — ela diz, e eu chupo o pescoço dela, punindo-a por suas palavras, marcando-a com grosseria.

— Não, você não odeia — digo ao me afastar, admirando meu trabalho.

Elena geme enquanto as pernas dela me envolvem. A forma como se joga em mim me deixa selvagem. Ela alinha meu pau em si com perfeição, e eu deslizo com uma estocada profunda.

— Porra — digo sem fôlego, minha testa caindo na dela. — Você está tão molhada, querida. Como pode estar assim?

Elena aperta mais meu cabelo, os olhos ainda brilhando de raiva.

— Cala a boca e me fode, Alexander.

Recuo quase todo o caminho, provocando-a.

— Do que você me chamou?

Ela olha para mim, girando os quadris, me querendo mais fundo, mas eu seguro os quadris, negando suas exigências.

— *Alec* — ela diz, meu nome um apelo nos lábios.

Uma explosão de satisfação me percorre e eu sorrio de prazer ao enfiar meu pau com força.

— Boa garota — digo, pegando seus lábios, perdendo-me nela. Merda, como senti falta. Seu corpo, a forma como ela se sente, o jeito como geme meu nome. Senti falta de me sentir tão perto dela.

Eu a levanto mais alto na parede, penetrando-a num ângulo que sei que ela ama. A forma como ela geme é surreal.

— Deus, Alec — diz, ofegante. Ela olha nos meus olhos e eu observo quando o desejo a domina. Seus músculos se contraem à minha volta e ela me aperta.

Estremeço quando gozo dentro dela, minha cabeça caindo no seu ombro. Estamos ambos ofegantes, e Elena me empurra. Eu a coloco no chão devagar e ela me empurra mais, criando uma distância entre nós, o momento interrompido.

Ela arruma as roupas, as bochechas brilhantes e vermelhas. Quando olha para mim, não há mais paixão nos seus olhos, só raiva.

— Esqueça o que aconteceu — ela fala de modo brusco. — Assine os malditos papéis e vamos acabar com isso.

Ela caminha até a porta e a abre.

— Elena.

Ela para e se vira para me olhar.

— Não aconteceu nada com Jennifer. Eu me encontrei com ela e falamos por alguns minutos. Eu não deveria ter deixado ela me tocar, mas juro… tudo o que ela fez foi tocar meu rosto. Só isso.

Elena balança a cabeça, a expressão triste.

— Apenas assine os papéis, Alexander. Não quero mais fazer isso. Estou cansada de ser lembrada da forma como a amava, e com certeza ainda ama. Estou cansada. Cansei. Cansei de ficar em segundo lugar para a memória dela.

Cruzo os braços e balanço a cabeça.

— Nunca — digo. — Eu nunca assinarei. Se não estiver comigo, tornarei impossível que se case com outra pessoa. Nunca vou deixar você ir.

Ela parece triste enquanto afasta o olhar.

— Você já deixou — ela diz com a voz falhando.

Elena sai, a porta se fechando atrás dela.

61

Alexander

Olho para a casa de Elena e me encosto no carro, os olhos na janela.

— Não vai falar com ela?

Eu pulo de surpresa, meus olhos se arregalando quando Sarah aparece atrás de mim.

— Você vem aqui todas as noites há duas semanas. Isso está ficando assustador, Alec.

Sorrio, nervoso.

— Me desculpe. Não percebi que sabia da minha presença. Eu não queria incomodá-la.

Não sei o que estou fazendo aqui. Continuo a dizer a mim mesmo que farei o que é melhor para ela, que a deixarei ir. Quando se casou comigo, ela nunca teve escolha. Quero que ela encontre sua própria felicidade, não quero segurá-la e acorrentá-la a mim. No entanto, não consigo assinar os papéis.

Sarah sorri e se encosta no carro, parada ao meu lado. Ela olha para a janela de Elena do jeito que fiz e balança a cabeça.

— Então, em vez de ligar, você fica aqui por horas na esperança de ter um vislumbre dela?

Desvio o olhar e balanço a cabeça.

— Não… eu… eu não quero vir aqui, mas, de alguma forma, estou aqui todas as noites. Não é intencional, é só… não sei.

Ela ri.

— Alexander Kennedy, perturbado. Nunca pensei que veria esse dia.

Olho para meus sapatos, incapaz de sequer forçar um sorriso.

— Ela vai a um encontro amanhã, sabe? Ela está seguindo em frente. Está mesmo na hora. Já passou um mês desde que vocês se separaram.

Congelo, meus olhos encontrando os de Sarah. Eu me sinto mal, os sentimentos que me dominam são aqueles que nem consigo descrever. Raiva violenta, medo intenso… e arrependimento. Um profundo arrependimento.

Sarah dá um tapinha no meu braço.

— É melhor assim — ela diz. — Elena teve uma vida difícil até agora. Ela merece ser amada, ser mimada. Merece ficar nas nuvens. E você… não pode lhe dar o que ela precisa, pode?

Ela sorri ao se afastar, e eu olho para ela. Elena… num encontro. Minha mente fica fora de controle, me mostrando imagens dela com alguém que não seja eu. Se ela for a esse encontro, vai beijá-lo como me beijou? Vai sorrir para ele? Ela vai perguntar três coisas boas que aconteceram com ele no dia? Todas as coisas que costumava reservar para mim, ela daria tudo para outra pessoa?

62

Elena

Acordo com o som da janela balançando e me sento alarmada e com medo. Olho para a vidraça e congelo, meus olhos se arregalando em choque quando percebo que está sendo aberta por alguém. Eu me levanto, pronta para gritar por socorro, quando o reconheço. Eu o reconheceria em qualquer lugar.

— Alexander?

Ele fecha a janela, seus movimentos inseguros ao se aproximar de mim, e eu o encontro no meio do caminho.

— O que está fazendo aqui?

Ele segura meu rosto com ternura e eu coloco a minha mão sobre a dele, preocupada.

— Alec, sua mão está congelando. O que está acontecendo?

Ele balança a cabeça e me envolve em seu abraço, segurando-me com força.

— Elena — ele sussurra, meu nome um apelo nos lábios.

Eu me afasto, aflita. Nunca o vi tão vulnerável, tão magoado.

— Alec, o que está fazendo aqui? Você… acabou mesmo de subir pela minha janela?

Não o vejo desde aquela vez em seu quarto. Eu tinha acabado de perder a esperança. Tinha certeza de que ir embora era a escolha certa, mas aqui está ele, parado na minha frente no meio da noite.

— Eu… Sim. Subi. Você tem tanta segurança, essa foi a maneira mais fácil de chegar até você.

Eu o encaro, incrédula, quando ele pega uma mecha do meu cabelo e a coloca atrás da orelha.

— Prometi a mim mesmo que não me aproximaria de você. Eu ia te deixar ir, Elena. Queria que você tivesse tudo o que eu sabia que nunca poderia lhe dar.

Ele cai de joelhos, tremendo. Alec passa os braços em volta de mim, a cabeça pressionada no meu quadril.

— Alec, você está me deixando preocupada.

Eu me ajoelho também e ele agarra meus ombros.

— Elena — ele diz. — Não consigo. Sei que merece alguém melhor, mas não posso ficar longe. Eu não consigo.

Meu coração começa a disparar quando olho em seus olhos. Alec enrola a mão na minha nuca da maneira que gosta de fazer, o polegar apoiado na minha garganta.

— Sei que é egoísta. Porra, eu sei. Mas puta merda, não consigo viver sem você. Não posso deixá-la nos braços de outra pessoa. — Ele coloca a testa na minha e respira com dificuldade. — Você sempre me pergunta sobre três coisas boas que aconteceram durante o meu dia, mas querida, tudo de bom na minha vida é você. As três melhores coisas que aconteceram em toda a minha vida foram conhecer você, me casar com você… e me apaixonar por você.

Meu coração dispara e eu o encaro com os olhos arregalados.

Alec parece angustiado, desesperado. Ele levanta a mão até meu rosto e com gentileza acaricia minha bochecha com as costas dela.

— Quando te conheci, pensei que o amor era uma farsa. Eu não queria fazer parte disso. Não pensei que o amor pudesse durar.

Ele passa os dedos pelos meus cabelos, a mão tremendo.

— Elena, não sei se algum dia serei bom o suficiente para você. Não sei se serei o que precisa. Tudo o que sei é que te amo. Prefiro passar um ano contigo do que uma vida sem você. Estou disposto a te dar tudo, Elena. Estou disposto a dar meu coração e confiar que não vai parti-lo. Mas mesmo que parta, querida, mesmo que destrua meu coração, você vale a pena. Você vale tudo.

Alec me segura com força, os olhos cheios de desespero.

— Me dê uma oportunidade de mostrar que posso ser o que você precisa. Me deixa mostrar que posso ser um marido de verdade. Me dá só uma chance, Elena. Apenas uma.

Ele se afasta para olhar para mim, me observando. Nunca o vi tão vulnerável, tão desarmado. Eu olho para ele, parte de mim certa de que tudo isso deve ser um sonho, mas não é.

— Alec, não quero joguinhos. Estamos falando do resto das nossas vidas. Preciso que tenha certeza. Preciso que me prometa para sempre. Preciso que me diga que será meu, de corpo e alma, que vai me amar até estarmos grisalhos e velhos. Se não pode fazer isso, então, por favor, vá embora. Vá antes que destrua o que resta do meu coração.

Ele segura meu rosto, os olhos nos meus.

— Juro, Elena. Vou amar você até o dia em que morrer, e vou passar o resto da minha vida provando. Prometo que me darei por inteiro a você, para sempre.

Eu me inclino e Alec congela, o corpo tenso. Meus lábios roçam os dele, e ele geme. Ele me puxa para mais perto, os lábios famintos tocando nos meus. Alec me beija com um desespero gritante e eu estremeço em seus braços. Quando ele se afasta, estou ofegante, ansiosa por mais. A maneira como olha para mim… é como se eu fosse tudo o que consegue ver.

— Senti sua falta, Alec.

Ele se levanta e me carrega nos braços, me colocando na cama.

— Eu também senti sua falta, baby. Muito. Nem consigo dormir sem você. Onde quer que eu vá, me lembro de você. — Alec se junta a mim, o corpo pairando sobre o meu. — Não posso comer sem sentir falta da comida que você faz, não posso entrar na empresa sem pensar na maneira como você se afastou. Você está em todos os lugares.

Ele abaixa o corpo sobre o meu e eu afundo as mãos no seu cabelo. Ele parece estar com o coração partido, arrependido.

— Elena, diga que me dará outra chance.

Aceno com a cabeça e o alívio nos olhos de Alec é palpável. Ele sorri para mim, sua angústia abrindo caminho para a felicidade.

— Eu quero ouvir você dizer. Diga que será minha.

Sorrio para ele.

— Alec, eu sempre fui sua. E sempre serei.

Ele se inclina e me beija, lenta e profundamente. Eu me perco nele, minhas mãos vagando pelo seu corpo. O toque dele é tão frenético quanto o meu, nós dois puxando as roupas um do outro. Em pouco tempo, estou deitada

debaixo dele, nossas peles nuas se tocando.

— Eu quero você, Elena. Quero você pelo resto da minha vida.

A mão dele percorre meu corpo, e eu suspiro quando seus dedos deslizam entre minhas pernas.

— Eu sabia que estaria molhada para mim, baby. Diz pra mim, você estava com saudades? Teve fantasias comigo?

— Sim — admito. — Sim para tudo isso.

Ele ri, o som baixo e sexy.

— Eu sonho com você, Elena. Sonho com o jeito como geme meu nome, a forma como me olha quando goza pra mim. Cansei de viver apenas com as lembranças. Então me mostra — ele diz, o polegar acariciando meu clitóris. — Goze pra mim.

Ele olha nos meus olhos ao me empurrar cada vez mais perto do orgasmo até eu não aguentar mais.

— Alec — digo, sem fôlego, meus músculos se apertando em torno dos dedos dele.

Ele sorri, satisfeito.

— Boa garota — ele diz, inclinando-se para um beijo.

Eu o beijo como sei que o enlouquece até deixá-lo ofegante, desesperado por mim.

— Elena — ele diz, implorando. — Preciso de você.

Aceno com a cabeça e ele me penetra de leve, sem pressa.

— Quer esse pau, baby? Diga que será minha.

Solto um gemido, e ele sorri.

— Sou sua, Alexander Kennedy. Toda sua. Tudo de mim é seu.

Alec me penetra do jeito que sabe que eu gosto, a testa na minha.

— Porra — ele diz. — Não vou aguentar. Sua buceta é tão boa.

Envolvo meus braços em volta dele, nossos lábios se encontrando. Alec me fode devagar com estocadas profundas, me deixando louca. Posso sentir a pressão aumentando dentro de mim, de novo.

— Você quer gozar pra mim de novo, não quer? — ele pergunta, a voz rouca.

Aceno com a cabeça, minhas unhas arranhando seu couro cabeludo.

— Diga que vai casar comigo. Quero tudo. A cerimônia de casamento, tudo. Não me importa quanto tempo me faça esperar, desde que eu possa vê-la caminhando até o altar na minha direção.

Meu coração aquece e eu aceno com a cabeça.

— Vou casar com você, Alec, para que o mundo inteiro veja.

Alec me dá o que quero e eu gozo de novo, mas desta vez o levo ao limite comigo. Ele geme e pressiona a testa na minha, nós dois tentando recuperar o fôlego.

Ele nos vira e me segura nos braços, com a cabeça no peito. Suas mãos acariciam todas as partes do meu corpo, como se achasse que eu poderia desaparecer se me soltasse.

— Você não vai àquele encontro, vai?

Pisco assustada e me sento.

— Que encontro?

Alec olha para mim, confuso.

— Sua mãe me disse que você estava seguindo em frente. Ela disse que ia se encontrar com alguém, e eu quero isso para você, Elena. Quero mesmo. Quero que você seja feliz. Mas eu… acho que posso fazê-la feliz.

Eu fico tensa, meu estômago embrulhando quando meu coração se contrai, uma devastação repentina me dominando. Olho para Alec, mais sozinha do que nunca, mesmo com ele ao meu lado.

Eu fico quieta ao sair da cama, meus movimentos lentos.

— O que houve? — Alec pergunta, as sobrancelhas erguidas. Vejo a confusão nos seus olhos, e isso dá à minha dor uma pontada de raiva.

Coloco a camisola e cruzo os braços, meus olhos observando seu rosto. Olho para seus cabelos escuros desarrumados, aqueles olhos que amo além da razão, a forma como meus lençóis se aglomeram nos seus quadris.

Amo esse homem com tudo que sou. Dei tudo de mim, meu coração e minha alma, quando tudo o que ele pediu foi meu corpo. E foi aí que errei.

— Você precisa ir, Alec — digo, pegando as roupas espalhadas do chão. Meu coração aperta, o sentimento estranho e doloroso além da medida. Eu sorrio e jogo as roupas dele na cama, virando as costas para ele.

Eu o ouço se levantar assim que abro a porta do meu quarto.

— Segurança! — grito, a minha voz falhando.

— Elena, que porra é essa? — Alec passa os braços por trás de mim, envolvendo-me num abraço apertado. — O que aconteceu do nada?

Eu me inclino contra o peito dele, meus olhos se fecham. Estou me segurando por um fio. A sensação dele, esses braços… Eles são como um lar para mim. Mas como minha casa de infância, Alexander é tóxico.

Viro para encará-lo, as palmas no seu peito nu. Tudo o que ele está usando é a cueca boxer, o resto das suas roupas ainda na minha cama. Espero um momento para me recompor, para reunir a coragem para dizer o que preciso.

— Alexander — digo, minha voz suave. — Você ia me deixar ir. Não me queria até pensar que outra pessoa me queria. Você não me quer, Alec, mas também não quer que mais ninguém me tenha. Isso não é *amor*. Não é.

Dois dos meus seguranças entram no quarto, ambos chocados ao encontrar Alec ali.

Eu dou um passo para longe, minhas mãos caindo para o lado.

— Esperem ele se vestir e depois o acompanhem até a saída — digo, acenando com a cabeça para a minha equipe de segurança.

— Elena, você está louca? — Alec diz, a voz alterada. — Como pode pensar por um segundo sequer que não te amo? Você é o meu mundo, baby. Você é tudo pra mim. A minha vida não tem sido a mesma desde que você voltou para ela. Porra, eu não *quero* que seja. Eu quero você. Não consigo viver mais sem você. Preciso de você, baby. Preciso dos seus sorrisos, dos seus abraços, da sua inteligência. Preciso de você.

Olho para ele, absorvendo o desespero nos seus olhos. Ele está sendo retido por dois homens, mas o foco é em mim.

— Mas viveu. Durante semanas, viveu muito bem sem mim. Você estava pronto para me deixar ir. Não mudou de ideia até pensar que outra pessoa podia ter o que considera ser seu, Alexander. Não sou algo para ser possuído, não sou um objeto que você pode rotular como seu.

Olho para os pés, me esforçando ao máximo para me recompor, para manter as lágrimas afastadas tempo suficiente para terminar de dizer o que preciso.

— Eu mereço mais, Alec. Eu mereço tudo o que dei a *você*. Estou cansada de me contentar com menos, e estou cansada de dizer a mim mesma que preciso ser feliz com os restos do afeto que as pessoas me dão. Eu cansei de você.

Uma lágrima rola pela minha bochecha e deixo meus olhos fecharem.

— Acompanhe-o até a saída — digo, virando as costas para Alec, a porta do meu quarto se fechando atrás de mim enquanto o deixo, enquanto *nos* deixo.

63

Elena

Entro em casa depois de um longo dia no trabalho e paro na porta, meus olhos vagando sobre as centenas de peônias que enchem a sala. Minha mãe sorri para mim, com um lindo buquê nas mãos.

— Querida, se você não falar com ele, ele vai continuar mandando flores.

— Doe.

Há semanas temos doado flores a uma instituição de caridade diferente, todos os dias. Alec sabe que nunca as guardo, mas, de alguma forma, aparecem novas todos os dias. Minha mãe nega, mas sei que está conspirando com ele.

Balanço a cabeça e caminho em direção à escada, ignorando as flores. Como ele sabe que peônias são minhas favoritas? Isso também fazia parte da verificação de antecedentes?

— Pedi aos funcionários que colocassem os buquês com bilhetes no seu quarto — minha mãe diz, e paro nas escadas. Os bilhetes… são os bilhetes que sempre mexem comigo.

— Você devia ter jogado fora.

Meu coração está acelerado quando entro no quarto, dezenas de buquês cobrindo todas as superfícies. Odeio ansiar por isso, mas não consigo evitar. Eu me ajoelho e pego o buquê mais próximo, levantando com cuidado o cartão. Só de ver a caligrafia me dá uma pontada de saudade no coração.

As três melhores coisas que aconteceram hoje foram:

1. *Ver você me observando pela janela do quarto esta manhã.*

2. Escrever este bilhete. Me sinto como se ainda pudesse falar com você, apesar de ter me bloqueado em todas as redes. Sério, baby, me desbloqueia. Estou com saudades.

3. Amar você. Passar meus dias amando você automaticamente torna todos os dias fantásticos.

Levanto o bilhete até meu peito e o seguro com força. Já se passaram semanas. Ele me manda flores há semanas, sem ceder. Eu tinha certeza de que ele se entediaria com a perseguição. Não posso dizer se acabei de me tornar outra conquista para ele, um desafio. Alguma coisa disso é real? Ou é só um jogo para ele? Será que só está vendo quanto tempo vai levar até me cansar?

Pego o próximo buquê, minha mão tremendo um pouco.

Tudo o que quero é levá-la a um encontro. Só um. Você acha que eu não queria você até pensar que a perderia para outra pessoa, mas não é verdade. A única razão pela qual considerei deixá-la ir foi porque merece o mundo, Elena. Merece mais do que posso lhe dar. Nunca serei bom o suficiente para você, baby. Um homem melhor já teria ido embora, mas eu nunca afirmei ser um bom homem. Tudo o que afirmo ser é seu.

Puxo os joelhos até o peito e enrolo os braços ao meu redor. Cada fibra do meu ser implora para ir com ele. Pego o terceiro e último bilhete. Todos os dias, há três cartões, e hoje não é exceção.

Quando a pedi em casamento, eu disse que o divórcio não era uma opção. Ainda não é. Nunca assinarei os papéis. Não vou deixar você ir embora, Elena. Cometi esse erro uma vez e nunca mais vou cometê-lo. Vou esperar que volte para mim pelo resto de nossas vidas.

Mordo o lábio o mais forte que posso, num esforço para manter minhas lágrimas afastadas, mas uma solitária desce pela bochecha. Estou tremendo ao subir até a janela, sabendo o que vou encontrar. Todas as manhãs e todas as noites, ele está aqui.

Eu me encosto na parede, apenas fora de vista, meus olhos nele. Ele parece mais magro, as roupas mais largas. Mesmo a essa distância posso dizer que ele está cansado. Apesar disso, está com o notebook no carro, tentando trabalhar um pouco. A cada poucos segundos, ele olha para minha janela, sua expressão retratando desespero.

Não pode continuar desse jeito. Isso precisa parar.

Eu me preparo ao descer as escadas. Minha mãe sorri quando saio e balanço a cabeça. Não entendo por que ela está do lado de Alec, por que ela quer que voltemos a ficar juntos.

Alexander se endireita quando atravesso o portão, seu corpo rígido. Eu ando até ele, e seus olhos se arregalam.

— Elena — ele diz, a voz com um toque de descrença. A maneira como seus olhos vagam sobre o meu corpo, o desespero em seus olhos… Acaba comigo.

— Alexander, você precisa parar de vir aqui.

Ele se inclina no carro e cruza os braços.

— Não.

Ergo as sobrancelhas e espelho a postura dele, os braços cruzados.

— Não estou lhe dando uma escolha.

— Baby, você está subestimando o que farei para ter um único vislumbre seu — ele diz, a voz suave e magoada. — Não consigo dormir se não te ver antes, e meus dias não começam direito se não a vejo antes do trabalho.

Passo a mão pelo cabelo, meu rosto inclinado para o céu.

— O que preciso fazer para que você pare?

Alexander sorri, e meu coração traidor acelera.

— Um encontro. Deixe-me levá-la a um encontro.

— Um encontro? — repito. — Se eu deixar você me levar a um, vai parar de vir aqui?

— Sim, prometo. Se me deixar levá-la a um encontro, não vou mais aparecer sem ser convidado — Alexander diz, parecendo sincero, mas de alguma forma não confio em suas palavras.

Olho nos seus olhos, absorvendo a necessidade e o desespero que ele expõe. Nunca o vi tão vulnerável.

— Tudo bem — digo, as palavras saindo da minha boca antes mesmo de ter a chance de pensar direito. Eu ando ao redor do carro e Alec corre atrás de mim, se apressando para abrir a porta. — Não sabia que quis dizer agora — ele diz, ajudando-me a entrar no carro.

Eu olho para ele com sobrancelhas erguidas.

— Por quê? Agora não é uma boa hora?

Alec balança a cabeça.

— Não, de maneira alguma. É perfeito.

Ele se inclina sobre mim, colocando meu cinto, as mãos na minha pele. O cheiro dele passa por mim e meu coração se aperta. Senti falta dele, e está me atingindo ainda mais agora. Ergo o rosto e meus lábios roçam a bochecha de Alec. Ele respira de um jeito brusco, seus olhos caindo nos meus lábios antes de engolir em seco e se afastar, puxando nervoso a gravata.

Eu o observo enquanto ele volta pelo carro e entra. Isso é o mais próximo que estivemos um do outro em semanas — desde aquela noite em que ele entrou pela minha janela.

Alec coloca a mão na minha coxa quando liga o carro, e eu olho para ele com os olhos estreitos, provocando-lhe um sorriso.

— Ei, você disse que era um encontro, não disse?

Eu fecho os lábios e aceno com a cabeça. Espero conseguir sobreviver a esse encontro em segurança. Espero que, no final da noite, o que resta do meu coração ainda esteja intacto.

64

Alexander

Apenas tê-la sentada ao meu lado faz meu coração disparar. Já se passaram semanas desde a última vez que a toquei, e parte de mim pensou que nunca mais voltaria a tocar. Nunca pensei que ela voltaria a falar comigo. Por semanas, ela tem ignorado minha presença em sua casa e todos os presentes que enviei… Ela tem *me* ignorado.

— Não me leve a nenhum lugar público.

Aperto o volante com força e olho para ela.

— Por que não?

Ela olha para mim, sua expressão ilegível.

— Não quero que pensem que voltamos. Vi as especulações nos tabloides, os rumores. Não quero fazer parte disso.

Meu coração despedaça e uma sensação de perda cai sobre mim. Estaciono o carro ao lado da estrada e olho pela janela, sem saber o que fazer, o que dizer.

— Você está saindo com alguém? — pergunto, as palavras deixando meus lábios sem querer.

Elena olha para mim, os olhos brilhando com algo que não consigo decifrar. Ela nunca foi difícil de ler, mas esta noite está guardando os sentimentos.

Elena se vira e abre a porta, saindo do carro. Eu a sigo e vou até ela assim que a porta dela se fecha.

Ela se encosta no carro e eu me encosto nela, meus braços de cada lado dela, prendendo-a. Quero dar um passo mais perto e sentir seu corpo no meu,

mas resisto. Em vez disso, vejo seu lindo rosto e aqueles olhos que assombram meus sonhos. Sempre que fecho os olhos a vejo, mas ela… está seguindo em frente.

— Por que não quer ser vista comigo, Elena? O que importa se acabarmos em um tabloide ou dois?

Tento ao máximo manter meus pensamentos furiosos sob controle, mas falho. Ela está saindo com alguém? Sua segurança é tão boa quanto a minha e, não importa o quanto eu tente, não consigo descobrir o que ela faz, aonde vai, com quem passa o tempo.

— Faz diferença? — ela pergunta, o olhar inabalável.

Levanto a mão para o rosto dela, colocando de leve o cabelo para trás da orelha.

— Sim — digo, tentando ao máximo agir como se meu coração não estivesse partido. — Você ainda é minha esposa, Elena.

Seus olhos brilham de raiva e ela range os dentes.

— Não por escolha. Estamos separados, Alexander. Sou apenas sua esposa no papel, e se eu fizer do meu jeito, não ficarei por muito tempo. Pode não querer assinar, mas isso não me impedirá de obter o divórcio. Nesse exato momento, meus advogados estão trabalhando na papelada.

Dou um passo para trás, o estômago embrulhado.

— Você quer me deixar tanto assim, não quer?

Elena desvia o olhar, todo o corpo tenso. Está claro que ela não quer estar aqui. Não quer ficar comigo, e não posso deixar de imaginar quem ela gostaria que estivesse com ela agora, no meu lugar.

Quando olha para mim, há um sorriso forçado no rosto.

— Bem, eu prometi um encontro, não prometi? — ela diz. — Vou dar esta noite, Alexander, e em troca você me deixa ir.

Uma noite. É todo o tempo que me resta com ela. Durante semanas, tinha certeza de que ela estava magoada e que precisava que eu provasse que a amo, que não desistiria dela ou que me afastaria, por mais que as coisas ficassem difíceis.

Agora percebo que estava errado. Não é de mim que ela precisa. Ela não precisa do meu amor, não precisa que eu prove nada. O que ela precisa é que eu a deixe ir, para que ela possa seguir em frente e viver a vida que merece. Uma vida sem mim.

Eu me movo para ficar ao lado de Elena, nós dois encostados no carro, o ombro dela roçando no meu. Seu rosto está inclinado para as estrelas, e eu a encaro, contemplando sua beleza. A ideia de ela estar com outra pessoa me deixa possesso, me faz querer acorrentá-la a mim. Mas não posso ser egoísta com ela. Nunca mais.

Esta bela mulher desistiu de toda sua vida para salvar a mãe, todas suas esperanças e sonhos. Não há ninguém que mereça mais felicidade do que Elena, e se não sou eu com quem ela será feliz, então preciso ir embora. Preciso, mesmo que isso me mate.

— Diga três coisas boas que aconteceram com você hoje — pergunto a ela.

Elena olha para mim, os olhos arregalados de surpresa. A pergunta afasta seu comportamento frio e ela sorri.

— Hum, três coisas? A minha mãe e eu saímos para tomar café da manhã juntas, e tê-la sentada à minha frente ainda é surreal. Também consegui cortar os custos no departamento de marketing da Corporação Rousseau em dez por cento, e, bem… Fui em um primeiro encontro com alguém.

Eu congelo, meu coração doendo. Nem consigo descrever o que sinto com essas palavras. Meu coração sente como se estivesse com dor física, e meu estômago embrulha de um jeito que nunca senti. Desgosto… deve ser isso.

— Eu me perguntei por que você chegou tarde hoje — digo, olhando para o céu para evitar que meu ciúme apareça. — Deve ter sido um bom encontro, considerando como você voltou tarde. Não é de admirar que enfim se incomodou em vir falar comigo, para me pedir para ficar longe. — Viro e olho para ela, meus olhos caindo nos seus lábios. Quando ela voltou, eu estava em frente ao seu portão havia horas. Ela só voltou depois das dez, mas sozinha. Levanto a mão para o rosto dela, o polegar acariciando o lábio. — Ele te deu um beijo de boa noite antes de acompanhá-la até o carro?

Engulo em seco e arrasto os olhos. Ele a fez rir? Conseguiu segurar a mão dela? Ela lhe deu o que costumava ser meu?

— Alexander — ela diz, a voz suave. — Não.

Passo a mão pelo cabelo e fecho os olhos. Ela tem sido tudo em que tenho pensado há semanas. Estive tão mal que meu avô precisou voltar ao trabalho. Tudo que pensei que sempre quis parece sem sentido sem Elena, mas ela… ela tem tido encontros, está me superando.

Olho para ela e entendo. Eu a perdi. Perdi a única coisa boa da minha

vida, e só tenho a mim mesmo para culpar. Esta noite é tudo o que ela vai me dar, e nem sequer está fazendo de bom grado. Eu a coagi, assim como quando a fiz se casar comigo. Eu sempre fui o último recurso dela — com quem ela está agora é quem ela escolheu. Posso não gostar, mas Elena merece ter uma escolha. Ela merece o mundo.

Estendo a mão para ela e forço um sorriso no rosto.

— Dança comigo? — pergunto, a voz suave. Se esta é a última vez que posso abraçá-la, então tenho que aproveitar ao máximo.

Elena se vira para olhar para mim, perplexa.

— Aqui?

— Você e eu dançamos naquele pequeno espaço apertado no Inferno, então por que não?

Apanho o celular e coloco a mesma música que estava tocando naquela noite, e Elena segura minha mão. Eu a puxo para mais perto, meus braços envolvendo sua cintura enquanto os dela envolvem meu pescoço. Tê-la tão perto, *porra*.

Elena e eu balançamos com a música, e ela ri quando a giro.

— Ainda dançamos mal pra caramba — ela diz, recostando-se nos meus braços. Olho para ela e fico sem fôlego. Ela é tão bonita, e a maneira como sorri, puta merda.

Ela se apoia em mim, o peito pressionado no meu, e ainda se encaixa nos meus braços com perfeição. Como é que essa mulher não foi feita para mim?

Meus olhos caem nos seus lábios e eu engulo em seco. Ela me segura com mais força e eu inclino a cabeça de leve, me movendo um pouco mais para perto. Só quero um último beijo. Quero os lábios dela pressionados nos meus, só mais uma vez. A respiração de Elena acelera e ela fica na ponta dos pés.

Os lábios dela roçam os meus e quase posso senti-la. Seus olhos se fecham e eu beijo a borda dos seus lábios. Ela inspira bruscamente e passa os dedos no meu cabelo, me puxando para mais perto.

— Alexander — ela sussurra.

Paro com o som do meu nome, me afastando relutante. Seguro a bochecha dela de leve, o polegar roçando seus lábios. Ela olha para mim como se não conseguisse me entender, e eu forço um sorriso. Ela nem estaria aqui comigo se tivesse escolha, se eu não pedisse um encontro em troca de ficar longe. Ela quer que eu a deixe em paz, mas aqui estou eu, querendo muito mais

do que ela está disposta a dar.

Um beijo… que eu não tenho direito.

— Vamos lá, Docinho — sussurro. — Vou te levar para casa.

65

Elena

A maneira como ele olha para mim… Eu nunca vi uma dor tão crua em seus olhos.

— Vai me levar para casa?

Alec acena com a cabeça e mantém a porta aberta para mim. Ele se inclina quando me sento, como se estivesse prestes a apertar meu cinto da maneira que sempre faz, mas depois se afasta. Ele engole em seco e dá um passo para trás antes de fechar a porta.

Ele fica em silêncio quando entra no carro e se inclina para trás, cobrindo o rosto com o braço, respirando fundo.

— Ei, você está bem? — pergunto, de repente preocupada.

Ele afasta o braço e acena para mim, com um sorriso tristonho no rosto.

— Sim, claro.

Alec levanta a mão até meu rosto e escova o meu cabelo de leve.

— Obrigado por esta noite, Elena, embora eu não tenha dado muita escolha. Quando se trata de mim, você nunca teve muita escolha, nem quando se casou comigo. Respeito suas escolhas desta vez, Elena. Farei o que me pediu. Vou deixá-la ir.

O medo me agarra com suas palavras.

— Por quê? Por que tão de repente?

Estava convencida de que ele só ia atrás de mim porque não queria que eu ficasse com mais ninguém, então por que me deixar ir agora?

Ele não responde, apenas dirige em silêncio.

— Acho que perdeu o interesse agora que outra pessoa me teve, hein?

Alec agarra o volante e os dedos ficam brancos, mas ele não responde. O silêncio só aumenta a minha raiva.

— Não gosta de produtos danificados? Não suporta a ideia de alguém tocar no que é seu, então agora não me quer mais?

Alexander para o carro de repente, as rodas derrapando. Ele se vira para olhar para mim, os olhos cobertos de raiva.

— Elena, o que quer que eu diga? Não sei mais o que fazer. Eu amo você. Amo você com todo meu fodido coração. Eu amo você, está bem? Dói saber que esteve com outra pessoa quando é a única coisa em que consigo pensar? Sim. Dói, porra. Você me traiu ao ir a esse encontro e a qualquer outra merda que tenha feito, porque, quer queira ou não, continua a ser minha maldita esposa. Apesar disso, eu te aceitaria de volta em um segundo, porque eu amo você!

Ele olha pela janela, tentando se recompor, e eu o encaro em choque. Trair é a única coisa que Alec nunca tolerava, mas ele aceitaria, por mim? Ele passou semanas em frente à minha casa, me enviando flores com cartões, minhas comidas favoritas e até algumas coisas aleatórias que surgiram por um momento na conversa, como a bela caneta-tinteiro da qual falei meses atrás.

Eu tinha certeza de que era tudo uma competição para ele, que ele não me queria, mas também não suportava a ideia de eu estar com outra pessoa. Mas talvez, apenas talvez, eu estivesse errada.

Alec respira com dificuldade e me leva para casa em silêncio, seu corpo tenso o tempo todo. Os portões se abrem e ele estaciona em frente à minha casa.

Ele abre a porta para mim e eu saio do carro, esperando que ele me ofereça a mão como sempre faz, mas não oferece. Em vez disso, ele dá um passo para trás e me leva até a porta da frente, mantendo alguma distância entre nós.

Eu me viro e olho para ele. Alec suspira enquanto segura minha bochecha, seus olhos vagando pelo meu rosto.

— Eu te amo, Elena. Nem sei como isso aconteceu. Queria que fosse minha desde que coloquei os olhos em você no Inferno. Começou como mera possessividade, e antes que eu percebesse você me deixou encantado. Roubou meu coração todos os dias, e eu nem me percebi. Não percebi que te *pertencia* até o momento em que você foi embora.

A mão dele cai para o lado e ele sorri, triste.

— Acima de tudo, quero que seja feliz. Não serei egoísta, não importa o

quanto eu queira. Não vou acorrentá-la a mim quando escolheu ir embora. Você não pertence a mim. Não posso decidir seu destino. Não posso dizer o que fazer, com quem estar. Você fez sua escolha, e essa escolha não fui eu. Respeito isso, Elena. Eu não quero, mas vou. Você merece a verdadeira felicidade, merece tudo o que sempre quis. Nunca fui bom o suficiente para você e nunca serei. Farei o que me pediu. Vou deixá-la ir. Vai acabar comigo, mas vou assinar os papéis. Eu vou libertá-la.

Ele dá um passo para longe, sua expressão angustiada. Agarro a mão dele e Alec para, os olhos hesitantes se enchendo de esperança.

— Obrigada — digo, minha voz suave. A forma como a expressão dele desmorona me diz tudo que preciso saber. Ele acha que saí com outra pessoa, e apesar do passado dele, apesar dos problemas de confiança, ele me quer de volta. Eu puxo sua mão, e ele se aproxima um passo. — Por esse primeiro encontro.

Enrolo meus braços em volta do pescoço dele e me levanto na ponta dos pés, meus lábios tocando os dele. Alec geme quando o beijo e enfia as mãos no meu cabelo. Ele me empurra contra a porta da frente, aprofundando o beijo. O desespero em seu toque me incendeia, e solto um gemido quando ele me levanta em seus braços. Minhas pernas envolvem seus quadris, e senti-lo pressionado contra mim, sabendo que ele me quer tanto quanto eu o quero, me faz perder a cabeça.

Alec e eu estamos ofegantes quando ele se afasta, e a testa dele cai na minha.

— Baby, o encontro que estava falando…

Não consigo evitar o riso.

— Sinto muito, Alec. Não foi uma mentira. Esse é nosso primeiro encontro de verdade. Não foi encenado para a imprensa, foi só você e eu. Você me levou para casa e me deu um beijo de boa noite… Foi perfeito. E sim, parte de mim pensava que você só estava me perseguindo porque achava que havia competição.

— E agora? — ele pergunta, o tom hesitante. — O que você acha agora?

Alec me coloca no chão de leve, as mãos na minha cintura.

— Agora acho que você deve me levar a outro encontro.

Alec ri e se inclina para um beijo.

— Sério? — ele diz, se afastando. — Vai sair comigo?

Eu aceno com a cabeça, levanto as mãos e lhe afago o cabelo.

— Vou. Vamos sair, Alec. Vamos passar algum tempo juntos. Vamos ver se em um ano ainda queremos ficar juntos, quando tudo o que temos é *amor*.

Alec dá um beijo demorado na minha testa.

— Muito bem, esposa. Vamos sair. Vamos namorar o tempo que você quiser, mas, no final, ainda quero vê-la caminhar até o altar na minha direção. Quero casar com você para que o mundo veja.

Sorrio para ele, meu coração acelerado.

— Talvez. Se tiver sorte.

66

Alexander

Elena entra na cozinha e olha para mim com as sobrancelhas levantadas quando me encontra atrás do fogão.

— O que você está fazendo? — ela pergunta, o tom cuidadoso e curioso.

Eu rio de sua expressão, mas não posso culpá-la. Em um dos nossos encontros, tentamos fazer uma torta juntos e quase incendiei toda a cozinha. Ela tem razão em ser cautelosa.

— Não se preocupe — digo. — Recebi instruções do vovô. Vá se preparar para o jantar.

Ela olha para mim com desconfiança e checa mais uma vez enquanto se afasta para se preparar para o encontro dessa noite.

Cinquenta e seis encontros. Elena e eu saímos cinquenta e seis vezes desde que voltamos há exatamente um ano, e acho que nunca vou me cansar.

Levei quatro meses para convencê-la a voltar a morar comigo, e nesses quatro meses era pura tortura cada vez que eu tinha que levá-la para casa depois de um encontro.

Estou animado enquanto ponho a mesa. Consegui transformar o nosso terraço num santuário floral. Está cheio de peônias brancas, as favoritas de Elena, velas e pequenas luzes por todo o lado. Ela decerto nem se lembra, mas uma vez me disse que uma das suas memórias favoritas de infância foi de quando Luce e eu lhe demos uma festa de aniversário. Eu tinha pendurado luzinhas por todo o canto e ela adorou.

Escuto Elena suspirar atrás de mim e me viro para vê-la caminhar na minha direção, os olhos vagando por tudo o que preparei. Olho para ela com

admiração. A beleza dela me arranca o fôlego, e ainda me surpreende que ela seja minha, que tenha me escolhido.

— Alec — diz, a voz tremendo. Ela se aproxima de mim e eu a envolvo nos meus braços. Levantando-se na ponta dos pés, me beija. Seus lábios ainda me fazem perder toda a razão, e sempre farão.

— Acho que a decoração me entregou, né?

Ela sorri para mim e acena.

— Sim. *Sim*.

Empurro o cabelo dela atrás da orelha e balanço a cabeça.

— Eu ainda não te perguntei.

Ela faz beicinho, e meu coração aperta daquele jeito esquisito que só acontece por causa ela.

— Mas o jantar vai esfriar, querida. Eu me matei por você, sabia?

Ela continua a fazer beicinho, me olhando com aqueles olhos pidões que ela sabe que não consigo resistir. Por que ela tem de ser tão fofa?

— Pergunte — ela ordena, e eu rio ao obedecer. Apoio um joelho à frente dela, minha mão indo para o bolso.

Eu seguro o anel de noivado, o mesmo que propus da primeira vez. Embora nunca tenhamos nos divorciado, Elena deixou claro que os papéis não importavam. Na opinião dela, não estamos casados até a cerimônia. Estava com o anel dela todo esse tempo, à espera do momento certo, dando o tempo que ela pediu por um ano.

— Elena, você me deixa louco das melhores maneiras. Você ilumina meus dias, e me mostrou como é a verdadeira felicidade. Quando voltou para a minha vida, eu era metade de um homem. Eu estava incompleto, meu coração abatido e quebrado. Mas depois você estava lá. Entrou na minha vida e me fez questionar tudo que acreditei por tanto tempo. Dia após dia, você costurou minha alma e nem percebeu o que estava fazendo. Você me completou, Elena. Me fez acreditar em coisas que nunca pensei que acreditaria. Você me fez acreditar no para sempre. É isso que quero com você, querida. Quero o para sempre, com você. Quero acordar ao seu lado pelo resto das nossas vidas. Quero que seja a última coisa que vejo antes de adormecer, com os braços à sua volta. Quero envelhecer e criar uma família. Quero tudo. Eu quero as brigas, os altos e baixos que a vida vai lançar no nosso caminho. Eu quero tudo, e quero para sempre.

Respiro fundo e olho nos seus olhos. Ela está lutando contra as lágrimas,

mas é uma batalha perdida.

— Quer casar comigo?

— Sim — ela diz, e eu deslizo o anel no dedo dela, meu coração acelerado. Uma lágrima desce pela bochecha de Elena quando me levanto e a seco com o polegar.

— Eu te amo tanto — Elena diz, a voz tremendo.

Eu a beijo, os meus lábios permanecendo nos dela.

— Eu te amo mais.

As mãos dela vagam pelo meu corpo e vejo a necessidade nos seus olhos. Uma risada baixa escapa dos meus lábios e eu sorrio quando ela puxa a minha gravata com impaciência. Adoro tudo nela, mas esta pode ser uma das coisas que mais amo. A maneira como ela me quer tão sem reservas.

Eu a levanto nos braços, uma das mãos atrás das costas, a outra debaixo dos joelhos, e ela sorri enquanto a levo para o nosso quarto.

Eu a coloco na nossa cama com cuidado e ela fica de joelhos, os dedos encontrando o caminho para os botões da minha camisa.

— Sabe do que isso me lembra, querida?

Ela olha para mim e eu sorrio.

— A nossa noite de núpcias. Estava tão ansiosa quanto eu. Tão faminta pelo meu pau. E ainda o quer, não é? Mesmo depois de todo este tempo, ainda quer que eu foda sua buceta, te preencha. Aposto que já está molhada.

Elena olha para mim enquanto puxa o paletó e a camisa do meu ombro de uma só vez.

— Você sabe que estou, mas só para ter certeza, devia me tocar e descobrir.

Rio. Essa mulher…

Eu me junto a ela na cama, nós dois tirando a roupa um do outro, até que enfim estamos nus, a pele dela na minha. Ela suspira quando meus dedos encontram o caminho entre suas pernas.

— Tão molhada, e mal te toquei.

Meus dedos deslizam para dentro dela e eu a provoco, mantendo-a bem no limite. A maneira como ela fica deitada na nossa cama, o cabelo espalhado nos travesseiros, os lábios ligeiramente entreabertos. Porra. Ela é tudo. Eu poderia gozar só de olhar para ela. Ela suspira quando a toco, a aproximando

cada vez mais do orgasmo.

— Goza pra mim — digo, passando o polegar no clitóris.

Ela olha para mim enquanto seus músculos se contraem em torno dos meus dedos, sussurrando meu nome.

— Boa garota — murmuro, inclinando-me sobre ela. — Agora você vai levar o meu pau, não vai?

— Por favor — ela geme, e dou uma estocada lenta.

Eu me levanto em um braço e enrolo minha outra mão em volta do pescoço dela, meu polegar encostado na sua garganta.

— Vou te foder assim pelo resto das nossas vidas, Elena. Você será sempre minha, entendeu?

— Sim, Alec. Eu sou sua. Toda sua.

Ela suspira quando me afasto e depois empurro de volta para dentro. A forma como ela se sente, como sussurra o meu nome. Não me imagino cansando dela.

As unhas de Elena marcam minhas costas e seus lábios encontram os meus.

— Eu te amo, Alec — ela murmura na minha boca, a voz rouca.

É tudo o que preciso para perder o controle. Empurro fundo para dentro, minha testa caindo na dela. Ela está ofegante como eu, e eu sorrio.

É assim que o amor verdadeiro nos faz sentir. Deitar aqui, com ela, é a verdadeira felicidade.

67

Elena

— Você está linda, querida — minha mãe diz, com lágrimas nos olhos. Ela toca no meu véu, endireitando-o pela terceira vez. Agarro seus ombros e sorrio para ela, meu coração transbordando de felicidade.

— Você também, mãe — digo com sinceridade. Ela está linda. Demorou quase dois anos, mas ela está andando sem uma bengala agora, e irradia felicidade. Eu estava com medo de que ela sentisse que não havia mais nada para viver, considerando a realidade para a qual ela acordou, mas não foi o caso. Ela está prosperando, e tem sido incrível vê-la reconstruir a vida.

— Está pronta? — ela pergunta.

Eu aceno, meu sorriso tão largo que faz meu rosto doer.

— Como nunca.

Desta vez, Alec e eu tentamos fazer as coisas certas. Decidimos ir com um casamento mais discreto do que planejamos de início. Estamos agora tendo uma pequena cerimônia ao ar livre, com apenas nossos entes queridos presentes. Sem imprensa, sem grandes espetáculos, só nós.

Alec e eu escolhemos ficar noivos durante um ano para poder planejar o casamento e envolver minha mãe. Ir comprar vestidos com ela, visitar vários locais para a cerimônia; essas são todas as memórias que nunca pensei que teria, mas agora tenho. Adorei todas as partes, até as discussões intermináveis entre minha mãe e Sofia sobre o sabor do bolo e o envolvimento contínuo e totalmente inútil do vovô.

Mamãe agarra meu braço e juntas saímos do pequeno chalé que alugamos. Caminhamos devagar em direção ao altar, parando no começo. Está

tudo como eu queria. Há flores por todo o lado e o sol brilha sobre nós. Mas, o mais importante, Alec está no altar, parecendo tão impaciente e nervoso quanto eu esperava que estaria.

Meus olhos encontram os dele na mesma hora, e meu coração dispara. Ele sorri para mim, parecendo mais emotivo do que nunca. Lucian bate no braço dele e ri, mas nem por um segundo Alec tira os olhos de mim.

Não consigo acreditar que isso esteja acontecendo. Esperei tanto por este dia — embora Alec possa ter ficado ainda mais impaciente. Ele tem contado os dias nos últimos seis meses, me deixando louca com seus lembretes diários de contagem regressiva.

Estou tremendo de nervosismo enquanto mamãe e eu caminhamos em direção a ele, a cauda do vestido e o longo véu atrás de mim. Alec parece encantado, e quando mamãe coloca a minha mão na dele, ele a levanta para os lábios, beijando o nó dos meus dedos.

— Você parece mais do que bonita, Elena. Deslumbrante.

Eu sorrio para ele, e juntos nos voltamos para o padre, minha mente viajando para a nossa primeira cerimônia de casamento legal. Foi rápido e impessoal, nada memorável. Hoje está longe disso. Hoje é tudo o que eu poderia desejar.

Alec se vira para mim e sorri, minhas mãos nas dele.

— Elena, todos os dias você me ajuda a ver o bem da vida. Você ilumina os meus dias, me anima, e faz tudo sem nem tentar. Não sabia o que era a felicidade até você aparecer e forçar emoções que eu pensava que estavam perdidas há muito tempo. Você me mostrou o que é amor verdadeiro, e prometo retribuir esse amor dez vezes mais todos os dias, enquanto eu viver. Prometo o para sempre, Docinho. Eu prometo a você tudo de mim, para sempre.

Sorrio para ele, meus olhos se enchendo de lágrimas. Ainda parece surreal ouvi-lo me prometer o para sempre, quando por tanto tempo ele duvidava da sua existência.

— Alec, eu estava perdida antes de você me encontrar. Você foi a luz num mundo cheio de trevas, e será sempre minha salvação. É tão fácil amá-lo, e você nem sabe. Todos os dias olho para você e agradeço. Quando nos encontramos depois de tantos anos, eu lhe perguntei o que desejaria se tivesse um único desejo. Pra ser sincera, posso dizer que não tenho mais desejos, porque você os tornou realidade. Vou passar o resto da minha vida me certificando de que também não tem nada para desejar. Eu amarei você para sempre, Alec.

Ele pisca e fico surpreso ao ver os seus olhos brilhando de lágrimas. Alec desvia o olhar e morde o lábio, um sorriso no rosto. Quando olha para mim, seus olhos estão cheios de admiração, como se ele também estivesse agradecendo.

O padre sorri para nós e Lucian nos entrega nossas alianças de casamento, as mãos tremendo. Ele está tão emocionado quanto nós.

— Alexander, aceita Elena como sua legítima esposa? Promete amá-la, confortá-la, honrá-la e protegê-la nos bons e nos maus momentos, na riqueza ou na pobreza, na saúde e na doença, e renunciando a tudo mais, ser-lhe fiel, até que a morte os separe?

Ele sorri para mim e acena com a cabeça.

— Aceito.

O padre acena para ele, e ele desliza a aliança de casamento no meu dedo, sorrindo o tempo todo.

— Elena, aceita Alexander como seu legítimo esposo? Promete amá-lo, confortá-lo, honrá-lo e protegê-lo nos bons e nos maus momentos, na riqueza ou na pobreza, na saúde e na doença, e renunciando a tudo mais, ser-lhe fiel, até que a morte os separe?

— Aceito — digo, minha voz alta e clara.

Meu coração dispara quando deslizo o anel de Alec no dedo dele, e mais uma vez o padre sorri para nós.

— Eu agora os declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva.

Alec me puxa para mais perto e me tira dos pés enquanto me beija, aplausos altos surgindo ao nosso redor. Ele deixa cair a testa na minha e sorri.

— Finalmente — ele diz e eu rio, minha felicidade transbordando.

A nossa família se aproxima, e o vovô é o primeiro a nos alcançar.

— Parabéns, crianças — ele diz, envolvendo os braços em nós dois. Nossas mães têm lágrimas escorrendo, e até vovô parece emocionado. Ele pigarreia e se afasta, endireitando as roupas. — Vamos lá — ele diz. — Estou animado para o banquete que teremos.

Eu rio e Alec balança a cabeça.

— Tenho certeza de que a maioria da nossa família está aqui só para experimentar seus vegetais, vovô — ele diz.

Eu olho em volta para todos ao redor, em parte ainda incrédulos. Não acredito na sorte e felicidade que tenho. A minha mãe sorri para mim, a mão de Alec na minha cintura.

Tenho tudo o que sempre quis. A minha mãe ao meu lado, um marido que me ama de verdade, e uma família que escolhi.

Alec se inclina para mim, seus lábios deslizando na minha orelha.

— Eu te amo, sra. Kennedy — ele sussurra, fazendo meu coração acelerar.

Levanto na ponta dos pés e o abraço, puxando-o para um beijo.

— Eu também te amo — digo, sem fôlego.

Alec sorri.

— Para sempre? — ele pergunta, e eu aceno com a cabeça.

— Para sempre.

EPÍLOGO

Elena

Meu coração se aperta ao ver meu irmão no tribunal, o juiz passando uma sentença de prisão perpétua, sua punição igual à de Jade e meu pai.

O julgamento levou quase quatro anos, e eles quase se safaram — até Alec revelar a corrupção do último juiz, e um novo ser designado, colocando-nos de volta à estaca zero. O caso da minha mãe era inédito, e isso atrasou o julgamento mais do que eu gostaria, mas não o impediu.

Olho para meu marido, meu coração transbordando de gratidão. Sem Alec, eles sairiam impunes. Minha mãe teria morrido.

E eu? Eu teria perdido a minha razão de viver.

Ele olha para mim como se pudesse ler minha mente e passa o braço em volta do meu ombro, oferecendo-me apoio silencioso. Baixo a cabeça para o ombro dele, um sorriso melancólico no rosto.

Mamãe agarra minha mão e aperta com força, os olhos em Matthew. Ele desvia, e não vejo um pingo de remorso nos seus olhos. Também não havia nenhum nos olhos do meu pai.

Parte de mim esperava que talvez, apenas talvez, meu pai fosse inocente. Talvez ele não tenha percebido o que Matthew e Jade estavam tramando.

Ingênua até o fim, pelo visto.

O médico da minha mãe testemunhou que foi meu pai que o instruiu a mantê-la em coma. Desde que os pagamentos foram rastreados até as contas corporativas Rousseau, deduzi que era tudo Matthew, mas não. Matthew e Jade podem ter causado o acidente, mas foi meu pai que a deixou no estado em que estava por tantos anos.

— Vamos — digo a mamãe. O julgamento causou mais danos à minha mãe do que o coma. O coração dela está partido. Cada testemunho que ouvia a despedaçava, inúmeras vezes. Seguro a mão dela enquanto saímos, e a maneira como ela treme magoa meu coração.

— Acabou, mãe.

Ela assente, forçando um sorriso. Alec olha para ela, a preocupação que sinto refletida nos olhos dele. Ele mantém a porta do carro aberta para ela e mamãe sorri.

— Devo levá-la para casa? — ele pergunta.

— Não — ela diz, balançando a cabeça. — Sua mãe está me esperando para o almoço. Você sabe como ela é. Vai ficar preocupada se eu não aparecer. Além disso, ela vai fazer eu me sentir melhor.

Alec acena com a cabeça e mantém a porta aberta para mim. Ele coloca meu cinto, o toque prolongado como sempre. A maneira como olha para mim traz um sorriso para meu rosto. Passou quase um ano desde a nossa cerimônia de casamento, mas ele ainda me faz sentir tonta.

Alec segura minha mão quando entramos no restaurante, e Sofia e Lucian se levantam, os olhos na minha mãe. Ela sorri, e o alívio nos olhos deles é instantâneo.

Todos os olhares estão voltados para minha mãe enquanto nos sentamos, e é claro como ela está desconfortável.

Alec envolve o braço na parte de trás da minha cadeira e pigarreia.

— Então, acho que Elena e eu não vamos na viagem em família — ele diz, agitando, ao mesmo tempo, as duas mulheres. — Eu quero ir numa segunda lua de mel.

Elas o olham, ambas cruzando os braços.

— Vocês tiveram uma lua de mel no ano passado! Você nos prometeu que faríamos uma viagem em família juntos.

Alec acena e olha para elas.

— Sim, mas vocês nem conseguem decidir para onde querem ir, então Elena e eu não vamos.

Nossas mães olham uma para a outra e de pronto começam a discutir sobre a localização da nossa viagem em família.

Alec pisca para mim e se inclina para me beijar, os lábios permanecendo nos meus.

— Obrigada — sussurro nos seus lábios, agradecida por ter conseguido desviar a atenção da minha mãe.

— Você pode me agradecer na cama — ele diz, e eu rio.

— Pensando bem — Sofia diz, se endireitando —, já está na hora da nossa família crescer, a tempo das férias.

Ela pega a bolsa, os olhos em Lucian. O aperto de Alec em mim aumenta quando ela tira um envelope pardo e Luce empalidece, pura devastação enchendo seus olhos. Levanto as sobrancelhas, confusa.

Sofia empurra a pasta em direção a Lucian, e ele a pega com as mãos trêmulas.

— Já está na hora de se casar. Seu irmão é tão feliz no casamento — ela diz, olhando para nós. — Eu também quero isso para você. Quero que tenha tudo o que nunca tive.

Lucian fecha os olhos e o desespero que ele emite vai direto para o meu coração. Coloco a mão na coxa de Alec, indicando que ele deve fazer alguma coisa, e ele se endireita.

— Mãe — Alec diz. — Não acho que seja uma boa ideia. Lucian ainda é muito jovem. Não há necessidade de se apressar. Além disso, o vovô aboliu a exigência de casamento, então Luce não precisa se casar se não quiser.

Ela sorri para ele e balança a cabeça antes de olhar direto para Lucian.

— Abra.

— Mãe — Lucian diz, com a voz falhando. — Eu…

Ele balança a cabeça, engolindo as palavras e, em vez disso, abre a pasta.

Lucian olha para o conteúdo e depois enterra o rosto nas mãos, emotivo, mas Sofia sorri.

Olho para a pasta, chocada ao encontrar apenas uma única coisa nela. Uma foto de Elliot.

Lucian respira fundo, tremendo, e depois sorri. Ele olha para a mãe com tanta gratidão que me traz lágrimas aos olhos.

— Lucian, não consigo pensar em um genro melhor do que Elliot. Não acha que está na hora de uma apresentação formal? Prometo que ainda não vou assustá-lo com conversas de casamento, mas por enquanto ele é o único candidato na minha pasta.

Lucian sorri ao enxugar as lágrimas. Não consigo imaginar o quanto isso deve ser um alívio. Ele queria contar para a mãe há mais de um ano, mas não

sabia como.

— Mãe, eu te amo.

Ela sorri e agarra a mão dele sobre a mesa.

— Eu também te amo, querido.

Alec coloca meu cabelo atrás da orelha e Lucian sorri para mim.

— Elena — Luce diz. — Estou tão feliz… Acho que agora seria o momento perfeito para fazer mamãe tão feliz quanto. Nossas mães, na verdade.

Alec beija meu ombro e acena com a cabeça, um sorriso satisfeito no rosto. Eu sorrio nervosa quando enfio a mão na bolsa, tirando dois envelopes idênticos. Tenho-os carregado comigo por todo o lado, à espera do momento perfeito. Até agora só dissemos a Lucian, e só porque ele estava pronto para chamar uma ambulância na semana passada quando passei uma manhã inteira vomitando.

— Hoje parece ser um dia de novos começos — digo, sorrindo para Alec. Empurro ambos os envelopes para as nossas mães, e elas pegam ao mesmo tempo. Abrem os presentes e minha mãe começa a chorar, enquanto Sofia tenta ao máximo evitar as lágrimas.

— Verdade? — Sofia pergunta, os olhos brilhando com lágrimas não derramadas.

Alec acena com a cabeça e me abraça de forma protetora.

— Sim — ele diz, sorrindo para as ultrassonografias nas mãos. — Vocês vão ser avós.

Alec dá um beijo na minha têmpora e eu olho em volta da mesa cheia de meus entes queridos. Há poucos anos, eu estava desesperada e sozinha. Estava prestes a perder minha mãe. E agora ela se senta à minha frente, sorrindo para um ultrassom. Tenho o braço do meu marido à minha volta, os olhos cheios de amor.

— Eu te amo — ele diz, e eu sorrio.

— Também te amo, Alec.

Ele não só tornou todos os meus sonhos realidade. Todos os dias, ele faz com que eu nem queira dormir, porque meus sonhos já não são tão bons como a minha vida com ele.

Alec sorri e coloca meu cabelo atrás da orelha.

— Diga que vai sempre me amar.

Aceno com a cabeça, sorrindo.

— Sempre.

Alec se inclina e me beija na testa, e não posso deixar de provocá-lo.

— Mas… eu pensei que você não acreditasse no para sempre?

Ele ri e balança a cabeça.

— Eu acredito, se for com você. Você me fez até acreditar no para sempre.

Para sempre com Alec não é suficiente, mas terá de servir.

Baixe uma cena exclusiva extra de Alec e Elena com filhos daqui a alguns anos

Você quer ver Elliot e Luce? Eles fazem uma pequena aparição em Until You: a Brother’s Best Friend Romance

OUTROS LIVROS DE CATHARINA MAURA

Until You: A Brother’s Best Friend Romance

Sem emprego e despejada da casa na qual ela transformou com tanto cuidado em um lar, Aria tem duas opções: voltar a morar com o irmão… ou aceitar o emprego do melhor amigo dele.

As vidas deles não deveriam colidir, mas tudo muda quando Grayson percebe que Aria é a mulher misteriosa por trás de uma plataforma de justiceiros extremamente popular.

Ela é a mulher por quem ele se apaixonou online, aquela cujas habilidades de codificação superam as dele, aquela que ele tem tentado rastrear.

É ela. Mas ela está fora de cogitação.

SOBRE A AUTORA

Sou uma autora holandesa de ascendência indígena caribenha, mas atualmente moro em Hong Kong com meu marido - e nossas dezenas de plantas domésticas que tentamos desesperadamente manter vivas!
Adoro aprender coisas novas, por isso tenho bacharelado em psicologia, bacharelado em contabilidade e mestrado em contabilidade, mas agora escrevo em tempo integral e poder fazer isso é a realização de um sonho.